



GEORGETTE HEYER

A INDOMÁVEL SOFIA

"É impossível ler um dos livros de Georgette Heyer e não se apaixonar
loucamente por suas heroínas pouco convencionais, seu senso de humor
único ou sua deliciosa escrita." CARINA RISSI, AUTORA DA SÉRIE *PERDIDA*



I

AO RECONHECER num relance o único irmão sobrevivente da patroa, como depois informou aos seus subordinados mais carentes de percepção, o mordomo concedeu a Sir Horace uma ligeira reverência e encarregou-se de dizer que a senhora, embora não estivesse em casa para pessoas menos intimamente relacionadas, Ficaria feliz de vê-lo. Insensível a essa condescendência, Sir Horace entregou a capa de viagem para um lacaios, o chapéu e a bengala para outro, jogou as luvas sobre uma mesa com tampo de mármore e disse que não tinha dúvidas a esse respeito — e Dasset, como estava passando? O mordomo, grato por ele lembrar-se do seu nome ao mesmo tempo em que reprovava as atitudes livres e descontraídas de Sir Horace, afirmou que estava bem, como era ciente esperar, e satisfeito (caso se aventurasse a dizer isso) em ver que Sir Horace não parecia um só dia mais velho que da última vez que tivera o prazer de anunciá-lo à patroa. Em seguida, foi o primeiro a dirigir-se, de maneira muito pomposa, à imponente escadaria até o Salão Azul, onde Lady Ombersley cochilava suavemente num sofá ao lado da lareira, com um xale Paisley sobre os pés e a touca decididamente torta. Ao observar esses detalhes, o Sr. Dasset tossiu e anunciou num tom de voz imperioso:

— Sir Horace Stanton-Lacy, minha senhora!

Sobressaltada, Lady Ombersley despertou, manteve os olhos arregalados por um momento, sem entender, fez uma tentativa inútil de ajeitar a touca e emitiu um débil guincho:

— Horace!

— Alo, Lizzie, como vai? — indagou Sir Horace, atravessando o aposento e dando um tapinha animador no ombro da irmã.

— Santo Deus, que susto você me deu! — exclamou ela, destampando o frasco de sais que nunca ficava longe do seu alcance.

Depois de observar com certa tolerância esses arrebatamentos, o mordomo fechou a porta, deixando irmão e irmã juntos, e afastou-se para informar aos seus subordinados que Sir Horace era um cavalheiro que vivia muito no estrangeiro, encarregado, ao que sabia, pelo Governo de assuntos diplomáticos delicados demais para a compreensão deles.

Nesse meio-tempo, o diplomata, de pé, dando as costas para o fogo, servia-se de uma dose de rapé e dizia à irmã que ela estava engordando.

— Já não somos mais jovens — acrescentou de modo simpático. — Exceto você, Lizzie, que aparenta uns cinco anos menos, a não ser que minha memória esteja falhando, o que não creio.

Havia um grande espelho com moldura dourada na parede oposta à lareira, e, enquanto falava, Sir Horace permitiu que seu olhar pousasse na própria imagem, não com intenção vaidosa, mas com louvor crítico. Seus 45 anos haviam-no tratado com generosidade. Se o seu perfil se avolumara um pouco, sua altura, mais de 1,80m, tornara insignificante essa ligeira corpulência. Homem de figura extraordinária, tinha, além de uma grande e bem-proporcionada constituição física, um rosto bonito, encimado por abundante cabeleira castanha, ondulada, não prejudicada, até agora, pelos vestígios prateados. Vestia-se sempre com elegância, mas era muito inteligente para adotar extravagâncias modernas que só poderiam destacar as imperfeições de um talhe de meia-idade.

— Veja o pobre Prinny! — disse Sir Horace, citando o menos íntimo dos amigos. — É um exemplo para todos nós!

Sem ressentimentos, a irmã aceitou a crítica implícita. Ela mostrava as marcas deixadas por 27 anos de matrimônio; e sua submissão a um caprichoso e pouco grato esposo de tantas promessas de afeto há muito havia destruído quaisquer pretensões de beleza que pudesse ter. De saúde medíocre, temperamento dócil, ela gostava de dizer que quando uma mulher chegava a avó, era hora de pensar em contentar-se com a aparência que tinha.

— Como vai Ombersley? — perguntou Sir Horace, mais por educação do que por interesse.

— A gota o faz sofrer um pouco, porém, levando-se em consideração tudo o mais, está muito bem — ela respondeu.

Sir Horace usou uma simples figura de linguagem, numa forma literal de valor duvidoso, dizendo, ao mesmo tempo em que assentia com a cabeça:

— Sempre bebeu demais. Contudo, deve ter quase 60 anos, e julgo que quanto à sua outra preocupação, você agora não tem tido tanta, não é verdade?

— Não, não! — ela respondeu apressadamente. Embora mortificantes no início, como muitas vezes eram, com pleno conhecimento público, jamais as infidelidades de Lord Ombersley a perturbaram em demasia. Agora, porém, ela não tinha vontade de discuti-las com o irmão, que usava de tanta franqueza ao falar, e deu à conversa uma mudança súbita, perguntando de onde ele vinha.

— Lisboa — respondeu, usufruindo de outra pitada de rapé.

Lady Ombersley ficou vagamente surpresa. Havia dois anos que a longa guerra na península ibérica terminara, e até certo ponto pensou nela quando soube que Sir Horace tinha estado em Viena, sem dúvida fazendo parte do misterioso congresso violentamente interrompido pela fuga daquele horrível Monstro de Elba.

— Oh! — ela exclamou, um pouco confusa. — É claro, você tem uma casa lá! Já não me lembrava! E como vai a querida Sofia?

— Aliás — replicou Sir Horace, fechando ruidosamente a caixa de rapé e guardando-a no bolso —, Sophy é o motivo que me trouxe aqui.

Há 15 anos Sir Horace era viúvo, e durante esse período não solicitara a ajuda da irmã para educar a filha, nem dera a mínima atenção aos seus conselhos espontâneos; contudo, diante dessas palavras, uma sensação inquietante foi dominando-a aos poucos. Ela perguntou:

— É mesmo, Horace? Querida Sofia! São quatro anos ou mais desde que a vi pela última vez. Quantos anos ela tem agora? Imagino que está quase na época de debutar, não é?

— Há anos que está para debutar — respondeu Horace. — Na verdade, c do que precisaria mais do que qualquer outra coisa. Ela está com 20 anos.

— Vinte anos! — exclamou Lady Ombersley. Dedicou-se a fazer alguns cálculos mentais, em seguida disse: — Isso mesmo, deve ter 20; minha Cecília acabou de fazer 19, e lembro-me de que Sofia nasceu cerca de um ano antes. Meu Deus, é isso mesmo! Pobre Marianne! Que criatura encantadora era ela, sem dúvida alguma!

Com um ligeiro esforço Sir Horace evocou a visão da finada esposa.

— Sim, era encantadora — concordou. — A gente esquece, você sabe. Sophy pouco faz lembrar a mãe — ela se parece comigo!

— Avalio que consolo deve ter sido para você — suspirou Lady Ombersley. — Estou certa, querido Horace, de que nada poderia ser mais comovente do que sua devoção para com a menina!

— Não fui nem um pouco devotado — interrompeu Sir Horace. — Não a teria conservado comigo se ela chegasse a representar um problema. Nunca me preocupou. Muito boazinha, a minha Sophy!

— Sim, meu querido, sem dúvida, mas sair arrastando a menina por toda a Espanha e Portugal, quando ela teria ficado muito melhor num bom colégio...

— Não a minha filha! Ela só aprenderia a ser dengosa — replicou Sir Horace com ironia. — Além do mais, é inútil falar comigo sobre isso agora — é tarde demais! O importante, Lizzie, é que estou em dificuldades. Gostaria que você cuidasse de Sophy enquanto eu estiver na América do Sul.

— América do Sul? — exclamou Lady Ombersley, boquiaberta.

— Brasil. Espero não ficar ausente por muito tempo, porém não posso levar minha Sophy e não posso deixá-la com Tilly, porque Tilly morreu. Morreu em Viena, alguns anos atrás. Algo muitíssimo inconveniente, mas acho que ela não tinha intenção de fazê-lo.

— Tilly? — indagou Lady Ombersley, inteiramente perplexa.

— Santo Deus, Elizabeth, não fique aí repetindo tudo que eu digo! Um hábito lamentável e chocante. Refiro-me à Srta. Tillingham, a governanta de Sophy!

— Deus do céu! Está me dizendo que a menina agora não tem governanta?

— É claro que não tem! Nem precisa de governanta. Sempre consegui muitas acompanhantes para ela quando estávamos em Paris, e em Lisboa isso não é importante. Mas não posso deixá-la sozinha na Inglaterra.

— Realmente, creio que não pode! Mas, meu querido Horace, embora eu fizesse qualquer coisa para agradá-lo, não tenho muita certeza...

— Tolicie! — respondeu Sir Horace, animando-se. — Ela será uma ótima companheira para sua filha — qual o nome dela? Cecília? Uma criaturinha adorável, sabe? — sem um pingote de maldade!

Esse elogio paternal fez a irmã pestanejar e pronunciar um débil protesto. Sir Horace não lhe deu atenção.

— Além disso, não lhe causará nenhum aborrecimento — garantiu. — Ela tem a cabeça bem assentada no lugar, a minha Sophy. Nunca precisei preocupar-me com ela.

O conhecimento íntimo do caráter do irmão tornava perfeitamente possível para Lady Ombersley acreditar nessa declaração; mas como ela mesma era favorecida com o mesmo temperamento condescendente, nenhum comentário irônico chegou a aflorar aos seus lábios.

— Mas você deve compreender, Horace...

— Há mais uma coisa: está na hora de pensarmos num marido para ela — prosseguiu Sir Horace, sentando-se numa poltrona no lado oposto ao da lareira. — Sabia que podia contar com você. Ora essa, você é tia dela! E também minha única irmã.

— Eu ficaria muito feliz em apresentá-la à sociedade — disse Lady Ombersley, pensativa. — Mas a questão é que não creio... tenho um certo medo... Veja bem, considerando a despesa realmente assustado

ra com o debute de Cecília no ano passado, o casamento da querida Maria apenas um pouquinho antes disso, a ida de Hubert para Oxford, sem mencionar as taxas de Eton para o pobre Theodore...

— Se é a despesa que a amofina, Lizzie, não deve levar em consideração, pois custearei essa tolice. Você não precisará apresentá-la à Corte — cuidarei disso tudo quando voltar. E se você não quiser dar-se a esse trabalho na ocasião, posso encontrar outra senhora para fazê-lo. O que eu quero no momento é que ela possa circular com os primos, conhecer o grupo certo de pessoas — você está a par desse tipo de coisa!

— É claro que estou, e quanto ao *trabalho*, isso é o de menos! Mas não posso deixar de sentir que talvez, talvez seja difícil! Na verdade não temos muita vida social.

— Ora, com um bando de moças à mão, você devia ter — replicou Sir Horace bruscamente.

— Mas, Horace, eu não tenho um bando de moças à mão! — protestou Lady Ombersley. — Selina está com apenas 16 anos, e Gertrude e Amabel mal completaram 10 anos!

— Compreendo qual é a razão — respondeu Sir Horace, indulgente. — Você receia que ela possa ofuscar o brilho de Cecília. Não, minha querida, nada disso! Não nego que possa considerá-la muito bonita. Mas Cecília é de uma beleza que foge aos padrões comuns. Lembro-me de já pensar assim quando a vi no ano passado. Fiquei surpreso, pois você mesma nunca atingiu um padrão acima da média, Liz-zie, e quanto a Ombersley, sempre o achei um sujeito feioso.

A irmã aceitou a crítica com humildade, mas ficou bastante constrangida porque ele a imaginava capaz de nutrir ideias tão mesquinhas em relação à sobrinha.

— E mesmo se eu fosse detestável a esse ponto, já não há mais a menor necessidade de pensar assim — ela acrescentou. — Nada ainda foi anunciado, Horace, mas não tenho escrúpulos em lhe dizer que Cecília está prestes a contrair um matrimônio muito vantajoso.

— Isso é ótimo — replicou Sir Horace. — Você então poderá procurar um marido para Sophy. Não terá nenhuma dificuldade. Ela é uma coisinha encantadora, e qualquer dia desses receberá uma fortuna modesta, além daquela que a mãe lhe deixou. Tampouco há necessidade de temer que ela se case de um modo que nos possa ofender. É uma jovem sensata, e tem viajado o suficiente para não ser considerada uma tola inexperiente. Quem você conseguiu para a Cecília?

— Lord Charlbury pediu permissão a Ombersley para fazer a corte à nossa filha — informou a irmã enchendo-se de certo orgulho.

— Charlbury, hein? — exclamou Sir Horace. — Muito bom mesmo, Elizabeth! Confesso, eu não acreditava que você tivesse tal sorte, porque a beleza não é tudo, e do jeito que Ombersley estava gastando sua fortuna quando eu o vi...

— Lord Charlbury — declarou Lady Ombersley, um pouco formal — é um homem extremamente rico, e eu sei que não tem uma ideia tão vulgar. Na verdade, ele mesmo me contou que, no caso dele, foi amor à primeira vista!

— Excelente! — exclamou Sir Horace. — Ele me parecia estar resistindo a uma esposa já faz algum tempo — 30 anos no mínimo, não é o que ele tem? Mas se sente verdadeira *tendre* pela moça, tanto melhor! Justificaria seu interesse por ela.

— Certo — concordou Lady Ombersley. — E estou convencida de que combinarão muito bem. Ele representa tudo que lembra amabilidade e cortesia, suas maneiras são as mais cavalheirescas, é de uma

inteligência decididamente superior e tem o tipo que sempre agrada.

Sir Horace, que não estava muito interessado no romance da sobrinha, respondeu:

— Bem, bem, evidentemente é um exemplo de perfeição, e temos de admitir que Cecília deve se considerar uma felizarda por estar fazendo tal aliança! Espero que você possa sair-se tão bem com relação a Sophy!

— De fato, tomara eu pudesse! — ela respondeu, suspirando. — Só que é uma ocasião constrangedora, porque... você compreende, receio que Charles possa não gostar exatamente!

Sir Horace franziu a testa como se fizesse um esforço para se lembrar de alguma coisa.

— Pensei que o nome dele fosse Bernard. Por que ele não deveria gostar?

— Não estou falando de Ombersley, Horace. Você deve lembrar-se de Charles!

— Se está falando do filho mais velho de vocês, é claro que me lembro! Mas que direito tem ele de opinar, e por que cargas d'água faria objeção à minha Sophy?

— Oh, não, objeção a ela, não! Estou certa de que Charles não faria isso! Mas receio que ele possa não gostar se nos envolvermos com coisas alegres exatamente agora! Acho que você talvez não saiba que ele está para casar, portanto devo informá-lo de que ficou noivo da Srta. Wraxton.

— O quê, da filha do velho Brinklow? Palavra de honra, Lizzie, você tem estado ativa e com muita eficiência! Jamais soube que tivesse tanto bom senso! Apropriadamente, sem dúvida! Deve receber felicitações!

— Devo — concordou Lady Ombersley. — Oh, sem dúvida! A Srta. Wraxton é uma moça excelente! Estou certa de que possui milhares de qualidades extraordinárias. Tem a mente muito esclarecida, do tipo que impõe respeito.

— Dá-me a impressão de uma criatura enjoada ao extremo — replicou Sir Horace com franqueza.

— Charles não se interessa — disse Lady Ombersley, olhando fixa e pensativamente para o fogo — por moças muito animadas ou por... algum tipo de loucura extravagante. Confesso, gostaria que a Srta. Wraxton tivesse um pouco mais de *vivacidade*. Mas você não deve levar isso em consideração, Horace, pois eu mesma nunca tive a menor inclinação para ser sabida (ou para ter interesses intelectuais), e hoje em dia, quando tantas mulheres jovens são turbulentas em excesso, é gratificante encontrar *uma* que... Charles acha que o ar de seriedade da Srta. Wraxton é muito digno! — terminou, um tanto apressada mente.

— Sabe de uma coisa, Lizzie, parece estranho que um filho seu e de Ombersley se tenha tornado uma pessoa sem graça e maçante — observou Sir Horace com toda a calma. — Imagino que você não traiu Ombersley, traiu?

— Horace!

— Não, sei que não traiu! Não precisa ficar nervosa! Pelo menos não com referência ao filho mais velho; você é muito esperta para isso! Contudo, *é um* fato estranho... muitas vezes achei! Ele pode casar com a sua sabichona, e tem toda liberdade de fazê-lo, pouco se me dá, porém nada disso explica a razão por que você deveria se preocupar com o que ele gosta ou não!

Lady Ombersley desviou o olhar das brasas resplandcentes para o rosto do irmão.

— Com efeito, você não entende mesmo, Horace.

— Foi o que eu disse! — ele retorquiu.

— Certo, mas... Horace, Matthew Rivenhall deixou toda sua fortuna para Charles!

De um modo geral, Sir Horace era tido como um homem astuto, contudo parecia achar difícil assimilar essa informação corretamente. Com olhos arregalados, fitou a irmã atentamente por uns momentos, em seguida indagou:

— Está se referindo àquele velho tio de Ombersley?

— Exatamente, ele mesmo.

— O nababo?

Lady Ombersley assentiu com a cabeça, mas o irmão ainda assim não estava satisfeito.

— Aquele sujeito que fez fortuna na índia?

— Ele mesmo, e sempre pensávamos... mas ele disse que Charles era o único Rivenhall, sem contar ele próprio, que possuía ao menos uma parcela mínima de bom senso, e deixou-lhe tudo, Horace! Tudo!

— Santo Deus!

Essa exclamação pareceu conveniente a Lady Ombersley, pois ela tornou a assentir com a cabeça, olhando para o irmão de maneira pesarosa e torcendo a franja do xale entre os dedos.

— Assim, Charles é quem dita as ordens! — disse Sir Horace.

— Ninguém teria sido mais generoso — disse Lady Ombersley, com ar infeliz. — Só podemos nos sentir sensibilizados.

— Maldita seja sua insolência! — exclamou Sir Horace, sentindo a situação como um pai. — O que fez ele?

— Bem, Horace, você provavelmente não sabe, porque está sem pre viajando, mas o pobre Ombersley tinha muitas dívidas.

— Todo mundo está a par disso! Não me lembro de quando não estivesse em dificuldades! Você não vai me dizer que o rapaz foi idiota a ponto de saldá-las?

— Mas, Horace, alguém precisava saldá-las! — ela protestou. — Talvez você não tenha ideia de como as coisas se tornaram difíceis! E tendo de preparar de modo satisfatório os meninos menores, e as meninas... Não admira que Charles ficasse tão ansioso para que Cecília fizesse um bom casamento!

— Responsabilizando-se pelo bando todo, é o que ele está fazendo? Não passa de um tolo! E quanto às hipotecas? Se a maior parte da herança de Ombersley não fosse inalienável, há muito tempo que ele teria perdido tudo no jogo!

— Na verdade, não tenho muito conhecimento sobre legados — replicou a irmã —, mas receio que Charles não se comportou exalamente como devia a respeito desse assunto. Ombersley ficou muito descontente, embora eu diga, e sempre direi, que chamar o primogênito de traiçoeiro é usar de uma linguagem um tanto inadequada! Parece que ao atingir a maioridade Charles poderia ter facilitado tudo para o seu pobre pai, se ao menos tivesse sido um pouquinho condescendente! Mas nada o convenceria a concordar em vender o invendável, portanto tudo continuou imobilizado, e ninguém pode culpar Ombersley por ficar aborrecido! E depois aquele velho odioso morreu.

— Quando? — indagou Sir Horace. — Como foi que eu não soube desse fato até hoje?

— Aconteceu há mais de dois anos, e...

— Bem, eis a razão. Eu estava extremamente ocupado, tratando do assunto de Angoulême e de tudo que a ele se relacionava. Deve ter acontecido na época de Toulouse, poderia jurar. Mas quando a vi no ano passado, você não disse uma palavra, Lizzie!

Ela foi atingida pela injustiça dessas palavras e respondeu, indignada:

— Realmente não sei como eu poderia ter pensado em coisas tão insignificantes, com aquele Monstro em liberdade, os campos de recrutamento, os bancos suspendendo pagamentos e só Deus sabe o que mais! E você chegando de Bruxelas sem avisar, ficando comigo cerca de 20 minutos! Minha cabeça estava num redemoinho, e se o atendi condignamente, foi além das condições que eu teria de fazê-lo.

Ignorando essa revolta, Sir Horace disse, com o que para ele era forte emoção.

— Ultrajante! Não vou dizer que Ombersley não seja um doido varrido, porque não adianta cobrir o sol com uma peneira, mas cortar um homem do seu testamento e colocar o filho desse homem para controlar o próprio pai... O que, aposto, ele fará!

— Não, não! — protestou Lady Ombersley debilmente. — Charlês tem plena consciência do que deve ao pai! Não é verdade que esteja faltando com o respeito, asseguro-lhe! Só que o pobre Ombersley não pode deixar de sentir um pouco, agora que Charles assumiu a responsabilidade de tudo.

— Que bela situação!

— É mesmo, mas o consolo é que, de um modo geral, ninguém sabe. E sem dúvida, sob alguns aspectos, é decididamente mais agradável. Seria difícil você dar crédito, Horace, mas estou certa de que no momento não existe uma só conta para pagar nesta casa! — Um instante de reflexão a fez alterar essa afirmativa. — Não posso responder quanto a Ombersley, mas todas aquelas assustadoras contas domésticas que forçavam Eckington — você se lembra do nosso bom Eckington, o agente de Ombersley — a fazer uma careta quando as via, e as taxas de Eton e de Oxford —, de *tudo*, meu querido irmão, Charles cuida de tudo!

— Você não vai me dizer que Charles é tolo o bastante para desperdiçar a fortuna do velho Matt Rivenhall pagando todas as despesas desta casa que mais parece um quartel! — exclamou Sir Horace.

— Não. Oh, nada disso! Não tenho a menor aptidão para negócios, portanto é inútil pedir que lhe explique, mas acredito que Charles convenceu o pai a... permitir que ele administre a propriedade.

— Está mais com jeito de o ter chantageado! — replicou Sir Horace sombriamente. — Tempos extraordinários vivemos hoje! Notebem, compreendo a intenção do rapaz, Lizzie, mas, por Deus, lamento-a!

— Oh, por favor, acredite, não se trata de nada disso! — exclamou Lady Ombersley, aflita. — Não quero que pense... ou suponha que Charles é sempre desagradável, porque de fato ele não é, exceto quando o deixam zangado, e ninguém pode negar que ele tem muita coisa para testar sua paciência! Razão pela qual só posso sentir, querido Horace, que se ele não quiser que eu cuide de Sofia para você, não devo contrariá-lo!

— Bobagem! — exclamou Sir Horace. — E por que ele não haveria de querer?

— Nós... nós já decidimos não dar nenhuma festa nesta temporada, além das que forem absolutamente necessárias. É um fato dos mais lamentáveis que se tivesse de adiar o casamento de Charles devi-do à perda de um parente que a Srta. Wraxton acaba de sofrer. Foi uma das irmãs de Lady

Brinklow, e eles estarão usando luto por seis meses. Você deve saber que os Brinklows são muito meticulosos em todas as questões de etiqueta. Eugenia só vai a reuniões bem tranquilas, e... e é claro que se deve esperar que Charles compartilhe de seus sentimentos!

— Santo Deus, Elizabeth, um homem não precisa usar luto pela tia de uma mulher com quem ainda nem se casou!

— Naturalmente que não, mas Charles parece achar... e além do mais o Charlbury...

— Que diabo há com ele?

— Caxumba — respondeu Lady Ombersley, de modo trágico.

— É? — Sir Horace caiu na gargalhada. — Ora, que sujeito deve ser ele para ter caxumba quando deveria estar se casando com Cecilia!

— Francamente, Horace, devo dizer que considero uma grande injustiça de sua parte falar assim, pois como poderia ele evitar? O rapaz está tão desgostoso! E além disso, o fato é algo extremamente infeliz; não duvido que se pudesse casar-se com Cecilia, já o teria feito, pois nada é mais agradável do que o seu humor, enquanto suas maneiras e modo de falar são exatamente o que se poderia desejar! Mas as moças são muito tolas e cismam com ideias românticas, além de terei todos os tipos de fantasias exageradas. Contudo, sinto-me feliz ao ver que Cecília não é uma dessas jovens demasiado modernas, e é claro que ela se deixará orientar pelos pais! Mas não se pode negar que nada poderia ser mais inoportuno do que a caxumba de Charlbury!

Abrindo mais uma vez a caixa de rapé, Sir Horace olhou-a com uma expressão divertida e sagaz:

— E qual é a fantasia exagerada que a Srta. Cecília tem em particular? — indagou.

Lady Ombersley sabia que o filho mais velho a teria aconselhado a manter um silêncio discreto; porém o impulso de desabafar com o irmão foi forte demais para ser contido. Disse:

— Bem, sei que não irá repetir, Horace, mas acontece que a tolinha acha que está apaixonada por Augustus Fawnhope!

— Seria aquele da família Lutterworth? — indagou Sir Horace — Não o tenho em alta conta para uma aliança, devo dizer!

— Santo Deus, nem fale uma coisa dessas! Ademais, sendo o caçula da família, não tem a mínima perspectiva! Mas é um poeta.

— Muito perigoso — concordou Sir Horace. — Creio que jamais vi esse rapaz. Como é ele?

— Muito bonito! — respondeu Lady Ombersley, numa entonação desalentadora.

— Como, no estilo de Lord Byron? Aquele rapaz tem uma grande responsabilidade nas mãos!

— Não é isso. Quero dizer que ele é louro como Cecília e claudica, e embora seus poemas sejam muito bonitos, encadernados em pergaminho branco, não parecem *atrair* muito. Quero dizer, de modo algum semelhantes aos de Lord Byron. É lamentável e injusto, pois acredito que custa muito dinheiro tê-los impresso, e ele precisou arcar com tudo — ou mais precisamente, Lady Lutterworth arcou, segundo soube.

— Lembrando bem agora — disse Sir Horace —, eu de fato conheço o *rapaz*. Ele esteve com Stuart em Bruxelas no ano passado. Se quer meu conselho, você deve casá-la com Charlbury o mais rápido que puder.

— Ora, eu assim faria, se ao menos — isto *é*, é claro que eu não faria, se achasse que ela tem aversão por ele! E você precisa compreender, Horace, que está totalmente fora do meu controle fazer qualquer coisa desse tipo quando ele está acamado com caxumba!

Sir Horace sacudiu a cabeça.

— Ela casará com o poeta.

— Não diga isso! Mas Charles acha sensato eu não levá-la a lugares onde seja provável ela encontrar o *rapaz*, o que constitui outra razão pela qual estamos atualmente tendo um estilo de vida tranquilo. É a coisa mais constrangedora! Na verdade, às vezes sinto que seria muito mais fácil se o infeliz fosse inaceitável — um caça-dotes, ou o filho de um comerciante, ou algo parecido! Assim poderíamos proibi-lo de frequentar a casa, proibir Cecilia de dançar com ele nos bailes, só que isso não seria de modo algum necessário, pois jamais o encontraríamos nas reuniões sociais. Mas é natural que encontremos os Fawnhopes em todos os lugares! Nada poderia ser mais aborrecido! E embora esteja certa de que as atitudes de Charles para com ele sejam as mais antipáticas, o próprio Charles reconhece a impropriedade de ser tão desagradável a ponto de ofender a sua família. Almeria Lutterworth é uma das minhas mais velhas amigas!

Sir Horace, que já estava entediado com o assunto, bocejou e disse, de modo indolente:

— Ouso afirmar que não há motivo para você ficar nervosa. Os Fawnhopes são pobres como camundongos de igreja, e provavelmente Lady Lutterworth pouco deseja esse casamento, da mesma forma que você.

Nada disso! — respondeu a irmã, um tanto irritada. — Ela é mais tola que o permitido, Horace! O que Augustus quer, ele precisa ter! Ela já me jogou as mais inequívocas insinuações, de modo que eu mal sabia para onde olhar, quanto mais o que dizer, exceto que Lord Charlbury já nos solicitara permissão para cortejar Cecilia, e eu acreditava que ela fosse... bem, que não fosse indiferente a ele! Nunca passou pela minha cabeça que Augustus houvesse perdido o senso de propriedade a ponto de dirigir-se a Cecilia sem primeiro se aproximar de Òmbersley, mas foi precisamente o que ele fez!

— Oh, bem! — exclamou Sir Horace. — Se Cecilia tem simpatia por ele, seria melhor você deixá-la. Não se trata de estar fazendo um casamento inferior à sua condição; se ela prefere ser esposa do caçula sem vintém daquela família, isso é sem dúvida assunto exclusivo dela.

— Você não diria isso se fosse com Sofia! — replicou a irmã.

— Sophy não é tão tola assim.

— Nem Cecilia é tola! — declarou Lady Òmbersley, ofendida. — Se tivesse visto Augustus, você não ficaria admirado com Cecilia! Ninguém pode deixar de sentir uma indiscutível predileção por ele! Confesso que eu mesma senti isso. Mas Charles tem toda razão, como logo fui levada a reconhecer; Augustus não serviria!

— Pois bem, quando tiver a prima para fazer-lhe companhia, Cecilia se distrairá, e provavelmente dará outro rumo aos seus pensamentos - disse Sir Horace, consolador.

Lady Òmbersley pareceu ficar muito impressionada com a sugestão. Seu rosto iluminou-se; então disse:

— Gostaria de saber se isso seria possível. Ela é um pouco tímida, como você sabe, e não faz amizades com facilidade; e desde que sua querida amiga, Srta. Friston, se casou e foi morar no interior,

realmente não há uma jovem com quem possa relacionar-se mais intimamente. Bem, se tivéssemos a querida Sophy para ficar conosco... — Interrompeu-se, obviamente revolvendo os planos em sua mente. Estava ainda entretida nesse exercício quando a porta se abriu e seu filho mais velho entrou no salão.

O Honorable Charles Rivenhall tinha 26 anos, contudo um semblante de traços um tanto severos, unido a um procedimento que reunia segurança e muita reserva, o faziam parecer alguns anos mais velho. Era um rapaz alto, de compleição vigorosa, e dava a impressão de que estaria mais satisfeito caminhando pelas terras do pai em vez de ficar trocando amabilidades na sala de estar de sua mãe. Em geral preferia usar traje de montaria às calças presas abaixo do joelho e botas enfeitadas com borlas, como era moda; atava a gravata no mais simples dos estilos, permitia apenas uma modesta quantidade de goma para enrijecer as pontas bem moderadas do colarinho, desdenhava inteiramente vaidades tais como anéis com sinete, correntes de relógio ou monóculos, e ofendia seu alfaiate ao insistir que seus casacos fossem feitos de modo que ele pudesse vesti-los sem a ajuda do seu criado pessoal. Diziam ter ele expressado a esperança de que o céu perdoaria se alguma vez fosse confundido com um membro do círculo dos dândis, porém, como seu amigo, o Sr. Cyprian Wychbold, gentilmente lhe assegurou, não havia a menor necessidade da intervenção celestial a esse respeito. Os dândis, disse o Sr. Wychbold com certa severidade, eram famosos tanto por sua refinada sociabilidade quanto por seu traje requintado, e, de regra, constituíam um agradável grupo de homens cujos modos educados e dotes sedutores os tornavam aceitáveis em qualquer ambiente. Como a noção do Sr. Rivenhall de fazer-se agradável perante outras pessoas implicava tratar com fria civilidade qualquer um por quem ele não tinha particular simpatia, e seus dotes, longe de serem sedutores, incluíam a habilidade de desconcertar aqueles cujas pretensões ele reprovava, e de proferir comentários frustrantes que punham um fim abrupto na relação social, ele corria o perigo maior (Segundo o Sr. Wychbold) de ser confundido com um campônio.

Ao fechar a porta atrás de si, sua mãe ergueu os olhos, sobressaltou-se ligeiramente, e disse com uma entonação nervosa que aborreceu o irmão:

— Oh, Charles! Imagine só! Seu tio Horace está aqui!

— Foi o que Dasset me informou — respondeu o Sr. Rivenhall. — Como vai, senhor?

Apertou a mão do tio, puxou uma cadeira e sentou-se, iniciando uma conversa cortês com Sir Horace. A mãe, primeiro manuseando nervosamente a franja do xale e depois o lenço, dentro em pouco intrometeu-se na conversa para perguntar:

— Charles, lembra-se de Sofia? Sua priminha?

O Sr. Rivenhall não tinha a aparência de quem se lembrava da priminha, mas respondeu no seu jeito frio:

— Certamente. Espero que ela esteja passando bem, senhor.

— Nunca ficou doente em toda a sua vida, salvo durante o sarampo — respondeu Sir Horace. — Logo você verá por si mesmo; sua mãe vai tomar conta dela enquanto eu estiver no Brasil.

Era evidente que essa maneira de transmitir a notícia não se recomendava a Lady Ombersley, que imediatamente se apressou a atalhar:

— Bem, é claro que não está de todo decidido ainda, embora eu tenha a certeza de que nada me agradaria mais do que hospedar a filha do meu querido irmão. Também estava pensando, Charles, que seria agradável para Cecília. Sofia e ela são quase da mesma idade, você sabe

— Brasil? — indagou o Sr. Rivenhall. — Deve ser muito interessante, acredito. Vai ficar muito tempo lá, senhor?

— Oh, não! — respondeu Sir Horace vagamente. — É provável que não. Vai depender das circunstâncias. Estive dizendo à sua mãe que lhe ficarei devendo muito se ela puder encontrar um marido adequado para a minha Sophy. Está na hora de ela casar, e sua mãe parece, pelo que me informaram, ser perita no assunto. Soube que devo dar-lhe minhas felicitações, meu rapaz.

— Sim, obrigado — respondeu o Sr. Rivenhall com uma ligeira mesura.

— Se não lhe desagradar, Charles, confesso que ficaria muito feliz em ter Sophia aqui — disse Lady Ombersley de modo apaziguador

Ele lançou-lhe um olhar impaciente e respondeu:

— Peco-lhe que faça exatamente o que desejar, senhora. Não consigo imaginar o que isso tem a ver comigo.

— Bem, eu expliquei ao seu tio que levamos uma vida muito sossegada.

— Ela não ligará a mínima — respondeu Sir Horace tranquilamente. — É muito boazinha e jamais tem dificuldade em encontrar algo com que se ocupar. Fica tão feliz num povoado espanhol como em Viena ou Bruxelas.

Ouvindo isso, Lady Ombersley aprumou o corpo de repente.

— Não me diga que no ano passado você levou a menina a Bruxelas!

— É claro que a levei a Bruxelas! Onde diabo iria deixá-la? — replicou Sir Horace com mau humor. — Não esperaria que eu a deixasse em Viena, não é? Além do mais, ela gostou. Encontramos muitos amigos nossos lá.

— Que perigo!

— Oh, ora bolas! Tolice! Pouquíssimo perigo com Wellington no comando!

Quando, senhor, poderemos ter o prazer de contar com a companhia da nossa prima? — intrometeu-se o Sr. Rivenhall. — Façamos votos para que não venha achar a vida em Londres enfadonha demais depois da agitação excepcional do continente.

— Não ela! — garantiu Sir Horace. — Nunca soube de ocasião em que Sophy não estivesse ocupada com uma coisa ou outra. É dar-lhe liberdade de ação! Sempre dou, e ela jamais sofre qualquer dano. Não sei exatamente quando estará com vocês. Resolveu que quer me ver até o último instante, mas virá para Londres pela posta assim que eu tiver partido.

— Virá para Londres pela posta assim que... Horace, sem dúvida você vai trazê-la até aqui — disse a irmã com voz sufocada, um tanto surpresa. — Uma jovem da idade dela, viajando sozinha! Nunca ouvi uma coisa dessas!

— Não estará sozinha. Virá acompanhada da sua criada — uma megera, é o que ela é; viajou conosco por toda a Europa — e também de John Potton. — Percebeu as sobranceiras erguidas do sobrinho e sentiu-se impelido a acrescentar: — Cavaliço, mensageiro, factótum! Cuida de Sophy desde que ela era um bebê. — Retirou o relógio do bolso e consultou-o. — Bem, já que acertamos tudo, devo retirar-me, Lizzie. Confio que você vai tomar conta de Sophy e procurar um partido entre os que a cercam. É importante, porque... mas não tenho tempo de explicar isso agora! Ela lhes contará o que for preciso,

espero.

— Mas, Horace, não acertamos tudo! — protestou a irmã. — Ombersley ficará desapontado por não ver você! Esperava que jantasse conosco!

— Não, não posso fazer isso — ele respondeu. — Vou jantar em Carlton House. Transmita meus respeitos a Ombersley; acho que o verei novamente qualquer dia desses!

Depois beijou-a num estilo perfunctório, deu outro de seus tapinhas cordiais no ombro da irmã e afastou-se, seguido pelo sobrinho.

— Como se eu não tivesse mais nada a desejar! — exclamou Lady Ombersley, indignada, quando Charles voltou à sala. — E não tenho a mínima ideia de quando a menina deve chegar aqui!

— Isso não tem importância — replicou Charles, com uma indiferença que a mãe achou exasperante. — A senhora dará ordens para que preparem um quarto para ela, suponho, e Sofia pode vir quando bem lhe aprouver. Deve-se esperar que Cecília goste dela, uma vez que será obrigada a vê-la na maior parte do tempo, imagino.

— Pobrezinha! — suspirou Lady Ombersley. — Confesso que almejo servir-lhe de mãe, Charles! Que vida estranha e solitária deve levar!

— Estranha, sem dúvida; dificilmente solitária, se tem feito o papel de anfitriã para meu tio. Eu acreditaria que ela tem tido uma senhora mais velha para viver em sua companhia — uma governanta ou algo desse tipo.

— Realmente, qualquer um julgaria que assim deveria ser, mas seu tio informou-me claramente que a governanta morreu quando estavam em Viena! Na verdade não gosto de dizer uma coisa assim do meu irmão, mas, francamente, tenho a impressão de que Horace é totalmente inadequado para cuidar de uma filha!

— Extremamente inadequado — respondeu o jovem, secamente. — Espero que não venha a ter motivo para lamentar a sua generosidade, minha mãe.

— Oh, não, estou certa de que não terei! — ela assegurou. — Seu tio descreveu-a de tal forma que me deu o maior desejo de acolhê-la! Pobre menina, receio que não tenha sido habituada a ver seus desejos ou seu bem-estar levados em muita consideração! Eu quase me zanguei com Horace quando insistiu em me dizer que ela é boazinha e que jamais lhe causou preocupações! Ouso afirmar que ele jamais permitiu que alguém lhe causasse preocupações, pois um homem mais egoísta acredito que dificilmente você encontraria! Sofia deve ter o temperamento doce da sua pobre mãe. Não tenho dúvida de que será uma companhia encantadora para Cecília.

— Acho que sim — concordou Charles. — E isso me faz lembrar, mamãe, de uma coisa! Acabei de interceptar outro presente de flores daquele peralvilho para minha irmã. Este bilhete veio junto.

Lady Ombersley apanhou o bilhete exibido e olhou com desânimo.

— O que farei com isto? — indagou.

— Jogue no fogo — ele recomendou.

— Oh, não, eu não poderia, Charles! Talvez seja verdadeiramente irrepreensível! Além do que... ora, talvez até contenha um recado da mãe dele para mim!

— Muito improvável, mas, se acredita nisso, seria aconselhável que o lesse.

— É claro, sei que é meu dever fazê-lo — ela concordou, sentindo-se infeliz.

Charles parecia um pouco desdenhoso, entretanto ficou calado. Depois de um momento de indecisão a mãe rompeu o lacre e abriu a solitária folha de papel.

— Oh, meu Deus, é um poema! — exclamou logo depois. — E devo confessar, muito bonito. Ouça, Charles! "Ninfa, quando teu doce olhar cerúleo sobre meu espírito inquieto lança seu raio de luz..."

— Obrigado, não tenho queda para poesia! — interrompeu o Sr. Rivenhall asperamente. — Jogue isso no fogo, senhora, e diga a Cecília que não deve receber cartas sem a sua aprovação!

— Certo, mas acha mesmo que eu deveria queimá-lo, Charles? Imagine só se este for o único exemplar do poema! Talvez ele o queira imprimir!

— Ele não vai imprimir nenhum material sobre minha irmã! — replicou o Sr. Rivenhall severamente, estendendo a mão de modo autoritário.

Sempre dominada por uma vontade mais forte, Lady Ombersley estava prestes a entregar o papel ao filho quando uma voz trémula, vindo da entrada, impediu-a:

— Mamãe! Não o dê, por favor!

II

LADY OMBERSLEY deixou pender a mão; o Sr. Rivenhall virou-se bruscamente, com o cenho franzido. A irmã, lançando-lhe um olhar de veemente reprovação, atravessou a sala correndo em direção à mãe, dizendo:

— Dê-me isso, mamãe! Que direito tem Charles de queimar minhas cartas?

Impotente, Lady Ombersley olhou para o filho, mas ele não disse nada. Com um puxão, Cecília arrancou a folha de papel da mão da mãe e apertou-a contra o peito ofegante. Isso estimulou o Sr. Rivenhall a falar:

— Pelo amor de Deus, Cecília, poupe-nos de representações! — disse.

— Como ousou ler a minha carta? — ela retorquiu.

— Não li sua carta! Dei-a a mamãe e você dificilmente poderá dizer que ela não tinha esse direito!

Os meigos olhos azuis da moça inundaram-se de lágrimas; disse em voz baixa:

— Tudo é culpa sua! Mamãe jamais a leria — odeio você, Charles! Odeio você!

Ele deu de ombros e ficou de costas para ela. Lady Ombersley disse num débil tom de voz:

— Não devia falar assim, Cecília! Sabe que é totalmente inadequado ficar recebendo cartas sem o meu conhecimento! Não sei o que seu pai diria se soubesse.

— Papai! — exclamou Cecília desdenhosamente. — Não é papai! É Charles que gosta de me fazer infeliz!

Ele lançou-lhe um olhar por sobre o ombro.

— Seria inútil, presumo, dizer que o meu fervoroso desejo é que você *não* se torne infeliz.

Ela não lhe deu resposta, mas dobrou a carta com mãos trémulas e guardou-a no peito, lançando um olhar desafiador para o irmão enquanto assim procedia. O olhar dela encontrou-se com o de desdém de Charles; o Sr. Rivenhall apoiou os ombros no consolo da lareira, enfiou as mãos nos bolsos da calça e aguardou, com uma expressão de ironia, o que ela iria dizer em seguida.

Em vez de falar, ela enxugou os olhos e tomou fôlego em meio a pequenos soluços. Era uma jovem muito encantadora, com cabelos cacheados de um dourado pálido que, em pequeninos anéis, emolduravam o rosto de traços refinados, cuja tez graciosa naquele momento se achava alterada, certamente, por um rubor de cólera. Em geral, sua expressão era de suave melancolia, mas a agitação daquele instante acendera uma centelha belicosa em seus olhos, e ela apertava o lábio inferior entre os dentes de uma maneira que lhe dava um ar muito maldoso. Ao observar esses detalhes o irmão disse, com cinismo, que ela devia adotar o costume de zangar-se, visto que isso a beneficiava, emprestando certa animação a um semblante aceitável, porém um pouco insípido.

Essa observação mordaz deixou Cecília impassível. Seria difícil não saber que era muito admirada, todavia, bastante modesta, depreciava muito a própria beleza; gostaria mais de ter nascido morena. Suspirou, soltou o lábio e sentou-se numa cadeira baixa, ao lado do sofá da mãe, dizendo num tom de voz mais moderado:

— Não pode negar, Charles, que é obra sua o fato de que mamãe foi tomada por essa... essa antipatia inexplicável por Augustus!

— Ora, aí está — disse Lady Ombersley calorosamente —, você está equivocada, querida, porque não tenho absolutamente antipatia por ele! Apenas não posso considerá-lo um marido aceitável!

— Não me preocupo com isso! — declarou Cecília. — Ele é o único homem por quem já pude sentir um grau de afeto que... Em resumo, peço-lhe que abandone qualquer ideia de que eu venha a tomar em consideração a proposta extremamente lisonjeira de Lord Charlbury, porque jamais o farei!

Lady Ombersley emitiu um angustiado porém incoerente protesto; o Sr. Rivenhall disse na sua maneira prosaica:

— Contudo, você não ficou tão hostil, imagino, quando a proposta lhe foi transmitida pela primeira vez.

Cecília volveu um olhar vacilante para o irmão e respondeu:

— Na época eu não conhecia Augustus.

Lady Ombersley pareceu ficar muito impressionada com a lógica dessa declaração, porém o filho era menos sugestionável e respondeu:

— Não desperdice suas expressões eloquentes comigo, peço-lhe! Há 19 anos você conhece o jovem Fawnhope!

— Antes não era a mesma coisa — disse Cecília simplesmente.

— Isso é verdade, Charles — confirmou Lady Ombersley, de modo sensato. — Estou certa de que ele era um menino que nada tinha de extraordinário, e quando foi para Oxford possuía as mais assustadoras espinhas, portanto ninguém teria imaginado que ele se tornasse um rapaz tão bonito! Mas o tempo que passou em Bruxelas com Sir Charles Stuart beneficiou-o como jamais se viu! Confesso que não teria reconhecido nele o mesmo homem!

— Já perguntei a mim mesmo algumas vezes — retorquiu o Sr. Rivenhall — se também Sir Charles algum dia será novamente o mesmo homem! Como Lady Lutterworth pode ter conciliado com sua consciência o fato de obrigar um homem público a aceitar tal bobalhão como secretário, devo deixar que ela mesma decida! Tudo que *temos* o privilégio de saber é que seu precioso Augustus já não ocupa mais esse cargo! Ou qualquer outro! — acrescentou, de modo incisivo.

— Augustus — Cecília disse orgulhosamente — é um poeta. De modo algum indicado para... o monótono trabalho de secretário de um embaixador.

Não nego — admitiu o Sr. Rivenhall. — É igualmente inadequado para sustentar uma esposa, minha querida irmã. Não pense que *eu* apoiarei você nessa loucura, pois agora lhe digo que não o farei! E não se iluda acreditando que vai obter o consentimento de papai para esse casamento muitíssimo imprudente, porque enquanto eu tiver algum direito de me manifestar, você não o obterá!

— Sei muito bem que é *só* você quem tem direito de se manifestar nesta casa! — exclamou Cecília, grandes lágrimas afluindo em suas pálpebras. — Espero que quando tiver me levado ao desespero você possa ficar satisfeito!

Pelo retesamento dos músculos que lhe rodeavam a boca, podia-se ver que o Sr. Rivenhall fazia um esforço louvável para manter sob controle seu humor nada pacífico. Cheia de ansiedade, a mãe lançou-

lhe um olhar, mas a voz com que ele respondeu a Cecília revelava uma calma quase alarmante.

— Minha querida irmã, pode ter a bondade de reservar essas tragédias de Cheltenham para um momento em que eu não estiver ao alcance da sua voz? E antes de empolgar mamãe na corrente das suas bravatas, permita-me lembrá-la de que, longe de ser forçada a um casamento indesejável, você mesma expressou a disposição de dar ouvidos ao que descreveu como proposta muito lisonjeira de Lord Charlbury.

Lady Ombersley inclinou-se para a frente, tomou uma das mãos de Cecília entre as suas e a apertou com ternura.

— Bem, se quer saber, minha querida, isso é exato! — confirmou. — Na verdade, me parecia que você gostava muitíssimo dele! Não deve imaginar que seu pai ou eu temos a menor ideia de obrigá-la a casar com alguém que não lhe agrada, pois estou certa de que seria muito chocante! E tampouco Charles faria isso, não é, querido Charles?

— Não, seguramente não o faria. Mas tampouco consentiria que ela se casasse com um tipo afetado como Augustus Fawnhope!

— Augustus — declarou Cecília, empinando o queixo — será lembrado muito tempo depois que você tiver caído no esquecimento!

— Pelos seus credores? Não duvido. Será uma recompensa por você ter passado a vida toda esquivando-se dos cobradores importunos?

Lady Ombersley não conseguiu reprimir um estremecimento.

— Ai de mim, querida, isso também é exato! Você não pode imaginar que mortificação... mas vamos mudar de assunto.

— É inútil falar com minha irmã sobre qualquer coisa além das capas dos romances da biblioteca de empréstimo! — replicou Charles. — Ante a condição a que esta família esteve reduzida, me pareceu que ela ficaria grata por ter chegado à beira de contrair um casamento respeitável. Mas não! Ela não liga para a proposta de um casamento respeitável, brilhante, prefere comportar-se como qualquer moça de Bath, desfalecendo e definhando por causa de um poeta! Um *poeta*! Santo Deus, mamãe, se a amostra do talento dele, que a senhora foi imprudente a ponto de a ler para mim... Mas não tenho paciência para continuar discutindo esse assunto! Se não pode convencê-la a conduzir-se de modo compatível com a sua educação, seria aconselhável mandá-la para Ombersley. Se passar uma temporada no campo, talvez isso a faça recobrar o juízo!

Com essa terrível ameaça, ele saiu da sala em largas passadas, deixando a irmã a se desfazer em lágrimas e a mãe a recrutar energia por intermédio de seus saís.

Em meio aos soluços, Cecília criticou em algumas palavras a crueldade do destino, que a castigara com um irmão tão insensível quanto tirano, e com pais totalmente incapazes de se interessarem por seus sentimentos. Lady Ombersley, embora essencialmente solidária, não podia aceitar isso. Sem responder pelas suscetibilidades do marido, garantiu a Cecília que as suas eram extremamente acuradas, o que lhe possibilitava avaliar a angústia de um amor proibido.

— Quando eu era jovem, querida, algo parecido aconteceu comigo — confessou, suspirando. — Ele não era poeta, mas eu me imaginava apaixonadíssima. Contudo, não servia, e acabei me casando com seu pai, que todos julgavam ser um esplêndido partido, pois naquela época ele acabava de receber uma

fortuna, e... — Ela calou-se, compreendendo que essas reminiscências não eram adequadas. — Em suma, Cecília — e eu não deveria ser obrigada a lhe contar isso —, pessoas da nossa posição não se casam apenas para satisfazer a si mesmas.

Cecília permaneceu quieta, baixou a cabeça e enxugou os olhos com um lenço já úmido. Sabia ter sido muito favorecida pela afeição da mãe e pela alegre indiferença do pai, e estava bem ciente de que ao descobrir sua inclinação antes de permitir que Lord Charlbury lhe fizesse a corte, Lady Ombersley mostrara mais consideração pela filha do que teria aprovado a maior parte de suas contemporâneas... Cecília podia ler romances, mas estava ciente de que não devia imitar o comportamento vivaz de suas heroínas favoritas. Acreditava-se destinada a permanecer solteirona, e esse pensamento lhe pareceu tão melancólico que novamente se deixou dominar pelo desânimo e mais uma vez levou o lenço aos olhos.

— Avalie só como sua irmã é feliz! — disse Lady Ombersley, em , tom encorajador. — Estou certa de que nada seria mais gratificante do que vê-la em seu próprio lar, com o filho querido, e James tão atencioso e cortês, e... e tudo exatamente como se poderia desejar! Realmente não acredito que um casamento por amor teria resultado mais satisfatório — não que eu afirme com isso que Maria não esteja sinceramente ligada a James! O fato é que ela não o encontrara mais do que meia dúzia de vezes quando James pediu permissão a papai para falar com Maria, e o sentimento dele não estava envolvido. Naturalmente houve forte simpatia, ou eu jamais teria... Mas Maria era uma jovem de procedimento tão correio e bonito! Ela mesma me disse que achava seu dever aceitar um pedido tão respeitável, estando papai em dificuldades, e havendo mais quatro irmãs para preparar!

— Mamãe, espero que eu não seja uma filha anormal, mas antes estar morta do que casada com James! — declarou Cecília, levantando a cabeça. — Ele não pensa em mais nada a não ser caçar, e quando o casal não tem companhia à noite, ele vai dormir e *ronca!*

Desencorajada por essa revelação, Lady Ombersley não conseguiu achar nada para dizer durante alguns minutos. Cecília assoou o nariz e acrescentou:

— E Lord Charlbury é ainda mais velho que James!

— Certo, mas não sabemos se ele ronca, meu bem — Lady Ombersley salientou. — Na verdade, podemos ficar quase certas de que não ronca, pois suas maneiras são muito cavalheirescas!

— Um homem que chega a apanhar caxumba — declarou Cecília — faria qualquer coisa!

Lady Ombersley não viu nada de estranho nessa opinião, nem ficou surpresa, porque o procedimento sem qualquer romantismo de Lord Charlbury fora motivo para Cecília sentir aversão por ele. Ela própria ficara pesarosa e desapontada, pois o julgara um homem de bom senso, nunca um homem capaz de se entregar a doenças infantis em ocasiões inoportunas. Não achava nada para dizer que amenizasse essa ofensa, e como Cecília, aparentemente, não tinha mais observações a fazer, o silêncio reinou inquietadoramente por algum tempo. Logo Cecília o rompeu, perguntando um tanto sem interesse se era verdade que o tio aparecera naquela tarde. Contento por encontrar uma desculpa para falar de assuntos mais alegres, Lady Ombersley imediatamente informou-a do prazer que lhe estava sendo reservado, e teve a satisfação de ver a expressão da filha desanuviar-se um pouco. Não foi difícil constatar as simpatias de Cecília pela prima. Era certamente uma sina desagradável ser enviada para ficar por um período indefinido com parentes praticamente estranhos, e Cecília prometeu calorosamente fazer tudo que estivesse ao seu alcance para Sofia sentir-se à vontade em Berkeley Square. Não conseguia evocar uma lembrança muito nítida da prima, pois há alguns anos não se viam; e embora ocasionalmente

considerasse que viajar pela Europa devia ser excitante, também suspeitava que poderia igualmente ser desagradável, e concordou logo com Lady Ombersley de que uma existência tão informal dificilmente serviria de preparação adequada para um debut em Londres. A ideia de que a chegada de Sophia em Berkeley Square significaria algum relaxamento na vida quase monástica imposta à família por determinação de Charles como medida de economia fê-la apressar-se para mudar o vestido para o jantar numa disposição de espírito agora mais feliz.

Naquela noite, quatro membros da família sentaram-se à vasta mesa da sala de jantar, depois que Lord Ombersley decidiu presentear a esposa com um de seus raros comparecimentos à própria mesa. Era o único membro espontâneo do grupo, pois tinha uma disposição alegre que lhe possibilitava permanecer desatento aos mais ruidosos sinais de insatisfação em seus acompanhantes. Seu espírito animado lhe permitia, com espantosa facilidade, ficar alegre à sombra da humilhação de ser um pouco mais que um dependente do filho. Tinha pavor de se sentir obrigado a enfrentar aborrecimentos, por isso jamais concordava em abordar assuntos adversos, o que lhe fazia muito bem; e nas horas de tensão realmente inevitáveis, graças à sua capacidade de se convencer de que qualquer necessidade desagradável imposta a ele por sua insensatez ou pela vontade opressora do filho era o resultado da sua própria escolha e sábia decisão. Enquanto Charles continuasse a lhe render o respeito filial de costume, ele podia esquecer que as rédeas do governo tinham sido arrancadas de suas mãos; e quando, como acontecia às vezes, o respeito filial se desgastava um pouco, considerava que esses deslizes não duravam muito, e, para um homem com o seu temperamento alegre, não era difícil esquecer. Não nutria rancor pelo filho, embora o considerasse um indivíduo insensível; e desde que a sorte estava do seu lado, e ele não era obrigado a desempenhar um papel detestável no governo de sua jovem família, permanecia muito satisfeito com o seu quinhão.

Difícilmente teria deixado de perceber o clima de discórdia que na ocasião assolava sua casa, porque um pedido da esposa para exercer sua autoridade paterna sobre Cecília o levava a toda a pressa a Newmarket apenas 15 dias antes. Contudo, nem a expressão carrancuda do filho nem as pálpebras avermelhadas da filha provocaram o menor comentário da parte dele. Parecia extrair grande prazer em participar de uma refeição maçante, na companhia de uma esposa nervosa, uma filha magoada e um filho pomposo. Disse:

— Bem, palavra de honra, é muito agradável estar jantando *en famille*, deste modo aconchegante! Pode dizer à sua cozinheira, Lady Ombersley, que eu gosto dessa maneira de servir um pato. Confesso que não consigo algo tão bom no White's! — Depois disso, contou o mais recente relato de um mexerico social, e afavelmente perguntou aos filhos como tinham passado o dia.

— Se está falando comigo, papai — respondeu Cecília —, passei o dia de hoje como passo todos os outros. Fiz compras com a mamãe; dei um passeio pelo parque com minhas irmãs e a Srta. Adderbury; e estudei música.

Seu tom de voz não indicava que ela achava esses entretenimentos divertidos, mas Lord Ombersley replicou:

— Excelente! — e voltou sua atenção para a esposa. Ela contou-lhe sobre a visita do irmão e seu pedido para que assumisse a guarda de Sofia; e Lord Ombersley externou seu indulgente consentimento ao esquema, dizendo que nada seria melhor, felicitando a filha pela boa sorte ao receber tão inesperadamente uma encantadora companhia. Charles, que estava muito irritado com essa gentil insensibilidade para sentir o mesmo que a irmã, frisou de maneira desencorajadora que eles ainda não

tinham motivo para supor que Sofia fosse encantadora —mesmo que fosse um pouco. Todavia, Lord Ombersley disse que não nutria dúvidas a esse respeito, e acrescentou que todos deviam esforçar-se ao máximo para tornar a estada da prima agradável. Depois perguntou ao filho se pretendia ir às corridas no dia seguinte. Charles, sabendo que essas corridas eram organizadas sob o patrocínio do Duque de York, e que trariam para os amigos íntimos daquele jovial personagem várias noites passadas em Oatlands, jogando uíste a dinheiro, pareceu mais ameaçador do que nunca, e disse que partia para Ombersley por alguns dias.

— Sem dúvida que deve ir! — concordou alegremente o pai. — Estava esquecendo esse negócio sobre o South Hanger. Certo, certo, desejo que cuide disso, meu rapaz!

— Cuidarei, senhor — respondeu o Sr. Rivenhall educadamente. Depois olhou para a irmã do outro lado da mesa e indagou: — Você se importaria de acompanhar-me, Cecília? Estou muito inclinado a levá-la, caso queira.

Ela hesitou. Isso poderia significar o ramo de oliveira; por outro lado, poderia também ser uma tentativa particularmente fútil de afastar da sua mente os pensamentos no Sr. Fawnhope. A ideia de que a ausência de Charles, com um pouco de engenhosidade, talvez lhe possibilitasse um encontro com o Sr. Fawnhope, resolveu a questão. Deu de ombros e respondeu:

— Não, obrigada. Não sei o que faria no campo nesta época.

— Cavalaria comigo — sugeriu Charles.

— Prefiro cavalgar no parque. Se deseja companhia, admiro-me que não convide as crianças para irem com você. Estou certa de que ficariam encantadas com a possibilidade de agradá-lo.

— Faça como lhe aprouver — ele respondeu, indiferente.

Terminado o jantar, Lord Ombersley retirou-se do círculo familiar. Charles, que não tinha compromisso para aquela noite, acompanhou a mãe e a irmã até a sala de estar; e enquanto Cecília passava os dedos ociosamente pelo piano, ficou conversando com Lady Ombersley sobre a visita de Sofia. Para grande alívio da mãe, ele parecia estar resignado diante da necessidade de oferecer pelo menos uma festa moderada em homenagem a Sofia, porém advertiu-a energicamente contra a ideia de ficar com a obrigação de encontrar um marido conveniente para a sobrinha.

— Por que meu tio, depois de ter permitido que ela atingisse a idade de — 20 anos, não é? — sem ele próprio se ocupar do assunto — disse Charles —, de repente resolveu convencer a senhora a se encarregar da tarefa, é uma questão que foge ao meu raciocínio.

— Parece estranho realmente — concordou Lady Ombersley. — Ouso afirmar que ele talvez não tenha percebido como o tempo voa, você sabe. Vinte anos! Ora, ela já está quase na prateleira! Admito, Horace tem sido muito descuidado! Estou certa de que não haveria dificuldade, porque ela deve ser uma herdeira notável! Mesmo se fosse uma jovem feiosa, o que nem por um momento imagino que seja, pois você admitirá que Horace é um homem bonito e a coitadinha da Marianne era extremamente linda, embora eu não possa supor que você se recorde... bem, mesmo se *ela fosse* feiosa, seria a coisa mais fácil arranjar um casamento respeitável!

— Muito fácil, mas será melhor a senhora deixar isso para o meu tio — foi só o que ele disse.

Nesse momento, os filhos que ainda estavam em idade escolar entraram no salão, acompanhados pela Srta. Adderbury, uma mulher que se assemelhava a um ratinho cinzento, originalmente contratada para

se encarregar da numerosa prole de Lady Ombersley quando Charles e Maria foram considerados com idade suficiente para dispensar os cuidados ciumentos da babá. Poder-se-ia julgar que vinte anos de permanência numa família, sob a proteção de uma patroa afetuosa e o estímulo do afeto de seus pupilos, teriam há muito tempo diminuído o nervosismo da Srta. Adderbury, porém o mesmo perdurou com o passar do tempo. Nem todos os seus méritos — entre os quais se intuía, além de um conhecimento suficiente de latim que lhe permitirá preparar os meninos para o colégio, o manejo hábil dos globos terrestres e do sistema planetário, instrução completa de teoria musical, competência para tocar piano e harpa o bastante para satisfazer os mais exigentes, e um talento considerável na pintura correta de aquarelas — lhe permitiam entrar no *living* sem um estremecimento interior ou conversar com Lady Ombersley em termos de igualdade. Os discípulos que se desenvolveram sob seus cuidados achavam maçantes a sua timidez e sua ansiedade para agradar, porém não conseguiam esquecer sua bondade nos tempos em que frequentavam as salas de aula, e sempre a tratavam com um sentimento que não era apenas de urbanidade. Assim, Cecília sorriu-lhe e Charles indagou:

— Bem, Addy, como vai você hoje? — Eram pequenas atenções que a faziam corar de prazer e gaguejar muito quando respondia.

Agora seus pupilos eram apenas três, pois Theodore, o filho mais jovem da família, fora enviado recentemente para Eton. Selina, donzela de 16 anos, de aparência atraente, foi sentar-se ao lado da irmã no banco do piano; Gertrude, aos 12 anos, prometendo rivalizar com Cecília em beleza, e Amabel, uma menina robusta de 10 anos, lançaram-se sobre o irmão, com ruidosas manifestações de prazer ao vê-lo, e lembretes um tanto ruidosos de uma promessa que ele lhes fizera de jogar loto da próxima vez que passasse uma noite em casa. A Srta. Adderbury, gentilmente convidada por Lady Ombersley a sentar-se ao lado do jogo, emitia um tímido som gutural, semelhante a um cacarejo, em sinal de reprovação por essa exuberância. Não tinha esperança de ser atendida, porém ficou mais calma ao observar que Lady Ombersley olhava o grupo em redor de Charles com um sorriso amoroso. Na realidade, Lady Ombersley desejava que Charles, tão popular com as crianças, pudesse resolver-se a ser igualmente gentil com o irmão e a irmã mais próximos dele em idade. No Natal tinha ocorrido uma cena bastante dolorosa, quando os débitos do pobre Hubert em Oxford foram descobertos.

A mesa de jogo fora preparada, e Amabel já estava contando as fichas de madrepérola sobre a toalha de baeta verde. Cecília pediu para ser dispensada do jogo, e Selina, que teria gostado de jogar, mas sempre considerava importante seguir o exemplo da irmã, afirmou que considerava o loto profundamente tedioso. Charles não deu atenção a isso, mas ao passar por trás do banco do piano, em sua ida para buscar as carteias que se achavam num armário alto de marchetaria, curvou-se para dizer algo no ouvido de Cecília. Observando com ansiedade, Lady Ombersley não pôde ouvir o que era, mas viu, com o coração desalentado, que tivera o efeito de fazer Cecília corar até a raiz dos cabelos, após o que ela se levantou do banco e dirigiu-se à mesa, dizendo que muito bem, jogaria um pouquinho. Assim, Selina também cedeu, e depois de pouquíssimos minutos as duas jovens faziam tanta algazarra quanto as menores, e riam o suficiente para fazer um observador imparcial pensar que uma havia esquecido a diferença de idades e a outra sua sensibilidade ferida. Lady Ombersley pôde afastar sua atenção da mesa e dedicar-se a um diálogo agradável com a Srta. Adderbury.

A Srta. Adderbury já soubera por Cecília da próxima visita de Sofia e era toda animação para comentar o assunto com Lady Ombersley. Compreendia os sentimentos da patroa sobre o acontecimento, unia-se a ela suspirando ante a situação melancólica de uma jovem órfã de mãe aos cinco

anos; concordava com seus planos para acomodar e distrair a sobrinha e, ao mesmo tempo que deplorava a irregularidade na educação de Sophia, afirmava estar certa de que descobririam nela uma jovem muito encantadora.

— Sei que sempre posso contar com você, Srta. Adderbury — disse Lady Ombersley. — Um consolo e tanto para mim!

A Srta. Adderbury não fazia ideia do que Lady Ombersley ia exigir dela, mas não pediu esclarecimentos, o que foi bom, pois a patroa também não fazia ideia e proferira a frase gratificante levada apenas pelo desejo vago de agradar. A Srta. Adderbury replicou:

— Oh, Lady Ombersley! Tão bondosa!... Tão amável!... — e estava quase pronta a romper em lágrimas diante da prova de tanta confiança depositada numa pessoa tão insensível como ela. Com muito fervor esperava que Lady Ombersley jamais descobrisse que estimula uma serpente em seu seio; e, desconsolada, lamentava a carência de firmeza que a impossibilitava de resistir às persuasões da sua querida Srta. Rivenhall. Dois dias antes ela permitirá que o jovem Sr. Fawnhope se unisse ao grupo no passeio pelo Green Park, e, pior ainda, não fizera objeção a que ele ficasse para trás com Cecília. Na verdade, Lady Ombersley não mencionara a infeliz paixão de Cecília, nem ordenara que se repudiasse o Sr. Fawnhope; contudo a Srta. Adderbury era filha de um clérigo (misericordiosamente falecido) de rígidos e severos princípios morais, e ela sabia que essa desculpa apenas agravava sua falta.

Esses pensamentos foram interrompidos por uma nova observação feita por Lady Ombersley em tom baixo e com um olhar em direção à mesa de jogo na outra extremidade do aposento.

— Estou convencida de que não tenho necessidade de lhe dizer, Srta. Adderbury, que ultimamente temos andado um pouco inquietos devido a um desses caprichos a que as moças estão sujeitas. Não direi-mais nada, mas poderá avaliar o quanto ficarei contente ao receber minha sobrinha. Cecília tem estado muito sozinha, e as irmãs não têm idade para lhe servirem de companhia, como deve ocorrer com a prima. Tenho esperança de que, ao se esforçar por fazer a querida Sofia sentir-se à vontade entre nós — pois a coitadinha ficará lamentavelmente perdida no meio de uma família tão grande, acho eu —, e ao mostrar-lhe como deve proceder em Londres, ela terá muito com que se ocupar, dando outro rumo aos seus pensamentos.

Essa perspectiva só agora se apresentava à Srta. Adderbury, porem ela a recebeu com entusiasmo, e estava certa de que tudo correria exatamente como Lady Ombersley esperava.

— Oh, sim, de fato! — exclamou. — Nada poderia ser melhor! Tanta condescendência de sua parte... Pelo que a querida Srta. Rivenhall disse, pude deduzir... mas ela é uma jovem tão encantadora! Sei que irá dedicar-se à prima menos afortunada! Para quando espera a Srta. Stanton-Lacy, querida Lady Ombersley?

— Sir Horace não pôde me dar uma informação muito precisa — respondeu Lady Ombersley. — Mas soube que ele pretende partir para a América do Sul quase que imediatamente. Sem dúvida minha sobrinha estará em Londres muito em breve. De fato, amanhã mandarei a governanta preparar um quarto para ela.

III

TODAVIA, FOI só uma semana depois da Páscoa que Sofia chegou a Berkeley Square. A única notícia recebida pela tia durante os dez dias intermediários foi um bilhete curto, escrito às pressas pelo irmão, informando-a de que a missão dele se atrasara um pouco, mas que ela seguramente veria a sobrinha logo. As flores que Cecília arrumara com muito capricho no quarto da prima murcharam e tiveram de ser jogadas fora; e a Sra. Ludstock, uma governanta meticulosa em seus cuidados, precisou arejar os lençóis duas vezes antes que, no meio de uma brilhante tarde de primavera, uma carruagem puxada por quatro cavalos, abundantemente salpicada de lama, parasse à porta da casa.

Aconteceu que Cecília e Selina tinham ido passear no parque com a mãe, e acabavam de voltar para casa cerca de cinco minutos antes. Todas três estavam a ponto de subir as escadas quando o Sr. Hubert Rivenhall desceu-as, saltitando e dizendo:

— Deve ser a prima, pois há uma bagagem enorme no teto da carruagem! Que cavalo! Santo Deus, jamais vi uma criatura de carne e osso tão extraordinária!

Esse discurso impulsivo fez as três mulheres olharem para ele com os olhos arregalados de espanto. O mordomo, que havia apenas um minuto se afastado do vestibulo, voltou com seus auxiliares, caminhou pelo chão de mármore até a porta da frente, anunciando com uma reverência para sua patroa que ele suspeitava que a Srta. Stanton-Lacy acabava de chegar. Os auxiliares abriram as portas de par em par, e as senhoras tiveram uma nítida visão não só da carruagem de luxo com cavalos ajaezados e lacaios de libré, como também dos rostos espantados e curiosos dos membros mais jovens da família, que tinham estado jogando pingue-pongue no jardim da casa e agora se apinhavam junto às grades, contemplando, apesar dos protestos da Srta. Adderbury, o animal que fizera Hubert precipitar-se correndo pelas escadas.

A chegada da Srta. Stanton-Lacy sem dúvida foi impressionante. Quatro cavalos de corrida puxavam sua carruagem, dois criados a cavalo acompanhavam o veículo, e atrás vinha um palafrenero de meia-idade, conduzindo um esplêndido animal negro. Os degraus da carruagem foram baixados, a porta se abriu e saltou um galgo italiano, seguido um instante depois por uma mulher de aparência lúgubre, segurando uma valise, três sombrinhas e uma gaiola. Por último, desceu a própria Srta. Stanton-Lacy, que, agradecendo ao lacaios que lhe oferecia a mão para ajudá-la, pediu-lhe para, em vez disso, segurar seu pobrezinho Jacko. Descobriu-se logo que o pobrezinho Jacko era um mico, o qual usava um casaco vermelho. No momento em que o pequeno animal começou a revelar-se para o grupo de crianças, elas passaram rapidamente pela escandalizada preceptora, escancararam o portão do jardim, e saíram para a rua, tropeçando umas nas outras e gritando:

— Um mico! Ela trouxe um mico!

Nessa altura, Lady Ombersley, imóvel como se estivesse enraizada na soleira da porta, percebeu, com violenta indignação, que a imagem que seu irmão, o cavalheiro de grande estatura e ampla compleição, tinha da filha era ilusória. A pequena Sophy de Sir Horace, sem sapatos, teria cerca de 1,70 de altura, e a constituição física da Sophy real revelava linhas generosas: uma criatura de pernas longas, busto farto, rosto risonho e abundância de cachinhos castanhos acetinados sob um dos mais vistosos chapéus que seus primos já tinham visto. Vestia uma pelica abotoada até o pescoço, uma estola de zibelina bem longa

que lhe escorregava dos ombros, e um enorme regalo também de zibelina. Este, contudo, ela passou às mãos do segundo laçao para poder cumprimentar melhor Amabel, que foi a primeira a alcançá-la. Aturdida, a tia observava-a inclinar-se graciosamente para a menina, apanhar suas mãos e dizer sorridente:

— Sim, sim, sou eu mesma, sua prima Sofia, mas por favor, queira me chamar de Sophy. Se alguém me chamar de Sofia vou me sentir desacreditada, o que é uma coisa muito desagradável. Como se chama você?

— Amabel, e oh, por favor, posso falar com o mico? — gaguejou a mais jovem Srta. Rivenhall.

— É claro que pode, pois eu o trouxe para você. Apenas seja um pouco gentil com ele no princípio, porque ele é tímido, sabe?

— Trouxe-o para *mim!* — disse Amabel, com voz sufocada, muito pálida pela excitação.

— Para vocês todos — declarou Sophy, abraçando Gertrude e Theodore num sorriso afetuoso. — E também o papagaio. Vocês gostam mais de bichos do que de brinquedos e livros? Eu sempre gostei mais, por isso achei que provavelmente o mesmo aconteceria com vocês.

— Prima! — exclamou Hubert, intrometendo-se com a certeza fervorosa dos jovens de que a nova parenta avaliara seus gostos com uma precisão absolutamente sem precedentes, apesar da experiência que tinham com adultos. — Aquele cavalo é *seu!*

Ela virou-se, examinando-o com sinceridade descontraída, o sorriso ainda em seus lábios.

— Sim, é Salamanca. Gostou dele?

— Santo Deus! Eu diria que sim! É espanhol? Você o trouxe de Portugal?

— Prima Sophy, como se chama seu cachorrinho? Qual é a raça dele?

— Prima Sophy, o papagaio fala? Addy, será que podemos conservá-lo na sala de aula?

— Mamãe, mamãe, prima Sophy nos trouxe um mico!

Esta última exclamação ruidosa, de Theodore, fez Sophy olhar rapidamente ao seu redor. Ao perceber a tia e duas outras primas na entrada, ela subiu correndo os degraus, a exclamar:

— Querida tia Elizabeth! Queira me perdoar! Estava travando conhecimento com as crianças! Como vai? Sinto-me tão contente por estar com vocês! Obrigada por me deixar vir para cá!

Lady Ombersley ainda estava aturdida, agarrando-se febrilmente a uma imagem que se desvanecia com rapidez, da tímida sobrinha da sua imaginação; contudo, diante dessas palavras, aquela insípida imagem foi lançada no limbo das coisas não lamentadas e esquecidas. Apertou Sophy em seus braços, erguendo o rosto para o rosto afogueado mais alto que o dela, dizendo com voz trémula:

— Querida, querida Sophy! Tão alegre! Tão parecida com seu pai! Seja bem-vinda, querida, seja bem-vinda!

Inteira e tolhida pela surpresa, só alguns instantes depois ela pôde dominar-se o bastante para apresentar Sophy a Cecília e Selina. Sophy arregalou os olhos ao ver Cecília e exclamou:

— Você é Cecília? Mas é tão bonita! Por que não me lembrava disso?

Cecília, que andava se sentindo bastante acabrunhada, começou a rir. Não se poderia desconfiar que Sophy dissesse coisas como aquela só para agradar. Ela dizia exatamente o que lhe vinha à cabeça.

— Bem, *eu* também não me lembrava! — retorquiu. — Pensei que fosse uma priminha trigueira, só pernas e cabelos emaranhados!

— Certo, mas sou isso... Oh, cabelos emaranhados não, talvez só pernas, garanto-lhe, e horrivelmente trigueira! Eu não me tornei uma beldade! Sir Horace diz sempre que devo abandonar quaisquer pretensões — *Q* *ele é* um juiz mesmo, saiba disso!

Sir Horace tinha razão. Sophy jamais seria uma beldade. Era muito alta; tanto o nariz quanto a boca eram grandes demais; e seus expressivos olhos cinzentos dificilmente seriam suficientes para compensar esses defeitos. Mas ninguém poderia esquecer Sophy, mesmo se não pudesse lembrar da forma do seu rosto ou da cor dos seus olhos.

Ela voltou-se novamente para a tia.

— Poderiam seus criados indicar a John Potton onde alojar Salamanca, senhora? Só por esta noite! É um quarto para ele mesmo? Providenciarei tudo logo que tiver aprendido a me desembaraçar!

O Sr. Hubert Rivenhall apressou-se a garantir-lhe que conduziria John Potton aos estábulos. Ela sorriu e agradeceu, e Lady Ombersley disse que havia lugar de sobra para Salamanca, e que ela não devia importunar a cabeça com tais assuntos. Mas Sophy parecia estar determinada a importunar sua cabeça, pois respondeu rapidamente:

— Não, não, meus cavalos não devem ser um fardo para a senhora, querida tia! Sir Horace encarregou-me particularmente de tomar minhas próprias providências, caso eu devesse manter um estábulo, e, na verdade, pretendo fazer isso! Contudo, por esta noite, seria tão gentil de sua parte!

Agora já havia o suficiente para fazer o cérebro da tia vacilar. Que espécie de sobrinha era essa que pretendia manter o próprio estábulo, tomar providências particulares, e que chamava o pai de Sir Horace? Foi aí que Theodore forneceu uma distração para as suas ideias, aparecendo com o apavorado mico preso nos braços. Pediu-lhe para falar com Addy que ele podia levar o animal para a sala de aula, visto que a prima Sophy o dera a eles. Lady Ombersley esquivou-se do mico, e disse debilmente:

— Meu querido, eu acho que não... oh, meu Deus, o que Charles irá dizer? Charles não é tão tolo para ter medo de um mico! — declarou Theodore. — Oh, mamãe, por favor, diga a Addy que podemos conservá-lo.

— Sei que Jacko não vai morder ninguém! — garantiu Sophy. — Eu o mantive a meu lado uma semana, e ele é uma criatura gentil! Não vai banilo, Srta... Srta. Addy? É o seu nome?

— Srta. Adderbury, mas sempre a chamamos de Addy! — explicou Cecília.

— Como vai? — Sophy cumprimentou, estendendo a mão. — Perdoe-me! Foi impertinência, porém eu não sabia! Permite que as crianças conservem o pobre Jacko?

Entre o desalento de ser obrigada a aceitar um mico na sala e o desejo de agradar essa moça tão resplandecente, que lhe sorria de maneira gentil e lhe estendia a mão com sincera afabilidade, a Srta. Adderbury perdeu-se num emaranhado de meias sentenças. Lady Ombersley disse que deviam consultar Charles, o que imediatamente foi interpretado como permissão para levar Jacko à sala de aula. Nenhuma das crianças tinha um conceito tão desagradável do irmão a ponto de acreditar que ele faria a menor objeção à presença desse animalzinho de estimação. Em seguida Sophy foi conduzida ao Salão Azul, onde imediatamente depositou sua estola e regalo de zibelina numa cadeira, desabotoou a pelica e retirou o elegante chapéu. Puxando-a afetuosamente para que se sentasse ao seu lado no sofá, a tia

perguntou-lhe se estava cansada devido à longa viagem, e se gostaria de fazer uma pequena refeição.

— Não, obrigada! Nunca fico cansada, e embora fosse um pouco maçante, não posso considerar esta uma *viagem*! — respondeu Sophy. — Eu teria estado com a senhora esta manhã, mas fui obrigada a ir primeiro a Merton.

— Ir primeiro a Merton? — repetiu Lady Ombersley. — Mas por quê, meu bem? Você tem amigos lá?

— Não, não, mas Sir Horace assim o determinou especificamente!

— Minha querida, você sempre chama seu pai de Sir Horace? — perguntou Lady Ombersley.

Os olhos cinzentos começaram a dançar outra vez,

— Sempre não, se ele me deixa muito *zangada* eu o chamo de papai! — respondeu Sophy. — É a coisa que ele mais detesta! Pobre anjo, é bastante lamentável o fato de ele ficar sobrecarregado com uma filha, e ninguém poderia supor que aguentasse isso. — Ela percebeu que a tia ficara um pouco chocada, e acrescentou com sua franqueza desconcertante: — A senhora não aprova isso. Lamento muito, porém ele é um pai maravilhoso e eu o amo ternamente! Mas sabe, uma de suas máximas é que jamais se deve permitir que a parcialidade nos deixe insensíveis aos defeitos de uma pessoa.

A assustadora proposta de que uma filha devesse ser encorajada a observar as faltas do pai horrorizou tanto Lady Ombersley que ela não conseguiu pensar numa resposta. Selina, que gostava de chegar ao fundo das questões, perguntou por que Sir Horace desejara que Sophy fosse a Merton.

— Apenas para levar Sancia ao seu novo lar — explicou Sophy. — Foi por isso que vocês me viram com todos aqueles ridículos criados a cavalo, acompanhando a carruagem. Nada iria convencer a pobre Sancia de que as estradas inglesas não estão infestadas de bandidos e guerrilheiros!

— Mas quem é Sancia? — indagou Lady Ombersley, com certo desnorteamento.

— Oh, é a Marquesa de Villacanãs! Sir Horace não mencionou seu nome? A senhora vai gostar dela; na verdade, deve gostar dela! É bastante bronca e sobretudo indolente, como todos os espanhóis, porém tão bonita e tão bondosa! — Ela agora percebia que a tia estava inteiramente perplexa, e suas sobranceiras retas e um tanto grossas se juntavam. — Não sabe? Ele não lhe contou? Ora, que indignidade da parte dele! Sir Horace vai casar-se com Sancia.

— *O quê?* — exclamou Lady Ombersley, com voz sufocada.

Sophy inclinou-se para a frente para tomar-lhe a mão e apertá-la, num gesto lisonjeiro.

— Isso mesmo, ele de fato vai se casar, e a senhora deve ficar contente, por favor, porque ela vai corresponder-lhe muito bem. É viúva e extremamente rica.

— Uma espanhola! — exclamou Lady Ombersley. — Ele jamais mencionou uma palavra disso para mim!

— Sir Horace diz que explicações são muito aborrecidas — disse Sophy, à guisa de desculpa. — Ouso afirmar que talvez achasse que levaria muito tempo explicando. Ou — ela acrescentou, com uma expressão maliciosa no olhar — que eu faria isso por ele!

— Nunca ouvi falar numa coisa dessas! — disse Lady Ombersley, quase levada à cólera. — Muito próprio de Horace! E quando, por favor, minha querida, ele pretende casar com essa marquesa?

— Bem — respondeu Sophy, muito séria —, imagino que foi por isso que ele não se interessou em

explicar tudo à senhora. Sir Horace só pode se casar com Sancia quando eu não estiver mais nas mãos dele. É tão constrangedor, pobrezinho! Prometi esforçar-me ao máximo, mas *não posso* comprometer-me a casar com alguém de quem eu não goste! Ele compreende perfeitamente meus sentimentos. Isto direi a favor de Sir Horace, ele jamais é injusto!

Lady Ombersley tinha opinião muito forte de que essas observações de modo algum eram convenientes aos ouvidos de suas filhas, mas não via meio de detê-las. Selina, ainda se aprofundando nas questões, perguntou:

— Por que seu pai não pode se casar até que você o faça, Sophy?

— Por causa de Sancia — respondeu Sophy prontamente. — Sancia diz que não quer absolutamente ser minha madrastra.

Lady Ombersley foi atingida até o âmago do seu ser.

— Minha pobre filha! — exclamou, depositando a mão no joelho de Sophy. — Você é tão corajosa, mas pode confiar em mim! Ela tem ciúmes de você. Creio que os espanhóis possuem natureza ciumenta das mais chocantes! Que infortúnio para Horace! Se eu tivesse sabido disso! Ela não é bondosa, Sophy? Não gosta de você?

Sophy explodiu numa gargalhada.

— Oh, não, não, não! Estou certa de que jamais deixou de gostar de alguém em toda sua vida! O caso é que se ela se casar com Sir Horace enquanto eu ainda estiver sob a responsabilidade dele, todos vão esperar que ela se comporte comigo como mãe, e ela é preguiçosa demais! Além disso, com a melhor boa vontade do mundo eu também poderia continuar controlando Sir Horace, sua casa e tudo que estou acostumada a fazer. Discutimos sobre o assunto, e só posso ver que há muita verdade no que ela diz. Contudo, quanto a ciúmes, não mesmo! Ela é bonita demais para ter ciúmes de mim, e muito bondosa também. Diz que tem por mim o maior afeto imaginável, mas não quer compartilhar a mesma casa. Não a culpo. Por favor, não pense que a culpo!

— Ela me dá a impressão de um tipo muito estranho de mulher declarou Lady Ombersley de modo reprovador. — E por que vive em Merton?

— Oh, Sir Horace alugou lá a mais bela vila para Sancia! Ela pretende viver isolada até ele regressar à Inglaterra. Isso é porque — disse Sophy, com um gorgolejar de júbilo — Sancia é muitíssimo indolente. Permanece deitada na cama até a metade da manhã, come grande quantidade de doces, lê muitos romances e fica satisfeitíssima quando vê algum de seus amigos que se dão ao trabalho de visitá-la. Sir Horace diz que ela é a fêmea mais tranquila do seu círculo de amizades. — Sophy curvou-se para afagar seu cãozinho, que estivera o tempo todo sentado a seus pés. — Exceto Tina, é claro! Querida senhora, espero que goste de cães, sabe? Ela é muito boazinha, garanto, e não poderia desfazer-me dela!

Lady Ombersley garantiu-lhe que não fazia objeção a cães, mas não era de modo algum apreciadora de macaquinhos. Sophy riu e respondeu:

— Oh, meu Deus! Foi errado da minha parte trazê-lo para as crianças? Só que quando o vi, em Bristol, ele me pareceu ser exatamente o presente apropriado! E agora que o dei, acho que será difícil convencê-las a renunciar a ele.

Lady Ombersley achava que seria praticamente impossível, e como parecia não haver mais nada a ser dito sobre o assunto, e ela se sentia muito confusa com as diversas revelações da sobrinha, sugeriu que

Cecília acompanhasse Sophy até o quarto dela, onde sem dúvida a jovem gostaria de descansar um pouco antes de mudar de vestido para o jantar.

Cecília levantou-se com entusiasmo, pronta a acrescentar seus argumentos aos da mãe se fosse necessário. Imaginava que Sophy não desejava descansar, pois o pouco que vira da prima bastara para convencê-la de que uma criatura de tão grande vitalidade raramente estaria necessitando de repouso. Porém sentia-se sobremodo atraída por Sophy e estava ansiosa para fazer amizade com ela o mais rápido possível. Assim, quando descobriram que a criada de Sophy desfazia as malas no quarto, pediu à prima que fosse ao quarto dela para conversarem um pouco. Selina, achando que não seria admitida a esse *tête-à-tête*, fez cara feia, mas afastou-se, encontrando consolo da ideia de que a ela caberia a tarefa agradável de descrever à Srta. Adderbury cada detalhe da conversa de Sophy no Salão Azul.

Cecília era de temperamento tímido, e embora suas maneiras carecessem da intimidante reserva que a diferenciava do irmão mais velho, jamais eram confidenciais. Contudo, poucos minutos depois ela se viu desabafando com a prima, revelando pelo menos alguns dos problemas da sua situação. Sophy ouviu-a com interesse e simpatia, mas a repetição constante do nome do Sr. Rivenhall pareceu confundi-la, e logo interrompeu para dizer:

— Queira me perdoar, mas esse Charles... não é seu irmão?

— Meu irmão mais velho — esclareceu Cecília.

— Bem, foi o que deduzi. Mas que direito tem ele de se manifestar dessa maneira?

Cecília suspirou.

— Logo descobrirá, Sophy, que nada pode ser feito nesta casa sem a aprovação de Charles. É ele quem dá ordens para tudo, providencia tudo, governa tudo!

— Ora, deixe-me entender isso! — replicou Sophy. — Meu tio não morreu, morreu? Estou certa de que Sir Horace jamais me contou a respeito.

— Oh, não morreu! Mas papai... eu não devia estar falando dele e, é claro, e não sei exatamente... mas acho que o pobre papai estava em dificuldades! De fato, eu sei que era isso, porque certa vez encontrei minha mãe muito aflita, e ela me contou alguma coisa, mas estava tão perturbada que mal sabia o que fazia. De um modo geral, jamais diria uma palavra sobre papai a qualquer um de nós... exceto Charles, imagino, e acho que Maria também, agora que é uma senhora casada. Exatamente nessa época meu tio-avô Mathew morreu, e deixou toda a fortuna para Charles, e não sei precisamente como foi, mas creio que Charles fez algo com hipotecas. Ô que quer que tenha sido, parece que colocou papai completamente sob o seu poder. E estou certíssima de que é Charles quem paga para Hubert e Theodore estudarem, além de saldar todas as dívidas, pois isso mamãe me disse.

— Meu Deus, como deve ser constrangedor para seu pai! — comentou Sophy. — Meu primo Charles parece a mais desagradável das criaturas.

— Ele é totalmente *odioso*! — disse Cecília. — Às vezes penso que sente prazer em deixar todos infelizes, pois não duvido que nos concede de má vontade o mínimo prazer, e só está ansioso para nos casar com homens *respeitáveis* com grandes fortunas, praticamente de meia-idade, sóbrios e que não fazem nada a não ser apanhar caxumba!

Como Sophy era muito inteligente para imaginar que esse discurso exacerbado era apenas de caráter geral, imediatamente pressionou Cecília a lhe contar mais sobre o homem respeitável com caxumba, e

depois de pequena hesitação e muito rodeio, Cecilia não só revelou que um casamento entre ela e Lord Charlbury fora combinado (embora ainda não anunciado), mas também obsequiou-a com um retrato falado do Honorable Augustus Fawnhope que deve ter se assemelhado ao frenesi do delírio para alguém que ainda não tivera o privilégio de ver aquele rapaz bonito. Mas Sophy já conhecia o Sr. Fawnhope, e em vez de convencer a prima a deitar-se na cama com uma dose de calmante, ela disse da maneira mais prosaica:

— Sim, é verdade. Jamais vi Lord Byron, mas me disseram que ele não se compara ao Sr. Fawnhope. É praticamente o homem mais bonito que já vi.

— Conhece Augustus! — murmurou Cecilia, levando as mãos ao peito palpitante.

— Conheço... quer dizer, ele não me é estranho. Imagino que dancei com ele várias vezes em mais de um baile em Bruxelas, no ano passado. Ele não estava ligado a Sir Charles Stuart, ocupando uma determinada posição?

— Era um de seus secretários, mas Augustus é um poeta e, *é* claro, não tem jeito para negócios de Estado ou de finanças, uma circunstância que desagrade Charles sobremaneira, creio eu! Oh, Sophy, quando nos conhecemos... foi no Salão de Reuniões do Almack, e eu usava um vestido de cetim azul-celeste, todo enfeitado com botões de rosa bordados em linha de seda e laços de fio recurvo prateado... e no mesmo instante em que nos vimos... ele assegurou-me que aconteceu o mesmo com ele! Como poderia eu imaginar que haveria a maior objeção? Os Fawnhopes, você sabe! Ouso afirmar que estão aqui desde a Conquista ou algo semelhante! Se *eu* não ligo a mínima para coisas como fortunas ou títulos, que preocupação é essa de Charles?

— Absolutamente nenhuma — respondeu Sophy rapidamente. — Querida Cecília, não chore, peço-lhe! Diga-me apenas uma coisa! Sua mãe não gosta da ideia de você se casar com o Sr. Fawnhope?

— A minha querida mãe tem grande sensibilidade e estou certa de que ela deve condoer-se de mim! — anuiu Cecília, enxugando os olhos. — Ela praticamente me afirmou isso, mas não ousa opor-se a Charles! Eis, Sophy, o que prevalece nesta casa!

— Sir Horace está *sempre* certo! — disse Sophy, levantando-se e sacudindo as saias para alisá-las. — Desafiei-o a levar-me para o Brasil, você sabe, porque, confesso, eu não podia imaginar como conseguiria ocupar-me em Londres, sem nada mais para fazer a não ser distrair-me na casa de minha tia. Ele garantiu-me que eu encontraria algo com que me ocupar, e você pode ver que ele soube avaliar rigorosamente a situação! Será que ele ficou a par disso tudo? Minha querida Cecília... oh, posso chamá-la Cecy? Cecilia! Um nome muito comprido! Confie em mim! Você entregou-se a um acesso de desânimo e não existe a mínima necessidade! De fato, nada seria mais prejudicial numa situação difícil! Faz a pessoa imaginar que não há nada a ser feito, quando uma pequena dose de coragem é tudo que se precisa para conduzir as dificuldades a uma conclusão feliz. Preciso ir para o meu quarto e vestir-me para o jantar ou ficarei atrasada, nada é mais odioso do que um hóspede que chega atrasado às refeições!

— Mas, Sophy, o que pretende? — perguntou Cecilia, com voz sufocada. — O que *pode* fazer para me ajudar?

— Não tenho a mínima ideia, mas ousa afirmar uma centena de coisas. Tudo que me contou me faz crer que você se deixou dominar — vocês todos se deixaram — por um estado de melancolia chocante! Seu irmão! Santo Deus, onde vocês estavam que o deixaram transformar-se num tirano assim? Ora, eu não permitiria jamais que Sir Horace se tornasse prepotente, uma coisa que o melhor dos homens faz se

as mulheres da família são tolas o suficiente para encorajá-los! Não é bom para eles, acaba por torná-los uns rematados maçantes! Charles é um rematado maçante? Estou certa de que deve ser! Não importa! Se o capricho dele é fazer casamentos vantajosos, ele vai procurar à sua volta um marido para mim, e isso irá distraí-lo. Cecy, por favor, venha até meu quarto! Sir Horace quis que eu escolhesse mantilhas para você e minha tia, e acho que, a esta altura, Jane já deve tê-las tirado das malas. Que boa ideia da minha parte ter escolhido uma de cor branca para você! Ainda estou bastante morena para usar o branco, mas você ficará encantadora!

Em seguida, arrastou Cecília para o seu quarto, onde encontrou as mantilhas cuidadosamente embrulhadas em papel prateado, uma das quais levou imediatamente ao quarto de vestir de Lady Ombersley, declarando que Sir Horace a encarregara de oferecer o presente, com todo seu amor à querida irmã. Lady Ombersley ficou encantada com a mantilha, preta e particularmente bonita; e muito comovida (como mais tarde disse a Cecília) com a mensagem que viera junto, não acreditando em uma só palavra, mas que demonstrou, disse ela, a delicadeza atenciosa da sobrinha.

À hora em que Sophy já mudara seu traje de viagem por um vestido de noite de crepe verde-claro, festonado na barra com um precioso enfeite de seda e um cordão de vários fios torcidos e borlas para marcar a cintura, Cecilia completara a própria toalete e estava esperando para acompanhá-la ao *living* no andar de baixo. Sophy procurava fechar um colar de pérolas no pescoço, enquanto a lúgubre criada, suplicando-lhe para não ficar tão agitada, se ocupava em abotoar na altura dos punhos as luvas de cano longo. Cecilia, trajada com elegância, porém não exageradamente, em musselina estampada de raminhos e com uma faixa azul, calculou invejosamente que o vestido de Sophy fora feito em Paris. Estava absolutamente certa; quase todos os vestidos de Sophy eram de Paris.

— Um consolo, ao menos — disse Cecilia ingenuamente —, é que vai desagradar muito a Eugenia.

— Santo Deus, quem é Eugenia? — exclamou Sophy, voltando-se repentinamente no tamborete da penteadeira. — Por que desagradaria a ela? Não o acha feio, acha?

— Srta. Sophy, com os diabos, *quer* ficar quieta? — atalhou Jane Storridge, dando-lhe uma sacudidela.

— Não, é claro que não acho! — respondeu Cecilia. — Mas Eugenia nunca usa vestidos modernos. Diz que existem coisas mais importantes para se pensar do que em vestidos.

— Que coisa idiota para se dizer! — comentou Sophy. — Naturalmente que há, mas não quando alguém está se vestindo para o jantar, creio eu. Quem é ela?

— A Srta. Wraxton. Charles está noivo dela, e mamãe mandou me avisar alguns minutos atrás que ela vai jantar aqui hoje. Todos nós nos esquecemos disso no alvoroço da sua chegada. Acho que ela já deve estar no *living*, pois é sempre muito pontual. Você está pronta? Vamos descer?

— Se ao menos a minha querida Jane pudesse apressar-se um pouco! — replicou Sophy, estendendo o outro braço para a criada e lançando um olhar maroto para a Srta. Storridge, cujo rosto exibía uma expressão de censura.

A criada sorriu um tanto severa, mas nada disse. Abotoou os botõezinhos, ajeitou a echarpe bordada com fio dourado, de modo a criar um drapeado, nos cotovelos da sua patroa, e assentiu ligeiramente com a cabeça em sinal de aprovação. Sophy curvou-se e beijou-a no rosto, dizendo:

— Obrigada! Vá deitar-se, não pense que a deixarei me despir, garanto-lhe que não deixarei! Boa

noite, querida Jane!

Muito espantada, Cecília disse, enquanto desciam as escadas: — Quero crer que ela está com você há muito tempo, não? Desconfio que mamãe ficaria boquiaberta se visse você beijar sua criada!

Sophy ergueu as sobrancelhas ao ouvir isso.

— É mesmo? Jane era a criada de minha mãe, e minha bondosa babá quando mamãe morreu. Espero não fazer nada pior para deixar minha tia boquiaberta.

— Oh! É claro que ela compreenderia perfeitamente as circunstâncias! — Cecília apressou-se em dizer. — Só que me pareceu tão estranho, você sabe?

Uma faísca decidida no olhar firme da prima parecia indicar que ela não gostara muito daquela crítica à sua conduta, mas como já haviam chegado à porta da sala de estar, ela se manteve calada enquanto a introduziam no aposento.

Lady Ombersley, seus dois filhos mais velhos e a Srta. Wraxton formavam um grupo, sentados ao redor do fogo. Quando a porta se abriu, todos se voltaram, e os dois cavalheiros levantaram-se — Hubert fitando a prima com admiração sincera, Charles examinando-a com ar crítico.

— Aproxime-se, querida Sophy! — Lady Ombersley disse, num tom cordial. — Veja, estou usando sua linda mantilha e não o meu xale! Que renda delicada! A Srta. Wraxton a esteve admirando muito. Minha querida Eugenia, permita-me apresentar-lhe a Srta. Stanton-Lacy. Cecília já lhe deve ter contado, Sophy, que logo teremos o prazer de receber a Srta. Wraxton como membro da nossa família.

— Contou, realmente! — confirmou Sophy, sorrindo, e estendendo a mão. — Desejo que seja muito feliz, Srta. Wraxton, e meu primo também. — Depois de ter apertado rapidamente a mão da Srta. Wraxton, virou-se e estendeu-a novamente para Charles. — Como vai?

Ele cumprimentou-a, e descobriu que estava sendo examinado exatamente da mesma maneira crítica como o fizera. Isso o surpreendeu, mas divertiu-o também, e ele sorriu.

— Como vai? Não direi que me lembro muito bem de você, prima, porque estou certo de que nenhum de nós guardou a mínima lembrança do outro. ,

Ela riu.

— É bem verdade! Nem mesmo tia Elizabeth conseguiu lembrar-se de mim! Primo... Hubert, não é?... diga-me, por favor, como estão Salamanca e John Potton. Cuidou para ambos ficarem alojados em segurança?

Ela afastou-se um pouco para o lado, ao falar com Hubert. Lady Ombersley, que estivera observando o filho com ansiedade, ficou aliviada ao ver que ele parecia perfeitamente amável, até mesmo bastante compreensivo. Um meio sorriso permanecia em seus lábios, e ele continuou a observar Sophy até que a noiva chamou sua atenção.

A Honorable Eugenia Wraxton era uma moça esguia, de altura um pouco acima da média, que estava acostumada a se ver descrita como uma jovem alta e elegante. Seus traços eram aristocráticos e, de um modo geral, consideravam-na bonita embora um pouco insípida. Estava trajada adequadamente, porém com grande modéstia; seu vestido de crepe cinza, com matiz sóbrio, parecia indicar um estado de luto. O cabelo, que ela usava em bandós caprichados, tinha uma tonalidade suave entre o castanho e o louro; possuía mãos e pés longos e finos; e um busto magro que, entretanto, raramente era visto, pois sua mãe se opunha tenazmente aos decotes amplos como (por exemplo) o que a Srta. Stanton-Lacy estava

usando. Era filha de um conde, e embora fosse sempre cuidadosa para não demonstrar orgulho, tinha plena consciência do seu valor. Suas maneiras eram graciosas, e ela se esforçava para deixar as pessoas à vontade. Sua intenção fora ser especialmente encantadora com Sophy, mas, ao se levantar para cumprimentá-la, fitou-a com um ar de soberba espontânea que muito lhe dificultou expressar o encanto. Por um instante sentiu-se um pouco perturbada, mas logo superou isso e disse a Charles em voz baixa, com seu sorriso tranquilo:

— Como a Srta. Stanton-Lacy é alta! Sinto-me até menor.

— Sim, é bem alta — ele confirmou.

A noiva não pôde deixar de ficar satisfeita; aparentemente, Charles não admirava a prima. Embora Eugenia percebesse, num exame mais apurado, que Sophy não era tão bonita quanto ela, sua primeira impressão fora a de uma jovem notável. Percebia agora que ficara seduzida pelo tamanho e brilho dos olhos de Sophy; contudo, as demais características eram menos impressionantes. Comentou:

— Um pouco, talvez, mas é muito graciososa.

Nesse momento Sophy foi sentar-se ao lado da tia, e Charles avistou o fantástico cãozinho galgo que estivera grudado às saias da moça, parecendo não gostar muito de estranhos. Ele ergueu as sobrancelhas e disse:

— Parece que temos duas hóspedes. Qual o nome dela, prima?

Estendeu a mão para afagar o cãozinho, porém Sophy disse:

— Tina. Receio que ela não irá com você, é muito tímida.

— Oh, ela virá, sim! — respondeu ele, estalando os dedos.

Sophy achou o ar de fria segurança do rapaz muito irritante, mas quando viu que ele estava certo, que a cachorrinha, com ar coquete, externava ofertas de amizade, ela o perdoou e sentiu-se inclinada a pensar que ele não podia ser tão mau como diziam.

— Que amor de criaturinha! — exclamou a Srta. Wraxton, amável. — De um modo geral, não gosto de animais dentro de casa. Minha mãe, querida Lady Ombersley, como sabe, jamais permitiu um gato sequer, mas estou certa de que este bichinho seria uma exceção.

— Mamãe tem predileção por filhotes de cachorro — disse Cecília. — Quase sempre temos um, não é, mamãe?

— Do tipo buldogue anão, gordos e supernutridos — disse Charles, fazendo uma careta para a mãe. — Confesso que prefiro esta dama elegante.

— Oh, este não é o filhote mais famoso de prima Sophy — declarou Hubert. — Espere só, Charles, até você ver o que ela trouxe de Portugal!

Lady Ombersley mexeu-se inquieta, pois ainda não revelara ao filho mais velho a novidade de que um mico num casaco vermelho era agora o soberano da sala de aula. Porém Charles disse apenas:

— Sei que trouxe seu cavalo também, prima. Hubert não fala noutra coisa. Espanhol?

— Sim, e treinado por um mameluco maometano. É muito bonito.

— Garanto que você é excelente amazona, prima! — Hubert disse.

— Não sei se sou. Mas tenho sido obrigada a cavalgar muito.

Naquele exato momento a porta abriu-se, mas não, como Lady

Ombersley esperava, para o mordomo participar que, para o seu prazer, o jantar os aguardava. Quem entrou foi o marido, declarando que viera ver apressadamente sua pequena sobrinha antes de dirigir-se ao White's. Lady Ombersley achava que ele não devia ter recusado jantar em casa em atenção à Srta. Wraxton, nem precisava acrescentar esse insólito comportamento, contudo, não deixou a irritação transparecer, dizendo apenas:

— Ela afinal não é tão pequena, meu bem, como pode ver.

— Santo Deus! — exclamou ele, quando Sophy se levantou para cumprimentá-lo. Depois desatou a rir, abraçou-a, e disse: — Ora, ora, ora! Você é quase tão alta quanto seu pai, minha querida! E também muito parecida com ele, agora que a vejo melhor!

— Srta. Wraxton, Lord Ombersley — disse a esposa, com ar de desagrado

— Hein? Oh, sim, como vai? — cumprimentou, concedendo uma alegre inclinação de cabeça à Srta. Wraxton. — Considero-a desde já membro da família e não faço cerimônia com você. Venha sentar-se ao meu lado, Sophy, e conte-me como está seu pai!

Em seguida, levou Sophy para um sofá e mergulhou numa conversa animada, recordando incidentes de trinta anos passados, rindo sinceramente deles, com toda a aparência de alguém que esquecera o compromisso de jantar no clube. Estava sempre bem-disposto para jovens bonitas, e quando acrescentavam vivacidade ao encanto e adivinhavam exatamente como ele gostava de conduzir um flerte, ele se divertia muito na companhia delas e não tinha pressa em deixá-las. Dasset, ao entrar poucos minutos depois para anunciar o jantar, compreendeu a situação imediatamente e, após trocar um olhar com a patroa, retirou-se para providenciar a colocação de mais um lugar à mesa. Quando retornou para fazer agora o anúncio, Lord Ombersley exclamou:

— O quê? Já é hora de jantar? Declaro que jantarei em casa, sem dúvida!

A seguir conduziu Sophy pelo braço, ignorando os direitos de primazia da Srta. Wraxton a essa honra; e enquanto ocupavam seus lugares à mesa de jantar, pediu à sobrinha para informá-lo sobre a fantasia que tinha invadido a cabeça do pai, levando-o a ir para o Peru.

— Peru não, senhor. Para o Brasil — replicou Sophy.

— É quase a mesma coisa, minha querida, e igualmente longe! Jamais conheci um sujeito que viajasse tanto como ele pelo mundo inteiro! Da próxima vez estará indo para a China!

— Não, Lord Amherst foi para a China — informou Sophy. — Em fevereiro, creio. Sir Horace foi indicado para o Brasil porque conhece perfeitamente a questão portuguesa e esperam que seja capaz de convencer o regente a voltar para Lisboa. Ó marechal Beresford tornou-se extremamente impopular, como sabe. Não admira! Ele não é do tipo conciliador e não tem um pinga de tato.

— O marechal Beresford — a Srta. Wraxton informou a Charles, numa voz bem modulada — é amigo de meu pai.

— Então deve perdoar-me por dizer que ele não tem tato — disse Sophy imediatamente, com o seu rápido sorriso. — É bem a verdade, mas ninguém jamais duvidou que seja homem de muitas e excelentes qualidades. Lamentável é que tenha feito um papel de tolo.

Isso fez Lord Ombersley e Hubert rirem, porém a Srta. Wraxton enrijeceu um pouco e Charles lançou um olhar carrancudo para o outro lado da mesa, em direção à prima, como se estivesse

reconsiderando a primeira impressão favorável que tivera dela. A noiva, que sempre se conduzia com rígido decoro, não conseguia, mesmo naquela reunião familiar, conversar com as pessoas do lado oposto da mesa. Mas demonstrou sua educação superior ao ignorar a observação de Sophy, iniciando um diálogo com Charles sobre Dante, com particular referência à tradução do Sr. Cary. Ele a ouvia com delicadeza, e quando Cecília, seguindo o exemplo informal da prima, juntou-se à conversa para expressar a própria preferência pelo estilo de Lord Byron, Charles não fez nenhum esforço para censurá-la, ao contrário, pareceu acolher com muito *prazer* sua entrada na discussão. Sophy aplaudiu com entusiasmo o gosto de Cecília, declarando que seu exemplar de *The Corsair* fora manuseado a ponto de correr o risco de desintegrar-se. A Srta. Wraxton disse que não podia dar uma opinião sobre os méritos desse poema, uma vez que a mãe não permitia nenhuma obra desse autor na sua casa. Como as histórias sobre as dificuldades conjugais de Lord Byron estavam entre as mais escandalosas, *on dit*, da cidade — o boato de tal forma espalhado que, mediante fervorosas solicitações dos amigos, Lord Byron pretendia deixar logo o país —, essa observação imediatamente fez o assunto parecer indesejavelmente vulgar, e todos ficaram aliviados quando Hubert, negando qualquer apreço pela poesia, ficou eufórico ao falar sobre o excelente romance *Waverley*. Aqui, novamente, a Srta. Wraxton foi incapaz de esclarecer o grupo com uma crítica abalizada, porém, cheia de graça, disse que acreditava ser essa obra, como romance, certamente excepcional. Então Lord Ombersley disse que todos eram muito livrescos, mas que o *Guia Turfístico*, de Ruff, era boa leitura para ele, e afastou Sophy da conversa ao fazer-lhe perguntas sobre velhos amigos seus, os quais, por adornarem agora várias embaixadas, ela talvez fosse a pessoa indicada para informar.

Depois do jantar, Lord Ombersley não compareceu à sala de estar. As exigências do faraó, seu jogo de cartas predileto, mostravam-se irresistíveis demais para serem ignoradas, e a Srta. Wraxton, com muito encanto, pediu que deixassem as crianças descer, acrescentando com um sorriso para Charles que não tivera a felicidade de ver seu amiguinho Theodore desde que ele chegara em casa para as festas da Páscoa. Contudo, quando o amiguinho apareceu, um pouco depois, ele trazia Jacko no ombro, o que a fez encolher-se na cadeira e proferir uma exclamação de protesto.

Chegara o momento terrível da revelação — e, graças (Lady Ombersley refletiu amargamente) ao lamentável descontrole da Srta. Adderbury sobre seus jovens pupilos, numa ocasião totalmente errada. Charles, a princípio inclinado a achar graça, mudou de juízo rapidamente devido à evidente reprovação da Srta. Wraxton. Ele disse que, por mais ambientado à sala de aula que um mico pudesse ser, uma questão a discutir mais tarde, não era uma criatura que se ajustasse ao *living* de sua mãe, e mandou Theodore, num tom que não admitia argumentação, retirar Jacko imediatamente. Uma carranca mal-humorada dominou o semblante de Theodore, e, por um horrível instante, a mãe receou ficar em estado de grande agitação, à beira de umacena desagradável. Mas Sophy rapidamente ajudou na emergência, dizendo:

— Sim, leve-o para cima, Theodore! Eu devia ter prevenido você que a coisa que ele mais detesta é ser levado à presença de muitas pessoas! E por favor, apresse-se, pois vou ensinar a vocês um famoso jogo de cartas que aprendi em Viena!

Enquanto falava, ia empurrando o menino para fora da sala, e fechou a porta atrás dele. Ao voltar-se, viu que Charles a fitava com expressão glacial, e disse:

— Caí no seu desagrado por trazer para as crianças um animalzinho que você não aprova? Asseguro-lhe, o mico é realmente bonzinho; você não precisa ter medo dele!

— Não tenho o menor medo dele! — replicou Charles rispidamente. — Extremamente amável de

sua parte ter presenteado as crianças com um mico!

— Charles, Charles! — pediu Amabel, puxando a manga do seu paletó. — Ela nos trouxe também um papagaio, e ele fala admiravelmente! Só que Addy colocou o xale dela sobre a gaiola, dizendo que marinheiros rudes e malcriados o devem ter ensinado a falar. Diga a ela para não cobri-lo!

— Oh, santo Deus, estou praticamente arruinada! — Sophy exclamou, num cómico desalento. — E o homem *garantiu* que a deplorável ave não diria nada que fizesse alguém corar! Bem, o que deve ser feito?

Mas Charles ria. Disse:

— Precisa repetir suas orações para ele todos os dias, Amabel, para colocá-lo em melhor disposição de espírito. Prima, meu tio Horace nos informou que você era boazinha, que não nos causaria problemas. Está conosco menos da metade de um dia. Estremeço ao pensar na devastação que terá provocado no final de uma semana!

IV

NÃO SE PODERIA dizer que o jantar da família de Lady Ombersley fora um sucesso completo, contudo deu origem a muita especulação na mente da maioria dos que estiveram presentes a ele. A Srta. Wraxton, que agarrara a oportunidade proporcionada pelo resto do grupo sentado para um jogo de cartas para aproximar-se de sua futura sogra e entabular uma conversa com ela em voz baixa, voltou para sua casa bastante convencida de que por menos mal-intencionada que Sophy pudesse ser, ela fora pessimamente educada e tinha necessidade de orientação exercida com diplomacia. Revelara a Lady Ombersley que lamentava realmente o fato de que o infortúnio em sua família adiara o dia do seu casamento, pois sentia, com toda a sinceridade, que teria sido um amparo e um conforto para a sogra na sua atual aflição. Quando Lady Ombersley disse, um tanto desafiadora, que não achava a visita da sobrinha uma aflição, a Srta. Wraxton sorriu-lhe para demonstrar quão bem compreendia a corajosa atitude que ela estava determinada a mostrar ao mundo, apertou-lhe a mão e disse que aguardava com ansiedade o momento em que poderia aliviar a querida Lady Ombersley das muitas obrigações que agora caberiam a ela. Como isso só podia se referir ao plano do jovem casal de ocupar um andar da mansão da família, uma profunda depressão abateu-se sobre Lady Ombersley. Não seria uma decisão fora do comum, porém ela conhecia muitos exemplos onde o fracasso de tal arranjo fora provado, notadamente na família Melbourne. Sem dúvida a Srta. Wraxton não tornaria a casa Ombersley abominável com espasmos histéricos ou escândalos assustadores, mas Lady Ombersley obteve pouco conforto dessa certeza. Quase tão insuportável quanto o comportamento frenético de Lady Caroline Lamb seria a determinação da Srta. Wraxton de exercer uma influência benéfica sobre os cunhados e cunhadas e sua convicção de que tinha o dever de carregar nos próprios ombros muitos dos fardos que Lady Ombersley não estava de modo algum ansiosa por abandonar.

Charles, que apreciara a séria conversa de alguns minutos com a noiva antes de conduzi-la a carruagem no final da noite, foi para a cama levando sentimentos confusos. Podia reconhecer a justiça da crítica de Eugenia, mas, uma vez que ele mesmo tendia à franqueza, estava inclinado a apreciar as maneiras francas e honestas de Sophy, e, obstinadamente, recusava-se a concordar com a ideia de que ela se punha em evidência de modo errado. Não achava absolutamente que Sophy o fazia de propósito, mas não era difícil ver que ela começava a introduzir uma atmosfera totalmente nova na casa. Era inegável que fazia isso. E ele não estava certo se aprovava.

Quanto à própria Sophy, recolheu-se ao seu quarto com algo mais para pensar do que seu anfitrião. Parecia-lhe que fixara residência numa casa infeliz. Cecília julgava Charles responsável por isso, e sem dúvida ele era. Todavia, Sophy já não era mais uma colegial, e levava apenas 10 minutos para avaliar Lord Ombersley. Sem dúvida, Charles tivera muito que tolerar da parte dele; e uma vez que o resto de sua família o reverenciava claramente, não era de admirar que um temperamento naturalmente severo e autocrático, por conseguinte irreprimido, o tivesse transformado num tirano doméstico. Sophy não podia acreditar que ele fosse irrecuperável, pois não só Tina fizera amizade com ele, como também, quando ele ria, toda a sua personalidade apresentava uma mudança. O pior que até então sabia sobre ele era que escolhera para noiva uma jovem muito insossa. Lamentava que um rapaz tão promissor fosse unir-se a alguém que se encarregaria de encorajar ainda mais os aspectos desagradáveis do seu caráter.

Quanto às crianças, não havia necessidade de se preocupar, decidiu, mas sua inteligência atilada a informara, no transcorrer da noite, que nem tudo estava bem com o Sr. Hubert Rivenhall. Tinha forte desconfiança de que certos problemas ocultos o perturbavam. Ele podia esquecer isso enquanto admirava Salamanca ou ao participar de um jogo ridículo com os irmãos menores, mas quando nada mais ocupava sua mente, a perturbação voltava a introduzir-se furtivamente, após o que ficava emudecido até que alguém olhasse para ele, e então, no mesmo instante, começava a falar de novo, animado, superalegre, daquele jeito que parecia satisfazer os parentes. Guiada por seu conhecimento de jovens oficiais, Sophy acreditava que ele provavelmente estava metido em alguma encrenca tola, na verdade muito menos séria do que imaginava. É claro que ele devia contar tudo ao irmão mais velho, pois ninguém duvidava, ao observar o Sr. Rivenhall, que ele era competente para lidar com qualquer problema; porém, visto que Hubert estava obviamente com medo de assim proceder, seria uma ótima medida convencê-lo a confiar em sua prima.

Depois, havia Cecília, tão encantadora e tão desamparada! O caso dela talvez fosse muito mais difícil de resolver a contento. Educada numa escola muito diferente, Sophy achava iníquo forçar uma moça a um casamento desagradável; entretanto, de modo algum estava determinada a favorecer as pretensões de Augustus Fawnhope. Extremamente prática, Sophy não podia achar que o Sr. Fawnhope seria um marido satisfatório, pois carecia de meios palpáveis de sustento e estava propenso, quando sob a influência de sua Musa, a esquecer considerações mundanas tais como jantares de compromisso ou transmissão de recados importantes. Contudo, certamente seria preferível a um homem de meia-idade com caxumba, e se a paixão de Cecília por ele provasse ser mais do que um mero capricho, pediria aos seus amigos que encontrassem para o rapaz uma colocação bem remunerada e distinta na qual sua bela pessoa e o encanto das suas maneiras seriam mais importantes do que seus hábitos pouco práticos. Sophy ainda estava a pensar nessa colocação quando adormeceu.

Na mansão Ombersley, o café da manhã era servido em uma sala nos fundos da casa. Apenas as três senhoras sentaram-se à mesa às 9:00; pois Lorde Ombersley, um homem de hábitos notívagos, jamais deixava o quarto antes do meio-dia, e seus dois filhos mais velhos já tinham tomado o café havia uma hora e partido para uma cavalgada no parque.

Lady Ombersley, cuja saúde sofrível transformava em raridades as noites de repouso em sua vida, empregara parte de suas horas de vigília planejando distrações para a sobrinha, e, enquanto molhava torradas simples, da espessura de um dedo, no chá, apresentou um plano para uma festa à noite, incluindo dança. Os olhos de Cecília brilharam, mas, um tanto cética, disse:

— Se Charles permitir!

— Minha querida, sabe que seu irmão não se opõe a nenhum divertimento razoável. Eu não quis dizer que daríamos um baile para muitos convidados, é claro.

Sophy, que ficara observando com certa admiração o lânguido consumo de torradas e chá pela tia, replicou:

— Querida senhora, eu preferiria infinitamente mais que não se preocupasse por minha causa!

— Estou mesmo querendo dar uma festa dedicada a você — retrucou Lady Ombersley firmemente. — Prometi a seu pai que o faria. Além disso, gosto muito de receber em minha casa. Asseguro-lhe, em geral não somos tão sossegados como você nos vê no momento. Quando apresentei Maria à sociedade, demos um baile, duas grandes recepções noturnas, um café da manhã veneziano e uma dança de

máscaras! Mas na ocasião — acrescentou, com um suspiro — a pobre prima Mathilda ainda vivia, e foi ela quem enviou todos os convites e providenciou tudo com a Gunter's. Lamento muito sua falta. Uma pneumonia causou-lhe a morte, você sabe.

— Não, mas se é isso que a perturba, senhora, por favor, não pense mais no assunto! — disse Sophy. — Cecy e eu providenciaremos tudo, a senhora só terá de escolher o vestido que vai usar e receber os convidados.

Lady Ombersley chegou a pestanejar.

— Mas, meu bem, você não seria capaz de...

— Seria, sim! — afirmou Sophy, sorrindo afetuosamente para a tia. — Ora, tenho cuidado de todas as festas de Sir Horace desde os meus 17 anos! E isso me faz lembrar de algo que preciso fazer imediatamente! Onde posso localizar o Banco Hoare, tia Lizzie?

— Localizar o Banco Hoare? — repetiu Lady Ombersley, aturdida.

— Em nome de Deus, para que quer saber isso? — perguntou Cecília.

Sophy pareceu um pouco surpresa.

— Bem, para apresentar a carta de autorização de Sir Horace, é claro! — ela respondeu. — Tenho que fazer isso imediatamente, do contrário posso encontrar-me inteiramente em falta. — Notou que a tia e a prima pareciam mais perplexas do que nunca, e ergueu as sobrancelhas. — Mas eu disse algo errado? — indagou, entre divertida e desolada. — Os Hoare, vocês sabem! Sir Horace mantém conta bancária com eles!

— Sim, minha querida, não nego que ele pode manter, mas *voce* não tem uma conta bancária! — protestou Lady Ombersley.

— Não, graças a Deus! É algo tão maçante! Contudo, estabelecemos que eu retiraria da conta de Sir Horace para as minhas necessidades. Ê para as despesas da casa, é claro, mas no momento não temos casa — esclareceu Sophy, espalhando manteiga com generosidade na quarta fatia de pão.

— Minha querida! As jovens jamais... ora, eu mesma nunca em minha vida entrei no banco do seu tio! — confessou Lady Ombersley, profundamente agitada.

— Não? — admirou-se Sophy. — Talvez prefira saldar todas as contas ele mesmo? Nada aborrece mais Sir Horace do que estar atendendo a solicitações de dinheiro! Há anos ensinou-me a entender de negócios, e assim vivemos muito felizes. — Sua testa vincou-se. — Espero que Sancia aprenda a administrar para si mesma. Pobre anjo! Ela vai detestar quando tiver que analisar as contas e pagar todos os salários.

— Nunca ouvi uma coisa dessas! — declarou Lady Ombersley. — Com efeito, Horace... mas esqueçamos isso! Minha querida, você não precisará retirar dinheiro enquanto estiver comigo!

Sophy não pôde deixar de rir ante a clara convicção da tia de que o Banco Hoare devia ser um antro de vício, porém disse:

— Na verdade, precisarei de dinheiro! A senhora não faz ideia do quanto sou dispendiosa! E Sir Horace preveniu-me muito especialmente para não me tornar um fardo em sua casa.

Cecília, cujos olhos se arredondaram maravilhados, perguntou:

— Seu pai não estabelece limites para o que você deve gastar?

— Não, e como poderia, se está sempre viajando, inabordável, incapaz de fazer ideia do que posso precisar de repente? Ele sabe que não me excederei. Mas não pretendia aborrecê-las com meus assuntos! Só me digam em que parte da cidade o Hoare está situado, por favor!

Felizmente, uma vez que nenhuma das duas mulheres tinha a mínima ideia do local onde se achava qualquer banco, o Sr. Rivenhall entrou na sala nesse momento. Usava um traje de cavalgar e vinha apenas perguntar se a mãe tinha alguma incumbência para executar na cidade. Ela não queria nada, mas não hesitou (a despeito da sua provável reprovação) em revelar-lhe o inusitado desejo de Sophy, que pedia instruções para ir ao Banco Hoare. O jovem aceitou isso com serenidade e até se maravilhou ao saber que a prima tinha autorização para sacar da conta do pai. Ele disse:

— É pouco comum! — mas pareceu mais achar graça do que reprovar. — O Banco Hoare fica em Temple Bar — acrescentou. — Se sua necessidade for urgente, eu mesmo vou à cidade esta manhã e ficarei feliz em acompanhá-la.

— Obrigada! Se minha tia não fizer objeção, aceito com prazer a sua companhia. Quando deseja ir?

— Aguardarei suas ordens, prima — ele respondeu educadamente.

Essa urbanidade era de bom augúrio para o passeio e permitiu que Lady Ombersley, sempre inclinada a ser otimista, alimentasse a esperança de que Charles se entregara a uma das suas raras simpatias. Sem dúvida ele mostrou-se disposto a tê-la em consideração ao descobrir que a moça não o deixaria esperando; ela, por sua vez, não poderia fazer um péssimo juízo de um homem que conduzia tão esplêndida parelha de cavalos em sua carruagem. Tomou lugar ao lado dele no veículo; o palafrenero assumiu seu posto atrás, num impulso, quando os cavalos passaram por ele numa arremetida subita. Sophy, que era uma boa condutora, manteve-se em silêncio criterioso, porém não depreciativo, enquanto Charles controlava o primeiro entusiasmo de seus cavalos. Embora reservasse seu julgamento final até que o visse dirigir um tandem, carruagem puxada por dois cavalos em fila, ou uma carruagem puxada por quatro cavalos, ela achou que podia depositar confiança na capacidade do pai e ajuda-la a encontrar animais de tração para seu próprio uso, e foi dizendo:

— Preciso comprar uma carruagem e hesito em escolher uma puxada por dois cavalos ou um faeton com assento elevado para o condutor. Qual delas você recomenda, primo?

— Nenhum dos dois — ele respondeu, equilibrando os animais ao dobrarem uma esquina da rua.

— Oh! — exclamou Sophy, um tanto surpresa. — Qual, então?

Ele olhou-a de relance.

— Não está falando sério, está?

— Não estou falando sério? É claro que estou!

— Se deseja dirigir, qualquer dia a leverei ao parque — disse ele. — Espero encontrar um cavalo, ou mesmo uma parelha, sossegada o bastante para uma dama conduzir.

— Oh, receio que não vai me servir! — respondeu Sophy, sacudindo a cabeça.

— É mesmo? Por que não?

— Talvez eu possa excitar o cavalo — replicou Sophy docemente.

Por um momento ele ficou confuso. Depois riu e disse:

— Queira perdoar. Não tive intenção de ofendê-la. Mas você não precisa de uma carruagem em

Londres. Certamente sairá com minha mãe, e se desejar sair sozinha, por alguma razão particular, sempre poderá pedir uma das nossas carruagens para seu uso.

— É muita gentileza da sua parte — respondeu Sophy —, mas não se ajusta bem comigo. Onde se pode comprar carruagens em Londres?

— Dificilmente conseguirá conduzir uma carruagem pela cidade! — disse ele. — Nem considero o faéton um veículo muito adequado para uma dama. Não é fácil de dirigir. Não gostaria de ver nenhuma de minhas irmãs fazendo essa tentativa.

— Não deve esquecer de lhes dizer isso — replicou Sophy afavelmente. — Elas se importam com o que você lhes diz? Nunca tive um irmão, portanto não posso saber.

Houve uma ligeira pausa, enquanto o Sr. Rivenhall, não estando acostumado a sofrer ataques súbitos, recobrava sua presença de espírito. Não demorou muito.

— Seria melhor, prima, se tivesse tido — disse ele, em tom severo.

— Eu acho que não — respondeu Sophy, muito tranquila. — Pelo pouco que tenho visto sobre irmãos, alegra-me o fato de que Sir Horace nunca me sobrecarregou com um.

— Obrigado! Suponho que sei como posso interpretar isso!

— Bem, imagino que sabe; mas embora tenha ideias muito antiquadas, creia que não o julgo exatamente *bronco*.

— Muito grato! Tem mais alguma crítica que gostaria de fazer?

— Tenho: nunca se exaspere enquanto estiver conduzindo uma parelha muito estimulada! Você fez a última curva rápido demais.

O Sr. Rivenhall era considerado uma fortaleza incomparável, e essa estocada não conseguiu perfurar sua armadura.

— Que moça abominável você é! — ele disse, muito amável. — Ora essa! Não podemos discutir o caminho todo até Temple Bar! Vamos declarar uma trégua!

— Perfeitamente — ela concordou, cordial. — Em vez de discutir, vamos falar sobre a minha carruagem. Devo ir a Tattersal's para comprar os cavalos?

— Certamente que não.

— Querido primo Charles, você quer, com essa negativa, dizer que me enganei quanto ao nome, ou existe um negociante melhor?

— Nem uma coisa nem outra. O que desejo explicar é que as mulheres não frequentam o Tattersal's!

— Ora, essa é uma das coisas que você não gostaria que suas irmãs fizessem, ou na verdade seria impróprio eu ir lá?

— Muito impróprio!

— Mesmo se você me acompanhar?

— Não farei tal coisa.

— Então, como atingirei meu objetivo? — ela indagou. — John Potton é um excelente palafrenero, mas eu não confiaria nele para comprar meus cavalos. Na verdade, não confiaria em ninguém, exceto, talvez, Sir Horace, que sabe exatamente do que gosto.

Ele notou que Sophy estava sendo sincera, e não, como suspeitara, apenas inclinada a ridicularizá-lo.

— Prima, se nada lhe serve se não dirigir você mesma, colocarei meu tálburi à sua disposição e escolherei um cavalo adequado para pôr entre os varais.

— Um dos seus?

— Nenhum dos meus cavalos é adequado para você conduzir.

— Bem, não importa! — respondeu Sophy. — Eu preferiria ter meu próprio faéton e parelha.

— Faz alguma ideia de quanto teria de pagar por uma parelha harmoniosa? — ele perguntou.

— Não, diga-me! Imagino não mais que 300 ou 400 libras.

— Uma bagatela! Naturalmente seu pai não faria a mínima objeção a que você esbanjasse 300 ou 400 libras numa parelha de cavalos!

— Não faria a mínima, a menos que eu permitisse que me enganassem como uma tola, comprando um animal apenas vistoso, com um tumor ossificado crônico na curva da perna ou um altivo cavalo marchador que se descobre ficar descontrolado com o vento depois de percorrer dois quilômetros.

— Então aconselho a espetar até que elê volte para a Inglaterra. Sem dúvida escolherá o certo para você! — Foi só o que o Sr. Rivenhall soube dizer.

Para grande surpresa do rapaz, Sophy pareceu receber o conselho sem levar a mal, pois não fez comentários e quase que imediatamente pediu-lhe para informar o nome da rua em que passavam. A jovem não se referiu mais ao faéton e a parelha, e o Sr. Rivenhall, compreendendo que ela era apenas um pouco mimada e que precisava de um freio, procurou aliviar a severa censura que lhe fizera, chamando a atenção dela para alguns lugares interessantes por onde passavam e fazendo-lhe algumas perguntas corteses sobre a paisagem de Portugal. Ao chegarem a Temple Bar, ele parou diante da estreita entrada do Banco Hoare e a acompanharia até o interior do predo se ela não tivesse recusado, dizendo que seria melhor fazer os cavalos se movimentarem, pois não sabia quanto tempo ia demorar e soprava um vento cortante. Assim, ele ficou aguardando do lado de fora, a refletir que, por mais raro fosse uma senhorita desacompanhada tratar de negócios em um banco, ela realmente não poderia sofrer ali nenhum mal. Quando a moça reapareceu, uns 20 minutos depois, um alto funcionário do banco acompanhava-a, e, solícito, ajudou a a subir na carrugem, dando-lhe a mão. Ela parecia estar relacionada em termos de muita amizade com essa pessoa importante, porém revelou, ao responder a uma pergunta um tanto irônica feita pelo primo enquanto se afastavam, que aquela fora a primeira vêz que o vira.

— Você me surpreende! — disse o Sr. Riveinhall. — E eu julgando que ele devia tê-la acalentado no colo quando você era um bebê!

— Acho que não — ela respondeu. — De qualquer modo, ele não mencionou o fato. Aonde vamos agoia?

Charles informou-a de que tinha um assunto para tratar próximo à Catedral de São Paulo, acrestando que não ficaria à espera mais de cinco minutos. Se era uma flecha, tendo como alvo o tempo que ela passara no banco, ele não atingiu o objetivo, pois Sophy disse, muito amável, que não se importaria de ficar esperando, Essa foi uma flecha muito mais certa. O Sr. Rivenhall começava a acreditar que encontrara na Srta. Stanton-Lacy uma oponente a ser considerada.

Quando, um pouco depois, ele parou numa rua ao lado da catedral, Sophy estendeu a mão, dizendo:

— Eu fico com eles. — O Sr. Rivenhall entregou as rédeas na mão dela; embora não confiasse na prima para controlar seus fogosos cavalos, o palafrenero já se achava à frente deles, de modo que não havia probabilidade de algum contratempo.

Sophy viu-o entrar no alto edifício, e tirou uma de suas luvas de pelica. O vento leste soprava muito forte, com força bastante para arrebatá-la de uma dama e fazê-la voar até a sarjeta, no lado mais afastado da rua.

— Oh, minha luva! — exclamou Sophy. — Por favor, vá apanhá-la correndo, ou o vento a arrastará para longe! Não receie pelos cavalos. Posso controlá-los!

O palafrenero achou-se num dilema. Sem dúvida, o patrão não esperaria que ele deixasse os cavalos abandonados; por outro lado, alguém devia resgatar a luva da Srta. Stanton-Lacy, e a rua estava momentaneamente deserta. A julgar pelo que pudera ouvir da conversa, ela sabia dirigir o suficiente para controlar os animais por um minuto. Estavam muito sossegados. O palafrenero tocou no chapéu — num cumprimento — e atravessou a rua em passadas largas.

— Diga ao seu patrão que está muito frio para conservar os cavalos parados! — Sophy gritou atrás dele. — Conduzirei a carruagem pelas ruas vizinhas por alguns minutos e voltarei para apanhá-lo quando ele sair!

O palafrenero, que se abaixava para apanhar a luva, quase caiu, tão rápido se voltou. Teve uma excelente visão da Srta. Stanton-Lacy dirigindo a passo rápido pela rua acima. Fez uma tentativa corajosa, mas retardada, para apanhar a carruagem, e ela dobrava uma esquina no momento exato em que o vento levava seu chapéu e o carregava rua abaixo, fazendo-o rolar no chão como uma bola.

Quase meia hora depois, a carruagem apareceu novamente. O Sr. Rivenhall, aguardando-a com os braços cruzados, teve ampla oportunidade de observar a precisão com que a prima fez a curva, e como manejava bem as rédeas e o chicote; contudo, ele não parecia muito satisfeito, pois assistia à aproximação do veículo com uma expressão carrancuda e os lábios fortemente cerrados. Do palafrenero não havia sinal.

A Srta. Stanton-Lacy, ao parar exatamente ao lado do Sr. Rivenhall, disse alegremente:

— Queira perdoar-me por deixá-lo esperar! A questão é que não estou familiarizada com Londres e quase me perdi, e fui obrigada a pedir a direção no mínimo três vezes. Mas onde está o seu palafrenero?

— Mandei-o para casa! — respondeu o Sr. Rivenhall.

Ela olhou-o, seus expressivos olhos transbordantes de divertimento.

— Que sensatez a sua! — aprovou. — Gosto de homens que pensam em tudo. Jamais teria discutido comido adequadamente com aquele homem de pé atrás de nós, ouvindo cada palavra que dizíamos.

— Como *ouso* dirigir meus cavalos? — perguntou o Sr. Rivenhall, ameaçador. Subiu e ocupou seu lugar, dizendo em tom brusco: — Dê-me as rédeas, já!

Ela entregou-as junto com o chicote, mas disse, num tom apaziguador:

— Sem dúvida não foi muito condão da minha parte, mas deve admitir que não havia como tolerar sua conduta falando comigo como se eu fosse uma desprezível tola, incapaz de conduzir um asno.

Os lábios impacientes do Sr. Kivenliall estavam de novo tão rigidamente selados que não parecia haver probabilidade de ele admitir qualquer coisa.

— Admita ao menos que posso lidar com a sua parelha de cavalos! — disse Sophy.

— Bom para você que eu os tenha abrandado! — ele retorquiu.

— Que falta de generosidade da sua parte! — queixou-se Sophy.

Era mesmo falta de generosidade, e ele sabia disso. Furioso, disse:

— Conduzindo os cavalos pela cidade, e nem mesmo um palafrenero ao seu lado! Belo comportamento, palavia de honra! É uma pena que não tenha um pouco mais de compostura, prima! Ou essas são maneiras portuguesas?

— Oh, não! — ela replicou. — Em Lisboa, onde sou conhecida, eu não poderia entregar-me a esse tipo de triavessura, é claro. Medonho, não foi? Asseguro-lhe, todas as pessoas ficaram me observando com olhos arregalados! Eu não o coloquei em má situação por causa disso! Ninguém me conhece em Londres!

— Sem dúvida — disse ele, irônico — *Sir Horace* teria aplaudido tal comportamento!

— Não teria — respondeu Sophy. — Mais provável seria que Sir Horace esperasse você me convidar para conduzir os cavalos. Exatamente para julgar por si mesmo se eu sou capaz de lidar com uma parelha de animais fogosos — explicou ela gentilmente.

— Não deixo ninguém... *ninguém* conduzir meus cavalos!

— De um modo geral, acho que tem razão — replicou Sophy. — É surpreendente com que rapidez um par de mãos desajeitadas podem prejudicar os animais!

De modo quase audível, o Sr. Rivenhall rilhou os dentes. Súbito, Sophy riu.

— Oh, primo, não se zangue de maneira tão absurda! — ela pediu. — Sabe muito bem que seus cavalos não sofreram nenhum dano! Vai me dar a oportunidade de escolher uma parelha para o meu próprio uso?

— Não terei absolutamente nada a ver com um projeto tão louco! — ele respondeu asperamente.

Sophy recebeu isso com serenidade.

— Muito bem — replicou ela. — Talvez fosse mais adequado você encontrar um noivo adequado para mim. Estou muito inclinada a aceitar, e sei que você tem algum talento para isso.

— Você não tem nenhum refinamento de espírito? — perguntou o Sr. Rivenhall.

— Na verdade, tenho! E ousa afirmar que você ficaria assombrado se soubesse quanto!

— Ficaria mesmo!

— Mas *com* você, meu querido primo — insistiu Sophy —, sei que não preciso ter reserva. Por favor, encontre um marido aceitável para mim! Não sou de modo algum perfeita em minhas opiniões, e ficarei contente com uma quantidade modesta de virtudes no meu parceiro.

— Nada me proporcionaria maior satisfação — afirmou o Sr. Rivenhall mostrando à prima, enquanto fazia o veículo inclinar-se ao dobrar a esquina na Haymarket, como dirigir rente ao meio-fio — do que vê-la casada com um homem que soubesse controlar seus extraordinários ditos espirituosos!

— Desempenho louvável! — aprovou Sophy. — Mas o que aconteceria se passasse um cão perdido pela rua ou uma pobre alma a estivesse atravessando naquele momento?

O senso de humor do Sr. Rivenhall o traiu. Foi obrigado a conter uma risada antes de responder:

— Acho admirável o fato, prima, de que ninguém a tenha ainda estrangulado!

Ele percebeu que Sophy já não lhe dava mais atenção. Voltara a cabeça na direção oposta, e antes que pudesse descobrir que objeto de interesse atraíra seu olhar, ela disse rapidamente:

— Oh, por favor, pode parar um instante? Acabei de ver um velho conhecido.

Ele atendeu ao pedido, e então reparou, tarde demais, naquele que caminhava pela rua em direção a eles. Não podia haver engano em reconhecer aquela figura graciosa, de louros cabelos encaracolados, expostos quando ergueu a cartola de aba ligeiramente virada para cima. O Sr. Augustus Fawnhope, ao perceber que a dama na carruagem acenava para ele, parou, acenou com o chapéu e ficou com ele na mão, lançando um olhar indagador para Sophy.

De fato era um rapaz bonito. Da sua testa de alabastro partia o cabelo naturalmente ondedado; seus olhos eram de um azul forte, um pouco sonhadores, mas engastados com perfeição sob sobrelanceiras arqueadas, e tinham um brilho intenso a desafiar qualquer crítica; a boca era moldada em curvas que o escultor em vão tentaria reproduzir com as ferramentas da sua arte. Era de estatura mediana e proporções perfeitas, não precisava submeter-se a uma dieta de batatas embebidas em vinagre para preservar a figura esguia. Não que algum dia tivesse passado pela sua cabeça a ideia de fazê-lo. Manter-se totalmente despreocupado com sua aparência não era o menor dos encantos do Sr. Fawnhope. Talvez se pudesse admitir que ele não tivesse consciência da admiração que despertava, porém, preocupado com a ambição de se tornar um grande poeta, ao prestar pouquíssima atenção ao que lhe diziam e absolutamente nenhuma ao que era dito sobre ele, até os malévolos (como o Sr. Rivenhall e Sir Charles Stuart) eram forçados a admitir que até então essa admiração provavelmente não tinha penetrado na nuvem de abstração em que ele se envolvia.

Contudo, havia mais do que abstração no olhar que ele lançou à Srta. Stanton-Lacy, e essa circunstância não passou despercebida ao Sr. Rivenhall, que interpretou corretamente a inexpressão e o sorriso de dúvida a pairar nos lábios do Sr. Fawnhope. Este não tinha a mais leve ideia da identidade da dama que lhe estendia a mão de maneira tão cordial. Entretanto, ele segurou aquela mão e disse: — Como vai? — em voz baixa, quase indistinta.

— Bruxelas — disse Sopli, prestativa. — Dançamos a quadrilha no baile da Duquesa de Richniond, Icmbia se? Já conhece meu primo, o Sr. Rivenhall? Deve saber que estou hospedada com minha tia, em Berkeley Square, para a tempoiada. Precisa vir visitar-nos. Sei que ela ficará encantada!

— É claro que não esquecerei! — respondeu o Sr. Fawnhope, mais educado do que sincero. — Encantado por encontrá-la de novo, senhora, e tão inesperadamente! Sem dúvida o prazer será todo meu, visitar Berkeley Square.

Fez uma reverência e afastou-se. Os cavalos, aos quais se comunicara a impaciência do Sr. Kivenluill, seguiram adiante, saltitando. O Sr. Rivenhall disse:

— Que fascinante para você encontrar um velho conhecido logo após a sua chegada!

— Não foi mesmo? — concordou Sophy.

— Espero que ele, antes de aproveitar-se do convite para visitá-la, já tenha lembrado do seu nome.

Os lábios dela se crisparam, mas a moça respondeu com perfeita tranquilidade:

— Pode estar certo, se ele não lembrar, encontrará alguém que o lembre.

— Você não tem pudor! — explodiu o primo, zangado.

— 'Tolice! Você só diz isso porque conduzi seus cavalos — ela respondeu. — Esqueça! Prometo não fazer de novo.

— Cuidarei disso! — ele retorquiu. — Deixe-me dizer-lhe uma coisa, minha querida prima, ficarei mais satisfeito se você se abster de se intrometer nos assuntos da minha família!

— Ora, é isso — disse Sophy —, fico muito contente de saber, porque se algum dia eu desejar agradá-lo, saberei exatamente como começar. Acho que não vou desejar, mas é bom ficar preparada para qualquer eventualidade, por mais improvável que seja.

Ele virou a cabeça para fitá-la, seus olhos se estreitaram, e a expressão deles era sem dúvida alegre.

— Está pensando em ser tão insensata a ponto de se defrontar comigo? — perguntou. — Não tenho intenção de interpretá-la mal, prima, e não a deixarei em dúvida quanto ao meu propósito! Se imagina que algum dia permitirei que aquele peralvilho se case com minha irmã, é porque você ainda não sabe nada a meu respeito!

— Ora bolas! — exclamou Sophy. — Preste atenção nos cavalos, Charles, e não use de linguagem bombástica comigo!

— MUITO BOM, para uma manhã de trabalho! — disse Sophy. O Sr. Rivenhall estava menos satisfeito. A mãe ficou desolada ao descobrir que, longe de ter começado a gostar da prima, o filho estava consternado só de pensar que poderiam ser obrigados a hospedá-la durante meses.

— Falando com franqueza, mamãe, não vai dar certo! — disse ele. — Só Deus sabe quanto tempo meu tio pode demorar-se! Só desejo que a senhora não venha a lamentar o dia em que consentiu em se encarregar da filha dele! Quanto mais cedo puder cumprir o restante das expectativas do tio, casando-a com algum pobre-diabo, melhor será para todos nós!

— Santo Deus, Charles! — disse Lady Ombersley. — O que fez ela para aborrecê-lo?

Ele recusou-se a responder, dizendo apenas que Sophy era atrevida, obstinada e tão mal-educada que duvidava haver um homem tolo o bastante para pedi-la em casamento. A mãe absteve-se de mais perguntas sobre as iniquidades de Sophy, e aproveitou o momento para sugerir que, como prelúdio para encontrar-lhe um marido, lhe permitisse oferecer uma recepção, com dança.

— Não quero dizer um grande acontecimento — apressou-se a acrescentar. — Talvez uns dez casais... na sala de estar!

— Perfeitamente! — ele respondeu. — Isso tornará desnecessário a senhora convidar o jovem Fawnhope!

— Oh, totalmente! — ela concordou.

— Devo avisá-la, mamãe — acrescentou —, que o encontramos esta manhã! Minha prima cumprimentou-o como a um velho conhecido de elevada estima e pediu-lhe que viesse visitá-la!

— Oh, meu Deus! — suspirou Lady Ombersley. — É lamentável, sem dúvida! Mas ousa afirmar, Charles, que ela realmente o conhece, pois esteve com seu tio em Bruxelas, no ano passado.

— Ora! — exclamou Charles, arrasador. — Ele tinha tanta ideia de quem ela era como tem de quem é o imperador da China! Mas seguramente ele vai aparecer! Devo deixar que a senhora trate disso!

Com essas palavras muito desagradáveis, Charles saiu da sala íntima da mãe em passadas largas, deixando-a imaginar de que maneira ele a supunha capaz de evitar a visita de um rapaz de nascimento nobre, filho de uma de suas mais velhas amigas. Chegou à conclusão de que Charles não fazia mais ideia do que ela, e banuiu a questão da sua mente, concentrando-se no problema muito agradável de escolher os convidados para a primeira recepção que realizava em dois meses.

Logo foi interrompida pela entrada da sobrinha. Ao lembrar-se das palavras sombrias de Charles, perguntou a Sophy, com suposta severidade, o que teria feito para aborrecê-lo. Sophy riu e quase a deixou aturdida ao responder que nada fizera além de roubar sua carruagem e conduzi-la pela cidade durante meia hora.

— Sophy! — exclamou a tia, com voz sufocada. — Os cavalos de Charles? Você jamais poderia controlá-los!

— Para dizer a verdade — admitiu Sophy —, tive um trabalho dos diabos para conseguir! Oh, queira me perdoar! Não pretendia dizer isso, querida tia Lizzie! Não ralhe comigo! É o resultado de

viver com Sir Horace. Sei que digo as coisas mais chocantes, mas asseguro-lhe que *tento* controlar minha deplorável língua! Por favor, não continue pensando no mau humor de Charles! Ele logo irá reconsiderar. Ouso afirmar que se ele não estivesse comprometido com aquela moça enfadonha, não estaria tão irritado!

— Bem, Sophy! — exclamou Lady Ombersley, sem querer. — Confesso que não consigo gostar da Srta. Wraxton, por mais que tente!

— Gostar dela! Eu nem pensaria nisso! — exclamou Sophy.

— Certo, mas eu preciso — replicou Lady Ombersley, sentindo-se infeliz. — Ela é tão bondosa, e estou certa de que deseja ser uma filha muito amorosa para mim, e é muita maldade de minha parte não querer uma filha assim! Mas quando penso que em pouquíssimo tempo ela estará morando nesta casa... Ora, eu não deveria estar falando dessa maneira! É muito inadequado, e você deve esquecer o que lhe disse, por favor, Sophy!

Sophy não deu atenção ao pedido, e repetiu:

— Morando nesta casa? Não está falando sério, está?

Lady Ombersley assentiu cum a cabeça.

— Não há absolutamente nada de incomum nesse arranjo, sabe, querida? Eles terão seus aposentos, é claro, mas... — Calou-se e suspirou.

Sophy olhou-a fixamente por alguns momentos, porém, surpreendendo a si mesma, não disse nada. Lady Ombersley procurou afastar os pensamentos melancólicos e começou a falar sobre a festa. Nos seus planos a sobrinha participou com um entusiasmo e uma eficiência que arrebataram Lady Ombersley. De que modo chegou a concordar com Sophy em todos os pontos, jamais foi capaz de explicar, quer para Charles ou para si mesma, mas no encerramento de uma entrevista que a fez sentir-se confusa, porém convencida de que ninguém poderia gabar-se de ter uma sobrinha de temperamento mais cativante ou mais amável do que Sophy, ela não só concedeu permissão para Sophy e Cecília se encarregarem de todas as medidas, como também concordou que Sir Horace (através da filha) custeasse a diversão.

— E agora — Sophy disse a Cecília, muito animada — você me dirá onde devemos encomendar os convites e onde vocês mandam fazer os comes e bebes. Acho que não devemos deixar tudo por conta do cozinheiro, pois ele ficará ocupado tantos dias que pouco tempo terá para detalhes, o que causaria constrangimento a todos, fato que absolutamente não desejo.

Espantada, Cecília olhava-a com os olhos arregalados.

— Mas, Sophy, mamãe garantiu que seria uma festa muito dis creta!

— Não, Cecy, foi seu irmão quem disse isso — replicou Sophy. — Vai ser uma festa perfeita.

Selina, que se achava presente nessa reunião, perguntou sensatamente:

— Mamãe sabe disso?

Sophy riu.

— Ainda não! — admitiu. — Vocês acham que ela não gosta de festas animadas?

— Oh, não é isso! Havia mais de quatrocentas pessoas no baile que ela ofereceu a Maria, não havia, Cecília? Mamãe gostou extremamente, porque foi um grande sucesso, e todos a cumprimentaram de

pois. Prima Mathilda me contou.

— Certo, mas custou um dinheirão! — comentou Cecília. — Ela não ousaria! Charles ficaria tão zangado!

— Não ligue para ele! — recomendou Sophy. — Sir Horace é quem vai arcar com as despesas, não Charles. Faça uma lista de todos os seus conhecidos, Cecy, e farei uma dos meus amigos que estão na Inglaterra; depois sairemos para encomendar os convites. Calculo que não precisaremos mais de quinhentos.

— Sophy — disse Cecília, em voz velada —, vamos mandar *quinhentos* convites sem ao menos *consultar* mamãe?

Diabinhos maliciosos dançaram nos olhos da prima.

— É claro que vamos, tontinha! Depois que os despacharmos, nem mesmo seu horrível irmão poderá cancelá-los!

— Oh, esplêndido, esplêndido! — exclamou Selina, começando a pular pela sala. — *Que fúria* ele vai ficar!

— Será que ousarei? — Cecília falou num sopro de voz, assustada e confusa.

A irmã pediu-lhe que não fosse pobre de espírito, mas foi Sophy quem resolveu a questão ao salientar que ela não teria de assumir a responsabilidade; era improvável que o irmão a repreendesse severamente, pois veria logo de quem era realmente a culpa.

Nesse meio-tempo, o Sr. Rivenhall saíra para visitar a noiva. Chegou à casa agora tristonha dos Brinklows, na Brook Street, ainda fervendo de indignação. Contudo, essa irada disposição era frágil, e no mesmo instante em que viu seus sentimentos compartilhados e sua crítica endossada, ele deu uma guinada abrupta para outra direção e disse que muito devia ser perdoado a uma jovem *capaz* de controlar seus cavalos, como Sophy fizera... Não podendo compreender que era digna de censura, Sophy logo se tornou uma jovem informal cujas maneiras naturais eram repousantes numa época em que predominavam sorrisos afetados e frivolidades.

A mudança não foi exatamente do gosto da Srta. Wraxton. Ficar dirigindo pela cidade sem companhia não se harmonizava com o seu senso de decoro e ela expressou isso. O Sr. Rivenhall esboçou um largo sorriso.

— Não se harmoniza, é verdade, mas creio que, de certo modo, a culpa foi minha. Eu *realmente* a irritei. Não houve danos; se ela pôde controlar meus cavalos, fogosos como são, é uma excelente condutora. Mesmo assim, se eu tiver direito de opinar, ela não vai ter uma carruagem enquanto permanecer sob a responsabilidade de minha mãe. Santo Deus, jamais saberíamos exatamente onde ela poderia estar, pois se conheço alguma coisa da minha abominável prima Sophy, dirigir com decoro ao redor do parque não serviria para ela!

— Você aceitou a situação com uma calma digna do maior mérito, meu querido Charles.

— Não aceitei! — ele interrompeu, com uma risada deplorável. — Ela me pôs num estado de raiva imensa!

— Certamente não me admira que ela o tivesse deixado assim. Conduzir os cavalos de um cavalheiro sem a permissão dele demonstra carência de comportamento, o que está longe de ser agradável. Ora, eu mesma nunca lhe pedi que me deixasse tomar as rédeas!

Ele pareceu achar graça.

— Minha querida Eugenia, espero que não o peça, pois certamente recusarei atender a tal pedido! Você jamais poderia controlar meus cavalos.

Se a Srta. Wraxton não fosse tão bem-educada, diante dessa observação inábil, teria dado uma resposta bastante exaltada, pois orgulhava-se um pouco da sua capacidade de manejar as rédeas; e embora não dirigisse sozinha em Londres, possuía um elegante faéton que dirigia quando ficava em sua casa de Hampshire. De certo modo, foi obrigada a fazer uma pausa por um momento antes de dizer mais alguma coisa. Durante esse breve período, tomou rapidamente a decisão de demonstrar a Charles, e à sua desagradável prima, que uma dama educada nos mais rígidos princípios do decoro podia ser tão notável amazona quanto qualquer rapariga atrevida que passara a meninice viajando pelo Continente à custa do governo. Várias vezes fora elogiada pelo seu jeito de lidar com um cavalo e sabia que seu estilo era excelente. Então disse:

— Se a Srta. Stanton-Lacy se interessa por esse tipo de exercício, talvez goste de cavalgar comigo uma tarde destas no parque. O que dará aos seus pensamentos outro rumo, desviando-a da tola ideia de adquirir uma carruagem. Vamos formar um grupo, Charles! A querida Cecília não gosta de exercícios eu sei, ou eu pediria que se unisse a nós. Mas Alfred ficará satisfeito de vir comigo, e você pode levar sua prima. Amanhã? Por favor, peca-lhe que venha conosco!

Por ser um homem intolerante, o Sr. Rivenhall não tinha simpatia pelo jovem irmão da sua Eugenia, e geralmente procurava evitá-lo; entretanto, ficou impressionado pela nobreza da Srta. Wraxton em promover um encontro que (ele imaginava) lhe proporcionaria um pouco de prazer e concordou imediatamente, expressando, ao mesmo tempo, o senso de uma dívida de gratidão para com ela. A moça sorriu-lhe e disse que o seu objetivo era esforçar-se em benefício dele. Charles não parecia muito dado a gestos graciosos, contudo, diante dessas palavras, beijou-lhe a mão e disse que sabia muito bem quanto poderia contar com ela numa situação difícil. Nessa altura a Srta. Wraxton repetiu a observação que já fizera a Lady Ombersley, de que estava particularmente pesarosa porque, devido à crise nas condições da família Ombersley, a circunstância havia obrigado a adiar seu casamento com ele. Achava que sem dúvida o estado apático da saúde da querida Lady Ombersley impossibilitava-lhe conduzir a família exatamente como Charles desejaria. Seu coração generoso talvez a tornasse tolerante em excesso, e o langor produzido por uma constituição física pouco saudável deixava-a cega a determinados defeitos que poderiam ser remediados rapidamente por uma nora solícita. A Srta. Wraxton confessou que ficara surpresa ao saber que Lady Ombersley se deixara convencer pelo irmão — um tipo muito estranho, seu pai lhe contara — a aceitar a guarda de sua filha durante um prazo indeterminado. Da maneira mais serena, passou desse assunto para uma crítica gentilmente formulada sobre a Srta. Adderbury, sem dúvida excelente mulher, porém lamentavelmente incapaz de exercer controle sobre seus vivazes pupilos. Todavia, acabava de cometer um erro. O Sr. Rivenhall não permitia críticas a Addy, que guiara seus primeiros passos; e quanto ao tio, o comentário desatencioso de Lord Brinklow fez Charles encrespar-se em defesa do parente. Informou à Srta. Wraxton que Sir Horace era um homem muito importante, com talentos para a diplomacia.

— Mas você deve admitir que não teve capacidade para educar a filha — replicou a Srta. Wraxton, com malícia.

Ele riu, porém disse:

— Ora, bem! Eu não sei se há realmente algo errado com Sophy, afinal!

Quando o convite da Srta. Wraxton lhe foi transmitido, Sophy declarou-se feliz em aceitá-lo e imediatamente pediu à Srta. Jane Storridge para passar a ferro seu traje de montaria. Assim que a jovem apareceu com a roupa na tarde seguinte, deixou Cecília com inveja, mas desconcertou ligeiramente o irmão, que não achava que um traje feito de pano azul-claro, com dragonas e alamares, à la húsar, e mangas agaloadas do ombro ao cotovelo, recebesse aprovação da Srta. Wraxton. Luvas de pelica azul, botas de cano curto, gola alta debruada de renda, gravata de musselina, babados de renda estreita nos punhos e um chapéu de copa alta, como uma barretina, com a pala sobre os olhos e uma pluma espiralada de penas de avestruz completavam a vistosa toalete. O traje firmemente ajustado realçava a magnificente figura de Sophy, causando admiração; e debaixo da aba do chapéu os cabelos castanhos encaracolados sobressaíam de modo encantador; porém o Sr. Rivenhall, solicitado pela irmã a concordar com a sua convicção de que Sophy estava linda, apenas fez uma medida e disse não ser juiz nessas questões.

Por mais verdadeiro que isso fosse, certamente sobre cavalos sabia julgar, e quando pôs os olhos em Salamanca, conduzido ao longo da rua por John Potton, não negou seu elogio; ao contrário, disse que não se admirava mais do arrebatamento de Hubert. John Potton ajudou a patroa a subir na sela, e depois de permitir que Salamanca se entregasse à sua alegria durante alguns minutos, Sophy o convenceu a andar com trote miúdo ao lado do baio do Sr. Rivenhall, e partiram a passo tranquilo em direção ao Hyde Park. Salamanca estava inclinado a melindrar-se com a existência de liteiras, cães, varredores dos cruzamentos, e instantaneamente desaprovou a buzina do carteiro, mas o Sr. Rivenhall, acostumado a permanecer alerta para evitar contratempos ao cavalgar com Cecília através das ruas de Londres, não se dispôs a oferecer conselhos ou ajuda à prima. Ela podia controlar muito bem sua montaria, o que, pensou o Sr. Rivenhall, era uma coisa boa, visto que Salamanca dificilmente poderia ser descrito como o cavalo ideal para uma dama.

Esse comentário foi feito pela Srta. Wraxton, que, com o irmão, já os aguardava no interior do parque. Depois de lançar um olhar de relance para o traje de Sophy, a Srta. Wraxton transferiu sua atenção para Salamanca e disse:

— Oh, que linda criatura! Mas sem dúvida é um pouco forte de mais para você, não acha, Srta. Stanton-Lacy? Deveria incumbir Charles de procurar um cavalo próprio para uma senhora bem-educada, que você pudesse cavalgar.

— Acho que ele ficaria encantado, mas descobri que as noções dele e as minhas sobre *esse* assunto são muito diferentes — respondeu Sophy. — Além disso, embora Salamanca seja um pouco fegoso, não há a mínima maldade nele, e ele tem excelente resistência física, como diz o duque — já me aguentou léguas e léguas áridas sem mostrar sinal de fraqueza! Curvou-se para a frente e bateu amistosamente no negro e luzidio pescoço de Salamanca. — É claro, ainda não escoiceou no final de um longo dia, o que o duque jura que Copenhague fez, quando ele desmontou do seu dorso depois de Waterloo, mas considero isso uma virtude dele!

— Sim, e é mesmo! — disse a Srta. Wraxton, ignorando a inconveniente pretensão demonstrada por essa referência negligente ao herói da Inglaterra. — Permita-me apresentar-lhe meu irmão; Srta. Stanton-Lacy, Alfred!

O Sr. Wraxton, um jovem e pálido cavalheiro, com um queixo mal delineado, lábios úmidos e pouco

firmes, e uma expressão astuta no olhar, inclinou-se numa mesura e disse que estava feliz por conhecer a Srta. Stanton-Lacy. Depois perguntou-lhe se ela estivera em Bruxelas por ocasião da grande batalha, e acrescentou que tivera ideia de juntar-se às tropas como voluntário no auge do conflito.

— Porém por um motivo ou outro, nada ficou resolvido — ele disse. — Conhece bem o duque? Realmente um grande homem, não é? Mas de uma amabilidade consumada, eu soube. Ouso afirmar que está em excelentes termos de relacionamento com ele, pois conheceu-o na Espanha, não foi?

— Meu querido Alfred — interveio a irmã —, a Srta. Stanton-Lacy vai pensar que você possui menos bom senso do que o razoável se continuar falando tanta tolice. Ela lhe dirá que o duque tem coisas mais importantes em que pensar do que em nós, pobres mulheres, que o admiram.

Sophy parecia um tanto divertida.

— Bem, eu acho que não diria isso — respondeu. — Mas nunca fui uma de suas namoradas, se é o que quer saber, Sr. Wraxton. Não sou de modo algum o tipo dele, asseguro-lhe.

— Vamos continuar cavalgando? — sugeriu a Srta. Wraxton. — Precisa me falar sobre seu cavalo. É espanhol? Muito bonito, mas um pouco agitado para o meu gosto. Mas eu sou uma pessoa mal acostumada. Este meu querido Dorcas é muito bem-educado.

— Na verdade, Salamanca não é agitado; apenas gosta de brincar — esclareceu Sophy. — Quanto à conduta, eu o obrigo a ser inigualável. Gostaria de me ver mostrar suas qualidades? Veja! Ele foi treinado por um mameluco maometano, sabe?

— Pelo amor de Deus, Sophy, não aqui no parque! — exclamou Charles asperamente.

Ela lançou-lhe um dos seus sorrisos atrevidos, e pôs Salamanca a caracolear.

— Oh, por favor, tenha cuidado! — exclamou a Srta. Wraxton. — É muito perigoso! Charles, faça-a parar! Vamos chamar a atenção de todos!

— Você não vai se importar se eu acabar com o nervosismo das pernas dele, fazendo-o movimentar-se — Sophy gritou. — Ele está ansioso por um galope!

A seguir, ela virou Salamanca num repente, e deixou-o ir livremente pelo trecho de pista que ficava ao lado do caminho para carruagens.

— Isca! — proferiu o Sr. Wraxton, e saiu em sua perseguição.

— Meu querido Charles, o que devemos fazer com ela? — indagou a Srta. Wraxton. — Galopando no parque, e naquele traje que eu enrubesceria se tivesse de usar! Nunca fiquei tão chocada!

— Isso mesmo — concordou Charles, os olhos presos na figura que diminuía ao longe. — Mas, santo Deus, ela tem mesmo talento para cavalgar!

— É claro, se você pretende encorajá-la nessa brincadeira, não há mais nada para ser dito.

— Eu não pretendo — ele respondeu mais do que depressa.

Ela ficou descontente e disse, com frieza:

— Devo confessar que absolutamente não admiro seu estilo. Nada nela me faz lembrar as amazonas no Anfiteatro de Astley. Vamos a meio galope?

Nesse passo tranquilo, cavalgaram lado a lado na pista até que viram Sophy voltando a galope na direção deles, o Sr. Wraxton ainda em sua perseguição. Sophy parou, puxando as rédeas, girou, e entrou

em forma ao lado do primo.

— Que prazer! — exclamou, as faces afogueadas. — Há mais de uma semana que não monto Salamanca. Mas diga-me! Fiz algo errado? Muitas pessoas empertigadas arregalaram os olhos como se não pudessem acreditar no que viam!

— Não convém cavalgar dessa maneira desesperada no parque — replicou Charles. — Eu deveria tê-la avisado.

— Devia mesmo! Já receava que poderia ser isso. Não importa! Serei boazinha agora, e se alguém reclamar a respeito, você poderá dizer que é apenas a sua pobre priminha de Portugal, tão mal-educada que não há nada a fazer. — Inclinou-se para a frente a fim de falar com a Srta. Wraxton, que estava do outro lado de Charles. — Apelo para você, Srta. Wraxton! Você, que é uma amazona! Não é insuportável ficar sujeita a um meio-galope quando se anseia por galopar ao longo de quilómetros?

— Muito maçante — concordou a Srta. Wraxton.

Nesse momento Alfred Wraxton reuniu-se a eles, bradando:

— Por Deus, Srta. Stanton-Lacy, pode tirar o brilho deles todos! Você não se compara a ela, Eugenia!

— Não podemos continuar numa coluna de quatro — disse a Srta. Wraxton, ignorando por completo a observação. — Charles, fique para trás com Alfred! Não posso conversar com a Srta. Stanton-Lacy com você no meio.

Ele agiu de acordo com o pedido, e a Srta. Wraxton, emparelhando sua égua com Salamanca, disse com toda a finura de que se vangloriava:

— Estou convencida de que no princípio você vai achar estranho nossos costumes de Londres.

— Por quê? Creio que não diferem muito dos de Paris ou Viena ou mesmo Lisboa! — respondeu Sophy.

— Nunca visitei essas cidades, porém creio — na verdade, estou certa — de que o nosso mundo elegante é muitíssimo superior — replicou a Srta. Wraxton.

Seu ar de serena segurança pareceu a Sophy ser muito engraçado, e ela soltou uma gargalhada.

— Oh, queira perdoar! — falou com voz sufocada. — Mas é muito ridículo, sabe?

— Suponho que assim deve parecer-lhe — concordou a Srta. Wraxton, com sua calma realmente inigualável. — Sei que se permite muita liberdade às mulheres no Continente. Aqui não é assim. Bem pelo contrário! Não ser julgado de *bom-tom*, querida Srta. Stanton Lacy, é muito desagradável. Não leve a mal se eu lhe fizer uma sugestão. É claro que você vai comparecer às reuniões do Almack's, por exemplo. Garanto-lhe, se chegar o mais simples sussurro de crítica aos ouvidos das *patronesses*, você pode dizer adeus a qualquer esperança de obter uma autorização delas. As entradas não podem ser compradas sem essa autorização, sabe? É muito exclusivo! Também as regras são muito rígidas, e não devem ser absolutamente infringidas.

— Você me assusta — disse Sophy. — Imagina que serei rejeitada? A srta. Wraxton sorriu.

— Dificilmente, uma vez que fará seu debut sob o patrocínio da querida Lady Ombersley! Sem dúvida lhe dirá como deve conduzir-se, se a saúde dela permitir que a leve. É uma lástima que as circunstâncias me tivessem impedido de ocupar essa posição, o que me possibilitaria aliviá-la de tais obrigações.

— Perdoe-me! — interrompeu Sophy, cuja atenção estivera divagando —, mas creio que madame de Lieven está acenando para mim, e seria muito indelicado não cumprimentá-la!

Enquanto falava, afastou-se até onde uma elegante caleça que estava parada junto à vereda, e inclinou-se na sela para apertar a mão lânguida que lhe era estendida.

— Sofia! — pronunciou a condessa. — Sir Horace me disse que eu deveria encontrá-la aqui. Vi-a galopando *ventre à terre*. Nunca mais faça isso! Ah, Sra. Burrell, permita-me apresentar-lhe a Srta. Stanton-Lacy.

A dama sentada ao lado da esposa do embaixador fez uma ligeira mesura, e permitiu que seus lábios relaxassem numa sombra de sorriso, que se expandiu um pouco mais quando ela avistou a Srta. Wraxton seguindo no rastro de Sophy, e inclinou a cabeça, o que nela era um grande sinal de condescendência.

A condessa Lieven acenou com a cabeça para a Srta. Wraxton, mas continuou conversando com Sophy.

— Você está hospedada com Lady Ombersley. Conheço-a um pouco, e lhe farei uma visita. Talvez ela me ceda você uma noite dessas. Ainda não viu a princesa Esterhazy ou Lady Jersey? Direi a ambas que a encontrei, e elas vão querer saber como vai Sir Horace. O que foi mesmo que prometi a Sir Horace que faria? Ah, mas é claro! O Almack's! Vou lhe mandar uma autorização, *ma chérie* Sofia, mas deixe de galopar em Hyde Park. — Em seguida mandou o cocheiro prosseguir, incluiu todo o grupo de Sophy num superficial sorriso de despedida, e voltou-se para continuar a palestra interrompida com a Sra. Drumond Burrell.

— Eu não estava a par de que você conhecia a condessa Lieven — disse a Srta. Wraxton.

— Não gosta dela? — perguntou Sophy, percebendo a frieza na voz da Srta. Wraxton. — Muita gente não gosta, eu sei. Sir Horace a chama de poderosa intrigante, mas é inteligente e consegue ser muito divertida. Ela tem uma *tendre* por ele, corno creio que você adivinhou. Eu mesmo gosto mais da princesa Esterhazy, confesso, e mais ainda de Lady Jersey do que das outras, porque é muito mais sincera, apesar da sua maneira agitada.

— Mulher horrível! — disse Charles. — Não pára de falar! Em Londres é conhecida como Silêncio.

— É mesmo? Bem, estou certa de que, se ela sabe, não liga a mínima, pois adora demais uma brincadeira.

— Você é uma felizarda por conhecer tantas *patronesses* do Almack's — observou a Srta. Wraxton. Sophy deu uma risadinha irreprimível.

— Para ser honesta, acho que a minha sorte consiste em ter por pai um namorado consumado!

Diante dessas palavras, o Sr. Wraxton também deu uma risadinha, e a irmã, ficando um pouco para trás, fez sua égua aproximar-se pelo outro lado do Sr. Rivenhall, e disse em voz baixa, sob o pretexto de uma observação zombeteira feita para Sophy pelo Sr. Wraxton:

— É pena que os homens riam quando a vivacidade dela a faz dizer coisas que não se pode julgar apropriadas. Isso atrai muita atenção sobre ela, o que, imagino, é a raiz do mal.

Charles ergueu as sobrancelhas.

— Você é muito severa! Não gosta dela?

— Oh, não, não! — respondeu a moça rapidamente. — Apenas não tenho muito gosto por esse tipo

de brincadeira esportiva.

Ele pareceu tentado a dizer algo mais, porém nesse exato momento uma cavalgada de aparência marcial surgiu à vista, num tranquilo meio-galope, vindo na direção deles. Consistia em um grupo de quatro cavaleiros, cujas vistosas suíças e porte militar proclamavam sua profissão. Negligentemente, lançaram um olhar de relance para o grupo do Sr. Rivenhall. No momento seguinte ouviu-se um brado, houve uma confusão, e um dos componentes do quarteto exclamou com entonação vibrante:

— Por todas as maravilhas, é a magnífica Sophy!

Tais palavras produziram confusão e balbúrdia. Os quatro cavaleiros acotovelaram-se para agarrar a mão de Sophy, crivando-a de perguntas. De onde brotara? Há quanto tempo se achava na Inglaterra? Por que não os tinham avisado da sua chegada? Como estava Sir Horace?

— Oh, Sophy, você é um colírio para os olhos! — declarou o major Quinton, que primeiro a saudara.

— Você ainda tem Salamanca! Deus do céu, lembra-se de o ter cavalgado pelos Pireneus quando quase foi agarrada pelo velho Soult?

— Sophy, qual é o seu endereço? Está morando em Londres? Onde está Sir Horace?

Ela ria, tentando responder a todos, enquanto seu cavalo se movia de lado, agitava-se e sacudia a cabeça.

— No estrangeiro. Não se preocupem comigo! O que fazem na Inglaterra? Pensei que ainda estivessem na França! Não me digam que deram baixa!

— Debenham deu, o felizardo! Eu estou de licença; Wolvey foi designado para a Inglaterra — que grande coisa é pertencer aos Regimentos da Guarda! — e Talgarth tornou-se importante, quase um Tigre! Isso mesmo, asseguro-lhe! Ajudante-de-ordens do Duque de York. Observe o seu ar de importância. Mas ele é todo condescendência, nem um pouco de exagero em suas maneiras... ainda!

— Cale-se, tagarela! — disse a vítima. Um pouco mais velho que seus companheiros, trigueiro e bonito, tinha o porte decidido e as maneiras indolentes do homem elegante. — Querida Sophy, estou quase

certo de que não pode estar em Londres há muitos dias. Nem o mais insignificante boato sobre uma perturbação vulcânica chegou aos meus ouvidos, e você sabe como sou ligeiro para saber das notícias! Ela riu.

— Oh, isso é muita maldade sua, Sir Vincent! Eu não provoço perturbações. Sabe que não!

— Não sei nada disso, minha filha. Quando a vi pela última vez, você estava empenhada em conciliar, da maneira mais implacável, os assuntos da mais confusa família de belgas que já conheci. Tinham toda a minha simpatia, mas não havia nada que eu pudesse fazer para ajudá-los. Conheço minhas limitações.

— Os pobres Lê Brun! Ora, mas *alguém* tinha de ajudá-los a sair daquela complicação! Asseguro-lhe, tudo ficou resolvido da maneira *mais* satisfatória! Mas veja só! Com toda essa excitação, esqueci minha civilidade! Srta. Wraxton, por favor, perdoe-me, e permita-me apresentar-lhe o coronel Sir Vincent Talgarth, e, ao lado dele, o coronel Debenham. Este é o major Titus Quinton, e — oh, meu Deus, eu devia ter dito seu nome primeiro, Francis? Esta é uma das coisas que nunca sei, mas não importa! Capitão Lord Francis Wolvey! E este é meu primo, Sr. Rivenhall. Ah, e o Sr. Wraxton também!

A Srta. Wraxton inclinou a cabeça cortesmente; o Sr. Rivenhall, fazendo uma ligeira mesura para o resto do grupo, dirigiu-se a Lord Francis, dizendo:

— Não creio que já o conhecesse, mas seu irmão e eu estivemos em Oxford juntos.

Imediatamente Lord Francis inclinou-se na sela para apertar-lhe a mão.

— Agora sei quem você é! — declarou. — Você é Charles Rivenhall! Bem me pareceu que não podia estar enganado! Como vai? Ainda luta boxe? Freddy costumava dizer que nunca vira um amador com uma direita mais devastadora.

O Sr. Rivenhall riu.

— Costumava? Ele pôde senti-la com bastante frequência, mas não aceito os louros. Ele estava sempre brilhando no estrangeiro!

O major Quiton, que estivera a observá-lo intensamente, disse:

— Então, é provavelmente de onde o conheço. Do salão do Jackson! Você é o rapaz que Jackson afirmava ser capaz de transformar num campeão se não fosse um cavalheiro!

Naturalmente, essa observação levou os três homens a encetarem uma conversa sobre esportes. O Sr. Wraxton, à margem, ouvia atentamente, vez por outra inserindo algumas palavras às quais ninguém prestava atenção; Sophy exibia um sorriso satisfeito ao ver seus amigos e o primo tão cordialmente absorvidos; e o coronel Debenham, que possuía excelente educação e um coração generoso, pôs-se a entabular um diálogo elaborado com a Srta. Wraxton. Por unanimidade implícita, os militares dispuseram-se a acompanhar o grupo do Sr. Rivenhall até a vereda, e a cavalgada crescente prosseguiu a passo lento.

Sophy notou que Sir Vincent conduzira o cavalo para andar ao lado do dela, e, num repente, disse:

— Sir Vincent, o senhor é o homem que eu preciso! Vamos nos afastar, adiantemo-nos um pouco!

— Nada nesta vida, encantadora Juno, poderia proporcionar-me maior prazer! — respondeu ele no mesmo instante. — Não tenho simpatia por boxe. De forma alguma conte a alguém que eu disse isso! É realmente indigno da minha parte! Estará você a ponto de extasiar-me, aceitando um coração que frequentemente é depositado aos seus pés e rejeitado com a mesma frequência? Algo me diz que me entrego a um excesso de otimismo, que você vai exigir de mim um serviço capaz de me lançar num atoleiro de problemas, e que a minha pessoa acabará sendo rejeitada.

— Nada disso! — declarou Sophy. — O fato é que jamais conheci outra pessoa, além de Sir Horace, em cuja opinião eu confiaria mais, quando está em jogo a compra de cavalos. Sir Vincent, quero comprar uma parelha para o meu faéton!

A essa altura eles se haviam distanciado muito do resto do grupo. Sir Vincent fez o ruão diminuir a marcha, e disse, com voz entrecortada:

— Conceda-me um instante para poder recobrar minha masculinidade! Então é só isso que tem para mim?

— Não seja ridículo — disse Sophy. — Que mais eu poderia ter?

— Querida Juno, já lhe disse muitas vezes e não lhe direi mais!

— Sir Vincent — sibilou Sophy, com severidade —, desde o primeiro dia em que o conheci, está sempre atrás das herdeiras que cruzam o seu caminho.

— Será que um dia irei esquecer? Você havia perdido um dente da frente e rasgado o vestido.

— Provavelmente. Embora eu não tenha a menor dúvida de que você não se lembra de modo algum

dessa ocasião e que acaba de inventar isso. Você é um namorador ainda mais obstinado do que Sir Horace, e só me propõe casamento porque sabe que não aceitarei seu pedido. Minha fortuna não é grande o bastante para tentá-lo.

— Isso é verdade — reconheceu Sir Vincent. — Contudo, há muito que se sabe que homens melhores do que eu, minha querida Sophy, adaptam-se às circunstâncias.

— Certo, mas eu não sou sua circunstância, e sabe muito bem que, embora possa ser indulgente, Sir Horace jamais permitiria que eu me casasse com você, mesmo se eu quisesse fazê-lo, o que não quero.

— Ora, muito bem! — suspirou Sir Vincent. — Então vamos falar de cavalos!

— A questão é que fui obrigada a vender meus cavalos de t ração quando deixamos Lisboa — confiou-lhe Sophy — e Sir Horace não teve tempo de encarregar-se do assunto antes de partir para o Brasil. Disse que meu primo poderia aconselhar-me, mas ele está muito zangado! Não vai me ajudar.

— Charles Rivenhall — disse Sir Vincent lançando-lhe um olhar, através das pálpebras semicerradas — é considerado bom juiz de cavalos. Que travessura está preparando, Sophy?

— Nenhuma. Ele disse que não se envolveria nessa questão, e, além disso, que seria impróprio para mim visitar Tattersal's. Isso é verdade?

— Bem, pelo menos seria fora do comum.

— Então não irei. Minha tia ficaria angustiada, e ela já tem aborrecimento que baste. Onde mais posso comprar cavalos que me sejam convenientes?

Pensativo, ficou olhando à frente, entre as orelhas do seu cavalo.

— Pergunto a mim mesmo se você se importaria de comprar uma parelha da falência de Manningtree antes de serem levados para o mercado público — disse a seguir. — Totalmente liquidado, pobre sujeito, e está vendendo o rebanho todo. De quanto dispõe, Sophy?

— Sir Horace me disse para não gastar mais de 400 libras, a menos que encontrasse uma parelha que seria um crime não comprar.

— Manningtree venderá seu par de baios por menos do que isso. Uma parelha linda como qualquer um poderia desejar. Eu mesmo compraria se tivesse dinheiro.

— Onde posso vê-los?

— Deixe isso comigo. Providenciarei. Qual é o seu endereço?

— A casa de Lord Ombersley, na Berkeley Square, aquela bem grande, na esquina!

— Naturalmente. Então ele é seu tio, não é?

— Bem, a esposa dele é minha tia.

— Portanto Charles Rivenhall é seu primo. Ora, ora! Como consegue distrair-se, minha Sophy?

— Confesso que já perguntei a mim mesma como conseguirei fazer isso, pois descobri que toda a família está numa lamentável com plicação; coitados, só espero poder trazer-lhes algum conforto!

— Não tenho nenhuma estima especial por seu tio, que é um dos amigos íntimos do meu estimado comandante; na única ocasião em que convidei sua bela prima Cecília para dançar comigo no Almack's, seu assustador irmão impediu-me de modo não só urgente como grosseiro. Alguém deve lhe dizer que estou interessado em herdeiras; contudo, por estranho que pareça, sinto-me estranhamente angustiado!

Também sinto forte compaixão pela família. Eles caminham às cegas em direção à ruína, Sophy, ou recebem de bom grado um tição no meio deles?

Ela deu uma risadinha.

— Eles caminham às cegas, mas eu *não* sou um tição!

— Não é, usei a palavra errada. Você é igual aos foguetes do pobre Whinyates; ninguém sabe o que fará a seguir!

VI

— NÃO PARAM DE bater à porta? — perguntou Charles à sua mãe, depois da saída do quarto visitante matutino num único dia.

— Não! — respondeu ela orgulhosamente. — Desde aquele dia em que você levou a querida Sophy para cavalgar no parque, já recebi sete cavalheiros... não, oito, contando Augustus Fawnhope; a princesa Esterhazy, a condessa Lieven, Lady Jersey e Lady Castlereagh, todos deixaram seus convites; e...

— Talgarth encontrava-se entre os que visitaram, senhora?

Ela franziu a testa.

— Talgarth? Oh, sim! Um homem muito amável, com suíças! Sem dúvida, ele estava entre os visitantes!

— Cuidado! — preveniu-a. — *Essa* amizade não serve!

Ela ficou surpresa.

— Charles, o que quer dizer? Ele parece ter um relacionamentode grande amizade com Sophy, e ela me contou que Sir Horace o conhece há anos!

— Não nego, mas se meu tio pretende conceder-lhe Sophy em casamento, ele não é o homem que considero digno disso! Dizem que é notoriamente conhecido como caça-dotes, e além disso é um jogador com mais dívidas do que perspectivas, e suas propensões libertinas dificilmente o tornam um bom partido na praça!

— Oh, meu Deus! — exclamou Lady Ombersley, desolada. Perguntava a si mesma se devia contar ao filho que a prima saíra com Sir Vincent exatamente no dia anterior e decidiu que seria inútil alongar-se num assunto já superado. — Talvez eu devesse fazer uma insinua ção no ouvido de Sophy.

— Duvido que seja bem recebida, senhora. Eugenia já falou com ela a respeito. Só que minha prima achou conveniente responder que era bastante escolada e que iria empenhar-se em não dar margem para ser seduzida por Sir Vincent ou qualquer outro.

— Oh, *meu Deus!* — tornou a exclamar Lady Ombersley. — Ela realmente não devia dizer essas coisas!

— É exatamente o que acho, senhora!

— Todavia, embora eu não queira ofendê-lo, Charles, não posso deixar de sentir que talvez não tenha sido muito sensato Eugenia ter falado com ela sobre esse assunto. Você bem sabe, meu querido, que ela não tem qualquer vínculo de parentesco com Sophy!

— Acontece que Eugenia tem forte senso de dever — ele disse fitando-a seriamente —, e devo acrescentar, mamãe, que seu sincero desejo de lhe poupar ansiedades levou-a a assumir uma tarefa que ela achava extremamente desagradável.

— É muita gentileza dela, sem dúvida — replicou a mãe, com voz desanimada.

— Onde está minha prima? — perguntou ele, abruptamente.

A mãe animou-se, pois a essa pergunta podia dar uma resposta irrepreensível.

— Saiu para um passeio na caleça com Cecília e seu irmão.

— Bem, isso pelo menos deve ser inofensivo — disse ele.

Ficaria menos satisfeito com esse detalhe se soubesse que depois de ter apanhado o Sr. Fawnhope, o qual encontraram na Bond Street, os ocupantes da caleça estavam naquele momento em Longacre, inspecionando com olhos críticos veículos esportivos. Havia muitos deles, e quase todas as variedades de carruagem, em exibição no grande estabelecimento comercial ao qual Hubert conduzira a prima, e embora Sophy permanecesse firme em sua preferência por um faéton, Cecília ficou bastante cativada por uma carruagem leve de duas rodas, e Hubert, depois de se ter apaixonado por um cabriole, instigava a prima com veemência a comprá-lo. Quando foram pedir a opinião do Sr. Fawnhope, verificaram que estava ausente, e logo o descobriram sentado, em enlevada contemplação de uma berlinda de luxo, que mais parecia uma enorme xícara de chá equilibrada sobre molas alongadas. Era coberta por uma capota em abóbada, trazia grande quantidade de dourados e tinha um assento para o cocheiro empoleirado sobre as rodas da frente, forrado de veludo azul com franjas douradas.

— Cinderela! — exclamou o Sr. Fawnhope simplesmente.

O gerente do estabelecimento disse não acreditar que a berlinda, exposta apenas para exibição, fosse exatamente o que a senhora procurava.

— Um coche para uma princesa — disse o Sr. Fawnhope, desatento. — Nisto, Cecília, é que você deve andar. Terá seis cavalos brancos para puxá-la, com plumas na cabeça e arreios azuis.

Cecília não achou defeitos para apontar nesse programa, contudo lembrou-o de que tinham vindo para ajudar Sophy a escolher uma carruagem esportiva. Ele deixou-se levar para longe da berlinda, mas quando solicitado a dar seu voto entre o cabriole e o faéton, limitou-se a murmurar:

— *O que pode fazer o pequeno T. O. ? Por que dirigir um faéton puxado por dois cavalos? O pequeno T.O. não pode fazer mais? Pode, dirigir um faéton puxado por quatro cavalos!*

— Tudo isso está muito bem — disse Hubert, impaciente —, mas minha prima não é Tommy Onslow, e quanto a mim, acho que será melhor para ela este cabriole!

— Não se pode fazer um exame acurado de suas linhas, contudo elas têm grande mérito — disse o Sr. Fawnhope. — Como o cabriole é bonito! Como é rápido! Como é esplêndido! Contudo, Apoio prefere-ria um faéton. Essas carruagens me deixam perplexo. Vamos embora!

— Quem é Tommy Onslow? Ele dirigiu mesmo um faéton puxado por quatro cavalos? — perguntou Sophy, seus olhos em fogo. — Isso seria realmente algo! Que pena eu ter acabado de comprar uma parelha! Receio que jamais encontraria um par para ela.

— Pode pedir emprestados os cavalos de Charles — sugeriu Hubert, esboçando um sorriso largo e maldoso. — Santo Deus, que baderna haveria!

Sophy riu, mas sacudiu a cabeça.

— Não, fazer isso seria uma coisa infame! Vou comprar aquele faéton. Já me decidi.

O gerente parecia confuso, pois a carruagem apontada por ela não era o faéton que ele julgaria do gosto dela: um veículo elegante, perfeitamente adequado para uma dama, mas um modelo de varais altos, com enormes rodas traseiras; a carroceria estendia-se diretamente sobre o eixo dianteiro, bem um metro e meio distante do chão. Contudo, não era da sua conta dissuadir um freguês de fazer uma compra dispendiosa, portanto fez uma mesura e guardou aquelas opiniões para si mesmo.

Com menos tato, Hubert disse:

— Vou dizer uma coisa, Sophy, na verdade não é uma carruagem para uma dama! Só espero que não venha a capotar com ela quando dobrar a primeira esquina.

— Eu não!

— Cecília — exclamou de repente o Sr. Fawnhope, que estivera analisando o faéton intensamente —, jamais deve andar neste veículo!

Ele falou com uma decisão a que não estava habituado, e todos o olharam surpresos; Cecília ruborizou-se, grata pela sua solicitude.

— Asseguro-lhe que não a deixarei capotar — garantiu Sophy.

— Todo sentimento deveria sentir-se ultrajado com a visão de criatura tão refinada num veículo como este! — insistiu o Sr. Fawnhope. — Suas proporções são absurdas! Além disso, foi construído para grande velocidade, e deveria ser dirigido, se dirigido devesse ser, por um homem portentoso com quinze mantos e um lenço de pescoço cheio de pintas. Não é para Cecília!

— Bem! — exclamou Sophy. — Pensei que você estivesse com medo de eu capotar com ela dentro.

— Tenho medo disso — replicou o Sr. Fawnhope. — Só de pensar num acontecimento tão deslegante pode ofender! Ofende *mesmo!* Impõe sua grosseria em qualquer sensibilidade; tolda minha visão de uma ninfa de porcelana! Vamos deixar este lugar imediatamente!

Cecília, hesitando entre o prazer de ser comparada a uma ninfa de porcelana e a afronta de sua segurança ser tão pouco considerada, disse apenas que não poderiam partir até que Sophy tivesse concluído sua compra; contudo Sophy, muito divertida, sugeriu que ela deveria retirar-se com o namorado e aguardá-la na calçada.

— Sabe de uma coisa — Hubert disse em tom confidencial, depois que o casal se afastara —, não sei se culpo Charles por não ter estômago para aguentar esse sujeito! Ele é de fato insignificante!

Três dias após essa negociação, o Sr. Rivenhall, ao exercitar seus cavalos cinzentos no parque, parou nas proximidades da Riding House para apanhar seu amigo, o Sr. Wychbold, que passeava a pé em todo esplendor de suas calças amarelo-claras, botas brilhantes e um casaco de corte extravagante e cor delicada.

— Santo Deus! — exclamou. — Que visão diabólica! Suba, Cyprian, e pare de lançar olhares cobiçosos a todas as mulheres! Onde esteve se escondendo ultimamente?

O Sr. Wychbold subiu no cabriole, acomodando com rara graça as pernas bem torneadas, e respondeu com um suspiro:

— No cumprimento do dever, meu caro rapaz! De visita ao lar ancestral! Faço o que posso com água de lavanda, mas o cheiro das cavalariças e dos estábulos é difícil de aguentar. Charles, por mais que o ame, se tivesse *visto* esse lenço de pescoço antes, eu permitiria que me levasse a dar uma volta pelo parque.

— Não desperdice essa conversa comigo! — recomendou Charles. — O que há com os seus baios?

O Sr. Wychbold, uma das estrelas fulgurantes do Clube dos Quatro Cavalos, suspirou pesarosamente.

— Com aleijamento total! Não os dois, só um, mas está realmente mal. Você acreditaria? Deixei

minha irmã conduzi-los! Adote isso como um princípio, Charles: não se deve incumbir uma mulher de guiar um carro puxado a cavalos!

— Você ainda não conhece minha prima — respondeu o Sr. Rivenhall, com um sorriso enviesado.

— Está enganado — disse o Sr. Wychbold calmamente. — Conheci-a na noite de gala do Almack's, o que, meu caro rapaz, você saberia se não se conservasse afastado daquelas reuniões.

— Oh, conheceu-a, não é? Não tenho inclinação para essa forma de insipidez.

— Não lhe faria nenhum proveito, se tivesse — respondeu o Sr. Wychbold. — Não havia como aproximar-se de sua prima; para você, creio, não teria sido problema. *Eu* consegui, mas tive de empregar muita habilidade. Dancei o *boulanger* com ela. Moça por demais encantadora!

— Bem, já era tempo de você pensar em se casar. Por que não lhe propõe casamento? Eu lhe ficaria muito grato.

— Concordo com quase qualquer outra coisa para o seu bem, meu caro, mas não sou um homem de casar! — respondeu o Sr. Wychbold com firmeza.

— Eu não falava sério. Para ser franco, se você metesse essa ideia na cabeça eu me empenharia ao máximo para dissuadi-lo. Ela é a moça mais aborrecida que já esperei encontrar. A única coisa que conheço para louvá-la é que ela consegue dirigir com perícia. Teve a maldita impertinência de roubar meu cabriole no momento em que lhe voltei as costas por cinco minutos.

— Ela conduziu estes cinzentos? — perguntou o Sr. Wychbold.

— Conduziu. À rédea solta, inclusive. Tudo visando forçar-me a comprar um faéton e uma parelha para exhibir-se como objeto de curiosidade! Não farei tal coisa, mas não há dúvida de que gostaria de ver como ela vai resolver esse assunto.

— Não desejo alimentar falsas esperanças — disse o Sr. Wychbold, que estivera observando a aproximação de um vistoso faéton —, pelo contrário, mas sou obrigado a acreditar que é exatamente o que você está a ponto de fazer, meu caro! Mas uma coisa me deixa curioso: por que sua prima estaria conduzindo os cavalos baios de Manningtree?

— O quê? — exclamou o Sr. Rivenhall bruscamente. Seu olhar incrédulo caiu sobre o faéton que vinha na direção dele, num passo rápido e certo. Muito à vontade no perigoso veículo, sentada numa posição mais elevada que os cavalos, com o palafrenero ao seu lado e empunhando o chicote exatamente no ângulo correto, estava a Srta. Stanton-Lacy, e se a visão proporcionava prazer ao Sr. Rivenhall, ele não demonstrava o menor sinal disso. A princípio pareceu estupefato e depois mais assustador do que habitualmente. Como a andadura dos baios afrouxasse, reduzindo-se a um andar lento, ele conteve a própria parelha. As duas carruagens pararam lado a lado.

— Primo Charles! — exclamou Sophy. — E o Sr. Wychbold! Como vão vocês? Diga-me, primo, o que acha deles? Estou convencida de que fiz um bom negócio.

— Onde obteve esses cavalos? — perguntou o Sr. Rivenhall.

— Ora, Charles, pelo amor de Deus, não seja tão desatento! — suplicou o Sr. Wychbold, preparando-se para descer do cabriole. — Veja bem que ela está com a parelha castrada de Manningtree. Além do mais, acabei de lhe contar isso há apenas um minuto. Mas o que houve, Srta. Stanton-Lacy? Manningtree está vendendo seus bens?

— Creio que sim — ela sorriu.

— Por Deus, então você me passou para trás, pois eu estava de olho nessa parelha desde o dia em que Manningtree apareceu com ela na cidade. Como tomou conhecimento da venda, senhora?

— Para falar a verdade, eu não sabia nada a respeito — ela confessou. — Foi Sir Vincent Talgarth quem me proporcionou a oportunidade de comprá-los.

— Aquele sujeito! — intrometeu-se o Sr. Rivenhall, de modo explosivo. — Eu deveria saber.

— Sim, você deveria — Sophy concordou. — Ele é muito conhecido por saber das notícias antes de os outros ouvirem sequer um boato. Posso convidá-lo a subir, Sr. Wychbold? Se passei o senhor para trás, o mínimo que posso fazer é ceder meu lugar e deixá-lo conduzir minha parelha.

— Não hesite em me dizer quais dos cavalos de minha mãe ou meus você gostaria que eu retirasse dos estábulos para dar lugar aos seus! — pediu o Sr. Rivenhall, com falsa cortesia. — A menos, é cla-ro, que esteja providenciando os próprios estábulos!

— Querido primo Charles, espero ser mais sensata do que lhe causar um incômodo tão chocante! Meu fiel John Potton já cuidou de tudo. *Você* não deve se preocupar com os meus cavalos! Desça, John. Não precisa ter medo de deixar o Sr. Wychbold ocupar seu lugar, pois se os animais disparassem, ele estaria mais qualificado para controlá-los do que qualquer um de nós dois.

O palafrenero de meia-idade, depois de lançar um longo olhar perscrutador ao Sr. Wychbold, pareceu ficar satisfeito, pois obedeceu sem fazer qualquer comentário. O Sr. Wychbold saltou ligeiramente para o faéton; assentindo com a cabeça, Sophy despediu-se do primo, e os baios prosseguiram. Manifestando uma emoção reprimida, o Sr. Rivenhall ficou observando o faéton por alguns instantes, depois lançou um olhar para o palafrenero.

— Que diabo fazia você que deixou sua patroa comprar uma maldita carruagem perigosa como essa! — indagou.

— Não precisa ficar preocupado com a Srta. Sophy, senhor! — disse John, de um modo paternal. — O próprio Sir Horace não conseguiria impedi-la, não depois de ela ter tomado a decisão! Muitas foram as vezes em que falei com Sir Horace que ele devia dominá-la, mas jamais fez isso e nem tentou.

— Bem, se eu tivesse muito mais... — O Sr. Rivenhall deteve-se bruscamente, percebendo quão inadequada era essa troca de palavras.

— Maldito seja o seu atrevimento! — disse ele, e pôs os cavalos em andamento numa arremetida súbita que traía seu estado de irritação.

Nesse meio-tempo, o Sr. Wychbold, muito galante, recusava tomar as rédeas da Srta. Stanton-Lacy.

— Macacos me mordam se eu algum dia pensei que diria isso, mas é um prazer ser conduzido por uma dama que lida com uma parelha tão bem como você! Marchadores muito dóceis, sim; não ficaria surpreso se Charles estivesse de olho neles, razão pela qual se teria encolerizado.

— Não, estou certa de que seu julgamento é errado! Ele zangou-se porque comprei os cavalos e o faéton contra a sua recomendação — na verdade, mesmo ante a sua proibição! Conhece bem meu primo, senhor?

— Eu o conheço desde que ele estava em Eton.

— Então me diga, ele tem *sempre* necessidade de cantar de galo?

O Sr. Wychbold considerou a pergunta, mas não chegou a uma conclusão precisa.

— Bem, não sei — respondeu. — Sempre foi o único a assumir a liderança, é claro, mas um homem não se torna governante de seus amigos, senhora. Pelo menos... — Ele parou, ao lembrar-se de incidentes passados. — Sei que ele tem um temperamento constrangedor, mas é espantoso como é bom amigo! — disse. — Já perdi a conta das vezes que lhe disse para prestar atenção à sua língua extremamente desagradável, mas acontece, senhora, que não há ninguém a quem eu recorresse numa dificuldade melhor do que Charles Rivenhall!

— Eis aí um verdadeiro cumprimento — ela disse, pensativa.

O Sr. Wychbold tossiu, como quem desaprova.

— Nunca mencionou o problema para mim, é claro, mas se a metade do que se ouve for verdade, o pobre rapaz teve muito que aguentar. Tornou-o amargo. Muitas vezes pensei nisso! Mas por que diabos ele teve que se comprometer com aquela... — Interrompeu-se, bastante confuso. — Esqueci do que ia dizer — acrescentou rapidamente.

— Bem, agora se explica! — disse Sophy, abaixando as mãos ligeiramente e permitindo que os baios acelerassem a marcha.

— Explica o quê? — perguntou o Sr. Wychbold.

— Ora, Cecilia me contou que você era amigo íntimo de Charles, e se *você* é de opinião que não serve, não preciso ter escrúpulos. Imagine só, Sr. Wychbold, que infortúnio para a minha querida tia e para as pobres crianças suportar aquela criatura com cara de sexta-feira dando ordens a eles todos! Vivendo sob o mesmo teto, e, pode estar certo, encorajando Charles a ser desagradável, como quando nos encara com os olhos arregalados!

— Não adianta ficar remoendo! — disse o Sr. Wychbold, muito abalado.

— Mas é preciso! — replicou Sophy, resoluta.

— É inútil pensar nisso — insistiu o Sr. Wychbold, sacudindo a cabeça. — Há semanas que anunciaram o noivado com grande alarde em todos os jornais! Nesta altura já estariam casados se a moça não tivesse que usar luto. Um casamento muito bom, é claro... uma mulher de qualidade, um belo dote, não nego, e excelente parentesco!

— Bem — comentou Sophy, liberal —, se o *coração* dele está em jogo, julgo que se deve permitir que faça o que quiser, contudo *não* deve impor a mulher à sua família! Porém não creio realmente que seu coração tenha alguma coisa a ver com isso, e, quanto a ela, não tem nada! Pronto! Isso é que é fazer crítica severa do caráter de uma pessoa!

Com o entusiasmo provocado, o Sr. Wychbold disse, em tom confidencial:

— Sabe de uma coisa, senhora? Ela ficou sem pretendentes durante dois anos! Verdade! No ano passado, tentou conquistar Maxstoke, mas ele cortou logo. Nos clubes, também, o que era duvidoso ficou sendo certo, mas ele conseguiu escapar decentemente. — Suspirou. — Charles não fará isso. O noivado foi publicado na *Gazette*, você sabe; o pobre rapaz não poderia desistir mesmo se quisesse.

— Não poderia — concordou Sophy, com a testa franzida. — Contudo, *ela* poderia.

— *Poderia*, mas não vai desistir — replicou o Sr. Wychbold, positivo.

— Veremos! — disse Sophy. — De qualquer modo, devo impedir e impedirei que ela faça daqueles

pobres queridos uns infelizes! Pois é isso o que ela faz, eu lhe asseguro! Está sempre indo a Berkeley Square e deixando todo mundo deprimido! Primeiro é minha tia, que vai para a cama com dor de cabeça quando a criatura fica junto dela meia hora; depois é a Srta. Adderbury, para quem ela diz as coisas mais horríveis naquele odioso tom de voz adocicado que usa quando promete fomentar discórdia! Admira-se que a Srta. Adderbury não tenha ensinado as crianças a ler em italiano. Fica surpresa com o fato de ela fazer tão pouco uso do quadro-negro, e diz a Charles que está com um pouco de medo de que Amabel venha a ter os ombros caídos! *Tolice!* Está inclusive tentando convencê-lo a tirar o mico das crianças. Mas o pior de tudo é que ela o coloca contra o pobre do Hubert! Isso não posso perdoar! Além do mais, o faz de um modo tão vill! Não sei como mantive minhas mãos longe do rosto dela ontem, pois o garoto vestia um colete novo — bastante feio, mas ele parecia tão orgulhoso! E o que ela haveria de fazer a não ser chamar a atenção de Charles para o fato, fingindo mexer com Hubert, você sabe, mas conseguindo dar a impressão de que ele estava sempre comprando roupas novas e desperdiçando a mesada em bugigangas!

— Que mulher diabólica! — exclamou o Sr. Wychbold. — Confesso que não esperava que Charles aceitasse docilmente esse tipo de coisa! E jamais que aceitasse alguém interferindo!

— Oh, tudo é feito com uma solicitude tão superficial que ele não viu o que se acha enraizado... ainda! — declarou Sophy.

— Uma tarefa muito difícil — declarou o Sr. Wychbold. — Mas nada pode ser feito.

— Isso é o que as pessoas sempre dizem — replicou Sophy com severidade — quando são muito indolentes ou, talvez, muito medrosas para fazerem um grande esforço a fim de serem úteis! Tenho muitos defeitos, mas não sou indolente nem medrosa, embora *isso*, sei muito bem, não seja uma virtude; o fato é que nasci totalmente isenta de nervosismo, diz meu pai, e quase sem suscetibilidade. Não sei o que devo fazer, ainda não decidi, mas posso precisar da sua ajuda para romper esse compromisso tolo. — Num rápido olhar percebeu que ele parecia extremamente alarmado, e acrescentou de modo tranquilizador. — É provável que não, mas nunca se sabe, e é sempre bom ficar preparado. Agora devo fazê-lo descer, pois vejo Cecília esperando por mim, e ela prometeu deixar-me levá-la numa volta pelo parque depois de se certificar que não capotarei com o faéton.

— Não há perigo! — respondeu o Sr. Wychbold, imaginando o que mais essa jovem e alarmante mulher faria capotar durante sua estada em Berkeley Square.

Apertou-lhe a mão, dizendo que se as mulheres pudessem pertencer ao Clube dos Quatro Cavalos, sem dúvida apoiaria a candidatura dela, e desceu de chofre do faéton, para cumprimentar Cecília, a qual, com a Srta. Adderbury e as crianças, aguardava ao lado da estrada para veículos. Naturalmente, Gertrude, Amabel e Theodore reivindicaram seus direitos de subir primeiro para junto da prima em detrimento da irmã mais velha, mas depois disso ser discutido com perseverança, o Sr. Wychbold ajudou Cecília a subir na carruagem, fez uma reverência com a cabeça e afastou-se em passadas largas.

Logo Sophy percebeu que Cecília estava pálida, enquanto a pequena governanta se encontrava claramente no auge de uma agitação reprimida; como acreditava ser melhor chegar ao âmago de qualquer questão sem perder tempo com rodeios, indagou bruscamente:

— Ora, por que está abatida como quem está com enxaqueca, Cecy?

Tina, que durante a ocupação do lugar do passageiro pelo Sr. Wychbold se aninhara discretamente sob os pés da patroa, agora saiu rastejando de trás do tapete pardo e pulou para o colo de Cecília. Esta

apertou-a nos braços e a acariciou maquinalmente, respondendo com voz tensa:

— Eugenia!

— Oh, diabos a levem, criatura desagradável! — exclamou Sophy. — O que fez ela *agora!*

— Ela estava passeando por aqui com Alfred — respondeu Cecília — e deu conosco!

— Bem — replicou Sophy sensatamente —, confesso que não gosto dela, e Alfred sem dúvida é uma besta, a bestinha mais horrível da natureza, porém não vejo nisso nada para irritá-la tanto! Ele não teria tentado passar o braço pela sua cintura estando a irmã presente!

— Ora, Alfred! — exclamou Cecília desdenhosamente. — Não, exceto que ele me fez pegar no braço dele, e depois apertou-o da maneira mais odiosa, lançando olhares amorosos e dizendo coisas que me dão vontade de esbofeteá-lo. Mas não ligo a mínima para ele! Compreenda, Sophy, Augustus estava comigo!

— E daí? — quis saber Sophy.

— É certo que tínhamos ficado um pouco para trás de Addy, pois como se pode ter uma conversa coerente com as crianças tagarelando o tempo todo? Mas Addy *estava* à visia, e *não* pegamos um caminho solitário furtivamente — de fato, não era um tios mais frequentados, mas Addy estava lá o tempo todo, que importa isso? —, e dizer que eu estava me encontrando com Augustus *clandestinamente* é maldoso e injusto! Qualquer um pensaria num aventureiro odioso, e não numa pessoa que conheço a vida toda! Por que ele não deveria passear no parque? E se o faz, e nós nos encontramos, diga-me, por que eu não deveria falar com ele?

— Não há absolutamente qualquer razão. Aquela moça repelente fez-lhe uma reprimenda?

— A mim nem tanto quanto à pobre Addy. Ela está desesperada, pois Eugenia parece ter dito que ela estava traindo a confiança de mamãe e me encorajando a um comportamento clandestino. Ela foi realmente odiosa comigo, mas não pôde dizer muito mais, porque Augustus estava junto. Ela o fez caminhar com ela e mandou Alfred dar-me o braço, e eu me senti aviltada, Sophy, *aviltada!*

— Qualquer uma se sentiria, se fosse obrigada a tomar o braço de Alfred — concordou Sophy.

— Por causa disso, não! Mas por causa da atitude de Eugenia! Como se ela me tivesse encontrado fazendo algo ignominioso! E isso não é o pior! Charles está passeando aqui, e nem bem um momento to antes de você chegar ele passou por nós, com Eugenia sentada ao lado dele! E meu irmão me lançou o olhar mais frio do mundo! Ela contou-lhe tudo, pode estar certa, e agora ele ficará furioso co-migo, e provavelmente influenciará mamãe também, e tudo ficará horrível!

— Não, não ficará — disse Sophy friamente. — Na verdade, eu não ficaria absolutamente surpresa se a situação se tornasse uma coisa muito boa. Agora não posso explicar tudo, porém peço-lhe encarecidamente, Cecy, não fique tão angustiada! Não há necessidade. Asseguro-lhe que não há nenhuma necessidade! É muito provável que Charles não lhe diga uma palavra a respeito.

Cecília dirigiu-lhe um olhar incrédulo.

— Charles não vai dizer uma palavra? Você não o conhece! Ele estava parecendo uma negra nuvem de trovoadas!

— Não nego que parecesse; mas isso acontece com muita frequência, e você é uma pateta para no mesmo instante ficar tremendo como um manjar-branco — respondeu Sophy. — Agora vou fazê-la

descer e você vai juntar-se à pobrezinha da Addy e continuar seu passeio. Eu irei para casa, onde estou muito certa de encontrar seu irmão, pois acabamos de fazer a volta toda do parque e não há sinal dele, e sei que terá de regressar a Berkeley Square, pois o ouvi dizer a meu tio que alguém chamado Eckington estaria lá às 17:00.

— O agente do papai — Cecília informou apaticamente. — E não vejo, querida Sophy, que importância tem isso, se você encontra Charles em casa ou não, porque ele não vai falar com você sobre o assunto. Por que falaria?

— Oh, não vai falar apesar de tudo? — retorquiu Sophy. — Pode estar certa, a esta altura ele se terá convencido de que tudo foi culpa minha, do princípio ao fim! Além disso, está furioso comigo por ter comprado esta equipagem sem a ajuda dele, e por ter alugado um estábulo também! Deve estar ansioso que eu volte para casa de modo a poder brigar comigo sem recear interrupções. Pobre homem! Acho que vou fazê-la descer imediatamente, Cecy.

— Como você é corajosa! — Cecília disse, assombrada. — Não sei mesmo como pode suportar!

— O quê, os acessos de raiva do seu irmão? Não me assustam nem um pouco!

Cecília estremeceu.

— Não é questão de medo exatamente, mas tenho pavor de pessoas que ficam zangadas e me fazem ameaças! Não consigo evitar, Sophy, sei que é covardia de minha parte, mas meus joelhos tremem e sinto náuseas!

— Bem, hoje não devem tremer — disse Sophy alegremente. — Vou estragar os planos de Charles. Oh, veja! Lá está Francis Wolvey! A pessoa perfeita! Ele a restituirá a Addy por mim.

Parou enquanto falava, e Lord Francis, que estivera conversando com duas senhoras em um landolé, aproximou-se do faéton, exclamando:

— Sophy, que equipagem excelente! Seu criado, Srta. Rivenhall! Admira-me vê-la confiar numa pessoa avoada como esta, admira-me mesmo! Certa vez ela me fez capotar num cabriole. Num *cabriole*!

— Que coisa feia para dizer! — replicou Sophy, indignada. — Como se eu pudesse ter evitado, naquele tipo de estrada. Frenada! Oh, meu Deus, parece que foi há tanto tempo! Cheguei com Sir Horace e hospedei-me com a Sra... Sra...

— Scovell — ajudou Lord Francis. — Naquele inverno era a única senhora morando no quartel-general, e costumava realizar festas com jogos de *loo*, que é um jogo de cartas sem parceria. Lembra-se?

— É claro que me lembro! E com mais clareza ainda das pulgas naquele vilarejo horrível! Francis, preciso apanhar John Potton e ir embora. Quer acompanhar minha prima que vai ao encontro de seus irmãozinhos? Estavam passeando com a governanta em algum lugar junto à estrada para veículos.

Lord Francis, sobre quem a beleza de Cecília causara grande impressão quando ele a conhecera por ocasião da sua visita a Berkeley Square, respondeu prontamente que nada lhe daria mais prazer e estendeu as mãos para ajudá-la a descer do faéton. Afirmou esperar que não encontrassem muito rapidamente o grupo de estudantes, e Cecilia, sensível às maneiras tranquilas e cordiais do rapaz e à sua evidente admiração, começou a demonstrar mais alegria. Muito satisfeita, Sophy viu-os afastarem-se, e seguiu para onde seu palafreheiro a aguardava, nas proximidades do Portão Stanhope. Informou que vira o Sr. Rivenhall passar pelo portão há poucos minutos, e acrescentou, com uma risadinha insípida, que ele ainda parecia enfurecido.

— Maldita seja a minha insolência, Srta. Sophy, mas ele chegava a ferir a boca dos cavalos com o freio!

— Ora, o que você lhe disse para enfurecê-lo?

— Eu só disse que você jamais fora dominada por freios, senhorita, e considerando que ele está de acordo comigo, e não é capaz de dizer, não havia remédio senão amaldiçoar-me e partir. *E* não o culpo! Encrenca próxima, Srta. Sophy, é o que você representa!

Quando chegou a Berkeley Square, Sophy descobriu que o Sr. Rivenhall acabara de entrar em casa, depois de ter perambulado nas imediações ao deixar as cavalariças. Ainda usava a capa de dirigir e parara ao lado da mesa do vestíbulo para apanhar e ler um bilhete enviado por um dos seus amigos. Carrancudo, ergueu os olhos quando Dassetz introduziu Sophy, mas não falou nada. Tina, que manifestara (segundo a opinião da sua dona) uma paixão insensata pela companhia dele, saltou alegremente na direção de Charles e empregou toda arte que conhecia para atrair-lhe a atenção. Na verdade ele não deixou de lançar-lhe um olhar, porém, longe de encorajá-la a prosseguir, disse bruscamente:

— Quieta!

— Ah, então chegou antes de mim! — comentou Sophy, retirando as luvas. — Bem, me dê sua opinião sincera sobre aqueles baios! O Sr. Wychbold desconfia que você mesmo pode ter estado de olho neles. É verdade?

— Muito além do *meu* alcance, prima! — ele respondeu.

— Não diga, é mesmo? Dei 400 guinéus por eles, e acho que fiz bom negócio.

— Estava falando sério quando me deu a entender que já providenciou seu próprio estábulo? — perguntou.

— Certamente que falava sério. Como iria forçar minha tia a arcar com a guarda dos meus cavalos? Além disso, é provável que eu compre mais dois, se puder encontrar uma dupla que se harmonize com os baios. Soube que é uma especialidade dirigir um faéton puxado a quatro cavalos, embora acredite que isso deve levar a uma adaptação dos varais, o que seria um aborrecimento.

— Não tenho controle sobre suas ações, *prima* — disse ele friamente. — Sem dúvida, se lhe parece divertido servir de espetáculo no parque, você servirá. Contudo, por favor, não o faça se levar uma de minhas irmãs ao seu lado!

— Mas isso não me diverte — ela disse. — Já levei Cecília numa volta ao redor da estrada para veículos. Você tem ideias muito antiquadas, não tem? Vi diversos veículos esportivos extremamente elegantes dirigidos por senhoras da mais alta camada social!

— Não faço particular objeção a um faéton com uma parelha — replicou ele ainda mais friamente —, embora um modelo com o banco do cocheiro em destaque não seja muito adequado para uma dama. Perdoe-me, mas devo lhe dizer que há algo mais do que um pouco extravagante nesse tipo de carruagem.

— Ora, quem teria sido tão despeitado para meter-lhe essa ideia na cabeça? — quis saber Sophy.

Ele corou, mas não respondeu.

— Viu Cecília? — perguntou Sophy. — Tinha uma aparência arrebatadora naquele novo chapéu que

sua mãe, com tanto bom gosto, comprou para ela.

— Eu de fato vi Cecília — ele respondeu severamente. — Além disso, eu, como você, prima, sei exatamente como minha irmã estava passando o tempo! Vou ser extremamente claro com você!

— Se deseja ser extremamente claro comigo — ela interrompeu-o — venha para a biblioteca! É muito impróprio de sua parte ficar falando de assuntos de família onde pode ser ouvido. Além do mais, tenho algo de *natureza* decididamente delicada para lhe dizer.

Em largas passadas, Charles caminhou imediatamente para a porta da biblioteca e escancarou-a. Ela entrou no aposento passando por ele, e o rapaz a seguiu fechando a porta atrás de si, rápido demais para Tina, que ficou do lado de fora. O que tornou necessário que Charles a abrisse de novo, pois os reclamos de Tina para ele assim proceder eram ao mesmo tempo estridentes e imperiosos. Esse anticlímax insignificante nada contribuiu para melhorar o humor do *rapaz*, e foi com uma aspereza muito desagradável na voz que ele disse:

— Nada de benevolência entre nós, Sophy! Se foi você ou não quem providenciou um encontro clandestino no parque para minha irmã e o jovem Fawnhope, sei muito bem que...

— Cecília não está causando boa impressão? — perguntou Sophy, de modo aprovador. — Passeou com Fawnhope, e depois com Alfred Wraxton e a deixei com Lord Francis! É sobre isso, querido primo Charles, que gostaria de falar com você! Longe, está *longe* de mim a ideia de interferir nos assuntos da sua família, mas acho que devo, talvez, fazer-lhe uma sugestão. Sei que é constrangedor para você, na sua situação, porém você saberá como lançar uma palavra no ouvido de Cecy.

Ele ficou desconcertado por este lance inesperado, e arregalou os olhos ao fitá-la.

— De que diabo está falando?

— Não é nem um pouco do meu agrado mencionar o fato — disse Sophy, mentindo —, mas você sabe quanto gosto de Cecy! O caso é que tenho viajado e aprendi a cuidar de mim mesma. Cecy é tão inocente! Não há uma única partícula de maldade em Augustus Fawnhope, e Francis Wolvey, até o momento, tem sido cavalheiro demais para ultrapassar os limites. Mas você não devia encorajar uma jovem tão encantadora como sua irmã a caminhar pelo parque com o Dishonorable Alfred, Charles!

Ele ficou tão confuso, que por um momento não disse uma palavra. Depois exigiu uma explicação.

— Ele é o tipo do sujeitinho odioso e desprezível que beija as criadas nas escadas — respondeu com franqueza.

— Minha irmã não é uma criada!

— Não é, e realmente confio que ela saiba como conservá-lo à distância de um braço.

— Posso saber se tem o mais leve motivo para fazer essa acusação contra Wraxton?

— Se quer saber se já o vi beijando uma criada, não vi, querido Charles, não vi mesmo. Se, por outro lado, você pergunta se ele tentou me beijar, sim, querido Charles, ele já tentou. A propósito, nesta sala mesmo.

Ele parecia zangado e ofendido.

— Lamento muitíssimo que tenha sido molestada desse modo, debaixo deste teto — respondeu, pronunciando as palavras com esforço.

— Oh, não me preocupo com isso! Já lhe disse que sou capaz de cuidar de mim mesma. Mas duvido

que qualquer pessoa consiga tolher os... os hábitos dele de abraçar e passar a mão, ou convencê-lo de que seu tipo de conversa é muito impróprio.

Ela estivera retirando a pelica enquanto falava, e agora a colocava de lado e sentava-se numa *bergère* junto à lareira. Após um instante, Charles falou, num tom mais brando.

— Não fingirei que tenho alguma simpatia por Wraxton, pois não tenho. Na medida em que estiver ao meu alcance, sem dúvida não encorajarei suas visitas a esta casa. Entretanto, minha situação é constrangedora, como você mesma disse. Eu não permitiria de modo algum que isto chegasse aos ouvidos da Srta. Wraxton.

— Não mesmo! — concordou ela calorosamente. — Seria a coisa mais indigna de sua parte ficar contando histórias do irmão para a Srta. Wraxton!

Ele apoiava o braço ao longo do consolo da lareira e estivera olhando para o fogo, porém, diante dessas palavras, levantou a cabeça e lançou um olhar penetrante para Sophy. Ela achou que havia muita compreensão nos olhos de Charles, contudo ele disse apenas:

— Exatamente, prima.

— Não se estenda demais sobre o assunto! — ela aconselhou-o gentilmente. — Não pretendo dizer que Cecy sente uma *tendre* por ele, pois entre nós duas é ela quem o julga muito mais odioso.

— Estou bem ciente de que ela não sente nenhuma *tendre* por ele.

— Obrigado! — o primo retorquiu. — Está apaixonada por aquele peralvilho do Fawnhope!

— É claro que está — confirmou Sophy.

— Também sei que você tem se encarregado do caso desde o dia em que entrou nesta casa, procurando encorajar essa loucura por todos os meios ao seu alcance! Você e Cecília têm sido vistas constantemente na companhia de Fawnhope; você fingiu que ele era um amigo seu, assim ele tem uma desculpa para aparecer aqui seis dias em cada sete; você...

— Em suma, Charles, eu os tenho reunido continuamente. É verdade, e se você tivesse um pinga de bom senso, teria feito o mesmo semanas antes de eu chegar à cidade!

O rapaz ficou coibido por um instante, em seguida perguntou, um tanto incrédulo:

— Imagina que vai curar Cecília, procedendo assim? Ou devo acreditar que tem alguma intenção em mente?

— Bem, não sei — Sophy respondeu, pensando um pouquinho sobre o assunto. — De duas coisas, uma deve acontecer, você sabe. Ou ela se cansará de Augustus — e devo dizer que realmente acho isso muito provável, porque, embora ele seja bonito e consiga ser muito cativante quando quer, é também muito maçante, além de esquecer a existência de Cecília exatamente quando deveria ser mais solícito —, ou ela continuará a amá-lo, apesar das suas faltas. E se isso acontecer, Charles, você saberá que não se trata de mero capricho e terá de consentir no casamento deles.

— Jamais! — bradou ele, com muita violência.

— Mas será obrigado — ela insistiu. — Seria perverso tentar forçá-la a outro casamento, e você seria cruel se tentasse.

— Não a forcerei a nenhum casamento! — ele interrompeu. — Talvez lhe interesse saber que sou muito ligado a Cecília, e é por essa razão, e não por simples teimosia, que não darei apoio à união dela

com um homem do tipo de Fawnhope! Quanto a essa ideia tola que você tem, de que reunindo-os sempre Cecília acabará enjoando dele, nunca esteve mais enganada! Longe de se cansar, Cecília não perde oportunidade de ficar a sós com ele! E já perdeu todo o senso de decoro, a ponto de enganar Addy! Ainda esta tarde a Srta. Wraxton deu com ela numa alameda isolada do parque, sozinha com Fawnhope, depois de livrar-se da barreira que era a presença de Addy. Encontros clandestinos! Belo comportamento da Srta. Rivenhall de Ombersley, palavra de honra!

— Meu querido Charles — disse Sophy com uma calma inigualável —, sabe muito bem que está forjando essa história.

— Não estou fazendo uma coisa dessas! Imagina que *eu forjaria* uma história sobre minha irmã?

— Para dizer a verdade, acho que faria qualquer coisa quando cai num dos seus acessos de fúria — replicou ela, sorridente. — Não há segredo algum sobre ela ter passeado com Fawnhope, e o resto brotou da sua serenidade perturbada. Ora, não me diga que a Srta. Wraxton lhe contou isso dessa maneira, porque estou certa de que ela jamais lhe contaria tais mentiras sobre Cecília! *Livrou-se* de Addy — francamente! Ela nunca ficou um só minuto afastada do olhar vigilante de Addy! Santo Deus, você já não conhece mais Cecília para ousar acusá-la de um comportamento clandestino. Que expressão vulgar, sem dúvida! Pare de fazer esse papel de bobo! Logo estará arengando aos ouvidos da pobre Cecília porque permitiu que um rapaz respeitável, que ela conhece desde que ambos eram crianças, caminhasse um trecho ao lado dela, sob os olhos atentos da governanta!

Outra vez Sophy caiu sob aquele intenso olhar perscrutador.

— Sabe disto com certeza? — ele perguntou, num tom de voz alterado.

— Certamente que sim, pois Cecy me contou exatamente o que aconteceu. Parece que a Srta. Wraxton disse algo que constrangeu muito Addy — sem dúvida ela interpretou mal! Talvez a Srta. Wraxton sen-tisse que Addy deveria ter enxotado Augustus, mas como ela poderia fazer isso eu dificilmente imagino! Mas Addy é muito sensível, você sabe, e logo ficou transtornada.

Ele parecia aborrecido e disse:

— Não devemos culpar Addy; Cecília não está mais sob o seu controle. Se ela tivesse contado à minha mãe sobre esses encontros... Bem, de fato ela nunca foi de fazer mexerico sobre algum de nós!

Persuasiva, Sophy disse:

— Mostre-lhe que não está zangado com ela, Charles, e que não tenciona despedi-la depois de todos esses anos!

— Despedi-la? — repetiu Charles aturdido. — Que tolice!

— Foi exatamente o que eu disse a ela! Mas ela meteu na cabeça que seus métodos de ensinar crianças são antiquados demais, e parece achar que deveria ser capaz de ensinar-lhes o italiano e mais uma infinidade de coisas que não conhece.

Houve uma ligeira pausa. O Sr. Rivenhall sentou-se do outro lado da lareira, e, um tanto distraído, começou a puxar as orelhas de Tina. Sua expressão estava carrancuda, e dentro em pouco disse, com seu modo lacônico:

— Não tenho absolutamente nada a reclamar da educação das minhas irmãs. Isso é tarefa da minha mãe, e não posso imaginar que algum dia viesse a ser de outra pessoa.

Sophy não viu necessidade de alongar-se nesse ponto e apenas concordou com ele. Com olhos semicerrados, o primo lançou-lhe um olhar de avaliação, inquisidor, mas ela preservou o semblante calmo. Ele disse:

— Nada disso tem relação com o que tenho reclamado a você. Tudo ia muito bem, prima, antes de você começar virando esta casa de cabeça para baixo! Eu lhe ficarei grato se no futuro...

— Ora, o que é que eu tenho feito? — ela exclamou.

Charles viu-se incapaz de juntar em palavras as coisas que ela fizera e foi obrigado a recorrer ao único crime tangível:

— Para começar, trouxe aquele mico para cá! — disse. — Não há dúvida quanto às suas gentis intenções! Porém é o animal mais inconveniente para presentear crianças, e agora, é claro, elas vão achar que somos cruéis obrigando-as a livrar-se dele, o que precisarão fazer.

Os olhos de Sophy começaram a dançar.

— Charles, você está apenas tentando ser desagradável! Você não pode, num dia, alimentar Jacko com pedacinhos de maçã, ensinar-lhe truques e aconselhar as crianças a agasalhá-lo com uma colcha à noite e, no outro, dizer que devem livrar-se dele!

Ele mordeu o lábio, mas seu deplorável sorriso largo e forçado não desapareceu de todo.

— Quem lhe contou que eu fiz isso?

— Theodore. E também que o trouxe aqui embaixo no ombro quando a Srta. Wraxton veio fazer uma visita, para mostrá-lo a ela. Devo dizer que foi uma tolice da sua parte, pois sabe que ela não gosta de animais; ela nos disse isso. Sem dúvida não há razão para que ela devesse gostar, e importuná-la com bichos não é nada gentil. Jamais deixei Tina provocá-la, você sabe.

— Está enganada! — Charles replicou rapidamente. — Ela não gosta de micos, Lady Brinklow é que não gosta de cães.

— Penso que ela sente o mesmo — disse Sophy, levantando-se e dando uma sacudida na saia. — Não se pode deixar de observar com que frequência as filhas se assemelham às mães. Não nos traços faciais, mas no temperamento. Você deve ter notado!

Ele pareceu ficar meio constrangido com essa afirmação.

— Não, não notei. Não creio no que está dizendo!

— Ora, avalie pela Cecy! Ela será exatamente igual à querida tia Lizzie quando for mais velha. — Observou que sua opinião estava causando efeito e considerou que, por um dia, lhe dera o suficiente para pensar. Dirigiu-se para a porta, dizendo: — Tenho que mudar meu vestido.

Ele levantou-se abruptamente.

— Não, espere!

Ela olhou por cima do ombro.

— Sim?

Charles parecia não saber exatamente o que queria dizer.

— Nada! Não tem importância! Da próxima vez que insistir em comprar cavalos, será melhor você falar comigo! Pedir a ajuda de estranhos é muito desagradável!

— Mas você me assegurou que não tomaria parte na compra! — Sophy salientou.

— Certo! — ele admitiu, furioso. — Nada agrada mais a você do que me embaraçar, não é?

Ela riu, mas afastou-se sem responder. No alto da escada foi agarrada por Cecília, ansiosa para saber qual seria o seu destino.

— Se ele falar com você, será para preveni-la contra Alfred Wraxton! — informou Sophy, com uma divertida risadinha gutural. — Informei a ele exatamente como aquele tipo desprezível se conduziu e aconselhei-o a cuidar de você!

— Não fez isso!

— Fiz. Tive um excelente dia de trabalho e da maneira mais inescrupulosa! Oh, diga a Addy que Charles não a culpa nem um pouco! Ele não dirá uma palavra à minha tia sobre o que aconteceu, e duvido se dirá alguma coisa a você. A única pessoa a quem *ele pode* dizer uma palavra é à sua preciosa Eugenia. Espero que ela o faça perder a paciência.

VII

CECÍLIA não podia acreditar que estava livre de mais uma reprimenda do irmão, e quando mais tarde encontrou-se inesperadamente com ele numa curva da escada, soltou um grito sufocado e procurou firmar os trémulos joelhos.

— Alo — disse ele, passando os olhos pelo seu requintado vestido de baile coberto de gaze e com forro de cetim. — Está muito elegante. Aonde vai?

— Depois do jantar, Lady Sefton vai passar aqui para levar a Sophy e a mim ao Almack's — ela respondeu, agradecida. — Mamãe não se sente em condições esta noite.

— Vai deslustrar o brilho das outras moças — ele comentou. — Está esplêndida!

— Por que não nos acompanha? — perguntou a irmã, tomando coragem.

— Se eu fosse, você não passaria a noite toda na companhia de Fawnhope — ele comentou secamente.

Cecília ergueu o queixo.

— Não passaria, de modo algum, a noite inteira acompanhando um só cavalheiro!

— Bem, acredito que não — concordou o irmão suavemente. — Não estou preocupado, Cilly! Além do mais, assumi compromisso com um grupo de amigos meus.

O emprego do seu apelido infantil, já quase esquecido, a fez retorquir com muito menos constrangimento.

— No Daffy Club (Clube dos Malucos)!

Ele esboçou um largo sorriso.

— Não. No Cribb's Parlour (Salão de Jogo)!

— Como você é horroroso! Pensei que fosse discutir os méritos de um filhote de Bloomsbury ou de um Diamante Negro ou... ou... ...a maravilha de Mayfair — ele ajudou. — Nada tão interessante. Vou fumar tabaco com amigos. E o que sabe *você* sobre os filhotes de Bloomsbury, senhorita?

Ela lançou-lhe um olhar atrevido enquanto passava por ele ao descer as escadas.

— Apenas o que aprendi com meus irmãos, Charles!

Ele riu e a deixou ir, porém, antes que ela tivesse chegado ao final do lance de escada, inclinou-se sobre o corrimão e a chamou de modo imperativo:

— Cecília! — Ela ergueu os olhos com uma expressão curiosa. — Aquele rapaz, Wraxton, tem aborrecido você?

Ela esteve a ponto de trair-se ao perder o ar de gravidade. Replicou:

— Oh, bem! Acho que eu poderia tratá-lo com bastante rudeza, se... bem, se me decidisse a isso!

— Não precisa ficar constrangida devido a uma consideração por terceiros. Acho desnecessário dizer que se Eugenia soubesse, seria a primeira a condenar o comportamento do irmão!

— É claro — disse ela.

Se ele iria dizer palavras de censura à Srta. Wraxton, era um mistério. Se disse alguma coisa, devem ter sido palavras brandas, Sophy imaginava, pois a moça não pareceu corrigir-se de modo algum. Quando, mais tarde, a Srta. Wraxton abordou o debatido assunto de Jacko, ao confiar a Lady Ombersley que vivia com medo de um dia o mico morder uma das crianças, Charles ouviu-a e respondeu de modo impaciente:

— Tolice!

— Acredito que a mordida de um mico seja venenosa.

— Nesse caso espero que ele morda Theodore.

Lady Ombersley esboçou um protesto, porém Theodore, que tinha recebido uns sonoros sopapos por acertar com uma bola de críquete, do jardim da praça, a janela de uma casa das vizinhanças, apenas esboçou um largo sorriso. À Srta. Wraxton, para quem ele não fora castigado bastante por essa indisciplina, já havia falado com Charles sobre o assunto, e ele se limitara a dizer: "De fato, mas foi uma rebatida excelente. Eu vi." Esse pouco caso por sua opinião exasperou a Srta. Wraxton e então, com a sua malícia costumeira ao falar com as crianças, pregou um sermão jocoso a Theodore, dizendo-lhe que ele era um felizardo por não perder o direito ao seu novo bichinho de estimação como castigo pelo seu crime. Ele não lhe deu muita atenção, apenas lançou-lhe um olhar ressentido, porém Gertrude soltou sem pensar:

— Acho que você não gosta de Jacko porque foi Sophy quem o deu para nós!

A verdade dessa declaração franca e embaraçosa causou a quase todos os presentes um efeito difícil de descrever. Nas faces da Srta. Wraxton surgiram duas manchas vermelhas; Lady Ombersley emitiu um grito sufocado, e Cecília casquinou uma risadinha contida. Só Charles e Sophy permaneceram impassíveis: Sophy não levantou os olhos da costura em que estava entretida, e Charles, estarecido, disse:

— Uma observação idiota e impertinente, Gertrude. Você pode voltar aos estudos se não consegue conduzir-se de maneira mais apropriada.

Gertrude, que chegara à idade em que ficava embaraçada tanto quanto os mais velhos, enrubescera intensamente e agora fugia da sala, transtornada. No mesmo instante Lady Ombersley começou a falar sobre a sua projetada excursão com Cecília e Sophy, para visitar a Marquesa de Villacanãs, em Merión.

— Ninguém gosta de ficar para trás numa cortesia — disse ela —, portanto farei um esforço. Esperemos que não chova, pois tornaria o passeio muito desagradável. Gostaria que viesse conosco, Charles. Afinal, é a noiva do seu tio, você sabe! Confesso que não me importo de sair da cidade sem a companhia de um cavalheiro, embora esteja certa de que Radnor é perfeitamente digno de confiança, e, é claro, devo levar meus lacaios.

— Minha querida mãe, três homens robustos seriam suficientes para protegê-la nessa arriscada viagem! — ele respondeu, um tanto divertido.

— Não obrigue Charles a ir, tia Lizzie! — disse Sophy, cortando a linha com a tesoura. — Sir Vincent prometeu que irá conosco, pois não vê Saneia desde os tempos de Madri, quando o marido dela ainda vivia e davam esplêndidas festas para os oficiais ingleses.

Houve uma ligeira pausa antes de Charles dizer:

— Se deseja mesmo, mãe, irei com vocês. Posso levar minha prima no cabriole, assim não ficarão

apertadas na sua carruagem.

— Ora, pretendo ir no meu faéton! — Sophy disse despreocupadamente.

— Pensei que sua ambição fosse conduzir meus cavalos cinzentos!

— Ora, você me deixaria?

— Talvez.

Ela riu.

— Oh, não, não! Não acredito em *talvez*! Leve Cecília!

— Decididamente, Cecília preferiria ir no pequeno landô de minha mãe. Deixo você tomar as rédeas durante parte do trajeto.

Reanimando-se, ela replicou:

— Isso é algo tentador! Você me convenceu, Charles, e desconfio que não esteja se sentindo muito bem!

— Será uma excursão encantadora — aparteou a Srta. Wraxton alegre. — Sinto-me quase tentada, querida Lady Ombersley, a pedir um lugar na sua carruagem!

Lady Ombersley era muito bem-educada para demonstrar consternação, contudo disse, um pouco em dúvida:

— Bem, minha querida, é claro... se Sophy realmente acha que não seremos gente demais para a marquesa! Não gostaria de aborrecê-la de modo algum.

— Absolutamente! — Sophy replicou no mesmo instante. — Não está em meu poder aborrecer Sancia, querida tia Lizzie! Ela não irá atarefar-se nem um pouco, deixará tudo por conta do mordomo. É um francês que ficará encantado em cuidar de um grupo tão pequeno como o nosso. Tenho apenas de escrever uma carta para Sancia, pedir a meu tio que a envie, e tudo estará resolvido — se ao menos ela acordar por tempo suficiente para transmitir minha mensagem a Gaston.

— Que interessante será conhecer uma dama espanhola de verdade! — comentou a Srta. Wraxton.

— Santo Deus, como se Sancia fosse uma girafa! — comentou Sophy a Cecília mais tarde.

— Oxalá eu soubesse que você pretendia acompanhar minha mãe! — disse o Sr. Rivenhall logo depois, ao acompanhar a Srta. Wraxton até a carruagem. — Eu devia *ter-lhe* oferecido um lugar no meu cabriole. Agora não posso voltar atrás, é uma amolação. Eu não teria concordado em ir se não tivesse ouvido que Talgarth estaria no grupo. Deus sabe que não me importo com quem minha prima se case, porém imagino que, nas circunstâncias, devemos isso a meu tio: não encorajar *essa* ligação!

— Receio que a visita dela trouxe preocupações extras para você, meu querido Charles. Muito deve ser perdoado a uma jovem que não conheceu os cuidados de uma mãe, mas eu tinha esperado que, sob a orientação de sua mãe, ela tentasse adaptar-se aos padrões de decoro ingleses.

— Ela *não*! — ele respondeu. — Acredito que Sophy se diverte em nos manter a todos sobre brasas! Não se pode adivinhar o que fará a seguir, enquanto o relacionamento que mantém com todo tagarela que já usou casaco vermelho... não que eu me importe com isso! Mas ficar encorajando Talgarth a ser seu pretendente ultrapassa os limites. Não basta dizer que ela pode cuidar de si mesma. Não nego que possa, mas se for vista demais na companhia dele, todo abelhudo da cidade breve estará falando dela!

A Srta. Wraxton, assimilando essas palavras precipitadas, foi muito imprudente para resumi-las a Sophy menos de 48 horas depois.

À hora do elegante passeio público, enquanto caminhava no parque com sua criada, ela deu com o faéton de Sophy parado, enquanto a jovem trocava algumas palavras com o tão censurável Sir Vincent. Ele tinha uma das mãos negligentemente pousada no estribo do veículo, e Sophy estava um pouco inclinada para dizer algo que parecia ter muita graça. Sophy viu a Srta. Wraxton e, sorridente, cumprimentou com a cabeça, porém ficou um tanto surpresa quando Eugenia se aproximou do faéton e dirigiu-lhe a palavra.

— Como vai? Ah, esta é a carruagem da qual ouvi falar tanto! De qualquer modo, vejo que tem uma bela parelha de cavalos. Você os conduz um atrás do outro. Merece congratulações. Acho que não teria confiança em mim mesma para tanto.

— Creio que você já conhece Sir Vincent Talgarth — disse Sophy. Sir Vincent recebeu a mais fria das medidas e a levíssima insinuação de um sorriso.

— Sabe de uma coisa? — disse a Srta. Wraxton, erguendo os olhos para Sophy. — Penso que devo lhe pedir para me levar ao seu lado numa volta! Estou realmente com ciúmes da sua carruagem, creia!

Sophy fez sinal para John descer, dizendo cortesmente:

— Por favor, venha comigo, Srta. Wraxton! Naturalmente serei posta à prova. Sir Vincent, nos veremos na sexta-feira, então. Visite-nos em Berkeley Square!

Auxiliada por John Potton, a Srta. Wraxton subiu com incrível graça na carruagem incomodamente alta e sentou-se ao lado de Sophy, ajeitando a saia e tomando conhecimento da presença de Tina ao pronunciar:

— Que amor de cãozinho! — uma forma de saudação que fez o pequeno galgo estremecer e chegar-se mais à sua dona. — Estou tão feliz por ter oportunidade de lhe falar, Srta. Stanton-Lacy! Cheguei a imaginar que seria impossível encontrá-la sozinha! Você conhece tantas pessoas!

— Conheço sim, não sou uma felizarda?

— Na verdade, é! — concordou a Srta. Wraxton, em tom doce como mel. — Embora, às vezes, querida Srta. Stanton-Lacy, quando se tem um grande número de amigos, talvez não sejamos tão cuidado sos como deveríamos ser. Pergunto a mim mesma se eu poderia aventurar-me a colocá-la de sobreaviso. Estou certa de que você seria capaz de me dizer como eu deveria proceder em Paris ou Viena; em Londres, porém, devo estar mais à vontade do que você.

— Oh, eu jamais seria tão impertinente a ponto de lhe dizer como deveria proceder, em qualquer lugar! — declarou Sophy.

— Bem, talvez não fosse necessário — reconheceu a Srta. Wraxton, de modo gracioso. — Minha mãe sempre foi muito cuidadosa e muito rígida na escolha de governantas para as filhas. Sinto muita pena de você, querida Srta. Stanton-Lacy, pela situação em que se encontra. Deve ter sentido falta de uma mãe com bastante frequência!

— De maneira alguma. Não desperdice sua compaixão comigo,peço-lhe! Jamais quis uma mãe enquanto tive Sir Horace.

— Os homens são diferentes — declarou a Srta. Wraxton.

— Uma afirmativa incontestável. Gosta dos meus baios?

A Srta. Wraxton colocou a mão no joelho de Sophy.

— Permite que lhe fale sem reservas? — pediu.

— Dificilmente poderia impedi-la, a não ser derrubando-a do carro — Sophy respondeu. — Porém seria aconselhável não o fazer, sabe? Se eu perdesse a calma talvez fizesse o que mais tarde iria lamentar.

— Mas preciso falar! — insistiu a Srta. Wraxton, com seriedade.

— Devo isso ao seu primo!

— É mesmo? Por que *razão*!

— Compreenda que ele não gosta de mencionar o assunto diretamente. Sente um certo constrangimento...

— Pensei que estivesse falando de Charles! — interrompeu Sophy.

— De que primo está falando?

— Estou falando de Charles.

— Tolicie! Ele não tem escrúpulos para se constranger.

— Srta. Stanton-Lacy, acredite-me, esse ar de leviandade não lhe fica bem! — disse a Srta. Wraxton, perdendo um pouco de sua doçura. — Eu de fato acho que você não sabe o que se espera de uma mulher de qualidade! Ou — perdoe-me — quanto é perigoso atizar as pessoas e despertar mexericos que tanto podem ser dolorosos para os Rivenhall quanto para você, não tenho dúvidas!

— Ora, em nome de Deus, o que vem a seguir? — indagou Sophy, muito surpresa. — Você não pode ser antiquada a ponto de supor que por dirigir um faéton do último tipo eu dê motivo para mexericos!

— Não é isso, embora fosse preferível que fosse vista em um veículo menos esportivo. Mas seu hábito de manter relações afáveis com tantos cavalheiros militares — tagarelas de casacos vermelhos, como diz Charles para zombar! —, e em particular aquele homem com quem a vi conversando há pouco, faz você parecer um pouco *leviana*, querida Srta. Stanton-Lacy, algo que sei que você não desejaria ser! A companhia de Sir Vincent não pode lhe dar importância, muito ao contrário! Uma certa dama — da mais alta consideração — comentou comigo hoje mesmo sobre ele apegar-se a você de modo tão especial.

— Acho que essa dama tem um interesse pessoal nisso — observou Sophy. — Ele é um namorador impossível! E meu primo Charles quis que você me prevenisse contra esses tagarelas?

— Ele não quis exatamente que eu fizesse isso — respondeu a Srta. Wraxton, hesitando —, contudo falou comigo a respeito, e sei quais são os sentimentos dele. Olhe, a sociedade só verá com indulgência certas brincadeiras, como por exemplo dirigir o cabriole de Charles, por que a proteção de Lady Ombersley lhe dá apoio.

— Que felizarda eu sou! — exclamou Sophy. — Mas considera sensato de sua parte ser vista em minha companhia?

— Agora você está zombando, Srta. Stanton-Lacy!

— Não, só estou com medo de que possa sofrer por ser vista num veículo como este e com uma

mulher tão leviana!

— Há pouca possibilidade — respondeu gentilmente a Srta. Wraxton. — Talvez julguem um tanto *estranho* de minha parte, pois não dirijo em Londres, contudo creio que meu caráter já adquiriu suficiente reputação para possibilitar-me fazer, se eu desejasse, o que outros talvez possam ser imprudentes tentando.

Nessa altura estavam à vista da entrada junto a Apsley House.

— Bem, deixe-me ver se entendi! — disse Sophy. — Se eu fizesse algo ultrajante estando na sua companhia, sua influência seria boa o bastante para fazer-me sair bem da situação?

— Digamos a influência da minha família, Srta. Stanton-Lacy. Posso arriscar-me a responder, sem hesitação, que seria.

— Excelente — replicou Sophy rapidamente, e voltou os cavalos em direção à entrada.

Perdendo um pouco a autoconfiança, a Srta. Wraxton perguntou rispidamente:

— Diga-me, o que pretende fazer?

— Vou fazer algo que me tenta desde o dia em que me disseram que eu não devia fazer, de forma alguma! — respondeu Sophy. — É uma curiosidade igual à da mulher do Barba-Azul quando resolveu abrir o quarto secreto, coisa que estava proibida de fazer.

O faéton transpôs a passagem sacudindo-se muito e fez uma curva abrupta para a esquerda, escapando por um triz de colidir com uma maciça carruagem brasonada. A Srta. Wraxton soltou um grito sufocado e agarrou-se à parte lateral do faéton.

— Cuidado! Por favor, pare os cavalos imediatamente! Não quero continuar rodando pelas ruas! Você perdeu o juízo?

— Não, não, não tenha medo! Não perdi o juízo. Como estou contente por você ter resolvido passear comigo! Uma oportunidade como esta talvez nunca mais surja no meu caminho!

— Srta. Stanton-Lacy, não sei o que realmente pretende, e devo pedir-lhe de novo que pare! Não estou achando graça alguma nesta brincadeira, quero descer agora mesmo do seu faéton!

— O quê? E caminhar ao longo de Piccadilly desacompanhada? Não pode estar falando sério.

— *Pare!* — mandou a Srta. Wraxton, com a voz meio esganiçada.

— De modo nenhum. Meu Deus, quanto tráfego! Talvez seja melhor não falar comigo até nos afastarmos deste caminho cheio de voltas e apinhado de carruagens e carroças.

— Pelo amor de Deus, ao menos diminua a marcha! — a Srta. Wraxton suplicou, alarmadíssima.

— Diminuirei quando chegarmos no cruzamento — prometeu Sophy, passando entre um carroção e uma diligência postal, com apenas uns poucos centímetros de folga. Um gemido da companheira a fez acrescentar, com delicadeza: — Não precisa ficar assustada. Sir Horace me fez atravessar passagens estreitas até eu aprender a evitar o menor arranhão no verniz.

Agora subiam a ladeira de Piccadilly. Num grande esforço de autocontrole, a Srta. Wraxton perguntou:

— Diga-me agora mesmo para onde estamos indo!

— Vamos descer a St. James's Street — respondeu Sophy friamente.

— O quê? — exclamou a Srta. Wraxton, com voz sufocada, em palidecendo bastante. — Não fará tal coisa! Nenhuma senhora seria vista dirigindo ali! Em meio a todos os clubes, o valhacouto de todos os desocupados da cidade. Nem imagina o que diriam de você! Pare neste instante!

— Não, quero ver essa Vitrina Redonda da qual tanto ouvi falar e todos os dândis que ali circulam. Que desventura o Sr. Brummell ter sido obrigado a partir para o estrangeiro! Sabe que nunca o vi em minha vida? Você seria capaz de me apontar alguns clubes? Será que reconheceremos o White's ou há outras casas com janelas arredondadas?

— Esta é a sua ideia de brincadeira, Srta. Stanton-Lacy? Não está falando sério!

— Sim, falo sério. É claro, eu não teria ousado fazer isto sem você ao meu lado, concedendo-me sua influência, mas você assegurou-me que sua posição é inatacável, e vejo que não preciso ter escrúpulos em satisfazer minha ambição. Ouso afirmar que sua importância é grande o bastante para tornar este passeio muito elegante para damas. Veremos!

Nenhum argumento que a Srta. Wraxton pudesse expressar, e ela expressou muitos, teve o poder de demovê-la. Sophy prosseguia inexoravelmente. Ideias absurdas de pular do faéton passavam pela mente da Srta. Wraxton, apenas para serem rejeitadas. Era perigoso demais ficar tentada. Se estivesse usando um véu, talvez pudesse cobrir o rosto, na esperança de escapar que a reconhecessem, mas seu chapéu era muito simples e trazia apenas um modesto laço de fita. Não tinha nem mesmo uma sombrinha e era obrigada a sentar-se direita como um fuso, olhando fixa e rigidamente à sua frente toda a extensão daquela rua ignominiosa. Não pronunciou qualquer palavra até os cavalos dobrarem na Pall Mall; só então disse em voz baixa, trémula de raiva e vergonha:

— Jamais a perdoarei! Jamais!

— Que severidade a sua! — disse Sophy alegremente. — Devo agora deixá-la aqui?

— Se ousar abandonar-me neste local...

— Muito bem, eu a levarei para Berkeley Square. Realmente não sei se encontrará meu primo em casa a esta hora; contudo, seja como for, você pode se queixar de mim a minha tia, sei que deve estar ansiando por fazer isso.

— Não fale comigo! — advertiu a Srta. Wraxton, com voz palpitante.

Sophy riu.

À porta da casa dos Ombersleys, ela rompeu o silêncio:

— Pode descer sem ajuda? Depois de ter rejeitado a companhia do meu palafrenero, juntamente com sua criada, eu mesma devo conduzir o faéton até os estábulos.

Sem dar resposta, a Srta. Wraxton desceu do veículo e alcançou os degraus da porta da frente.

Só meia hora depois Dassetz introduziu Sophy em casa. Ela encontrou o Sr. Rivenhall no momento exato em que ele descia as escadas, e disse imediatamente:

— Ah, vejo que já está em casa! Fico muito satisfeita!

Ele exibia uma expressão muito severa, e respondeu em um tom equilibrado:

— Quer vir até a biblioteca por alguns minutos?

Ela o seguiu, começando a tirar as luvas de dirigir com mãos não muito firmes. Seus olhos ainda cintilavam, e um rubor que lhe assentava bem cobria suas faces.

— Prima, em nome de Deus, o que houve com você? — perguntou o Sr. Rivenhall.

— Ora, a Srta. Wraxton não lhe disse? Realizei um desejo ardente!

— Você deve estar louca! Não sabe quanto foi impróprio você fazer uma coisa dessas?

— Sim, na verdade eu sabia e jamais teria ousado realizá-lo sem a proteção da presença da Srta. Wraxton. Não fique tão desalentado! Ela me garantiu que mesmo que eu fizesse algo ultrajante na sua companhia, a boa reputação dela era suficiente para tornar a situação aceitável! Certamente você não duvida!

— Sophy, ela não pode ter dito tal coisa!

A jovem deu de ombros e se pôs de costas.

— Não? Seja como quiser!

— O que aconteceu? Que motivo você teve para lhe causar tal vexame?

— Deixarei que a Srta. Wraxton lhe conte o que ela resolver. Já falei demais. Não gosto nem um pouco de mexeriqueiros, e não descerei a esse nível! Minhas ações não lhe dizem respeito, primo Charles, e menos ainda à Srta. Wraxton.

— O que você acabou de fazer diz muito com respeito a ela!

— Certo. Dou a mão à palmatória.

— Também me diz respeito cuidar para que não lhe aconteça nada enquanto for hóspede desta casa. O procedimento ao qual se entregou esta tarde poderia causar-lhe um grande mal, permita-me dizer!

— Meu caro Charles, como amiga íntima de libertinos e tagarelas, sou um caso perdido! — afirmou repentinamente.

Ele enrijeceu.

— Quem disse isso?

— Você, pelo que entendi, mas estava constrangido demais para me dizer diretamente. Contudo, não devia ter acreditado que eu ouviria a Srta. Wraxton impassível!

— E você não devia ter acreditado que eu faria minha crítica através da Srta. Wraxton ou de qualquer outra pessoa!

Ela levou a mão ao rosto, e Charles observou que era para enxugar uma lágrima.

— Oh, cale-se! Não vê que estou zangada demais para falar com moderação? Minha deplorável língua! Contudo, embora você não de sejasse que a Srta. Wraxton me repreendesse em seu nome, discutiu com ela a meu respeito, não discutiu?

— O que quer que eu possa ter dito, não pretendia que fosse repetido. Entretanto, foi extremamente impróprio de minha parte eu ter feito críticas a você numa conversa com a Srta. Wraxton. Queira me perdoar!

Ela retirou um lenço da manga de seu traje de montaria e assoou o nariz. O corado das faces desaparecera; arrependida, disse:

— Agora estou desarmada. Isto é irritante! Por que não se enfureceu? Você é muito desatencioso! Foi tão ruim passar pela St. James's Street?

— Claro que sim, e a Srta. Wraxton avisou-a. Você lhe causou muita angústia, Sophy.

— Oh, meu Deus! Faço coisas tão abomináveis quando perco o controle! Muito bem, foi errado da minha parte... muito errado! Devo pedir a ela que me perdoe?

— Precisa compreender que lhe deve desculpas. Se alguma coisa que ela disse a deixou zangada, creia que não teve essa intenção. Não pretendia senão demonstrar boa vontade, e está muito transtornada com o resultado. A culpa é minha, por tê-la levado a imaginar que eu desejava que ela a repreendesse.

Sophy sorriu.

— Que atitude bonita a sua, Charles! Desculpe-me. Criei uma situação embaraçosa. Onde está a Srta. Wraxton? Na sala de estar? Leveme até ela, e farei o que puder para consertar as coisas!

— Obrigado — ele disse, abrindo a porta para deixá-la passar.

Ambos constataram que a Srta. Wraxton já se recuperara da sua agitação e estava passando os olhos de relance pela páginas do *Gentleman's Magazine*. Ela olhou friamente para Sophy e baixou novamente os olhos para a revista. Sophy atravessou a sala, dizendo à sua maneira franca:

— Poderia perdoar-me? Na verdade peço-lhe que me perdoe, lamento muitíssimo! Foi uma conduta chocante!

— 'Tão chocante, Srta. Stanton-Lacy, que prefiro não falar sobre isso.

— Se acha que tentará esquecer, ficarei muito grata.

— Certamente que tentarei esquecer.

— Obrigada! — disse Sophy. — Você é muito bondosa!

Deu meia-volta e dirigiu-se rapidamente para a porta. O Sr. Rive-nhall deteve a prima por um momento, dizendo no tom de voz mais caloroso que ela já o ouvira empregar:

— Se alguém mencionar o assunto, direi que depois de ter comprado aqueles baios contra meus conselhos, você teve o que merecia, pois eles dispararam e você custou muito a sofreá-los.

Ela sorriu, porém disse:

— Gostaria que fizesse o possível para desfazer qualquer mal que eu possa ter causado.

— Minha querida, não faça o assunto render demais! Não há necessidade, asseguro.

A prima lançou-lhe um olhar de gratidão e deixou a sala.

— Você não foi muito generosa, não é, Eugenia? — disse o Sr. Rivenhall.

— Considero o comportamento dela imperdoável.

— É desnecessário dizer; você deixou bastante claro o que pensa.

O peito dela avolumou-se.

— Não pensava que você pudesse ficar do lado dela e contra mim, Charles.

— Não fiz isso, mas a culpa não foi só dela. Não tinha o direito de censurá-la, Eugenia, e menos ainda de repetir qualquer palavra que eu possa ter pronunciado! Não estou surpreso por ela se ter zangado. Também tenho génio!

— Você não parece considerar a mortificação que fui obrigada a sofrer! O que mamãe diria se soubesse...

— Oh, basta, basta! — disse ele, impaciente. — Está dando importância demais ao caso! Pelo amor de Deus, vamos esquecê-lo!

Ela estava ofendida, mas percebeu que insistir a diminuiria aos olhos dele. Aborrecia-a pensar que demonstrara menos superioridade do que Sophy na ceninha que se desenrolara. Forçou-se a sorrir, dizendo de maneira empolada:

— Tem razão. Permite a mim mesma ficar demasiado perturbada. Por favor, convença sua prima que não pensarei mais no ocorrido!

Ela teve sua recompensa, pois Charles tomou-lhe a mão imediatamente e disse:

— Assim combina melhor com você! Eu sabia que não estava enganado a seu respeito!

VIII

As DUAS MOÇAS não se encontraram de novo senão no dia do passeio a Merton; a Srta. Wraxton, convencida de que chamara muita atenção, fora pagar uma visita há muito adiada à sua irmã mais velha, que vivia em Kent e era famosa por aproveitar-se de seus hóspedes. Eugenia não gostava de ficar executando pequenas tarefas para Lady Louisa nem de brincar com sua numerosa prole, contudo pareceu-lhe que seria sensato ausentar-se de Londres até que os inevitáveis cochichos se tivessem atenuado. Assim, durante sete dias os Rivenhalls deleitaram-se com a ausência de seus ataques punitivos, o que foi sentido por quase todos como um benefício muito mais importante do que os males causados pela imprudência de Sophy. Tal imprudência não chegou aos ouvidos de Lady Ombersley, porém, como era natural, tornou-se conhecida dos membros mais jovens da família, alguns dos quais ficaram muito chocados, enquanto outros, notadamente Hubert e Selina, consideraram que a prima cometera uma esplêndida travessura. Aparentemente, nenhuma repercussão seguiu-se à sua façanha, e embora fosse obrigada a suportar muita caçoada dos primos, até isso logo tomou outro rumo. Um tópico muito mais fértil para brincadeiras apresentou-se na forma do jovem Lord Bromford, que de repente passou a frequentar o círculo dos Rivenhall e foi considerado por eles como um maná caído do céu.

Lord Bromford, que era quase desconhecido na alta-roda, apenas recentemente, com a morte do pai, recebera uma modesta baronia. Era o único filho sobrevivente, seus irmãos e irmãs (que variavam, segundo o dito popular, de 7 a 17) morreram todos na infância. Talvez tenha sido por essa razão que a mãe, desde o princípio, o considerara muito frágil para ser arrebatado aos seus cuidados. Nenhuma outra razão digna de nota; mas, como Sophy destacara imparcialmente para os primos, uma tez corada e um aspecto físico perfeito não eram sinais infalíveis de uma constituição robusta. Ele fora educado em casa, e embora tivesse havido um projeto para enviá-lo a Oxford, uma providencial queda de temperatura intervieria para salvá-lo dos perigos de uma vida na universidade. Lord Bromford, o velho, sabia muito bem que os pulmões do seu herdeiro eram delicados, e bastou Lady Bromford alertá-lo todos os dias, durante várias semanas, para os perigos que resultariam de expor Henry aos rigores de Oxford, induzindo-o a dar seu consentimento para um plano alternativo. Em companhia de um clérigo em quem Lady Bromford depositava a maior confiança, Henry foi enviado para a Jamaica, de visita ao seu tio, o governador. Diziam que o clima era benéfico para pessoas com pulmões fracos, e só depois de Henry estar em alto-mar havia bem uns quatro dias sua mãe descobriu que a ilha era periodicamente devastada por furacões. Tarde demais para ser trazido de volta, Henry prosseguiu em sua viagem. Ficou extremamente mareado, mas chegou a Port Royal sem vestígio da tosse que *lançara* sua mãe em estado de febril ansiedade. Durante a sua visita não ocorreu nenhum furacão, e ao regressar à Inglaterra, alguns meses antes de atingir a maioridade, ele estava tão forte que a mãe pôde congratular-se pelo sucesso do seu esquema. Ela não percebeu logo que a estada de 18 meses longe dela tivera o efeito de torná-lo um pouco avesso à submissão anterior. Sob os conselhos dela, Henry mudava as meias, enrolava cachecóis no pescoço, envolvia as pernas em mantas quentes e evitava todas as formas contra-indicadas de alimentação; entretanto, quando a mãe o advertiu para não se submeter à movimentada vida de Londres, ele afirmou, com todo o respeito, que era justamente em Londres que gostaria de viver; e quando ela lhe propôs um casamento muito vantajoso o rapaz disse que ficava muito grato, mas não se decidira ainda com que tipo de mulher gostaria de casar. Evitou discutir. Apenas recusou o vantajoso casamento e

fixou residência em Londres. A mãe passou a assegurar aos amigos que Henry poderia ser conduzido, porém não pressionado; quanto ao seu criado pessoal, um homem franco no falar, dizia que o patrão era teimoso como uma mula.

Só depois de ele já estar na cidade havia algum tempo, os Rivenhalls começaram a tomar conhecimento da sua existência. Os amigos íntimos de Bromford (que Hubert estigmatizava como um maçante bando de tolos) não se incluíam entre os amigos particulares dos Rivenhalls, e só após conhecer Sophy no Almack's, e ser seu par numa quadrilha, o brilho total da sua personalidade subitamente invadiu o círculo deles. Pois Lord Bromford, impermeável à *beleza* de Cecília exatamente como se mostrara impermeável à vantajosa proposta matrimonial da mãe, resolvera que Sophy seria uma esposa conveniente para ele. O *rapaz* apareceu intempestivamente em Berkeley Square numa ocasião em que Hubert e Selina estavam com Lady Ombersley. Permaneceu durante meia hora dando aos seus anfitriões esclarecimentos sobre variados assuntos, tais como a vegetação da Jamaica e o efeito de poções calmantes no sistema humano, e os Rivenhalls ficaram a ouvi-lo, aturdidos de indignação, até Sophy entrar no aposento. Então a névoa dissipou-se dos seus olhos, eles perceberam a razão por que Lord Bromford os honrara com uma visita matutina, e o aborrecimento deles transformou-se num *prazer* incrível. Logo o namorado de Sophy tornou-se o sólido alicerce sobre o qual um grupo de alegres jovens passou a construir suas tolices mais absurdas. Nenhum cantor de rua podia erguer a voz junto na praça sem que Hubert ou Cecília declarassem ser Lord Bromford fazendo uma serenata para Sophy; quando ele ficou preso em sua casa, durante três dias, por um distúrbio interno, acreditaram que se tinha batido em duelo por amor aos belos olhos da bem-amada; e a história em série das suas aventuras nas índias Ocidentais, concebida, desenvolvida e aperfeiçoada por três cérebros férteis, tornou-se tão ultrajante que chegou a provocar protestos de Lady Ombersley e da Srta. Adderbury. Todavia Lady Ombersley, embora pudesse reprovar tal excesso de bom humor, não podia deixar de se surpreender com a firme determinação de Lord Bromford em fazer a corte à sua sobrinha. Estava sempre presente em Berkeley Square sob os mais insignificantes pretextos; passeava diariamente no parque só para abordar Sophy de surpresa e ser conduzido em seu faéton; ele chegou a comprar um vistoso cavalo e, solenemente, cavalgava para cima e para baixo da alameda todas as manhãs, na esperança de encontrá-la exercitando Salamanca. Mais assombroso ainda, convenceu a mãe a cultivar a amizade de Lady Ombersley e convidar Sophy para acompanhá-la num dos Concertos de Música Antiga, Era impermeável às censuras, e quando a mãe insinuou que Sophy dificilmente seria uma esposa adequada para um homem sério, por ser totalmente dedicada a frivolidades, ele respondeu que estava confiante de ser capaz de conduzir os pensamentos de Sophy para canais mais sóbrios.

O melhor da brincadeira, achavam os jovens Rivenhalls, era que Charles, em geral tão intolerante em sua pretensão, por razões inescrutáveis encorajava o *rapaz*. Charles dizia que encontrava muitas qualidades boas em Lord Bromford. Garantia que a prosa de Lord Bromford demonstrava ser ele uma pessoa sensível e que sua descrição da *Jamaica* era muitíssimo interessante. Apenas Selina (que evoluía, como dizia Charles, para ser desagradavelmente esperta) arriscou-se a observar que a entrada de Lord Bromford naquela casa pareceu ser o sinal para a partida de Charles rumo ao clube.

Em consequência da corte de Lord Bromford, dos planos para o baile, do afluxo de visitantes à casa, e até mesmo do procedimento indiscreto de Sophy, a vida em Berkeley Square tornara-se repentinamente repleta de prazer e excitação. Até Lord Ombersley notou o fato.

— Santo Deus, não sei o que aconteceu com vocês todos, pois a casa costumava ser animada como

um túmulo.' — declarou. — Quer saber de uma coisa, Lady Ombersley? Acho que posso convencer York a comparecer a sua festa. Nada formal, você sabe, mas no momento ele se encontra em Stableyard e provavelmente ficará muito satisfeito em fazer uma visita de meia hora.

— Convencer o Duque de York a aparecer na minha festa? — repetiu Lady Ombersley, no maior aturdimento. — Meu querido Ombersley, você deve ter perdido o juízo! Serão dez ou talvez doze casais vestidos para um baile na sala de estar e algumas mesas de jogo espalhadas no Salão Vermelho! Peco-lhe, não faça tal coisa!

— Dez ou doze casais? Não, não, Dassett não estaria falando de tapetes vermelhos e toldos para um acontecimento insignificante como esse! — replicou o marido.

Essas palavras funestas provocaram um calafrio na alma da esposa. Exceto fixar a data da festa e avisar Cecília para não esquecer de mandar um convite a uma insípida moça, que era sua afilhada e ela precisava convidar, quase não havia mais pensado na festa. Agora tomava ânimo para perguntar à sobrinha quantas pessoas eram esperadas na noite fatal. A resposta quase lhe provocou um de seus espasmos. Foi obrigada a beber um copo de água-de-flor, prudentemente posto em sua mão por Cecília, antes que ela pudesse recuperar-se o suficiente para protestar. Depois ficou sentada, bebendo o calmante aos golinhos, alternadamente cheirando sais aromáticos, e gemendo porque tremia só em pensar na reação de Charles. Sophy levou 20 minutos para convencê-la de que não era assunto dele, visto que Charles não iria custear as despesas, mas mesmo assim Lady Ombersley temia o momento inevitável da participação e dificilmente podia vê-lo entrar na sala sem sentir um sobressalto nervoso.

Felizmente para o sucesso do passeio, Charles ainda não conhecia a verdade quando o grupo Ombersley partiu para visitar a Marquesa de Villacanas, em Merton. Os augúrios pareciam propícios. A marquesa escrevera uma carta muito gentil para Lady Ombersley, na qual expressava seu prazer no encontro proposto e pedia-lhe que levasse quantos dos seus interessantes filhos desejassem ir; o sol brilhava e o dia estava quente, sem ameaças das chuvas de abril; e a Srta. Wraxton, que regressara à metrópole a tempo de compartilhar do prazer, achava-se num estado de humor muito amável, sem sequer excluir Sophy da sua consideração. No último momento, Hubert anunciou de repente a intenção de acompanhar o grupo, afirmando que também queria ver a girafa. Sophy censurou-o, franzindo a testa, e como a mãe, sem compreender o que ele dissera, começasse imediatamente a expressar seu prazer ao ter a companhia dele, o instante constrangedor passou despercebido. Depois de cumprimentar Sir Vincent Talgarth com perfeita urbanidade, o Sr. Rivenhall ficou parado, conversando com ele, enquanto as três senhoras que deviam viajar no pequeno landô acomodavam-se, a Srta. Wraxton pedindo que lhe fosse permitido ocupar o assento traseiro e Cecília insistindo que ela não o fizesse. Tudo parecia estar em ordem para um dia de divertimento quando o Sr. Fawnhope dobrou a esquina da praça, viu a cavalgada e imediatamente atravessou a rua naquela direção.

As feições do Sr. Rivenhall enrijeceram; lançou um olhar acusador para Sophy, mas ela sacudiu a cabeça. O Sr. Fawnhope, cumprimentando Lady Ombersley com um aperto de mão, perguntou para onde ia partir. Merton, informou ela, e ele replicou elipticamente.

— Estatutos. *Nolumus leges Angliae mutare.*

— Provavelmente — respondeu Lady Ombersley, quase mordaz.

A Srta. Wraxton, que jamais podia resistir à tentação de exibir sua educação superior, sorriu muito gentilmente para o Sr. Fawnhope e disse:

— Muito correto. Como sabe, dizem que o Rei João dormiu no priorado na noite anterior ao dia em que assinou a Magna Carta. É um lugar muito histórico, pois nos informaram que foi o cenário do assassinato de Cenulf, rei do Wessex. Naturalmente tem ligações históricas mais recentes — ela acrescentou, porém de maneira repressiva, pois essas ligações históricas mais recentes lamentavelmente incluíam uma mulher cujo nome não se devia mencionar.

— Nelson! — exclamou o Sr. Fawnhope. — Romântica Merton! Irei com vocês. — Em seguida subiu na carruagem e sentou-se ao lado de Cecília, sorrindo seraficamente para Lady Ombersley e dizendo: — Agora sei o que desejo fazer. Quando levantei esta manhã não tinha ideia, mas sentia-me sobremodo descontente. Irei a Merton.

— Não pode querer ir a Merton! — replicou Lady Ombersley muito mais aborrecida, e esperando que Charles não a fizesse corar ao dizer algo sarcástico a esse rapaz maçante.

— Quero, sim — respondeu o Sr. Fawnhope. — Haverá vegetação e isso, creio eu, é o que a minha alma pede. *Eu, com minha loura Cecília, para Merton irei, onde suavemente corre o Wandle, e os narcisos — que florescem...* Que palavra feia é Wandle! Que desagradável ao ouvido! Por que me olha assim carrancuda? Não posso ir com vocês?

Essa mudança súbita de um poeta enlevado para um menino que obtém as coisas por meio de agrados descontrolou Lady Ombersley, e ela replicou num tom de voz mais brando:

— Sem dúvida teríamos o prazer de levá-lo, Augustus, mas vamos visitar a Marquesa de Villacanas, e ela não está contando com você.

— Aí está um lindo nome! — disse o Sr. Fawnhope. — Villacanas! É muito rico! Uma dama espanhola, com "trajes alegres e ricos como, talvez As jóias com as quais se adornar!"

— Realmente não sei — respondeu Lady Ombersley, irritada.

Sophy, muito divertida com a impermeabilidade total do Sr. Fawnhope às insinuações de que não era desejado, disse, rindo:

— Isso mesmo, pérolas dignas do resgate de um rei. Ela inclusive ama um inglês, meu pai!

— Que esplêndido! — exclamou o Sr. Fawnhope. — Estou muito contente por ter vindo!

Impotentes para mandá-lo descer da carruagem, parecia não haver meio de se livrarem dele. Lady Ombersley lançou para o filho mais velho um olhar desesperançado, e Cecília um outro suplicante; e a Srta. Wraxton sorria de modo tranquilo, para mostrar ao noivo como sua compreensão era perfeita e quão firme determinação tinha de não perder Cecília de vista.

— Quem é esse Adónis? — perguntou Sir Vincent ao Sr. Rivenhal. — Ele e sua irmã, sentados lado a lado, são de tirar o fôlego de qualquer um!

— Augustus Fawnhope — respondeu o Sr. Rivenhall laconicamente. — Prima, se está pronta, eu a ajudarei a subir!

Ao considerar que havia recebido um consentimento implícito para a presença do Sr. Fawnhope, Lady Ombersley deu ordem ao cocheiro para partir, Sir Vincent e Hubert entraram em forma atrás da carruagem, e o Sr. Rivenhall disse a Sophy:

— Se isto é obra sua...

— Asseguro-lhe que não é. Se eu achasse que ele tinha a mínima noção da sua hostilidade, eu diria

que ele enrolou você, Charles — completamente!

Ele foi obrigado a rir.

— Duvido que ele tivesse a mínima noção de algo menos violento que o golpe de um porrete. Como pode tolerar esse sujeito?

— Eu lhe disse que não era de modo algum equilibrada nas minhas ideias. Venha, não vamos falar dele! Fiz um juramento solene aos céus que não brigaria com você hoje.

— Você me espanta! Por quê?

— Não seja tolo! — ela pediu. — Quero conduzir seus cavalos, é claro!

Charles sentou-se ao lado dela no cabriole e fez sinal com a cabeça ao palafrenero para sair da frente dos cavalos.

— Ah, sim! Quando estivermos afastados da cidade, passo-lhe as rédeas.

— Eis uma observação calculada, ousa afirmar, para me fazer perder a calma logo de início. Contudo, não a perderei — disse Sophy.

— Não duvido da sua habilidade — ele comentou.

— Bela admissão. Foi um esforço fazê-la, talvez, o que a torna mais valiosa. Mas na Inglaterra as estradas são tão boas que não é preciso muita habilidade. Devia ver algumas da Espanha!

— Provocação deliberada, Sophy! — disse o Sr. Rivenhall.

Ela riu, escusou-se e começou a fazer-lhe perguntas sobre caçadas. Assim que as ruas estreitas ficaram para trás, ele deixou os cavalos estirarem o passo, alcançarem o pequeno landô e o ultrapassarem. A Srta. Wraxton foi vista conversando amigavelmente com o Sr. Fawnhope, enquanto Cecília parecia aborrecida. A razão foi explicada por Hubert, que cavalgou ao lado do cabriole uma pequena distância e revelou que o assunto em discussão era o *Inferno*, de Dante.

— E devo elogiar Fawnhope! — acrescentou, generoso. — Ele entende desse assunto italiano muito mais do que a sua Eugenia, Charles, e pode continuar falando durante horas, jamais inseguro! Além disso, há outro sujeito, chamado Uberti ou algo parecido, e ele também o conhece. Coisa triste, se quer saber minha opinião, mas Talgarth — afinal, é um sujeito extraordinário, não é? — diz que é muito culto. Cecilia não gosta nem um pouco. Por Deus, eu haveria de rir se Eugenia a desbancasse com o poeta!

Por não receber encorajamento do irmão para discorrer sobre esse tema, ele tornou a atrasar-se e foi se reunir a Sir Vincent. O Sr. Rivenhall entregou as rédeas a Sophy, notando, ao fazê-lo, que estava satisfeito por não se encontrar no pequeno landô.

Sophy absteve-se de fazer qualquer comentário, e o resto do passeio transcorreu agradavelmente, sem tópicos controversos para estragar o bom relacionamento entre eles.

A casa que Sir Horace adquirira para a marquesa era uma espaçosa vila palladiana (ao estilo do italiano Andrea Palladio), lindamente situada em meio a jardins encantadores, e com um bosque de campainhas que, embora afastado das áreas mais aprazíveis, podia ser alcançado através de graciosos portões de ferro trazidos da Itália pelo proprietário anterior. Alguns degraus de pouca profundidade levavam desde o caminho em curva para carruagens até a porta da frente, e esta, à aproximação do cabriole, foi *aberta de par em par*. Um homem magro, vestido de preto, saiu da casa e ficou parado,

fazendo reverências no último degrau. Sophy cumprimentou-o à sua moda cordial de sempre, e imediatamente perguntou onde o Sr. Rivenhall poderia alojar os cavalos. O homem magro fez estalar um dedo autoritário contra o polegar, mais exatamente à maneira de um mágico; um cavaleiro pareceu surgir não se sabe de onde e correu para se postar à frente dos cavalos.

— Vou observar onde serão alojados, Sophy, e logo estarei entrando com minha mãe — o Sr. Rivenhall avisou.

Sophy assentiu com a cabeça e subiu os degraus, dizendo:

— No grupo há duas pessoas além das que você esperava, Gaston. Acho que não se importará com isso, não é?

— Não tem importância, *mademoiselle* — ele respondeu, com imponência. — Madame a aguarda no salão.

Ela encontrou a marquesa reclinada em um sofá na sala de estar que dava para os gramados do lado sul. Predominava uma claridade imprecisa porque as persianas estavam semicerradas, para impedir que os raios de sol de abril penetrassem pelas janelas. Como eram verdes, como o estofado das poltronas, uma luz subaquática iluminava indistintamente o aposento. No mesmo instante Sophy abriu totalmente as cortinas com certa violência, exclamando:

— Sancia, você não pode dormir quando suas visitas estão quase à porta! Um débil gemido veio do sofá.

— Sofia, a minha pele! Nada mais prejudicial do que a luz do sol! Quantas vezes já lhe disse isso?

Sophy aproximou-se dela e curvou-se para beijá-la.

— Certo, querida Sancia, mas minha tia achará você muito estranha se ficar deitada no escuro enquanto ela vem à sua procura, querendo conhecê-la. Por favor, levante-se!

— *Bien entendido*, eu me levanto quando sua tia se aproximar — disse a marquesa, com dignidade. — Se ela está à porta, será agora. Não preciso fazer esforços em vão.

Como prova dessa declaração, ela desvencilhou-se de um xale bordado particularmente bonito em torno dos pés, jogou-o no chão e deixou que Sophy a ajudasse a levantar-se.

Era uma morena opulenta, estava vestida mais no estilo francês do que no inglês. Tinha um luxuriante cabelo negro ondulado, coberto apenas por uma mantilha, caindo em dobras sobre um pente alto. O vestido era de gaze sobre cetim, firmemente ajustado debaixo dos seios fartos e revelando muito mais de seu corpo do que provavelmente Lady Ombersley acharia decente. Isso, entretanto, era ligeiramente disfarçado pelos vários xales e echarpes com que ela se envolvia como proteção contra correntes de ar traiçoeiras. A mantilha estava presa ao corpete baixo por um grande broche de esmeralda; mais esmeraldas, engastadas em ouro maciço, pendiam dos lóbulos de suas orelhas; e ela usava as famosas pérolas que lhe davam duas voltas em torno do pescoço e caíam quase até a cintura. Era extremamente bonita, com grandes olhos castanhos, sonolentos, e uma pele cor de creme, delicadamente colorida pela mão de um artista. Tinha pouco mais de 35 anos, mas o aspecto roliço a fazia aparentar mais idade. Não parecia nem um pouco uma viúva, e esse foi o primeiro pensamento que ocorreu a Lady Ombersley ao entrar logo depois na sala e aceitar a mão lânguida que lhe era oferecida.

— *Como está?* — perguntou com sua voz rica, indolente.

Isto assustou Hubert, porque lhe haviam assegurado que ela falava excelente inglês. Ele lançou um

causticante olhar de censura para Sophy, que imediatamente interveio, chamando a futura madrastra à ordem. A marquesa sorriu placidamente e disse:

— *De seguro!* Falo francês e inglês, e ambas as línguas muito bem. Também alemão, mas não tão bem, contudo melhor do que muita gente. É uma felicidade imensa conhecer a irmã de Sir Horace, embora você não se pareça com ele, eu acho, *senora. Valgamé!* Então todos esses são seus filhos e filhas?

Lady Ombersley apressou-se em tranquilizá-la e em fazer as apresentações necessárias. A marquesa perdeu o interesse muito depressa, mas, de um modo geral, sorria para os seus convidados, e pediu a todos que se sentassem. Sophy lembrou-a de que em Sir Vincent ela contemplava um velho amigo, após o que ela deu-lhe a mão e disse que se lembrava dele perfeitamente. Ninguém acreditou, e Sir Vincent muito menos; entretanto, levada a lembrar-se de certa noite no Prado, ela começou a rir e a dizer que sim, agora realmente se lembrava dele *pechero* que ele era! Então, depois de assimilar a perfeição dos traços de Cecília, ela cumprimentou Lady Ombersley pela beleza da jovem, que, disse ela, era do melhor estilo inglês e muito admirado no Continente. Obviamente, sentindo que devia algo à Srta. Wraxton, ela sorriu-lhe gentilmente e disse que era também muito inglesa. A Srta. Wraxton, que não reconhecia a beleza de Cecília (pois fora educada para considerar a beleza apenas ilusória), respondeu que temia não estar acima do comum e que na Inglaterra a moda era preferir mulheres morenas.

Depois de o assunto ter sido razoavelmente esgotado, caiu o silêncio, a marquesa recostando-se nas almofadas em um canto do sofá e Lady Ombersley perguntando a si mesma que tópico de conversa interessaria a essa dama letárgica. O Sr. Fawnhope, que se retirara para os assentos da janela forrados de brocado, sentou-se, contemplando o verdor que sua alma absorvia; Hubert observava sua anfitriã com olhar fascinado; e o Sr. Rivenhall, que procurava adaptar-se ao grupo, apanhou um jornal da mesa ao lado e folheou casualmente suas páginas. Restava a Srta. Wraxton, com seu refinado senso social, para preencher o vazio, o que ela fez ao dizer à marquesa que era grande admiradora de *Dom Quixote*.

— Todos os ingleses são — respondeu a marquesa, um pouco divertida. — E nenhum deles pronuncia esse nome corretamente. Em Madri, quando o exército inglês estava lá, todo oficial me dizia que admirava muito Cervantes, embora na maioria das vezes não fosse a verdade. Contudo, também temos Quevedo, Espinel e Montalban, para mencionar só alguns. Também na poesia...

— *El Fénix de Espana* — acrescentou o Sr. Fawnhope, entrando subitamente na conversa.

A marquesa olhou-o de maneira aprovadora.

— Isso mesmo. Conhece a obra de Lope de Vega? Sophy — disse ela, forçando a própria língua —, este rapaz com o rosto de anjo lê em espanhol!

— Mediocrementemente — replicou o Sr. Fawnhope, bastante calmo com essa descrição embaraçosa do seu rosto.

— Conversaremos, nós dois — disse a marquesa.

— Certamente que não — aparteou Sophy, com firmeza. — Pelo menos, se pretendem fazê-lo em espanhol.

Felizmente para o sucesso do grupo, Gaston entrou naquele momento para anunciar que uma colação achava-se pronta na sala de jantar. Logo se descobriu que por mais que a marquesa pudesse ser uma anfitriã indolente, seu *maltre d'hôtel* não deixava nada ao acaso. Aguardava os convidados uma profusão de suculentos pratos estrangeiros, guarnecidos com galantinas ou feitos com molhos delicados,

acompanhados de vários vinhos suaves. Gelatinas, bolo de creme com claras de ovos, frutas, amêndoas, etc., embebidos em vinho, *sillabubs* (creme de leite batido com vinho ou sidra, açúcar e canela), *puptons* de frutas, e cremes de café em taças de pasta de amêndoas completavam a ligeira *merienda*, como dizia a marquesa. A julgar pela frugalidade com que a Srta. Wraxton comeu algumas das guloseimas, não era difícil perceber que considerava vulgar essa hospitalidade generosa; contudo Hubert, ao fazer uma refeição com bom apetite, começou a agradecer à marquesa, um tipo de mulher muito boa, afinal. Quando viu quantos cafés com creme, biscoitos italianos e licor de cerejas ela própria consumira, da maneira mais negligente, sua atitude para com ela incluiu um toque de respeito que chegava às raias da admiração. Terminado o repasto, Gaston inclinou-se para falar algo nos ouvidos da patroa, lembrando-a de que o portão para o bosque fora destrancado. Ela disse:

— Oh, sim! O bosque das campainhas! Tão bonito! Será que esses jovens gostariam de perambular por ele, *senora*, enquanto nós duas repousamos um pouco?

Jamais teria ocorrido a Lady Ombersley sugerir uma *siesta* a suas visitas, mas como ela invariavelmente cochilava durante a tarde, não tinha a menor objeção a esse programa, e acompanhou a marquesa à sala de estar. A princípio esforçou-se para envolver a marquesa numa conversa sobre o irmão, porém sem muito sucesso. A marquesa disse:

— Não é divertido ser viúva, e além disso prefiro a Inglaterra à Espanha, que agora está muito empobrecida. Mas ser *madrasta* de Sophy! Não, mil vezes não!

— Todos nós gostamos muito da minha querida sobrinha — disse Lady Ombersley, melindrada.

— Eu também, mas ela é muito cansativa. Não se sabe o que fará a seguir ou, o que é pior ainda, o que obrigará alguém a fazer absolutamente contra a vontade.

Lady Ombersley sentiu-se totalmente incapaz de resistir à tentação de se deliciar com um pouco de malícia gentil.

— Minha querida senhora, estou certa de que minha sobrinha jamais poderia convencê-la a esforçar-se numa atividade que lhe fosse desagradável!

— Mas é claro! — concordou a marquesa, com simplicidade. — É óbvio que não conhece Sophy. Resistir a ela é ainda muito, muito mais cansativo.

Nesse meio-tempo, a personagem desse diálogo ajeitava uma flor na botoeira de Hubert no jardim formal. O Sr. Rivenhall afastara-se em direção aos estábulos, e os outros quatro seguiam seu caminho através da moita de arbustos para o bosque de campainhas, o Sr. Fawnhope depois de ter sido visitado pela inspiração que a imagem de Cecília no bosque, disse ele, podia despertar. Até agora, obtivera apenas um verso do seu poema, mas ele o sentia promissor. *Quando em meio às campainhas minha querida Cecília caminha* — ele murmurou.

— Tão carolíngio! — comentou a Srta. Wraxton.

Os versos do Sr. Fawnhope nunca eram originais, mas ele gostava que o distinguissem desse modo, não melhor do que qualquer outro poeta, portanto pegou na mão de Cecília e a teria levado não estivesse a Srta. Wraxton alerta para impedir exatamente que isso acontecesse. Determinada, ela permaneceu ao lado dos apaixonados, e pouco depois, devido a uma feliz referência a Cowper, teve êxito em desviar a atenção do Sr. Fawnhope de Cecília para si mesma. Sir Vincent, ao perceber um alívio para o tédio na graça dessa situação, esperou o momento propício e logo foi recompensado. Cecília, incapaz

de participar da elevada discussão que se seguiu (pois não era grande leitora), começou a ficar para trás. Sir Vincent surgiu ao lado dela, e, num espaço de tempo bem curto, com lisonjas e agrados, conseguiu livrá-la do mau humor; e, aliás, do bosque também. Disse que embora sua admiração pela inteligência da Srta. Wraxton fosse profunda, achava a conversa dela opressiva. Bosques e mulheres com interesses intelectuais e literários, disse ele, exerciam um efeito sombrio sobre seu ânimo. Achava que a terra estava úmida, sem dúvida inadequada para uma dama de fina educação caminhar. Em vez disso levou Cecília para inspecionar o pombal, e visto ser ele um perito na arte do flerte, e ela encantadora o bastante para tornar uma brincadeirinha um meio agradável de passar uma tarde insípida, eles conseguiram usufruir juntos uma hora satisfatória.

Enquanto tudo isso acontecia, Sophy passeava com Hubert na moita de arbustos. Não lhe passara despercebido que nesses últimos dias ele oscilava entre um ânimo exageradamente agitado e crises de atroz depressão. Mencionara o assunto a Cecília, mas ela respondera apenas que Hubert sempre fora melancólico, não parecendo inclinada a pensar mais a respeito. Contudo, Sophy não podia ver alguém no auge da ansiedade sem no mesmo instante desejar descobrir a causa, e, se possível, destruí-la. Parecia-lhe que agora estava em cordiais relações com ele para aventurar-se a abordar a questão, e concluiu que realmente estava, pois embora não se pudesse dizer que Hubert confiasse nela, ele não assumiu ares de importância, como Sophy temera que fizesse. Sim, confessou, sentia-se um pouco preocupado, mas não era nada de importância, esperava superar tudo dentro de poucos dias.

Sophy, que fora a primeira a ocupar um banco rústico, agora obrigava-o a sentar-se ao lado dela. Enquanto fazia um desenho na trilha de cascalho com a ponta da sombrinha, disse:

— Se for dinheiro — e quase sempre é, dinheiro é a coisa mais odiosa — e você não quer pedir a seu pai, creio que poderei ajudá-lo.

— Belo proveito eu teria se pedisse a meu pai! — confessou Hubert. — Ele não tem um vintém, mas assim mesmo é frustrante pensar que, na única vez que apelei para ele, ele se enfureceu mais do que Charles!

— Charles se enfurece?

— Oh, bem! Não, não exatamente, mas não sei, exceto que eu preferiria de bom grado que ele se enfurecesse! — respondeu Hubert amargamente.

Ela assentiu com a cabeça.

— Então você não deseja abordá-lo. Por favor, diga-me!

— Certamente que não! — respondeu Hubert, com um ar de dignidade. — Muita bondade sua, Sophy, mas ainda não cheguei a *isso*!

— Chegou ao quê? — ela perguntou.

— A pedir dinheiro emprestado a uma mulher, é claro! Além disso, não há necessidade. Eu conseguirei, e antes de voltar para Oxford, se Deus quiser!

— Como?

— Não importa, mas não pode falhar! Se falhar... mas não vai! Posso ter um pai que... bem, não há sentido em falar *dele*! E posso ter um irmão chocante de tão desagradável, firmemente agarrado ao fecho da bolsa. Felizmente tenho alguns bons amigos, seja lá o que Charles possa dizer!

— Oh! — exclamou Sophy, ao compreender essa informação. Desagradável Charles podia ser, porém

ela era bastante sagaz para desconfiar que, se o primo condenava algum dos amigos de Hubert, talvez houvesse muito a ser dito em sua defesa. — Ele não gosta dos seus amigos?

— Hubert soltou uma curta risada.

— Meu Deus, não gosta, não! Só porque são uns camaradas espertos e caem na farra de vez em quando, Charles arenga como um metodista, e... Escute aqui, Sophy, você não vai falar com Charles, vai?

— É claro que não farei uma coisa dessa! — ela respondeu, indignada. — Ora, que criatura você me julga!

— Não, eu não julgo, só que... Oh, bem, não tem importância! Dentro de uma semana estarei alegre como um passarinho, e não pretendo me meter em apuros de novo, asseguro-lhe!

Sophy foi obrigada a contentar-se com essa afirmação, pois ele não diria mais nada. Depois de dar outra volta pela moita de arbustos, ela o deixou e voltou para a casa.

Encontrou o Sr. Rivenhall sentado debaixo do olmeiro no gramado do lado sul, com Tina, que dormia a seus pés, depois de um grande repasto.

— Se deseja ver um quadro raro, Sophy — disse ele —, dê uma espiada pela janela da sala de estar! Minha mãe dorme profundamente num sofá e a marquesa em outro.

— Bem, se essa é a ideia que elas têm de divertimento, acho que não devemos perturbá-las — Sophy respondeu. — Não seria a minha ideia, porém *tento* lembrar-me que algumas pessoas gostam de passar metade do seu dia não fazendo absolutamente nada.

Charles conseguiu um espaço para ela sentar-se ao lado dele.

— Não seria mesmo, imagino que a ociosidade não é seu pecado principal — ele concordou. — Às vezes pergunto a mim mesmo se para o resto de nós não seria melhor se fosse, mas concordamos em não brigar hoje, portanto não insistirei nessa ideia. Contudo, Sophy, que história é essa do meu tio casar-se com essa mulher absurda?

Ela franziu a testa.

— Sancia é muito bondosa, saiba disso, e Sir Horace diz que gosta de mulheres calmas.

— Estou surpreso de que tenha aprovado uma união tão inadequada.

— Tolice! Não tenho nada a dizer a respeito.

— Imagino que tenha tudo a dizer — ele retorquiu. — Não finja esses ares de inocente comigo, prima! Conheço você o suficiente para estar certíssimo de que governa meu tio com punho de ferro, e provavelmente, durante o seu tempo disponível, o protege contra dezenas de marquesas!

Ela riu.

— Ora, é isso mesmo — admitiu. — Mas, por outro lado, nenhuma delas teria feito o pobre anjo feliz, e penso que talvez Sancia possa fazê-lo. Há muito tempo decidi que ele deveria se casar de novo, sabe?

— A seguir dirá que essa união é obra sua!

— Oh, não! Jamais houve a mínima necessidade de providenciar casamentos para Sir Horace! — replicou ela francamente. — Ele é a criatura mais suscetível que se possa imaginar, e, o que é muito perigoso, se uma mulher bonita apenas chorar no seu ombro, ele fará qualquer coisa que ela quiser.

Charles não respondeu, e ela viu que a atenção dele se fixava em Cecilia e Sir Vincent, que, naquele momento, dobravam uma esquina da orla de teixos podados. Um ligeiro franzido dominou-lhe a testa, o que fez Sophy dizer com severidade.

— Ora, não fique mal-humorado porque Cecilia flerta um pouco com Sir Vincent! Devia ficar grato por vê-la interessar-se por outro homem que não seja o Sr. Fawnhope. Mas não há satisfação em você.

— Certamente que não estou satisfeito com *essa* amizade!

— Ora, você não tem motivo para sentir-se alarmado! Sir Vincent só está interessado em herdeiras e não tem intenção de propor casamento a Cecy.

— Obrigado, não é sobre esse aspecto que me sinto alarmado — ele respondeu.

Ela não pôde continuar falando, porque, a essa altura, o outro casal já se aproximara deles. Cecilia, que parecia mais bonita do que nunca, contou como Sir Vincent fora cortês a ponto de encontrar um criado que lhe deu um pouco de milho para os pombos. Ela os alimentara, e a prima achava que usufruía muito mais prazer encorajando-os a apanhar o milho com suas palavras do que ouvindo os hábeis elogios de Sir Vincent.

Logo Hubert reuniu-se a eles. Lançou sobre Sophy um olhar de relance tão fértil em malícia, que, apesar do colarinho de pontas altas, do cachecol atado com esmero e do colete elegante, ele parecia muito mais um estudante do que o rapaz citadino que se imaginava. Ela não fazia ideia de que travessura ele teria encontrado para realizar no pequeno espaço de tempo desde que o deixara, porém, antes que ela pudesse especular muito a sério esse problema, sua atenção foi desviada pela marquesa, que apareceu na janela da sala de estar e fazia sinais convidando todos a entrarem em casa. A urbanidade obrigava que até o Sr. Rivenhall obedecesse à convocação. Encontraram a marquesa tão revigorada pela soneca que chegara a ficar animada. Lady Ombersley despertara da modorra, pronunciando as palavras místicas: *Loção das Damas da Dinamarca*, que operara tão poderosamente sobre sua anfitriã a ponto de fazê-la sentar-se ereta como um fuso no sofá, exclamando:

— Mas não! É melhor água destilada de abacaxis verdes, garanto-lhe! — Quando o grupo que se achava no gramado sul entrou na casa, as duas senhoras mais velhas já haviam explorado totalmente cada caminho que conheciam e que levava à preservação da cútis, e se não concordavam em tais pontos como, por exemplo, o valor da carne de vitela crua sobre o rosto à noite para remover as rugas, eram unânimes quanto aos efeitos benéficos da água de cerefólio e morangos amassados.

Agora já faziam pelo menos duas horas desde que a leve *merienda* fora consumida, e a marquesa tinha necessidade urgente de mais alimento, e entusiasticamente convidou seus hóspedes para tomarem chá com bolo de anjo (bolo feito unicamente de farinha, açúcar e claras). Foi então que Lady Ombersley notou a ausência da Srta. Wraxton e do Sr. Fawnhope, e quis saber onde estavam. Cecília respondeu, com um encolher de ombros, que sem dúvida continuavam no bosque, recitando poesias um para o outro; porém, quando mais vinte minutos se passaram sem que aparecessem, Lady Ombersley e também seu filho mais velho ficaram um pouco impacientes. Foi então que Sophy lembrou-se do olhar malicioso de Hubert. Ela lançou-lhe um olhar de relance e viu que a expressão dele estava despreocupada a ponto de parecer completamente falsa. Possuía de forte pressentimento, ela pediu desculpas para mudar de lugar, sentou-se ao lado dele e sussurrou-lhe disfarçadamente em meio à conversa geral:

— Criatura horrorosa, o que fez você?

— Tranquei-os no bosque! — ele sussurrou em resposta. — Isso a ensinará a agir com decoro!

Sophy teve de reprimir uma risada, mas conseguiu dizer com adequada severidade:

— Isso não dará certo! Se tem a chave, dê-me de maneira que ninguém veja!

Ele respondeu:

— Que desmancha-prazeres você é! — mas logo encontrou uma oportunidade para jogar a chave no colo dela, pois embora na ocasião tivesse parecido uma ideia esplêndida trancar o portão do bosque, ficara imaginando, por alguns minutos, que liberar o casal aprisionado sem escândalo talvez fosse um tanto mais difícil.

— Ele é tão diferente da querida Eugenia! — exclamou Lady Ombersley. — Não consigo imaginar em que estarão ocupados!

— *En verdad*, não é difícil imaginar! — comentou a marquesa, bastante divertida. — Um rapaz tão bonito e um cenário tão romântico!

— Vou procurá-los — declarou o Sr. Rivenhall, levantando-se e saindo da sala.

Hubert começou mostrar-se um pouco alarmado, mas Sophy exclamou, de repente:

— Quem sabe se um dos jardineiros não tornou a trancar o portão, pensando que já tínhamos deixado o bosque! Desculpe-me, Sancia!

Pouco depois alcançou o Sr. Rivenhall na moita de arbustos e gritou:

— Que coisa estúpida! Sancia, você sabe, vive apavorada por causa dos ladrões e treinou todos os criados para jamais deixarem um portão ou uma porta sem trancar! Um dos jardineiros, supondo que todos nós já tínhamos voltado para casa, trancou o portão do bosque. Gaston tinha a chave, ei-la!

Uma curva no caminho de cascalho revelou os portões do bosque. A Srta. Wraxton estava ali, e era evidente para o mais medíocre dos raciocínios que não se encontrava numa disposição de espírito muito amável. Atrás dela, sentado num banco e absorvido numa composição métrica, achava-se o Sr. Fawnhope, em todos os aspectos desligado do mundo.

Enquanto o Sr. Rivenhall introduzia a chave na fechadura, Sophy disse:

— Lamento muito! Tudo é culpa do terror absurdo de Sancia! Está muito aborrecida e com frio, Srta. Wraxton?

Esta passara uma penosa meia hora. Ao descobrir-se trancada no bosque, primeiro pedira ao Sr. Fawnhope para escalar o muro, e quando o rapaz replicara, muito simplesmente, que não conseguiria, ela pediu-lhe que gritasse. Todavia, a ode que desabrochava em sua mente, a essa altura, apoderara-se dele, e o rapaz dissera que o cenário silvestre era exatamente a inspiração que precisava. Depois sentou-se no banco, apanhou seu hloquinho de anotações, um lápis, e sempre que ela lhe suplicava paia agir, para tentar libertá-la, tudo que ele dizia, e isso num tom de voz que demonstrava quão distante seus pensamentos estavam, era "psssiu"! Conseqüentemente, ela se achava num humor propício para assassinar quando seus salvadores finalmente entraram em cena e ela os atacou com uma acusação insensata.

— Foi você quem fez isso! — ela precipitou-se para Sophy, pálida de raiva.

Sophy, que lamentava o fato de Eugenia ter sido descoberta numa situação tão ridícula, respondeu calmamente:

— Não fui eu, foi um criado tolo que julgou que todos já estavam em casa. Não importa! Venha

beber um pouco do excelente chá de Saneia!

— Não acredito em você! É uma criatura sem princípios, vulgar e...

— Eugenia! — exclamou o Sr. Rivenhall asperamente.

Ela deixou escapar um soluço zangado, mas não disse mais nada. Sophy entrou no bosque para fazer o Sr. Fawnhope despertar da sua abstração, e o Sr. Rivenhall disse:

— Tudo não passou de um acidente e não há necessidade de ficar transtornada.

— Estou convencida de que sua prima fez isso para tornar-me alvo de riso — ela disse em voz baixa.

— Tolicie! — ele replicou friamente.

Eugenia viu que ele de modo algum concordaria com ela e disse:

— Você bem sabe que meu propósito era evitar que sua irmã passasse a tarde toda na companhia desse rapaz odioso.

— E daí resultou que ela passou a tarde na companhia de Talgarth — ele retorquiu. — Não havia razão para você ficar tão preocupada, Eugenia. A presença de minha mãe, sem mencionar a minha, tornou sua atitude... eu diria *desnecessária*.

— Talvez se pudesse imaginar que essas palavras de censura tivessem feito transbordar a taça da Srta. Wraxton, porém, ao entrar na sala de estar, ela constatou que ainda tinha de suportar os comentários da marquesa. Esta brindou os visitantes com uma dissertação sobre o abuso de liberdade concedido às jovens senhoras inglesas, em contraste com a rigorosa tutela da dama de companhia das donzelas espanholas, e todos, com exceção do Sr. Rivenhall, que estava incomumente silencioso, condoeram-se do vexame da Srta. Wraxton e fizeram grandes esforços para acalmá-la, chegando Sophy a ceder-lhe seu lugar no cabriole, na viagem de volta para casa. Ela não demonstrou ficar *apaixiguada*, mas quando, mais tarde, procurou justificar suas ações junto ao noivo, ele a interrompeu abruptamente, dizendo que já se fizera barulho demais em torno de uma ocorrência trivial.

— Não posso acreditar que um dos criados fosse responsável — ela insistiu.

— Contudo, seria melhor você fingir que acredita.

— Então você também não acredita! — ela exclamou.

— Não, creio que Hubert é o responsável — respondeu o noivo

friamente. — E se eu estou certo, você deve agradecer à minha prima por soltá-la tão rapidamente.

— Hubert! — ela exclamou. — Por que faria algo tão indigno de um cavalheiro, diga-me?

Ele deu de ombros.

— Talvez por troça, talvez porque se tenha ressentido com a sua interferência no romance de Cecília, minha querida Eugenia. Ele é muito ligado à irmã.

Ela replicou num tom profundamente magoado:

— Se é isso, espero que você pretenda repreendê-lo!

— Não farei nada tão insensato — respondeu o Sr. Rivenhall em seu tom de voz mais seco.

IX

Pouco DEPOIS desse dia não de todo auspicioso no campo, o Sr. Rivenhall anunciou sua intenção de partir para Ombersley, onde permaneceria um período indefinido de tempo. A mãe não tinha objeção a fazer; contudo, ao perceber que era o momento assustador da revelação, disse, aparentando uma calma que estava longe de sentir, que esperava tê-lo de volta em Londres a tempo para a festa de Sophy.

— É importante assim? — ele perguntou. — Não tenho inclinação para dançar, mamãe, e uma noite como essa que a senhora vai passar é a mais insípida de todas!

— Bem, é realmente importante — confessou ela. — Seria considerado estranho, querido Charles, se você estivesse ausente!

— Santo Deus, mamãe, tenho estado sempre ausente desta casa quando ocorre esse tipo de acontecimento!

— Bem, essa festa deve ser um pouco maior do que a princípio achamos que seria! — ela disse, sentindo-se desesperada.

Ele lançou-lhe um dos seus olhares desconcertantes.

— É mesmo? Pelo que deduzi, seriam convidadas umas vinte pessoas, não é?

— Haverá... um pouco mais do que isso! — ela respondeu.

— Quantos mais?

— Ela concentrou-se em desembaraçar a franja do xale que se enrolava no braço da sua cadeira.

— Bem, achamos que talvez fosse melhor... uma vez que é a nossa primeira festa para sua prima, e seu tio particularmente deseja que eu a apresente à sociedade... dar um baile formal, Charles! E seu pai prometeu trazer o Duque de York, ao menos por meia hora! Pareceque ele é muito amigo de Horace. Estou certa de que será bem agradável.

— Quantas pessoas, mamãe, convidou para esse precioso baile? — perguntou o Sr. Rivenhall, não achando agradável.

— Não... não mais de quatrocentas! — gaguejou a mãe, medrosa. — Mas, Charles, muitas não virão!

— Quatrocentas! — ele exclamou. — Não preciso perguntar de quem é a façanha! E quem, mamãe, vai pagar a conta para esse entretenimento?

— Sophy... isto é, seu tio, é claro! Asseguro-lhe que o custo não vai desabar sobre você!

Ele não ficou aliviado com isso; ao contrário, perguntou, usando uma linguagem rude:

— Imagina que permitirei que essa deplorável criatura pague pelas festas nesta casa? Se foi louca bastante, mamãe, para consentir nesse esquema...

Prudente, Lady Ombersley buscou refúgio nas lágrimas, e começou a procurar às apalpadelas os saís aromáticos. O filho olhou-a de modo desconcertante, e disse com cuidadosa moderação:

— Por favor, mamãe, não chore! Sei muito bem a quem devo agradecer por isto.

Uma interrupção, bem-vinda a Lady Ombersley, ocorreu na figura de Selina, que entrou

impetuosamente na sala, exclamando:

— Oh, mamãe! Quando demos o baile para Cecília, nós... — Então percebeu o irmão mais velho e interrompeu-se, parecendo extremamente constrangida.

— Continue! — disse o Sr. Rivenhall severamente.

Selina atirou a cabeça ligeiramente para trás, num gesto de impaciência.

— Suponho que já sabe tudo sobre o baile de Sophy. Bem, sem dúvida não me importo porque não poderá impedi-lo, agora que todos os convites foram enviados e 387 pessoas aceitaram! Mamãe, Sophy disse que quando ela e Sir Horace deram uma grande recepção em Viena, Sir Horace avisou à polícia, para manterem as ruas desimpedidas e informarem aos cocheiros para onde deviam ir, e assim por diante. Não fizemos o mesmo para o baile de Cecília?

— Fizemos, e pusemos pajens portadores de archotes também — respondeu Lady Ombersley surgindo brevemente de detrás do lenço, porém voltando a retirar-se para sua proteção.

— Certo, mamãe, e o champanha! — disse Selina, resolvida a desobrigar-se da sua incumbência. — Deve ser encomendado do Gunter's, como tudo mais? Ou...

— Pode informar nossa prima — interrompeu o Sr. Rivenhall — que o champanha sairá das nossas adegas! — Em seguida deu as costas à jovem irmã e perguntou à mãe: — Como é que Eugenia não me falou sobre a festa? Ela não foi convidada para o baile?

Numa indagação desesperada, um par de olhos surgiu do lenço, procurando desordenadamente um esclarecimento de Selina.

— Santo Deus, Charles! — exclamou a donzela, chocada. — Esqueceu o infortúnio que se abateu sobre a família da Srta. Wraxton? Estou certa de que ela não só nos disse uma vez, mas dezenas de vezes que o decoro a proíbe de comparecer a festas, exceto as mais tranquilas!

— Tal decisão também é obra da minha prima, deduzo! — disse ele, apertando os lábios. — Devo dizer, mamãe, que eu teria imaginado, se a senhora aprovasse essa loucura, que enviaria um convite à minha futura esposa!

— É claro, Charles, é claro! — disse Lady Ombersley. — Se não foi feito, houve falta de fiscalização. Embora seja perfeitamente verdadeiro que Eugenia nos afirmou que enquanto estiver de luvas pre-tas...

— Oh, mamãe, não! — exclamou Selina impetuosamente. — Sabe que ela vai injetar desânimo em tudo, com aquela cara comprida de cavalo...

— Como ousa? — interrompeu o Sr. Rivenhall, furioso.

Selina ficou um pouco assustada, porém murmurou:

— Bem, ela *faz* isso mesmo, pense o que quiser, Charles!

— Outra obra da minha prima, sem dúvida!

Selina enrubesceu e baixou os olhos. O Sr. Rivenhall voltou-se para a mãe:

— Seja gentil e diga-me, mamãe, de que modo esse assunto ficou acertado entre a senhora e Sophy? Ela vai lhe dar um cheque da conta bancária do meu tio ou o quê?

— Eu... eu não sei exatamente! — disse Lady Ombersley. — Quero dizer, isso ainda não foi discutido! Na verdade, Charles, eu mesma não sabia, até bem pouco tempo, que tantas pessoas iam ser

convidadas!

— Bem, mamãe, *eu* sei! — declarou Selina. Todas as contas de vem ser enviadas para Sophy, vocês não precisam preocupar-se com elas.

— Obrigado! — disse Charles e saiu abruptamente da sala.

Encontrou a prima no pequeno salão dos fundos da casa, conhecido como o Salão das Senhoritas. Ela estava ocupada em fazer uma lista, mas ergueu os olhos quando a porta se abriu e sorriu para Charles.

— Procura Cecilia? Ela saiu com a Srta. Adderbury para fazer algumas compras na Bond Street.

— Não, não procuro Cecilia! — ele respondeu. — Meu assunto é com você, prima, e não demorarei muito tempo. Estou informado de que minha mãe vai dar um baile em sua honra na terça-feira, e por algum extraordinário equívoco administrativo as contas foram enviadas a você. Quer ter a gentileza de procurá-las e entregá-las a mim?

— Exasperado de novo, Charles? — disse ela, erguendo as sobrancelhas. — Este baile é de Sir Horace, não da minha tia. Não há equívoco administrativo nenhum.

— Sir Horace pode ser o dono da sua própria casa — embora eu duvide —, mas não daqui! Se minha mãe resolveu realizar um baile, ela pode fazê-lo, porém em nenhuma circunstância meu tio arcará com as despesas. É intolerável que você a tivesse convencido a consentir em tal esquema. Entregue-me as contas que tiver, por favor!

— Não lhe faço esse favor — respondeu Sophy. — Nem Sir Horace nem você, querido primo, é o senhor desta casa. Tenho o consentimento de meu tio Ombersley. — Com satisfação, ela viu que o confundira totalmente, e acrescentou: — Se eu fosse você, Charles, iria dar um belo passeio no parque. Sempre achei que não há nada mais benéfico para os nervos do que exercício ao ar livre.

Ele controlou-se com grande esforço.

— Prima, estou falando sério! Não posso e nem vou tolerar uma situação como esta!

— Mas ninguém lhe pediu que tolerasse coisa alguma — ela frisou. — Se meu tio e minha tia estão satisfeitos com as minhas resoluções, diga-me, o que tem você a ver com isso?

Ele respondeu através dos dentes cerrados:

— Acho que já lhe disse antes, prima, que vivíamos bem aqui antes de você chegar e demolir o nosso bem-estar!

— Sim, você disse isso, e o que quis dizer, Charles, era que até eu chegar ninguém ousou zombar de você. Devia ser grato a mim — ou, de qualquer maneira, a Srta. Wraxton devia, pois estou certa de que você teria dado um marido odioso antes de eu vir para ficar com sua mãe.

Isso o fez lembrar-se de uma queixa que, com justiça, poderia fazer. Disse friamente:

— Uma vez que trouxe à baila o nome da Srta. Wraxton, ficarlhe-ei muito grato, prima, de abster-se de mencionar às minhas irmãs que ela tem cara de cavalo!

— Mas, Charles, não se pode associar nenhuma culpa à Srta. Wraxton! Ela não poderia evitá-lo, e isso, *garanto-lhe*, sempre salientei às suas irmãs!

— Considero o semblante da Srta. Wraxton particularmente de boa estirpe!

— Sim, realmente, mas você interpretou mal a declaração! Eu *quis dizer* um cavalo particularmente de boa estirpe!

— Você pretendia, estou ciente, depreciar a Srta. Wraxton!

— Não, não! Gosto muito de cavalos! — Sophy replicou com veemência.

Antes que pudesse conter-se, ele se viu respondendo também a isso:

— Entretanto Selina, que me repetiu a observação, *não* gosta de cavalos, e ela... — Charles parou, percebendo o absurdo que era discutir esse assunto.

— Espero que ela venha a gostar, depois de viver na mesma casa com a Srta. Wraxton durante alguns meses — disse Sophy, animada.

O Sr. Rivenhall conteve o impulso de dar um tabefe na prima e saiu da sala, indignado, batendo a porta atrás de si. Ao pé da escada encontrou Lord Bromford, que entregava o chapéu e o sobretudo a um laçao. O Sr. Rivenhall, ao perceber um modo de, até certo ponto, desforrar-se de Sophy, cumprimentou-o com grande afabilidade, perguntando-lhe se pretendia comparecer ao baile de terça-feira, e ao saber que o rapaz aguardava o acontecimento com muita ansiedade, acrescentou:

— Veio convidar minha prima para o cotilhão? Você é inteligente! Sem dúvida ela estará cheia de pedidos! Dasset, você encontrará a Srta. Stanton-Lacy no Salão Amarelo! Leve Lord Bromford até ela!

— Acha realmente que eu deveria? — perguntou Lord Bromford, ansioso. — Não se dançava isso na Jamaica, sabe, mas estive tomando aulas, e dois dos passos já sei toleravelmente bem. Haverá valsas também? Não danço valsa. Não a considero decente. Espero que a Srta. Stanton-Lacy não dance valsa. Na verdade, não gosto de ver uma dama dançando valsa.

— Hoje em dia todo mundo dança valsa — replicou o Sr. Rivenhall, determinado ao seu propósito cruel. — Devia tomar aulas de valsa também, Bromford, ou será completamente eliminado!

— Não creio — respondeu Lord Bromford, depois de considerar o assunto com seriedade — que alguém deva sacrificar seus princípios para satisfazer o capricho de uma mulher. Não julgo o cotilhão censurável, embora saiba que muita gente de fato não permite que seja dançado em sua casa. Quanto à quadrilha, estou preparado para tomar parte. Há permissão para a prática da dança, que, no meu entender, é a dança de roda ou a quadrilha, nas obras dos antigos. Platão, como sabe, recomendava ensinar as crianças a dançarem; e diversos autores clássicos a consideravam excelente recreação depois de um estudo sério.

Nessa altura o Sr. Rivenhall lembrou-se de um compromisso urgente e saiu às pressas. Lord Bromford acompanhou Dasset até o andar de cima, à sala de estar. O mordomo tinha suas próprias opiniões sobre a inconveniência de introduzir cavalheiros solitários no Salão das Senhoritas. Quando Sophy, devidamente acompanhada de Selina, reuniu-se a ele, o rapaz não perdeu tempo em pedir-lhe que fosse seu par no cotilhão. Sophy, esperando que um dos seus amigos da Península Ibérica viria em sua salvação, expressou o quanto lamentava ser obrigada a recusar. Alegou que já estava comprometida. Ele assumiu uma expressão de desalento e pareceu até ficar um pouco ofendido, ao exclamar:

— Como pode dizer isso, se seu primo me disse para apressar-me a fim de ser o primeiro?

— Meu primo Charles? — indagou Sophy, de modo curioso. — Bem, por certo ele não sabia que minha participação foi requisitada nestes três últimos dias. Talvez possamos dançar juntos uma das quadrilhas.

Ele fez uma reverência e disse:

— Estive informando a seu primo que temos boas opiniões favorecendo as quadrilhas. Creio que não podem ser consideradas inconvenientes. Por outro lado, não posso aprovar a valsa.

— Oh, não dança valsa? Fico tão contente... quero dizer, ninguém o julgaria capaz de gostar de coisa tão frívola, Lord Bromford!

Ele pareceu ficar satisfeito com isso; deixou-se afundar na poltrona e disse:

— Apreciei muito a sua interessante tese, senhorita. Já é conhecida a frase: *Diga-me com quem andas e te direi quem és*; seria possível também ser avaliado pelas danças que gostamos de dançar?

Uma vez que nenhuma das moças tinha qualquer opinião sobre o assunto, era uma sorte ser a pergunta do rapaz apenas retórica. Ele começou a estender o tópico e só foi interrompido com a chegada do Sr. Wychbold, que veio se oferecer para levar Sophy e seus primos a um espetáculo de animais selvagens, e também para solicitar a honra de ser o par de Sophy no cotilhão. Ela foi obrigada a recusar, porém pesarosa, pois o Sr. Wychbold era notável dançarino e executava cada passo do cotilhão com graça e elegância.

Contudo, quando o dia de terça-feira despontou, ela adquirira um parceiro nada desprezível na pessoa de Lord Francis Wolney. O fato de ele requisitar primeiro a participação da Srta. Rivenhall, ela suportou com grande coragem, ao dizer que num ato de compaixão cristã em relação às outras jovens, Cecília não devia perder tempo em se preparar para o casamento.

Logo ficou evidente que o baile seria um dos sucessos da temporada. Até o tempo o favoreceu. Desde a aurora até a hora do jantar, a casa Ombersley foi o cenário de uma atividade incansável, e a rua, do lado de fora, ficou ruidosa com as rodas das carretas dos negociantes e os assobios dos incontáveis mensageiros. O Sr. Rivenhall chegou do campo no momento exato em que dois homens em mangas de camisa e calças de couro instalavam um toldo desde o caminho lajeado até o passeio e um outro homem, usando avental, estendia uma passadeira vermelha nos degraus, sob a supervisão arrogante de Dasset. Dentro da casa, o Sr. Rivenhall quase colidiu com um laçao que, cambaleando, se dirigia ao salão de baile com uma gigantesca palmeira num vaso apertado contra o peito, e evitou-o apenas para deparar com a governanta. Ela deixou escapar um grito abafado e se dirigiu para a sala de jantar levando a melhor toalha de mesa adamascada nos braços. Dasset, que seguira o Sr. Rivenhall ao entrar em casa, informou-o com satisfação que teriam trinta pessoas sentadas para o jantar às 20 horas. Acrescentou que a patroa se achava deitada, em preparo para a festa, e que o patrão selecionara pessoalmente os vinhos para o jantar. O Sr. Rivenhall, que mais parecia estar resignado do que encantado, assentiu com a cabeça e perguntou se havia alguma carta para ele.

— Não, senhor — respondeu Dasset. — Devo informar que a banda de música do 2º. Regimento de Cavalaria tocará durante a ceia, pois a Srta. Sophy conhece o coronel, que estará entre os convidados do jantar. Um progresso imenso, se me permite dizer isso, senhor, em relação às flautas-de-pã, que se tornaram muito comuns desde que as tivemos por ocasião do baile da Srta. Cecília no ano passado. A Srta. Sophy, aventure-me a dizer, é uma dama que sabe exatamente como as coisas devem ser feitas. É um grande prazer, queira me perdoar a liberdade, trabalhar para a Srta. Sophy, pois ela pensa em tudo, e imagino que não haverá obstáculo para estragar a festa.

O Sr. Rivenhall proferiu algo misturado a resmungos e afastou-se para os seus aposentos. Quando reapareceu, foi para juntar-se ao resto da família na sala de estar apenas alguns minutos antes das 20

horas. As duas irmãs mais jovens, divertindo-se muito debruçadas sobre o corrimão da escada que levava ao andar da sala de aula, asseguraram-lhe em sussurros agudos que estava tão elegante que não podiam acreditar houvesse outro cavalheiro capaz de rivalizar com ele. Rindo, ergueu os olhos, pois embora tivesse boa estampa e estivesse elegante no seu traje de calças pretas de cetim pelo joelho, colete branco, meias com barra e um casaco até a cintura na frente e abas bem compridas atrás, ele sabia que, quanto ao alfaiate, seria eclipsado pela metade dos convidados masculinos. Mas a sincera admiração das irmãzinhas certamente suavizou seu mau humor, e depois de prometer lealmente que mais tarde mandaria um criado à sala de aula com sorvetes, continuou seu caminho em direção à sala de estar, e até conseguiu se resolver a cumprimentar a irmã e a prima, elogiando os respectivos trajes.

Sophy escolhera um vestido de crepe da sua cor favorita: verde, com ornatos em amarelo, que usava sobre um forro branco de cetim. Tinha minúsculas mangas bufantes e pérolas miúdas, e era prodigamente rematado com rendas. Pingentes de diamantes lindíssimos pendiam de suas orelhas; e um colar de pérolas cingia-lhe o pescoço; um pente de rico material destacava-se atrás do elaborado coque no alto da cabeça. Jane Storridge escovara e passara brilhantina nos cachinhos laterais, de modo que à luz das velas reluzia o magnífico tom dos cabelos castanhos. Sapatilhas de cetim listrado de verde, luvas longas e um leque de crepe branco sobre varetas de marfim completavam sua toalete. Lady Ombersley, embora aprovasse o efeito do conjunto, não podia abster-se de olhar para Cecília com olhos úmidos de orgulho materno. Toda a juventude e beleza da aristocracia estava presente no baile dessa noite, pensava ela, bem -humorada, mas não haveria uma jovem capaz de superar Cecília, uma princesa encantada em seu vestido branco de gaze finíssima, que chegava a cintilar um pouco quando ela se movia e a luz captava os enfeites argênteos bordados no tecido primoroso. Os cabelos encaracolados, apenas com uma fita prateada passando entre eles, assemelhavam-se a uma espuma de ouro; seus olhos eram de um azul claro, translúcido; e os lábios formavam um arco perfeito. Ao lado de Sophy, parecia etérea; o pai, examinando-a com indulgente afeto, disse que ela o fazia pensar numa fada — Rainha Mab ou Titania, qual delas? Precisava de Eugenia Wraxton para esclarecê-lo. E ele a teria. Depois de prolongada consideração, a Srta. Wraxton decidira comparecer ao baile de Sophy, obtendo o consentimento da mãe ao prometer-lhe que, sem dúvida, não participaria de nenhuma dança. Dos convidados para o jantar ela foi a primeira a chegar, acompanhada de seu irmão Alfred, que, através do monóculo, lançou olhares cobiçosos para Cecília e Sophy, fazendo-lhes elogios tão extravagantes que chegou a provocar um leve rubor nas faces de Cecília e uma expressão sombria nos olhos de Sophy. A Srta. Wraxton, trajada num discreto vestido de crepe lavanda, viera determinada a ser gentil, e até cumprimentou as primas pela aparência de ambas. Suas observações, entretanto, foram muito elegantes, e ela ganhou um olhar fervoroso de Charles. Na primeira oportunidade, absorveu a atenção dela ao aproximar-se para oferecer-lhe uma cadeira, dizendo:

— Eu não ousara esperar que estivesse presente esta noite. Obrigado.

Eugenia sorriu e apertou ligeiramente a mão dele.

— Mamãe não gostou muito, mas concordou que seria adequado eu comparecer. Nem preciso dizer que não vou dançar.

— Fico satisfeito por ouvir isso; você acaba de presentear-me com uma excelente desculpa para seguir *seu* exemplo!

Ela parecia contente, porém disse:

— Não, não, você deve cumprir o seu dever, Charles! Eu insisto.

— A Marquesa de Villacanas! — anunciou Dasset.

— Santo Deus! — exclamou Charles, num sussurro.

Magnificante, e decididamente exótica, a marquesa entrou na sala num vestido de cetim dourado e, visando um estilo pretensamente casual, adornada de broches, correntes e colares de rubis e esmeraldas. No cabelo trazia um pente extremamente alto, com uma mantilha por cima; um aroma de perfume forte a envolvia; e uma cauda bem longa varria o chão atrás dela. Lord Ombersley tomou fôlego e adiantou-se para cumprimentar com verdadeiro entusiasmo uma convidada tão digna de atenção.

Esquecendo que ele e a prima estavam estremecidos, o Sr. Rivenhall disse em seu ouvido:

— Como conseguiu animá-la a gastar tanto esforço?

Sophy riu.

— Oh, de qualquer modo, ela queria passar alguns dias em Londres; assim, tudo que precisei fazer foi reservar um conjunto de aposentos para ela no Pulteney Hotel e encarregar diretamente Pepita, sua criada, de trazê-la aqui esta noite!

— Estou satisfeito que a conseguissem trazer ao menos para contemplarmos tanto esforço!

— Ah, ela sabia que eu mesma iria buscá-la se se recusasse a vir!

Mais convidados chegavam; o Sr. Rivenhall foi ajudar os pais a recebê-los; a grande sala de estar dupla começava a encher-se; e apenas alguns minutos depois das 20 horas, Dasset anunciou o jantar.

Os convidados eram da qualidade que encheria de orgulho qualquer anfitriã, e entre eles se podia incluir muitos membros do corpo diplomático e titulares de dois gabinetes ministeriais com suas respectivas esposas. Lady Ombersley poderia apinhar seus salões com tantos membros da nobreza quantos quisesse convidar, porém, visto que o marido se interessava pouco por política, os círculos governamentais estavam um tanto fora do seu alcance. Mas Sophy, que não conhecia tantas pessoas bem-nascidas, mas conhecia, de suas viagens, muitas intimamente ligadas ao universo dos círculos governamentais, desde o dia em que pela primeira vez levantara os cabelos e usara saias longas, fazia as honras da casa para pessoas ilustres e com elas mantinha um relacionamento em termos da mais cordial amizade. À mesa da tia predominavam amigos de Sophy ou, talvez, de Sir Horace, mas nem mesmo a Srta. Wraxton, atenta a possíveis sinais de presunção na moça, pôde encontrar qualquer falha em seu comportamento. Seria talvez de esperar, uma vez que todas as medidas para a festa foram tomadas por ela, que Sophy se pusesse em evidência mais do que seria adequado, mas longe de assim proceder, ela parecia estar com uma disposição de espírito reservada, não participando da recepção aos convidados no andar superior, restringindo sua conversa à mesa, mais precisamente aos cavalheiros que a ladeavam. A Srta. Wraxton, que a rotulara de grosseira, era obrigada a admitir que os modos dela, pelo menos ante as visitas, eram irrepreensíveis.

O baile começou às 10 horas, no imenso salão de festas que ficava nos fundos da casa. Era iluminado por centenas de velas num enorme candelabro que pendia do teto, e como ele fora despido de sua capa de Holanda três dias antes, para que os lacaios e os copeiros pudessem lavar e polir seus lustres, cintilava agora como uma coleção de diamantes imensos. Grande quantidade de flores destacava-se num grupo de floreiras em cada extremidade do salão, e uma excelente orquestra fora contratada, sem levar em consideração (o Sr. Rivenhall refletiu amargamente) as despesas.

O aposento, embora vasto, logo ficou tão apinhado de pessoas elegantes que parecia certo a festa receber o prêmio final: lotação esgotada. Nenhuma anfitriã poderia desejar mais.

O baile foi iniciado com uma quadrilha, na qual o Sr. Rivenhall sentiu-se moralmente obrigado a fazer par com a prima. Ele desempenhou seu papel com dignidade, ela desempenhou o seu com graça; e a Srta. Wraxton, observando de uma das cadeiras arrumadas em um lado do salão, sorria graciosamente para ambos. O Sr. Fawnhope, o mais bonito parceiro, conduziu Cecília para o seu grupo de pessoas, fato que muito aborreceu o Sr. Rivenhall. Ele achava que Cecília devia ter reservado a dança de abertura para um convidado mais importante, e não obteve satisfação ao ouvir elogios à graça e à beleza daquele casal tão impressionante. Em nenhum outro lugar o Sr. Fawnhope se distinguia mais do que num salão de baile, e feliz era a dama que fazia par com ele. Olhos invejosos seguiam Cecília, e mais de uma beldade morena desejou, visto que o Sr. Fawnhope, louro como um anjo, inexplicavelmente preferia louras a morenas, poder mudar a cor dos seus cabelos para satisfazer a fantasia do rapaz.

Lord Bromford, um dos primeiros a chegar, não teve êxito, devido ao senso de dever do Sr. Rivenhall, em segurar a mão de Sophy durante a primeira dança, e como uma valsa se seguiu à quadrilha, só algum tempo depois conseguiu fazer par com a moça. Enquanto a valsa prosseguia, ele ficou parado, observando os que dançavam, e, num dado momento, foi atraído para o lado da Srta. Wraxton, pondo-se a distraí-la expondo a sua opinião sobre a valsa. Até certo ponto, ela se mostrou solidária, contudo expressou-se de maneira mais moderada, ao dizer que embora não se sentisse inclinada a dançar a valsa, a dança não podia ser inteiramente censurada agora que fora admitida no Almack's.

— Não a vi dançar na residência do governador — declarou Lord Bromford.

A Srta. Wraxton, que gostava de ler livros sobre viagens, exclamou:

— Jamaica! Quanto invejo, senhor, a sua estada naquela ilha interessante! Estou certa de que deve ser um dos lugares mais românticos imagináveis.

Lord Bromford, que na adolescência jamais ficara fascinado pelos contos sobre a parte meridional do mar das Caraíbas, respondeu que o lugar tinha muito a elogiar e continuou descrevendo as qualidades das suas fontes medicinais e a grande variedade de mármore que se poderia encontrar nas montanhas. A Srta. Wraxton ouvia tudo com interesse, e mais tarde informou ao Sr. Rivenhall que ela considerava Lord Bromford uma pessoa de mente bem-informada.

Metade da noite já havia passado. Sophy, ofegante depois de uma valsa vigorosa com o Sr. Wychbold, permanecia na parte lateral do aposento, abanando-se e observando os casais que ainda rodopiavam pelo salão, enquanto seu parceiro ia à procura de um copo de refresco gelado para ela, quando, de repente, foi abordada por um cavalheiro de aspecto agradável, que se aproximou e disse com um sorriso franco:

— Meu amigo, o Major Quinton, prometeu apresentar-me à Magnífica Sophy, porém o miserável vai de grupo em grupo sem jamais dispensar atenção! Como está, Srta. Stanton-Lacy? Perdoará minha informalidade, não? De fato eu não devia estar aqui, pois não fui convidado, mas Charles me garantiu que se não me julgasse ainda acamado, certamente me mandaria um convite.

Ela olhou-o daquele seu jeito franco, analisando-o. Gostou do que viu. Era um homem de trinta e poucos anos, não exatamente bonito, mas com um semblante agradável, salvo do medíocre por um par de jocosos olhos cinzentos. Era de estatura acima da mediana, possuía ombros largos e pernas fortes em botas de montaria.

— Sem dúvida é uma lástima da parte do Major Quinton — Sophy disse, sorridente. — Mas sabe

como é tagarela! Devíamos ter-lhe enviado um convite? Queira perdoar! Espero que sua doença não tenha sido de natureza grave.

— Ai de mim, apenas dolorosa e humilhante! — respondeu ele. — Acreditaria que um homem da minha idade pudesse prostrar-se vítima de uma enfermidade infantil, senhora? Caxumba!

Sophy, deixando cair o leque, exclamou:

— *O que disse? Caxumba!*

— Caxumba — ele repetiu, apanhando o leque e devolvendo-o.

— Não é de admirar o seu assombro!

— Então você é... — começou Sophy — ..Lord Charlbury.

Ele fez uma reverência.

— Eu mesmo, e percebo que minha fama dhegou antes de mim. Admito, que eu não devia ter achado conveniente aparecer-lhe como um homem com caxumba, mas vejo que assim aconteceu!

— Vamos nos sentar — sugeriu Sophy.

Ele pareceu surpreso, porém acompanhou-a imediatamente até um sofá encostado na parede.

— Sem dúvida! Mas não quer que eu apanhe um copo de limonada?

— O Sr. Wychbold — espero que o conheça — já foi fazer isso. Eu gostaria de conversar com você um momentinho, pois ouvi falar muito a seu respeito, sabe?

— Nada poderia me dar mais prazer, pois também ouvi falar muito sobre você, o que me inspirou o mais vivo desejo de conhecê-la.

— O Major Quinton — disse Sophy — é um trocista irrecuperável, e acho que lhe deu uma ideia de mim bastante falsa!

— Devo salientar, senhora — ele revidou —, que estamos no mesmo caso, pois você *me* conhece apenas como um homem com caxumba, e correndo o risco de lhe parecer um peralvilho, posso assegurar-lhe que *isso* deve ter-lhe dado de *mim* uma ideia igualmente falsa!

— Está perfeitamente certo — disse Sophy, séria. — Tive uma falsa ideia a seu respeito! — Os olhos dela seguiram Cecília e o Sr. Fawnhope rodando no salão; tomou fôlego e disse: — Talvez as coisas sejam um pouco difíceis.

— Isso eu já havia percebido — replicou Lord Charlbury, seus olhos seguindo os dela.

— Não consigo imaginar — disse Sophy, com forte emoção — o que pode tê-lo afetado, senhor, para contrair caxumba num momento destes!

— Não foi de propósito — respondeu ele, humildemente.

— Nada poderia ter sido mais imprudente! — disse Sophy.

— Imprudente! — declarou ele. — Uma infelicidade!

Nesse exato momento chegou o Sr. Wychbold com o refresco de Sophy.

— Alo, Everard! — cumprimentou. — Não sabia que já estava disposto a fazer visitas! Como vai, caro rapaz?

— Com a alma contundida, Cyprian, com a alma contundida! Os sofrimentos causados pela doença

que se abateu sobre mim não foram nada comparados com os que agora padeço. Será que um dia conseguirei reabilitar-me?

— Oh, não sei! — respondeu o Sr. Wychbold tentando consolar. — Uma coisa miserável e chocante para acontecer a alguém, é claro, mas as pessoas têm memória fraca! Ora, você se lembra do pobre Balton, quando levou aquele tombo no Serpentine, voando por cima da cabeça do seu cavalo? Ninguém falou em outra coisa durante quase uma semana! Pobre *rapaz*, teve que ir para o campo por uns tempos, mas depois tudo dissipou-se, como você sabe!

— Então seria conveniente uma temporada no campo? — Lord Charlbury perguntou:

— De modo algum! — respondeu Sophy, decidida. Ela aguardou até que a atenção do Sr. Wychbold fosse solicitada por uma dama em cetim marrom-arroxado, em seguida virou-se para o seu acompanhante e indagou com franqueza: — É bom dançarino, senhor?

— Imagino estar dentro da média, senhora. Sem dúvida não chego a me comparar com o belo rapaz que estamos observando.

— Nesse caso — disse Sophy —, se eu fosse você, pediria a Cecilia para dançar a valsa!

— Já fiz isso, mas sua recomendação é desnecessária; ela está com prometida para todas as valsas e também para a quadrilha. O máximo que posso esperar é ser par de Cecília numa contradança.

— Não se deve — Sophy avisou-o — ficar tentando conversar com alguém quando a ideia é dançar. Isso é sempre fatal, acredite em mim! Ele fitou-a, e, da mesma maneira franca que a dela, disse:

— Srta. Stanton-Lacy, a senhora conhece plenamente a minha posição. Diga-me, por favor, que atitude devo tomar, e quem é o Adónis que no momento monopoliza a Srta. Rivenhall?

— Ele é Augustus Fawnhope, e é um poeta.

— Isso tem um som sinistro — comentou ele alegremente. — Conheço a família, é claro, mas creio que não encontrei com esse rapaz antes.

— É provável que não, porque ele costumava estar com Sir Charles Stuart, em Bruxelas. Lord Charlbury, o senhor me parece um homem sensato!

— Eu preferiria ter a cabeça como as moedas gregas, que trazem a figura de um anjo — ele comentou, pesaroso.

— Precisa compreender — disse Sophy, não dando atenção a essa frivolidade — que metade das senhoritas de Londres estão apaixonadas pelo Sr. Fawnhope.

— Acredito prontamente nisso e invejo apenas uma de suas conquistas.

Ela preparava uma resposta, quando foram interrompidos. Lord Ombersley, que saíra depois do jantar, reaparecia agora, acompanhado de um homem idoso, extremamente corpulento, em quem ninguém teve a mínima dificuldade em reconhecer um membro da família real. De fato, era o Duque de York, um dos filhos de Jorge III e o que mais se assemelhava com o pai. Tinha os mesmos olhos azuis salientes, um nariz adunco, as mesmas faces inchadas e lábios salientes, contudo era um homem muito mais avantajado do que o pai. Parecia estar sempre correndo o iminente perigo de explodir de suas calças justíssimas; falava com voz chiada, e era um príncipe simplesmente genial, sempre disposto a ficar satisfeito, quase não fazia cerimónias, conversando afavelmente com todos que a ele se apresentavam. Cecília e Sophy tiveram essa honra. Sua Alteza Real não poupou elogios à beleza de Cecília,

expressando-se exatamente com o mesmo exagero empregado pelo Sr. Wraxton, e ninguém duvidava que se ele a tivesse encontrado em um lugar menos público, não teria levado muitos minutos para que o braço ducal a tivesse enlaçado pela cintura. Sophy não despertou tal tendência amorosa nele, porém o duque conversou muito jovialmente com ela, perguntou-lhe como o pai estava, sugerindo, com uma sonora gargalhada, que a essa altura Sir Horace se divertia entre as beldades brasileiras, tão malandro ele era! Depois disso, cumprimentou diversos amigos, circulou pelo salão durante algum tempo, e finalmente retirou-se para a biblioteca com seu anfitrião e mais dois amigos íntimos para uma partida de uíste.

Cecília, ao escapar da presença real com as faces em fogo (pois detestava ser alvo de elogios excessivos), foi interceptada pelo Sr. Fawnhope, que disse com grande simplicidade:

— Você está mais linda esta noite do que eu julgara possível.

— Oh, não! — ela exclamou involuntariamente. — Como este salão está insuportável de quente!

— Você está corada, mas isso lhe assenta bem. Vou levá-la para o balcão.

Ela não fez objeção, embora esse termo pomposo descrevesse na verdade um lugar onde se podia esticar os pés, construído do lado de fora de cada uma das doze janelas envidraçadas até a altura do salão de baile e protegido com baixos balaústres de ferro. O Sr. Fawnhope abriu as cortinas que ocultavam a janela na extremidade mais afastada do salão, e a jovem passou através delas para um vão pouco profundo. Depois de alguma dificuldade com o trinco, o Sr. Fawnhope conseguiu abrir as portas duplas da janela, e Cecília saiu para a saliência estreita. Uma brisa fria soprou em seu rosto. Ela exclamou:

— Ah, que noite! Quantas estrelas!

— Estrela da noite, arauto do amor! — declamou o poeta um tanto vagamente, perscrutando o céu.

Esse idílio foi rudemente interrompido. Depois de presenciar a retirada do jovem casal, o Sr. Rivenhall os seguira, e, ultrapassara as cortinas de brocado, dizendo, em tom áspero:

— Cecília, você perdeu *todo* o senso de decoro? Volte já para o salão!

Surpresa, Cecília virou-se rapidamente. Já agitada devido ao encontro inesperado com Lord Charlbury, os nervos da moça explodiram numa resposta impetuosa:

— Como ousa, Charles? — perguntou com voz trémula. — Diga-me, de que falta de decoro sou acusada quando busco um pouco de fresco na companhia do meu noivo?

Ela segurou a mão do Sr. Fawnhope enquanto falava e encarou o irmão com o queixo projetado e as faces muito rubras. Lord Charlbury, que com uma das mãos afastara a cortina, ficou perfeitamente imóvel, tão pálido quanto ela corada, olhando-a firmemente.

— Oh! — exclamou Cecília, soltando num arranco sua mão da do Sr. Fawnhope e apertando-a contra o rosto.

— Posso saber, Cecilia, se o que acabou de anunciar é verdade? — perguntou Charlbury, sem um vestígio de emoção na voz cortês.

— É verdade — ela respondeu.

— Com os diabos que não é! — disse o Sr. Rivenhall.

— Permita-me externar minhas congratulações — replicou Lord Charlbury, fazendo uma reverência. Em seguida deixou a cortina cair e afastou-se, caminhando pelo salão, até as portas de saída.

Sophy, que ia ocupar seu lugar ao lado do Major Quinton na dança que se formava, abandonou o parceiro com uma palavra de desculpa e alcançou Lord Charlbury na ante-sala.

— Lord Charlbury!

Ele voltou-se.

— Srta. Stanton-Lacy! Poderia apresentar minhas desculpas a Lady Ombersley por não me despedir dela formalmente? Ela não se encontra no salão de baile no momento.

— Sim, não se preocupe com isso! O que aconteceu para fazê-lo sair tão cedo?

— Eu vim, senhora, com um único objetivo. Agora tornou-se inútil ficar, devido à participação feita por sua prima, um momento atrás, de que ficou noiva do jovem Fawnhope.

— Que tonta ela é! — comentou Sophy alegremente. — Eu a observei afastar-se com Augustus, e vi Charles segui-la. Pode estar certo, tudo isso é obra dele! Tenho vontade de dar-lhe um bofetão! Costuma cavalgar no parque?

— Eu costumo *o quê!* — o rapaz perguntou, aturdido.

— Cavalgar no parque!

— Certamente que sim, mas...

— Então faça isso amanhã de manhã! Não muito cedo, pois acho que não me deitarei antes das quatro! Às 10 horas, então; não deixe de ir!

Ela não esperou pela resposta, e voltou para o salão de baile, deixando-o de olhos arregalados, muito surpreso. Em qualquer outra ocasião, teria sorrido diante das maneiras estranhas e abruptas de Sophy; sendo, porém, um homem apaixonado, encontrava-se sob o peso daquela decepção, e embora procurasse manter uma atitude calma, naquele momento estava além das suas forças sentir-se divertido.

X

Foi SEM muita esperança de encontrar Sophy que, na manhã seguinte, Lord Charlbury mandou selar um cavalo e dirigiu-se ao Hyde Park, pois parecia-lhe que uma jovem que dançara a noite toda provavelmente não seria encontrada cavalgando no parque por volta das 10 horas no dia seguinte.

Todavia, ele não chegara a conduzir o cavalo a meio galope em uma volta da pista quando viu um belíssimo cavalo negro vindo em sua direção e reconheceu Sophy no lombo do animal. Ele fez o cavalo parar puxando as rédeas e tirou o chapéu:

— Eu supunha que você ainda estaria na cama, dormindo profundamente. E feita de ferro, Srta. Stanton-Lacy?

Ela deteve Salamanca, que pateou para o lado com grande arrogância.

— Ora bolas! — exclamou ela, rindo. — Considera-me tão fraca criatura para ficar prostrada por causa de um baile, senhor?

Ele fez seu cavalo emparelhar com o dela. John Potton acompanhava a uma distância discreta. Lord Charlbury elogiou Salamanca, mas foi interrompido de maneira brusca.

— Bem, bem, é um cavalo soberbo, mas não nos encontramos para falar de cavalos. Depois *daquela* confusão que houve em Berkeley Square! Por causa de Charles, naturalmente — tudo por causa de Charles! A coisa mais divertida do mundo — serviu como distração mesmo! Na verdade, não há motivo para essa expressão grave! — no fim Augustus Fawnhope ficou tão confuso quanto você ou Charles!

— Está me dizendo que ele realmente não *quer* se casar com Cecilia? — perguntou Charlbury.

— Ora, talvez num futuro remoto! Já, por certo que não! Sabe, sendo ele um poeta, preferirá ser vítima de uma paixão insolúvel! — disse Sophy alegremente.

— Tipo pretensioso!

— Como preferir. A noite passada, quando você já nos havia deixado, dancei uma valsa com ele, e creio que lhe vou ser muito útil; sugeri a ele várias ocupações de natureza lucrativa, e prometi procurar entre meus conhecidos um homem importante que precise de um se cretário.

— Espero que tenha ficado grato a você — respondeu Charlbury soturnamente.

— Nem um pouco! Augustus não quer ser secretário de ninguém, pois sua alma está acima de assuntos mundanos como, por exemplo, dedicar-se a algo rentável. Aponte-lhe o seu futuro provável da maneira mais encantadora imaginável! Amor e uma cabana, você sabe, e uma dúzia de crianças esfaimadas balbuciando à sua volta.

— Você é uma jovem enigmática! — exclamou o lorde, olhando-a bastante divertido. — Esse quadro deixou-o consternado?

— É claro que deixou, mas ele *é* muito cavalheiro e agora já se conformou com o projetado casamento. Que eu saiba, ele talvez esteja planejando fugir para a fronteira.

— O quê? — exclamou Lord Charlbury.

— Oh, não tenha receio! Cecília é bem adulta para concordar com algo tão escandaloso! Vamos dar um galope! Não vamos chamar atenção, parece haver unicamente babás no parque esta manhã. Santo Deus, enganei-me redondamente! Lá está Lord Bromford e seu robusto cavalo! É preciso que eu lhe informe que Lord Bromford saiu do baile por volta da meia-noite, porque a madrugada é prejudicial a sua saúde. *Agora precisamos* galopar ou ele se reunirá a nós e nos falará sobre a Jamaica!

Precipitaram-se pela pista, Salamanca sempre à frente do cavalo cinzento com rabo de rato de Charlbury. O jovem não escondeu o entusiasmo.

— Por Deus, que cavalo excelente! — disse ele. — Não sei como consegue controlá-lo, senhora! Afinal, ele não é forte demais para uma moça?

— Não nego, mas possui maneiras encantadoras, compreende. Agora podemos nos conduzir com mais sobriedade! Você poderia me contar se ainda deseja casar-se com minha prima? Pode me censurar, se isso lhe aprouver!

Ele respondeu, um tanto pesaroso:

— Vai me considerar desprezível se eu lhe disser que sim?

— De modo algum. Seria um tolo se fizesse render demais o que aconteceu ontem à noite. Mas considere uma coisa! Em vez de primeiro revelar seu interesse a Cecília, você foi pedir permissão a meu tio para fazer-lhe a corte...

— É costume proceder assim! — ele respondeu.

— Pode ser uma atitude formalista, mas é também uma tolice imaginável, principalmente quando se pretende contrair caxumba antes mesmo de pedir a moça em casamento!

— Penso que seria inútil assegurar-lhe que eu *não* pretendia contrair caxumba! E tinha motivos para acreditar que meu pedido de casamento não seria desagradável a Cecília.

— Creio que a disposição dela para com você era favorável — concordou Sophy cordialmente. — Mas então ela ainda não havia visto Augustus Fawnhope. Na verdade, ela o conhecia, mas parece que na ocasião ele tinha o rosto coberto de espinhas e ninguém poderia supor que ela fosse apaixonar-se por ele.

— Não acho esse pensamento muito confortador, Srta. Stanton-Lacy.

— Chame-me Sophy! Todos me chamam assim, e acho que vamos nos tornar amicíssimos.

— Vá... vamos? — ele indagou. — Bem, estou encantado por ouvi-la dizer isso, é claro!

Ela riu.

— Oh, por favor. Não fique alarmado! Se ainda quer casar-se com Cecília — e devo lhe dizer que embora eu pensasse o contrário, antes de conhecê-lo, agora cheguei à conclusão de que você seria muitíssimo conveniente —, vou mostrar-lhe exatamente como deve proceder da qui para a frente.

Ele não pôde deixar de sorrir.

— Fico-lhe muito grato! Mas se ela ama o jovem Fawnhope...

— Por favor, queira refletir por um momento! — atalhou ela, séria. — Pense apenas como aconteceu! Nem bem se declarou a meu tio, você contraiu uma doença ridícula. E *ela* foi informada que deve rir tornar-se sua esposa... Muito antiquado e, sobretudo, imprudente... E ao mesmo tempo surge Augustus Fawnhope, que parece, você deve admitir, um príncipe de conto de fadas — e então ele

despreza todas as pobres mulheres que estavam procurando conquistá-lo e se apaixona pela beleza de Cecília! Meu caro senhor, ele escreve poemas em louvor a Cecília! Ele a chama de ninfa *e diz* que seus olhos envergonham as estrelas... e todo esse tipo de coisa!

— Santo Deus! — exclamou Lord Charlbury.

— Exatamente! Portanto, não pode admirar-se de ela ter ficado arrebatada. Ouso afirmar que você jamais teria pensado em chamá-la de ninfa!

— Srta. Stanton... Sophy! Mesmo para merecer Cecília, não sei escrever poesia, e se soubesse, macacos me mordam se eu faria tal... Bem, de qualquer modo, não tenho vocação para isso!

— Oh, não, não deve tentar eclipsar Augustus *nesse* aspecto! — declarou Sophy. — Sua força consiste em ser exatamente o tipo de homem que arranjaría uma liteira para alguém se comesse a chover.

— Como disse?

— Não arranjaría? — ela perguntou, virando a cabeça para olhá-lo com as sobrancelhas erguidas.

— Creio que sim, mas...

— Creia-me, decididamente isso é mais importante do que aprimorar um verso! — disse-lhe. — Augustus é totalmente inepto. Sei disso porque, lamentavelmente, ele se revelou um fracasso nos Chelsea Gardens. Pensei que ele fosse outro tipo de homem, razão pela qual o fizacompanhar Cecília e a mim até lá, certo dia, quando ameaçava chover. Nossos vestidos de musselina ficaram ensopados, e acho que teríamos morrido de pneumonia se um dos meus velhos amigos não tivesse providenciado um coche de aluguel para nos levar a casa. Pobre Cecy! Ela quase ficou zangada com Augustus!

Ô lorde desatou a rir.

— O Major Quinton só falou a verdade a seu respeito! — declarou. — Já estou até assustado com você!

Ela sorriu, mas disse:

— Não se assuste, só pretendo ajudá-lo.

— Pois é o que me assusta.

— Tolice! Está tentando zombar de mim... Já sabemos que vocêpode providenciar uma liteira durante uma tempestade; também sou de opinião que quando você convidar um grupo para jantar no Piazza, os garçons não tentarão lhe impingir uma mesa com corrente de ar.

— Não — ele concordou, olhando-a com expressão fascinada.

— É claro que Augustus não está em condição de nos convidar para jantar no Piazza, porque minha tia certamente não permitiría que aceitássemos; contudo, certa vez, ele nos ofereceu chá aqui, no parque, e pude ver que ele é exatamente o tipo de homem a quem os garçons servem por último. Estou certa de que posso confiar em você para cuidar que tudo corra sem a mínima dificuldade quando nos convidar para um teatro seguido de jantar. É claro que será obrigado a convidar minha tia também, mas...

— Pelo amor de Deus! — ele interrompeu. — Na situação em que estamos, você imagina que Cecilia consentiria em participar de uma festa oferecida por mim?

— Por certo que imagino — ela respondeu friamente. — Ainda mais: você convidará também Augustus.

— Não, eu não farei isso! — ele declarou.

— Então será um grande tolo. Precisa entender que Cecilia se sentiu impelida a anunciar que pretende casar-se com Augustus! Você não estava lá para cativar seu afeto; Augustus, com suspiros, dizia versos para a sua sobrançelha esquerda; e para finalizar, meu primo Charles comportou-se da maneira mais tirânica, ao proibi-la de pensar em Augustus e mandando-a claramente casar-se com você! Asseguro-lhe, teria sido maravilhoso se ela não se visse forçada a fazer o que fez!

Por alguns momentos, ele cavalgou em silêncio ao lado dela, sua expressão carrancuda aparecendo entre as orelhas do cavalo.

— Compreendo — disse ele finalmente. — Pelo menos... Bem, de qualquer modo você não me aconselhou a perder as esperanças!

— Não creio — disse Sophy honestamente — que algum dia venha a aconselhar alguém a perder as esperanças, pois considero isso uma conduta covarde!

— O que me *aconselha* a fazer? — perguntou ele. — Pareço estar inteiramente em suas mãos!

— Retire o seu pedido! — declarou Sophy.

Ele lançou-lhe um olhar penetrante.

— Não! Pretendo fazer uma investida violenta...

— Esta tarde você fará uma visita a Berkeley Square — disse Sophy, com a máxima paciência — e solicitará o favor de alguns minutos a sós com Cecilia. Quando estiver com ela...

— Eu não a verei. Ela se negará a me receber! — replicou ele, com amargura.

— Ela o verá, porque lhe direi que deve fazer isso. Gostaria que não ficasse me interrompendo! — Ele pediu humildemente perdão, e Sophy continuou: — Quando estiver com ela, diga-lhe que não deseja constrangê-la, que nunca mais vai mencionar o assunto casamento. Será extremamente nobre, e Cecilia sentirá que você está solidário com ela; e se puder também transmitir-lhe a impressão de que tem o coração partido, por mais que se esforce para esconder isso, tanto melhor!

— Sou de opinião que o Major Quinton atenuou flagrantemente os fatos! — declarou Lord Charlbury, emocionado.

— Provavelmente. Os cavalheiros jamais conseguem perceber quando uma ténue duplicidade é necessária. Não tenho dúvida de que se eu o deixasse agir por conta própria, você iria enfurecer-se e usar uma linguagem irritada diante de Cecilia, tudo acabaria em discussão, e você acharia praticamente impossível até mesmo visitar a casa! Contudo, se ela observar que você não desempenha nenhum papel trágico, ficará muito satisfeita de vê-lo quantas vezes você quiser aparecer em Berkeley Square.

— Como posso fazer visitas a Berkeley Square se ela está noiva de outro homem? Se você imagina que concordo em representar o papel de pretendente desprezado na esperança de despertar a piedade de Cecília, nunca estive mais enganada! Melhor ser um cão fraldiqueiro.

— Muito melhor — replicou Sophy. — Você aparecerá em Berkeley Square para me ver. Você não pode demonstrar que, de repente, transferiu seu interesse para a minha pessoa, é claro, mas seria um excelente começo se criasse uma oportunidade, hoje, de contar a Cecília o quanto você me acha engraçada e divertida.

— Sabe de uma coisa — disse ele, sério —, você é a mulher mais surpreendente que já tive a sorte de

conhecer. Observe que não disse boa ou má sorte, pois ainda não faço a mínima ideia do que será!

Ela riu.

— Mas fará o que lhe disse?

— Farei — ele respondeu. — O máximo que permitir minha medíocre capacidade. Contudo, gostaria de conhecer a extensão do negro esquema que você está revolvendo na mente.

Ela virou a cabeça para fitá-lo, seus expressivos olhos questionando, e, ao mesmo tempo, achando válida a irônica observação.

— Mas eu já lhe disse!

— Tenho uma vaga ideia de que há algo mais do que você me disse.

Parecia maliciosa, mas limitou-se a sacudir a cabeça. Chegaram novamente ao Portão Stanhope, e ela fez parar o cavalo puxando a rédea, e estendeu a mão.

— Preciso ir agora. Por favor, não tenha medo de mim! Nunca faço mal às pessoas... realmente não faço! Adeus! Por volta das 16 horas, não esqueça!

Ela voltou a Berkeley Square para encontrar a casa num estado de grande agitação; Lord Ombersley, informado pela esposa sobre a participação de Cecília na noite anterior, enfureceu-se exasperado com a loucura, ingratidão e egoísmo peculiar às filhas; Hubert e Theodore tinham escolhido esse momento singularmente impróprio para deixar Jacko escapar da sala de aula. Ao chegar, Sophy era esperada por várias pessoas perturbadas, que não perderam tempo em despejar seus infortúnios e suas queixas em seus ouvidos. Cecília, abalada pela entrevista com o pai, queria levá-la imediatamente para o isolamento do seu quarto; a Srta. Adderbury desejava explicar que avisara repetidas vezes ao Sr. Hubert para não excitar o mico; Theodore queria convencer todo mundo que tudo acontecera por culpa de Hubert; Hubert pedia que ela o ajudasse a recuperar o mico antes que a fuga chegasse aos ouvidos de Charles; Dasset, depois de ter observado com desagrado o entusiasmo com que os dois lacaios tomavam parte na caçada, entregou-se a um monólogo gelidamente educado, cujo ponto principal parecia ser o de que animais selvagens perambulando à solta na residência de um nobre não era coisa que pudesse tolerar. Como esse discurso incluía a velada ameaça de informar Lord Ombersley, pareceu a Sophy que sua obrigação mais urgente era acalmar as suscetibilidades de Dasset, sobretudo depois que umas seis pessoas a informaram de que o tio se achava num estado de irritação pavoroso. Assim, ela prometeu a Cecília que logo iria até seu quarto, e apaziguou consideravelmente o mordomo ao dispensar os serviços dos lacaios. Cecília, que além da entrevista com Lord Ombersley tinha suportado alguns maus momentos com o irmão mais velho e meia hora com Lady Ombersley, não estava com disposição para micos, e declarou, um tanto histericamente, admitir que já deveria ter previsto que Jacko seria considerado mais importante que ela. Selina, que se deleitava com a atmosfera de drama e desgraça iminente que ameaçava a casa, sibilou:

— Psiu! Charles está na biblioteca!

Cecília replicou que pouco lhe importava onde ele estivesse e precipitou-se pelas escadas acima em direção ao seu quarto.

— Que agitação! — exclamou Sophy, divertida.

Sua voz, ao penetrar pela porta fechada da biblioteca, chegou aos ouvidos aguçados de Tina, que, durante sua ausência da casa, se aconchegara ao Sr. Rivenhall. Imediatamente exigiu que a deixassem

encontrar sua dona, com uma insistência que levou o Sr. Rivenhall ao cenário da confusão, pois ele se viu obrigado a abrir a porta. Ao perceber que grande parte da sua família parecia estar reunida no vestibulo, com um modo um tanto frio indagou a razão. Antes que alguém pudesse responder-lhe, Amabel, no portão, soltou um grito agudo de advertência, e Jacko subitamente lançou-se no vestibulo, vindo das regiões inferiores. Tagarelando de modo incoerente ao avistar Tina, trepou nas cortinas da janela em busca de um lugar seguro, fora do alcance de todos. Amabel subiu, esbravejando, as escadas do porão, seguida de perto pela governanta, que apresentou um protesto arrebatado ao Sr. Rivenhall. O amaldiçoado mico, disse ela, destruíra espontaneamente dois dos melhores panos de prato e espalhara uma tigela de passas pelo chão da cozinha.

— Se esse maldito mico não pode ser controlado — disse o Sr. Rivenhall, sem pedir desculpas pela linguagem violenta —, é preciso que se livrem dele!

No mesmo instante Theodore, Gertrude e Amabel explodiram numa violenta acusação contra Hubert, que, afirmaram, provocara Jacko. Consciente de um rasgão no bolso do seu casaco, Hubert retirou-se para os fundos do aposento, e o Sr. Rivenhall, olhando para os irmãos menores com desagrado, dirigiu-se à janela e estendeu a mão, dizendo calmamente para o mico:

— Venha!

A resposta de Jacko a essa ordem, embora loquaz, era incompreensível. Contudo, como sua atitude de um modo geral era de insubordinação, todos se surpreenderam quando, à repetição da ordem pelo Sr. Rivenhall, ele se pôs a descer da cortina. De entusiástico acordo com Dasset e a governanta sobre a inconveniência de micos em residências de nobres, Tina provocou um ligeiro recuo do animal ao latir, porém Sophy apanhou-a no colo e a escondeu antes que Jacko tivesse tempo de retirar-se novamente para o alto da janela. O Sr. Rivenhall, ao pedir com voz áspera à sua audiência que se abstivesse de fazer qualquer ruído ou movimento súbito, novamente mandou Jacko descer. Satisfeito porque Tina estava sob severa guarda, Jacko foi descendo com relutância, permitiu ser agarrado, e com os dois braços esqueléticos cingiu o pescoço do Sr. Rivenhall. Sem se impressionar por essa demonstração de afeto, o Sr. Rivenhall entregou-o a Gertrude e preveniu-a para que não o deixasse escapar outra vez. Então o grupo de crianças retirou-se com ar circunspecto, mal podendo acreditar que seu animalzinho de estimação não lhe seria arrebatado; e Sophy, sorrindo calorosamente para o Sr. Rivenhall, disse:

— Obrigada. Há uma certa magia que faz todos os animais confiarem em você, creio eu. Quando fico muito irritada com você, só consigo me lembrar disso!

— A única magia, prima, está no fato de não alarmar um animal já assustado — ele respondeu, desalentado, e voltou para a biblioteca e fechou a porta.

— Ufa! — exclamou Hubert, surgindo do vão no topo da escada do porão. — Sophy, veja só o que esse selvagem fez no meu casaco novo!

— Me dê esse casaco! Eu o consertarei — e, pelo amor de Deus, criatura abominável, não faça mais estripulias por hoje! — disse Sophy.

Ele esboçou um largo sorriso, tirou o casaco e entregou-o a ela.

— O que *aconteceu* a noite passada? — ele indagou. — Não me lembro de ter visto meu pai tão apreensivo! Cecília vai se casar com Fawnhope?

— Pergunte a ela! — aconselhou-o Sophy. — Aprontarei seu casaco dentro de vinte minutos. Venha

até meu quarto, e você o terá!

Ela subiu correndo as escadas e, antes de tirar o traje de montaria, sentou-se junto à janela para consertar o rasgão produzido pela fúria de Jacko. Era hábil costureira e já consertara metade do rasgo com seus pontos miúdos quando Cecília apareceu no quarto. Cecília era de opinião que Hubert poderia ter arranjado outra pessoa para fazer o conserto e suplicou-lhe que pusesse o casaco de lado. Sophy recusou-se a fazer isso, dizendo apenas:

— Posso ouvi-la enquanto trabalho, você sabe. Que tonta parecia a noite passada, Cecy!

Essa observação fez Cecília projetar o queixo. Declarou com muita clareza:

— Estou noiva de Augustus, e se não posso me casar com ele, não casarei com mais ninguém.

— Muito bem, mas fazer uma declaração dessas no meio do baile!

— Sophy, pensei que *you* se compadecesse de mim!

De repente ocorreu a Sophy que, quanto menos pessoas se mostrassem solidárias com Cecília, melhor seria; por isso manteve a cabeça inclinada sobre o trabalho e disse rapidamente:

— Bem, me compadeço mesmo, mas ainda assim penso que você escolheu um momento ridículo para fazer tal participação!

Cecilia começou a lhe contar de novo sobre as provocações feitas por Charles; ela concordou, porém numa atitude ausente, e parecia estar mais aflita com o rasgo no casaco de Hubert do que com as injustiças sofridas por Cecilia. Sacudiu o casaco no ar, alisou o cerzido que fizera, e, quando Hubert chegou batendo na porta, interrompeu Cecilia abruptamente, levantou-se de um salto e devolveu o casaco ao rapaz. O resultado disso tudo foi que quando, às 16 horas, Lord Charlbury mandou entregar seu cartão com um pedido para ver a Srta. Rivenhall, Cecilia, quase forçada a aquiescer à vontade dele, acabou encontrando no rapaz seu único simpatizante. Um olhar de relance para o rosto pálido da jovem, para os lábios trágicos, baniu da mente dele toda a ideia de duplicidade. Rapidamente deu um passo à frente, pegou na mão temerosa estendida, e disse num tom de voz profundamente preocupado:

— Não fique com esse ar infeliz! Na verdade, não vim para afligi-la!

Os olhos dela encheram-se de lágrimas; Cecilia retribuiu de leve o aperto da mão dele antes que fosse retirada; e conseguiu dizer algo, com voz sufocada, sobre a gentileza dele e o pesar dela. Charlbury obrigou-a a sentar-se, ocupando uma cadeira ao lado, e disse:

— Meus sentimentos não mudaram nada, jamais poderiam mudar! Contudo, segundo me contaram — e eu entendi —, os seus nunca chegaram a estar envolvidos. Creia-me, se não pode retribuir minha afeição, respeito-a por ter a coragem de o dizer. Que você pudesse ficar constrangida a aceitar meu pedido de casamento quando seu coração pertencia a outro, é um pensamento que me repugna! Perdoe-me! Acho que teve de suportar muito *esse* assunto, o que jamais pretendi, nem mesmo em sonho... Mas já falei o bastante! Permita-me apenas garantir uma coisa: farei tudo que estiver ao meu alcance para pôr um ponto final nessa insistência intolerável!

— Você é toda consideração — todo bondade! — Cecilia disse. Lamento muito sobre... sobre as esperanças, não está em meu poder realizá-las! Se minha gratidão por uma sensibilidade que lhe permite condoer-se de mim nesta situação difícil, por uma fidalguia que... — Sua voz ficou totalmente embargada pelas lágrimas; ela conseguiu apenas virar o rosto e fazer um gesto, implorando compreensão.

Ele tomou-lhe a mão e beijou-a.

— Não diga mais nada! Sempre considere o prêmio além do meu alcance. Embora me negue esse relacionamento mais íntimo que tão ardentemente desejo, podemos continuar amigos? Se houver algum meio de lhe ser útil, você me dirá? Seria realmente uma felicidade!

— Oh, não fale assim! Você é tão bom!

A porta se abriu; o Sr. Rivenhall entrou no aposento, deteve-se um instante na soleira quando viu Charlbury, e deu a impressão de que ia se retirar novamente. Contudo, Charlbury, levantou-se e disse:

— Estou contente por vê-lo em casa, Charles, pois acredito que posso resolver este problema melhor com você do que com qualquer outra pessoa. Sua irmã e eu concordamos que nossos gênios não combinam.

— Compreendo — respondeu o Sr. Rivenhall secamente. — Parece que não há nada que eu possa dizer de proveitoso, a não ser que lamento. Você deseja que eu informe meu pai que não haverá casamento?

— Lord Charlbury foi o que existe de mais gentil, mais magnânimo! — disse Cecília num sussurro.

— Nisso posso acreditar — respondeu o Sr. Rivenhall.

— Tolice! — Charlbury replicou, segurando a mão dela. — Eu a deixarei agora, mas espero que ainda possa visitar esta casa, em caráter de amizade. Sua amizade será sempre inestimável, sabe disso. Talvez não dance no seu casamento, mas desejo que venha a ser muito feliz, palavra de honra!

Apertou a mão da moça, soltou-a e saiu da sala, seguido do Sr. Rivenhall, que o acompanhou nas escadas até o vestíbulo, dizendo:

— É uma situação abominável, Everard. Ela perdeu o juízo! Mas quanto a se casar com aquele peralvilho... por Deus que não!

— Sua prima me assegurou que é tudo culpa minha por ter contraído caxumba de propósito! — disse Charlbury tristemente.

— Sophy! — exclamou o Sr. Rivenhall numa entonação onde só havia revolta. — Creio que não tivemos um dia de paz desde que essa moça entrou nesta casa!

— Não creio que tivessem — replicou o outro pensativamente. — É a moça mais singular que já conheci, mas confesso que gosto dela. Você não?

— Não, é claro que não! — respondeu o Sr. Rivenhall.

Ele levou Charlbury até o jardim, depois voltou para dentro da casa no momento exato em que Hubert descia as escadas aos pulos.

— Ei, aonde vai com tanta pressa? — indagou.

— Ora, a nenhum lugar específico! — respondeu Hubert. — Vou apenas sair!

— Quando volta para Oxford?

— Na próxima semana. Por quê?

— Gostaria de ir comigo a Thorpe Grange amanhã? Devo descer amanhã e pernoitar, creio eu.

Hubert sacudiu a cabeça.

— Não, não posso. Parto para ficar algumas noites com Harpenden.

— Não sabia disso. Em Newmarket? Hubert corou.

— Ora bolas, por que não posso ir a Newmarket?

— Não há razão para não ir, mas eu gostaria que escolhesse suas companhias com mais critério. Está resolvido a ir mesmo? Se quiser, poderíamos ir a Newmarket saindo de Thorpe.

— Muita gentileza sua, Charles, mas estou comprometido com Harpenden e não posso desistir agora!

— replicou Hubert rispidamente.

— Muito bem. Então vá com calma!

Hubert deu de ombros.

— Sabia que diria isso!

— E vou dizer mais uma coisa, e pode acreditar nas minhas palavras! Não posso e não vou arcar com a responsabilidade de suas apostas nas corridas, portanto não aposte além das suas posses!

Não aguardou resposta, subiu novamente para a sala de estar onde encontrou a irmã ainda sentada no lugar em que a deixara, chorando mansamente num lenço em frangalhos. Jogou o seu lenço no colo dela.

— Se quer se debulhar em lágrimas, tome o meu! — recomendou. — Está satisfeita? Deveria estar! Não é qualquer moça que se pode vangloriar de ter rejeitado um homem como Charlbury!

— Não me vanglorio! — ela replicou, com raiva. — Não ligo a mínima para riqueza ou posição! São circunstâncias às quais meu afeto não se sente atraído..

— Contudo, talvez se importe com dignidade de caráter! Poderia procurar pela Inglaterra toda sem encontrar um rapaz melhor, Cecília. Não fique lisonjeada por tê-lo encontrado na figura do seu poeta! Tomara que não venha a lamentar a obra desse dia.

— Sei muito bem que Lord Charlbury tem todas as qualidades apreciáveis — disse ela com voz suavizada e secando as faces úmidas com o lenço do irmão. — Na verdade, creio que ele é o cavalheiro mais refinado que conheço, e se estou chorando é de pesar por ter sido obrigada a magoá-lo!

Ele encaminhou-se até a janela e ficou olhando a praça.

— Agora é inútil adverti-la. Depois da sua declaração da noite passada é pouquíssimo provável que Charlbury queira casar com vo-cê. O que pretende fazer? Posso lhe garantir que meu pai não consentirá que se case com Fawnhope.

— Porque você não permitirá que ele consinta! Não pode contentar-se em fazer um casamento de conveniência, sem desejar que eu faça o mesmo? — exclamou, exaltada.

Ele assumiu uma postura rígida.

— Não é difícil perceber a influência de minha prima em ação! — disse ele. — Antes de ela chegar a Londres, você não teria falado comigo assim!. Minha estima por Eugenia...

— Se você a *amasse*, Charles, não falaria de *estima* por Eugenia.

Foi nesse momento inoportuno que Dasset introduziu a Srta. Wraxton no aposento. Cecília escondeu rapidamente o lenço do irmão, uma onda rubra invadiu-lhe as faces; o Sr. Rivenhall afastou-se da janela e disse com visível esforço:

— Eugenia! Não contávamos com este prazer! Como vai você?

Ela estendeu-lhe a mão, mas voltou seu olhar para Cecília.

— Diga-me que não é verdade! Nunca fiquei tão chocada em minha vida como quando Alfred me contou o que aconteceu ontem à noite!

Quase sem sentir, irmão e irmã fizeram um movimento para a frente ao mesmo tempo.

— Alfred? — repetiu o Sr. Rivenhall.

— Ele me contou, enquanto íamos para casa depois do baile, que não pôde deixar de ouvir o que Cecília lhe disse, Charles. E Lord Charlbury! Eu não acreditaria ter sido isso possível!

Lealdade, bem como os laços de afeição, conservaram o Sr. Rivenhall do lado da irmã; contudo, parecia muitíssimo aborrecido, o que, na verdade, ele estava, pois achava indesculpável Cecília o ter colocado nessa situação. De modo reprovador, disse:

— Se está se referindo ao fato de Cecília e Lord Charlbury terem chegado à conclusão de que não combinam, está totalmente certa. O que realmente não sei, é qual o interesse de Alfred nisso ou por que ele deveria dirigir-se a você para contar o que... ouve por acaso!

— Meu querido Charles, ele sabe que o que diz respeito à sua família também me diz respeito!

— Fico-lhe muito grato, mas não tenho vontade de discutir o assunto.

— Queiram me desculpar! Preciso ir ver minha mãe! — disse Cecília. E deixou o aposento.

A Srta. Wraxton olhou de maneira significativa para o Sr. Rivenhall e disse:

— Não me admira que esteja aborrecido. Foi um assunto lamentavelmente mal conduzido, e calculo que não precisamos procurar muito longe a influência que inspirou a querida Cecília a comportar-se de um modo que não é do seu feitio!

— Não faço a mínima ideia do que quer dizer.

O tom de voz intimidativo do rapaz advertia-a que ela mostraria sensatez em mudar de assunto, porém sua antipatia por Sophy tornara-se uma obsessão tão forte que a impeliu a continuar.

— Deve ter reparado, querido Charles, que nossa adorável irmã deixou-se cair totalmente sob o domínio da prima. Não consigo imaginar a que outra coisa isso possa levar senão ao desastre. Não há dúvida de que a Srta. Stanton-Lacy tem muitas qualidades excelentes, contudo sempre achei que você estava certo ao dizer que Sophy tinha pouquíssima sensibilidade de espírito.

O Sr. Rivenhall, que já decidira que Sophy era a culpada pelo procedimento da irmã, sem um instante de hesitação, disse:

— Está enganada. Jamais fiz semelhante observação!

— Não fez? Acho que me disse algo desse tipo certa vez, mas pouco importa! É lamentável que a querida Lady Ombersley tenha sido forçada a hospedá-la neste exato momento. Toda vez que entro nesta casa, noto uma mudança! Até as crianças...

— Está decididamente muito mais animada, sem dúvida — ele interrompeu-a.

Ela soltou uma risada um tanto artificial.

— Sem dúvida está menos *pacífica*! — Ela começou a alisar as rugas formadas em suas luvas. — Sabe de uma coisa, Charles, sempre admirei muito a *atmosfera* desta casa. Obra sua, sei muito bem! Só posso sentir um pouco de melancolia quando vejo aquela calma disciplinada — uma certa dignidade, eu diria — destruída por um génio rebelde. Pobrezinha da Amabel, pensei um dia desses, crescendo totalmente

sem controle! É claro, a Srta. Stanton-Lacy a encoraja sem refletir. Não se pode esquecer que ela mesma recebeu uma educação estranhamente irregular!

— Minha prima — respondeu o Sr. Rivenhall, como quem não admite mais réplicas — tem sido extremamente bondosa com as crianças, e tem tratado minha mãe com muito amor e ternura. Devo acrescentar que é um prazer para mim ver a disposição de espírito de minha mãe tão melhor com a presença de Sophy. Tem alguma incumbência nesta parte da cidade? Posso acompanhá-la? Devo estar em Bond Street dentro de vinte minutos.

Em face de uma desconsideração inequívoca como essa, foi impossível a Srta. Wraxton dizer mais alguma coisa. Um rubor subiu-lhe às faces e seus lábios enrijeceram, contudo ela conseguiu reprimir uma resposta mordaz, e dizer com uma aparência, ao menos, de amabilidade:

— Obrigada, tenho de passar na biblioteca para mamãe. Vim na caleça e ficaria realmente contente de levá-lo aonde quer que seja o seu destino.

Desde que o destino dele era o Salão de Boxe do Jackson, dificilmente ela teria imaginado que ficaria contente, pois não gostava de nenhum tipo de esporte e considerava o boxe uma forma peculiarmente vulgar de atividade. Todavia, exceto zombar maliciosamente do Sr. Rivenhall por sua óbvia preferência por uma companhia de pugilistas horríveis em vez dela, Eugenia não fez outros comentários.

Nesse ínterim, Cecília fugira da sala, não para junto de Lady Ombersley, mas para procurar a prima, a qual encontrou sentada diante da penteadeira, examinando uma tira de papel. Jane Storridge recolhia o traje de montaria do chão, mas quando Cecília entrou no quarto ela pareceu sentir que sua presença não era desejada, pois deixou escapar uma fungadela meio ruidosa, apanhou as botas de montaria de Sophy e afastou-se com elas debaixo do braço.

— O que imagina que possa ser isto, Cecy? — perguntou Sophy, ainda analisando com o cenho franzido o papel em sua mão. — Jane disse que o encontrou ao lado da janela e achou que devia ser meu. Que nomes engraçados! *Goldhanger, Bear Alley, Fleet Lane*. Não conheço a letra e não posso imaginar como... Oh, que tonta! Deve ter caído do bolso do casaco de Hubert!

— Sophy! — exclamou Cecília. — Tive a entrevista mais horrorosa do mundo com Charlbury!

Sophy pôs o papel de lado.

— Santo Deus! Como foi isso?

— Sinto minha alma totalmente oprimida! — declarou Cecilia, deixando-se afundar numa poltrona. — Ninguém... *ninguém!* — se teria comportado com uma sensibilidade mais apurada! Gostaria que você não me tivesse convencido a vê-lo! Nada poderia ter sido mais doloroso!

— Oh, não pense mais nele! — disse Sophy, animada. — Em vez disso, vamos pensar no que deve ser feito para *arranjar* uma colocação adequada para Augustus!

— Como pode ser tão desalmada? — perguntou Cecilia. — Enquanto ele estava sendo imensamente gentil, eu não via outra coisa exceto o quanto eu o havia magoado!

— Ouso afirmar que ele vai se recuperar muito rapidamente — Sophy respondeu, de uma maneira descuidada. — Aposto dez contra um que ele se apaixonará por outra mulher antes de findar o mês!

Cecilia não dava a impressão de achar essa profecia consoladora, porém, depois de um instante, disse:

— Sem dúvida desejo que ele consiga; não é uma coisa agradável saber que se arruinou a vida de um homem, garanto-lhe!

— Acha que vai chover? Será que devo usar meu novo chapéu de *palha*? Penso em eu mesma flertar com Charlbury. Gosto dele.

— Desejo que tenha êxito — respondeu Cecilia, um pouco empertigada. — Embora não o considere um homem dado realmente a flertes. Tem um modo de pensar muito distinto para dedicar-se a um passatempo desse género!

Sophy riu.

— Veremos! Diga-me, por favor! Que chapéu devo usar? O de palha é tão arrebatador, porém se começar a garoar...

— Não me interessa que chapéu você vai usar! — interrompeu-a bruscamente Cecilia.

XI

O RESTO DO DIA transcorreu tranquilamente, Sophy conduzindo Cecilia pelo Hyde Park em seu faéton, deixando-a nas imediações de Riding House para usufruir de um combinado passeio a pé com o Sr. Fawnhope e levando no lugar da prima Sir Vincent Talgarth, que só deixou de cortejá-la quando notou a Marquesa de Villacanas parada ao lado da cerca que separava Rotten Row do caminho para as carruagens. A marquesa, que chamava bastante atenção devido à quantidade e à altura das plumas de avestruz espiraladas no seu chapéu, cumprimentou-o prazerosa exibindo seu sorriso indolente, e contou a Sophy que achara as lojas de Londres muito inferiores às de Paris. Nada do que vira na Bond Street naquele dia a tentara a abrir a bolsa. Todavia Sir Vincent tinha conhecimento de uma *modiste* na Bruton Street, que certamente reconheceria num relance o estilo e a qualidade de uma freguesa de tal categoria, e ofereceu-se para acompanhar a marquesa àquele estabelecimento.

Sophy franziu o cenho ao ouvir isso, mas antes que tivesse tido tempo para pensar no assunto, sua atenção foi atraída por Lord Bromford. A educação a obrigava a convidá-lo para uma volta pelo parque no faéton. Ele agradeceu e sentou-se ao seu lado, e depois de lhe contar quanto prazer usufruía no baile dos Ombersleys, fez-lhe um pedido formal de casamento. Sem hesitação e sem constrangimento, Sophy recusou-o. Desconcertado apenas por alguns instantes, Lord Bromford disse que seu ardor o tornara afoito demais, mas que ele não perdia as esperanças de um resultado feliz.

— Quando seu pai voltar a estas praias — disse — solicitarei formalmente licença para lhe fazer a corte, Sophy. Você está certa em fazer questão de muito decoro, e devo pedir-lhe perdão por ter infringido as leis da etiqueta. Somente a forte paixão da qual padeço... e devo acrescentar que nem os mais convincentes argumentos de minha mãe, um ser a quem, em meu dever filial, dedico o mais profundo respeito, teve o poder de alterar minha decisão — somente, como já disse, esta paixão me teria induzido a esquecer...

— Creio — disse Sophy — que você deveria ocupar uma cadeira na Câmara dos Lordes. Já tentou isso?

— É estranho — respondeu ele, ligeiramente envaidecido — que me faça tal pergunta, pois estou a ponto de fazer isso. Serei apresentado por um padrinho ilustre por seu talento forense e não menos ilustre pela alta linhagem, e confio...

— Não tenho dúvida nenhuma de que esteja destinado a se tornar um grande homem — declarou Sophy. — Não importa quanto seus períodos possam ser extensos ou complicados, *você jamais* se perde nelês! Como é encantadora a folhagem daquelas faias! Conhece alguma árvore que se rivalize à faia? Pois eu não!

— Certamente *é* uma árvore graciosa — admitiu Lord Bromford, prestigiando a faia. — Contudo, difícil de igualar-se em imponência ao mogno, que se desenvolve nas índias Ocidentais, ou em utilidade, às árvores das Antilhas, de madeira resistente e flexível. Pergunto a mim mesmo, Srta. Stanton-Lacy, quantas pessoas sabem que a madeira desse tipo de árvore fornece varais para as suas carruagens?

— Nas províncias sulistas da Espanha — opôs-se Sophy — o sobro se desenvolve em grande

profusão.

— Outra árvore interessante que se pode encontrar na Jamaica — disse ele — *é a ballata*. Temos também o pau-rosa (jacarandá), o ébano, o guáiacó...

— As regiões nortistas da Espanha — disse Sophy, desafiante — são mais notáveis devido à grande variedade de arbustos que lá crescem, incluindo o que chamamos *dejarales* e o ládano, e... e... Oh, lá está Lord Francis! Terei de fazê-lo descer, Lord Bromford!

Ele mostrou-se relutante, porém, uma vez que Lord Francis acenava para Sophy e manifestava desejo de falar com ela, não pôde insistir. Quando o faéton parou, ele desceu pesadamente do veículo, e Lord Francis subiu lepidamente, dizendo:

— Sophy, que baile excelente o da noite passada! Que criatura adorável é sua prima, sem dúvida!

Sophy pôs os cavalos em movimento outra vez.

— Francis, o sobro se desenvolve *mesmo* nas províncias sulistas da Espanha?

— Santo Deus, Sophy, por que eu deveria saber? Você estava estava em Cádiz! Não se lembra? A propósito, quem se importa com sobros?

— Espero — disse Sophy afetuosamente — que quando não quiser mais ser o pior namorado da Europa, Francis, você ganhe uma esposa *muito* bonita, pois você merece! Sabe alguma coisa a respeito da *ballata*?

— Nunca ouvi falar em toda a minha vida! O que é? Uma nova dança?

— Não, é uma árvore, e se desenvolve na Jamaica. Espero que ela seja tão boa como bonita.

— Pode contar comigo para isso! Mas sabe, Sophy, não é pró prio de você ficar se aborrecendo a respeito de árvores! O que aconteceu?

— Lord Bromford — suspirou Sophy.

— Quê, aquele sujeito enfadonho que estava ao seu lado agora mesmo! Ontem à noite, ele estava contando para Sally Jersey como o capim-guiné era valioso para cavalos e gado; já ouvi falar dele! Nunca vi a pobre Silêncio tão silenciosa!

— Tomara ela lhe tenha passado uma descompostura. Quando chegarmos a Riding House, terei de fazê-lo descer, pois Cecília estará aguardando por mim.

Cecília e seu namorado foram encontrados no lugar indicado. Lord Francis desceu do faéton num salto, e foi ele quem deu a mão a Cecília para ajudá-la a subir, pois o Sr. Fawnhope ficara embevecido na contemplação de grande quantidade de narcisos, que o fizeram estender o braço e murmurar:

— *Narcisos, que surgem diante das provocações dissimuladas!*

A disposição de espírito de Cecília não demonstrava ter-se beneficiado muito pelo encontro com seu amado. Os planos dele para a futura manutenção de ambos pareciam um tanto vagos, porém o rapaz tinha em mente um poema épico, que poderia conferir-lhe fama da noite para o dia, achava ele. Enquanto o poema se achava em elaboração, ele não se oporia, disse, em aceitar uma colocação como bibliotecário. Mas, como Cecília se achava incapaz de imaginar que o pai ou o irmão pudessem sentir muita alegria em fazê-la casar-se com um bibliotecário, essa bonita concessão da parte do Sr. Fawnhope mal contribuiu para diminuir seu desânimo. Ela chegou até a sugerir que ele devia dedicar-se à profissão de político, porém ele apenas comentara: "Que sórdido!", o que não foi de bom augúrio para esse

excelente plano. Quando ele acrescentara que desde a morte do Sr. Fox, dez anos antes, não havia um homem de sensibilidade, um líder, ao qual se pudesse ligar, esta observação servira apenas para mostrar a Cecília quanto era improvável que os princípios políticos dele caíssem mais nas boas graças da sua família do que suas inspirações poéticas.

Sophy, ao apreender das observações um tanto elípticas de Cecília o ponto principal, assumiu uma atitude animada, dizendo:

— Ora, muito bem! Precisamos encontrar um grande homem que esteja disposto a se tornar seu patrono! — o que deu a Cecília uma noção medíocre da sua compreensão.

Naquela noite, antes de descer para o jantar, Sophy pôde restituir a Hubert a tira de papel que caíra do seu bolso. Até esse momento, ela não pensara muito a respeito; contudo, o modo como ele recebeu o papel foi tão estranho, que se estabeleceram em sua mente várias especulações que o rapaz estava longe de aprovar. Ele quase arrancou o papel da mão dela, exclamando:

— Onde encontrou isto? — E quando a prima explicou, da forma mais comedida, que devia ter caído do bolso do casaco que consertara para ele, o rapaz disse: — Sim, é meu, mas eu não sabia que o colocara no bolso! Não posso lhe dizer o que significa, mas, por favor, não fale disto a ninguém!

Ela assegurou que não tinha intenção de fazê-lo, mas ele pareceu ficar tão perturbado que algumas cogitações inevitáveis começaram a desenvolver-se na cabeça dela. Cogitações que não vieram a frutificar

até que o viu em seu regresso da visita ao amigo, Sr. Harpenden, ocasião em que seu comportamento tanto se assemelhava ao de um homem que recebera um golpe atordoante, que ela agarrou a primeira oportunidade para perguntar-lhe se havia acontecido algo. O Sr. Rivernhall, que partira havia 24 horas para Thorpe Grange, a propriedade em Leicestershire que herdara do tio-avô, ainda não voltara para Londres; mas Hubert deixou claro à sua prima que mesmo que seu irmão mais velho estivesse em Londres, nem a mais terrível necessidade o teria induzido a recorrer a ele.

— Ele não tem papas na língua! Já me disse em termos categóricos que não... Oh, muito bem! Não tem importância!

— Ouso afirmar — disse Sophy, com seu modo calmo — que é bem provável que Charles diga mais do que você pensa. Gostaria que me informasse o que foi que saiu errado, Hubert! Presumo que talvez tenha perdido uma grande importância em Newmarket, não foi?

— Se fosse só isso! — exclamou ele imprudentemente.

— Bem, se não foi só isso, gostaria que me contasse tudo, Hubert! — insistiu ela, com um dos seus sorrisos amistosos. — Asseguro-lhe que está inteiramente a salvo em minhas mãos, pois Sir Horace ensinou-me a julgar que nada é mais odioso do que ser o tipo de pessoa que dá com a língua nos dentes. Mas sei que está em apuros, de alguma espécie, *e não tenho* dúvidas de que devo, caso não me conte nada, segredar uma indireta no ouvido do seu irmão, porque aposto 10 contra 1 que irá de mal a muito pior se continuar nesse caminho, sem ninguém para aconselhá-lo!

Ele empalideceu.

— Sophy, você não iria...

Ela chegou a piscar.

— Não, é claro que não iria! — admitiu. — Você está *tão* relutante para me contar seu problema, que sou forçada a lhe perguntar. Teria algo a ver com mulher... como Sir Horace chamaria... um pedaço de

mau caminho, talvez?

— *Sophy*! Palavra de honra! Não! Nada disso!

— Dinheiro, então?

Ele calou-se, e depois de um instante, *Sophy* deu um tapinha convidativo no lugar ao seu lado do sofá e disse:

— Por favor, sente-se aqui! Não creio que seja nem a metade tão ruim quanto receia.

Ele soltou uma pequena risada, porém, depois de um pouco mais de persuasão, sentou-se ao lado dela e afundou a cabeça entre os punhos fechados.

— Atenderei ao seu pedido. Se acontecer o pior, um homem sempre pode alistar-se.

— Exatamente — ela concordou. — Mas sei alguma coisa sobre o exército e não creio realmente que a vida nas fileiras conviria a você Além disso, iria afligir demais a minha tia, como sabe!

Não era de supor que um jovem cavalheiro da classe de Hubert confiasse prontamente suas dificuldades aos ouvidos de uma mulher, e uma mulher não exatamente da mesma idade dele; contudo, depois de muita adulação, *Sophy* conseguiu extrair a história. Não era muito coerente, e diversas vezes durante o relato ela foi obrigada a fazê-lo lembrar-se de detalhes, porém finalmente concluiu que ele caíra nas garras de um agiota. Surgiram alguns problemas com débitos contraídos no ano anterior em Oxford, cujo total não ousara revelar ao irmão, na esperança de que, à antiquíssima maneira otimista da juventude, pudesse pagá-los ele mesmo. Conhecera amigos que estavam bem informados sobre todas as casas de jogo em Londres; com um pouco de sorte nos dados franceses ou na roleta, teria endireitado tudo; porém, durante as férias de Natal, quando ele buscara esse método de recuperar dinheiro, só o maior azar resultou dos seus esforços. Ele ainda estremecia ao recordar aquelas noites desastrosas, na verdade aterradoras, uma circunstância que levou sua sagaz prima a deduzir que o jogo não o atraía muito. Diante das grandes dívidas de honra, e já em apuros com seu severo irmão por causa de dívidas bem menores, o que poderia fazer senão atirar-se no rio ou procurar um agiota? E ainda assim, garantiu a *Sophy*, jamais se teria aproximado de um maldito agiota se não estivesse certo de poder saldar a dívida ao tubarão em seis meses.

— Quer dizer, quando completar a maioridade no mês que vem? — indagou *Sophy*.

— Bem, não exatamente — admitiu, corando. — Embora eu imagine que foi isso o que o velho Goldhanger pensou quando concordou em emprestar-me o dinheiro. Jamais lhe prometi isso, veja bem! Tudo que eu disse foi que devia entrar na posse de uma grande importância... e eu *estava*, *Sophy*! Eu achava que seria impossível não acontecer! Bob Gilmorton — um dos meus mais íntimos amigos — conhece bem o proprietário, e ele me garantiu que o cavalo não poderia perder!

Sophy, que tinha uma excelente memória, no mesmo instante reconheceu o nome Goldhanger como um dos que lera na tira de papel encontrada em seu quarto, mas não fez qualquer comentário, apenas indagando se o cavalo traiçoeiro perdera a corrida.

— Ficou fora do páreo! — respondeu Hubert, com um gemido.

Sensatamente, ela assentiu com a cabeça.

— Sir Horace diz que se algum dia confiarmos num cavalo para pôr em ordem nossa fortuna, ele *sempre* fica fora do páreo — comentou. — Ele diz também que se jogássemos quando nossas algibeiras não permitissem, perderíamos. Só quando estamos *muito bem providos* podemos esperar ganhar. Sir

Horace tem *sempre* razão!

Depois de se recusar a discutir esse ponto, Hubert falou durante alguns exacerbados minutos sobre a corrida do seu cavalo, lançando graves queixas contra o proprietário, o treinador e o jóquei, do tipo que o teriam tornado passível de denúncia por calúnia se fossem ouvidas por alguém menos discreto que sua prima. Sophy o deixou continuar sem interrupção, ouvindo com simpatia, e só quando ele esgotou o assunto e calou, fê-lo voltar para o que considerava o ponto mais importante.

— Hubert, você ainda não atingiu a maioridade — disse. — E sei que é totalmente ilegal emprestar dinheiro a menores, porque quando o jovem senhor... bem, não importa o nome, mas nós o conhecíamos bem... quando um rapaz amigo meu ficou num apuro semelhante, ele foi procurar Sir Horace para pedir conselho, e foi isso o que Sir Horace disse. Creio que há punições extremamente pesadas para quem faz tal coisa.

— Bem, eu sei disso — Hubert respondeu. — A maioria dos agiotas não faria isso, mas... o negócio é que um amigo meu conhecia esse sujeito, o Goldhanger, e me deu o endereço dele, e... e me informou o que eu devia dizer, o tipo de juro que teria de pagar... Não que isso parecesse importar *naquela ocasião*, porque eu acreditava que...

— É muito alto? — Sophy interrompeu.

Ele assentiu com a cabeça.

— É, porque, embora eu mentisse sobre a minha idade, ele sabia, é claro, que eu ainda não tinha 21 anos, e... me pôs razoavelmente à sua mercê. E eu achava que seria capaz de liquidar tudo depois daquela corrida.

— Quanto pediu emprestado, Hubert?

— Quinhentas libras — ele disse baixinho.

— Santo Deus, perdeu tudo isso nas cartas? — ela exclamou.

— Não, mas eu queria 100 libras para apostar naquele matungo excomungado, compreende? — ele explicou. — Não adiantava pedir emprestado apenas o suficiente para pagar minhas dívidas, porque como eu pagaria depois a Goldhanger?

Sophy não pôde deixar de rir diante desse ingênuo método financeiro, porém, como Hubert parecia bastante magoado, ela pediu-lhe perdão e disse:

— É evidente que o seu Sr. Goldhanger *é* um velhaco infame!

— Sim, é — concordou Hubert, parecendo um pouco desfigurado. — É um velho cruel e fui tolo inclusive em aproximar-me dele. Eu não sabia tanto a respeito dele como sei agora, é claro, mas ainda assim, tão logo o vi... Bem, agora é tarde demais para ficar insistindo nesse assunto.

— Sim, tarde demais. Contudo, não há necessidade de perder as esperanças! Estou certa de que não tem nada a recear, porque ele deve saber que não pode recuperar seu dinheiro de um menor, e jamais ousaria processá-lo por isso.

— Ora bolas, Sophy. Preciso pagar ao sujeito o que devo! Além do mais, há uma coisa pior. Ele insistiu que eu lhe desse uma garantia, e... e eu dei!

Ele parecia tão culpado que várias possibilidades de arrepiar os cabelos passaram como um relâmpago pela cabeça de Sophy.

— Hubert, você não deu em garantia bens de família transmitidos de geração em geração ou... ou algo desse tipo, deu?

— Santo Deus, não! Não sou tão ruim assim! — ele exclamou, indignado. — Era meu, e eu não o chamaria exatamente um bem de família, embora se algum dia se descobrisse que o perdi acho que haveria uma confusão dos diabos e eu seria tratado como um batedor de carteira! Vovô Stanton-Lacy deixou-o para mim... uma coisa estúpida, acho, porque homens não usam mais isso. Ele usava, é claro, e minha mãe diz que vê-lo a faz lembrar-se do pai como nada mais conseguiria, porque nunca viu o pai sem ele... portanto você pode avaliar a situação se ela soubesse que eu o dei como garantia! É um anel, sabe, uma grande esmeralda quadrada, com diamantes em toda a volta. Imagine alguém usando uma coisa dessas! Ora, haveria de assemelhar-se a um Creso ou a um milionário exibicionista! Mamãe o guardava sempre e eu não soube que era meu até ir a um baile de máscara no ano passado, quando ela o deu a mim para usar e disse que era meu. E quando Goldhanger exigiu uma garantia, eu... não pude pensar em outra coisa, e... bem, eu sabia onde mamãe o guarda va... E não me diga que o roubei dela, não foi isso. Ela o guardava porque, para mim, não tinha utilidade.

— Não, não, é claro que sei que você não roubaria! — Sophy apressou-se em dizer.

Ele ficou examinando os nós dos dedos com estranho interesse.

— Não roubaria. Veja bem, não estou dizendo que foi certo ou errado tirar do estojo de mamãe, mas... afinal, era meu!

— Ora, naturalmente que não devia ter tirado! — disse Sophy. — Acho que ela ficaria aborrecida com você, portanto precisamos recuperá-lo imediatamente.

— Tomara eu pudesse, mas não vejo como fazê-lo agora! Não sei o que fazer! Quando aquele cavalo não correu, eu estava pronto a estourar os miolos! Não farei tal coisa, porque suponho que não consertaria nada, só iria provocar um escândalo enorme.

— Que bom você ter me contado tudo! Sei exatamente o que deverá fazer. Confesse a história toda ao seu irmão! É provável que ele lhe passe uma tremenda descompostura, mas pode estar certo de que depois o ajudará a sair dessa enrascada.

— Você não o conhece! Descompostura, pois sim! Ele me faria sair de Oxford e me meteria no exército ou algo parecido! Tentarei tudo antes de recorrer a ele!

— Muito bem, emprestarei as 500 libras a você — disse Sophy.

Ele corou.

— Você é um grande cara, Sophy — não, não quis dizer isso — você é uma moça extraordinária! Fico-lhe muitíssimo grato, mas é claro que não posso tomar dinheiro emprestado de você. Não, não, por favor não diga mais nada! Está fora de questão! Ajém disso, você não entende! O velho sanguessuga me fez assinar uma nota promissória estabelecendo juros de 15 por cento por mês!

— Santo Deus, você jamais deveria ter concordado com algo tão iníquo!

— Que mais poderia *fazer*? Precisava ter o dinheiro para pagar minhas dívidas de jogo e sabia que era inútil dirigir-me a Howard & Gibbs ou a qualquer um desses sujeitos, pois me teriam mostrado a porta da rua.

— Hubert, estou convencida de que não há nada que ele possa fazer para extorquir qualquer juro de

você! Ora, por lei ele nem poderia cobrar a importância emprestada! Deixe-me emprestar-lhe 500 libras, leve esse dinheiro a ele e insista para que restitua a promissória que você assinou e o anel! Diga-lhe que se ele não se resolver a aceitar o principal, que faça todo mal que puder.

— E deixá-lo informar Oxford contra mim? Ouça, Sophy, ele é um rematado canalha! Me faria todo mal que pudesse! Não se trata de um agiota comum; na verdade, estou certo que ele é o que chamam de receptor de objetos roubados, você sabe. Além disso, ele se recusaria a me devolver o anel, e mesmo se eu o obrigasse a prestar contas, diria que o vendeu, imagino.

Nada do que Sophy alegou teve o poder de convencê-lo. Ele simplesmente sentia um *grande* pavor do Sr. Goldhanger, e uma vez que ela acha isso incompreensível, pôs-se a imaginar que alguma ameaça ainda mais sombria do que a revelada pairava sobre a cabeça dele. Não fez nova tentativa para descobrir o que seria, pois estava razoavelmente certa de que não a teria impressionado. Assim, Sophy perguntou o que ele pretendia fazer para livrar-se da dificuldade, se preferia não recorrer ao irmão nem aceitar um empréstimo dela. A resposta não foi muito definida; Hubert ainda era bastante jovem para alimentar a inabalável crença da juventude em milagres oportunos. Diversas vezes disse que lhe restava um mês antes de se ver obrigado a fazer algo desesperador, e embora concordasse com relutância que poderia ser forçado a dirigir-se ao irmão, evidentemente sentia que algo aconteceria para tornar isso desnecessário. Procurando mostrar-se despreocupado, pediu a Sophy para não se inquietar a respeito, e ela, percebendo que seria inútil continuar a discussão, nada mais disse.

Quando Hubert a deixou, ela ficou sentada durante algum tempo com o queixo numa das mãos, refletindo sobre o assunto. Seu primeiro impulso, que fora o de colocar o assunto nas mãos do advogado de Sir Horace, ela descartou pesadamente. Conhecia muito bem o Sr. Meriden para saber que ele combateria tenazmente a sua determinação em entregar 500 libras a um agiota. Qualquer conselho que ele lhe desse apenas levaria à revelação da loucura de Hubert, o que, naturalmente, era inconcebível. Pensou rapidamente nos inúmeros amigos, porém eles tiveram de ser descartados pela mesma razão. Mas, como não era de abandonar nenhum projeto uma vez que o iniciasse, nem por um instante alimentou a ideia de deixar o jovem primo resolver sozinho suas dificuldades. Parecia-lhe não haver outro caminho a seguir senão enfrentar o velhaco do Sr. Goldhanger. Essa decisão não foi tomada sem cuidadosa consideração, pois, embora não tivesse o menor medo do Sr. Goldhanger, sabia muito bem que senhoritas não visitavam usurários e que tal conduta seria considerada ultrajante por qualquer pessoa educada. Entretanto, como não havia razão por que alguém, exceto, talvez, Hubert, devesse saber do que se passava, ela acabou concluindo que preocupar-se com escrúpulos afetados seria tolo e desinteressante — não o tipo de comportamento que se esperaria da filha de Sir Horace Stanton-Lácy.

Depois de ter resolvido intervir no caso de Hubert, era típico dela não perder tempo com exacerbadas disposições de espírito. Também era típico dela não tentar convencer-se de que poderia, justificadamente, sacar dinheiro da conta de Sir Horace para saldar a dívida de Hubert. Na sua opinião, da qual o pai sem dúvida teria compartilhado, gastar 500 libras num baile para lançar-se à sociedade londrina era uma coisa, e forçá-lo a um ato de generosidade para com um sobrinho de cuja existência provavelmente nem tinha lembrança, era outra coisa muito diferente. Foi buscar seu porta-jóias, abriu-o e, depois de despejar o conteúdo, separou os brincos de diamantes que Sir Horace comprara para ela em Rundell & Bridge havia apenas um ano. Eram pedras particularmente belas, e custou-lhe uma ligeira pontada no coração separar-se delas; mas o resto das suas jóias mais valiosas eram herdadas de sua mãe, e, embora não tivesse a mínima lembrança dessa senhora, seus escrúpulos proibiam-na de desfazer-se

delas.

No dia seguinte, ela conseguiu eximir-se de acompanhar Lady Om-bersley e Cecília a um grande estabelecimento de tecidos na Strand, e saiu sozinha em direção àqueles famosos joalheiros — Rundell & Bridge. Quando chegou, não havia nenhum freguês na loja, e, além disso, à vista de uma senhorita de altura e presença imponentes, vestida, como estava, no maior requinte da elegância, o chefe dos vendedores avançou apressado, todo ansioso para agradar. Era um excelente homem de negócios, que se orgulhava de jamais esquecer o rosto de um freguês considerado. Num relance reconheceu a Srta. Stanton-Lacy, providenciou uma cadeira para ela com suas próprias augustas mãos, e pediu que lhe dissesse o que poderia ter a honra de lhe mostrar. Ao descobrir a verdadeira natureza da visita, ficou boquiaberto, contudo ocultou rapidamente seu assombro, e, por um meneio das pálpebras, transmitiu a um inteligente subordinado uma ordem para convocar o próprio Sr. Bridge. Este, ao entrar na loja com passos leves, como quem desliza, e fazer uma reverência cortês à filha de um cliente que já comprara dele muitas quinquilharias dispendiosas (embora a maioria para uma classe de mulheres bem diferentes), solicitou a Sophy que o acompanhasse ao seu escritório particular, atrás da vitrina. O que quer que possa ter pensado sobre o desejo dela de desfazer-se de um par de brincos escolhidos com todo o cuidado por ela mesma apenas um ano antes, ele guardou para si mesmo. Depois que uma indagação educada a respeito de Sir Horace, e de saber que ele, naquele momento, se achava no Brasil, o Sr. Bridge tirou suas conclusões e resolveu no mesmo instante comprar os brincos por um preço generoso, em vez de, como fora sua primeira intenção e segundo o costume tradicional, explicar ao cliente por que o preço dos diamantes caíra tanto. Não tinha intenção de vender os brincos imediatamente; ele os guardaria até que Sir Horace voltasse do Brasil. Sagaz como era, desconfiava que Sir Horace os compraria de novo; e ficaria satisfeito em poder fazer isso, demonstrando sua gratidão, no futuro, com a compra de quinquilharias muito mais dispendiosas dos joalheiros que se comportaram de modo tão cavalheiresco com sua filha única. Portanto, a transação entre a Srta. Stanton-Lacy e o Sr. Bridge foi conduzida dentro das normas mais cortesias, cada qual ficando perfeitamente satisfeito com a barganha. O Sr. Bridge, um modelo de discrição, manteve a Srta. Stanton-Lacy no seu escritório particular até que dois outros fregueses deixassem o estabelecimento. Imaginava que Sir Horace não iria gostar que soubessem que sua filha se vira reduzida a vender suas jóias. Sem pestanejar, concordou em pagar a Sophy 500 libras em notas; sem pestanejar, contou-as sobre a mesa, diante dela; e sem a mínima quebra do devido respeito, fez-lhe uma reverência do lado de fora da loja.

Com as notas socadas no regalo, Sophy alugou um coche e pediu ao condutor que a levasse a Bear Alley. De modo algum o veículo que escolhera era de primeira qualidade ou o mais elegante entre os que passaram estrondando por ela — mas era conduzido pelo cocheiro de praça mais simpático. Era um homem troncudo, de meia-idade, com um rosto corado e expressão jovial, em quem Sophy sentiu que podia depositar certo grau de confiança, sendo essa crença fortalecida pelo modo como ele recebeu sua ordem. Depois de lançar-lhe um olhar sagaz e coçar o queixo com a mão enluvada (luvas sem as pontas dos dedos), ele opinou que ela se teria enganado de endereço, pois Bear Alley não era, no seu modo de pensar, o tipo de lugar ao qual uma dama de qualidade desejaria ser conduzida.

— Não me diga, trata-se de um bairro pobre e afastado? — perguntou Sophy.

— Não é lugar para uma senhorita — repetiu o cocheiro, recusando a comprometer-se nesse ponto. Pedindo que o perdoasse, acrescentou que tinha também duas filhas.

— Bem, bairro pobre e afastado ou não, é para onde desejo ir — disse Sophy. — Tenho um negócio

a tratar lá com o Sr. Goldhanger, que, ousou afirmar, é um grande trapaceiro; e você me parece exatamente o tipo de homem que não partiria de lá deixando-me para trás.

Em seguida subiu no coche; o cocheiro fechou a porta, voltou para a boleia e, depois de expressar filosoficamente o seu desejo de ficar "sem vintém" se algum dia voltasse a dar sua opinião de novo, suplicou ao cavalo que se levantasse.

A leste de Fleet Market, Bear Alley era uma rua estreita e mal-cheirosa, onde lixo de toda espécie ficava deteriorando entre as pedras redondas e desniveladas da pavimentação. A sombra da grande prisão parecia estender-se sobre o distrito inteiro, e até as pessoas que caminhavam pelas ruas ou cochilavam na soleira das portas tinham um aspecto desanimado. O cocheiro perguntou a um homem que usava um cachecol seboso no pescoço se ele sabia onde ficava a residência do Sr. Goldhanger, e indicaram-lhe uma casa na metade da rua; o informante hesitara obviamente antes de responder, e não parecia inclinado a manter qualquer tipo de conversa.

Um coche desbotado, que outrora teria pertencido a um cavalheiro, atraía pouca atenção, mas quando ele parou e uma mulher jovem, alta e bem vestida desceu, suspendendo as saias guarnecidas de folhos para evitar sujá-las num monte de lixo, alguns vadios e dois meninos andrajosos aproximaram-se para observar com seus olhos arregalados. Foram feitos vários comentários, felizmente em termos de tal calão, que se tornaram totalmente incompreensíveis para Sophy. Ela ficara desconcertada em muitos povoados espanhóis e portugueses, mas agora já não ficava perturbada pela atenção que atraía, e depois de lançar um olhar de censura à sua plateia, acenou para um dos meninos e disse, com um sorriso:

— Diga-me, um homem chamado Goldhanger mora aqui?

O garoto ficou embasbacado diante dela, mas quando Sophy estendeu-lhe um xelim, tomou fôlego animadamente, e, esticando a mão que mais parecia uma garra, disse:

— Primeiro andar! — Depois agarrou a moeda e desapareceu antes que algum dos mais velhos o aliviasse do dinheiro.

À vista da liberalidade da moça, a turba convergiu em torno de Sophy; então o cocheiro desceu da boleia com o chicote na mão, e jovialmente convidou aquele que tivesse desejo de consumir algo caseiro que se aproximasse. Ninguém aceitou o convite, e Sophy disse:

— Obrigada, mas por favor, não comece a brigar! Quero que espere por mim aqui, por favor.

— Se eu fosse a senhora, dona — disse o cocheiro, sério —, ficaria longe de um lugar como este, é o que eu faria! Não sabe o que lhe pode acontecer!

— Bem, se alguma coisa me acontecer — respondeu Sophy alegremente —, darei um grito altíssimo e você pode vir e me resgatar. Eu não o deixarei, imagino, esperando por muito tempo.

Em seguida avançou com cuidado pela sarjeta e entrou na casa que lhe fora indicada. A porta estava aberta e um lance *de* escada sem tapete levava até o final de um pequeno corredor. Ela subiu os degraus e encontrou-se num pequeno patamar. Duas portas davam para esse patamar, portanto bateu nas duas, de modo imperativo. Houve uma pausa, e ela teve a desagradável sensação de que estava sendo observada. Olhou para todos os lados, mas não havia ninguém à vista, e só quando tornou a virar a cabeça observou que um olho inconfundível a espreitava por um burquinho em um dos painéis da porta nos fundos da casa. O olho desapareceu no mesmo instante; ouviu-se o ruído da chave girando na fechadura e a porta foi lentamente aberta, para revelar um indivíduo franzino, trigueiro, com longos cabelos

crespos e sebosos, um nariz de semita e um olhar de soslaio insinuante. Usava um traje preto desbotado, e nada à sua volta sugeria suficiente riqueza para emprestar 500 libras a alguém. Seus olhos de marginal rapidamente abrangeram cada detalhe da aparência de Sophy, desde as plumas espiraladas no chapéu de copa alta até as bem-feitas botas de pelica em seus pés.

— Bom dia! — cumprimentou Sophy. — É o Sr. Goldhanger?

Ele estava parado diante dela, um pouco curvo, esfregando as mãos.

— E o que poderia querer com o Sr. Goldhanger, minha senhora? — ele indagou.

— Tenho um assunto a tratar com ele — respondeu Sophy. — Portanto, se for ele, por favor, não me deixe parada aqui neste corredor sujo por mais tempo! Não consigo imaginar por que ao menos não varre o chão!

O Sr. Goldhanger ficou bastante confuso, uma coisa que há muito tempo não lhe acontecia. Estava acostumado a receber visitantes de todos os tipos e condições, desde pessoas furtivas que se introduziam clandestinamente na casa protegidas pela escuridão e que despejavam estranhas mercadorias sobre a escrivaninha, debaixo da luz de uma única lamparina, até rapazes elegantes com expressões desfiguradas pela ansiedade que precisavam aliviar-se de obrigações imediatas, porém jamais abria a porta para uma jovem dama tão senhora de si e que o repreendia por não varrer o chão.

— Gostaria que deixasse de olhar espantado para mim desse modo tolo! — disse Sophy. — Já teve oportunidade de me examinar por aquele buraco na porta, e nesta altura deve ter-se convencido de que não sou um oficial de justiça disfarçado.

O Sr. Goldhanger protestou. A insinuação de que não receberia com prazer a visita de um oficial de justiça pareceu ofendê-lo. Entretanto, recuou para permitir que Sophy entrasse na sala e convidou-a a sentar-se na cadeira em um dos lados da enorme escrivaninha que ocupava o centro do aposento.

— Concordo, mas ficar-lhe-ia grata se a espanasse primeiro — disse ela.

O Sr. Goldhanger desempenhava sua função nesse escritório usando um dos seus longos fraques. Ouviu a chave ranger atrás dele e voltou-se subitamente para ver a visitante retirá-la da fechadura.

— Não fará objeção a que eu tranque a porta — disse Sophy. — Não quero ser interrompida por algum dos seus conhecidos, compreenda. E como eu detestaria ser espionada, permita-me que meta meu lenço naquele seu visor traiçoeiro. — Enquanto falava, retirava uma das mãos do regalo de plumas de cisne e enfiava uma ponta do lenço no buraco.

O Sr. Goldhanger tinha a estranha sensação de que o mundo começara a girar ao contrário. Durante anos tomara o cuidado de jamais meter-se numa situação que ele não fosse capaz de dominar, e seus visitantes estavam mais acostumados a barganhar com ele do que a trancar a porta e mandá-lo espanar a mobília. Não via nenhum mal em particular ao permitir que Sophy ficasse com a chave, pois embora ela fosse jovem e forte, não duvidava de poder recuperá-la se houvesse tal necessidade. Seu instinto o fazia preferir, sempre que possível, manter uma atitude da máxima educação; por isso sorriu, fez uma reverência e disse que a senhora tinha toda a liberdade de fazer o que lhe agradasse em sua humilde residência. Em seguida dirigiu-se à cadeira do outro lado da escrivaninha e perguntou o que poderia ter a honra de fazer por ela.

— Estou aqui por uma questão muito simples — respondeu Sophy. — Vim apenas reaver uma promissória do Sr. Hubert Rivenhall e o anel de esmeralda que o senhor recebeu como garantia de uma

dívida.

— Na verdade, trata-se de uma questão simples — concordou o Sr. Goldhanger, sorrindo da maneira mais insinuante. — Ficarei encantado em servi-la, minha senhora. Não preciso perguntar se trouxe o dinheiro, pois estou certo de que uma dama tão eficiente...

— Ora, isso é ótimo! — interrompeu Sophy cordialmente. — Noto que tantas pessoas imaginam que uma mulher possivelmente não tem cabeça para negócios e isso, é claro, leva a uma triste perda de tempo. Devo informá-lo sem demora que ao emprestar 500 libras ao Sr. Rivenhall o senhor fez empréstimo a um menor. Julgo não precisar explicar-lhe o que *isso* significa.

Enquanto falava, sorria da maneira mais cordial, e o Sr. Goldhanger retribuiu-lhe o sorriso, dizendo com voz suave:

— Sem dúvida alguma, uma senhorita bem informada! Se eu promovesse uma ação contra o Sr. Rivenhall por causa do meu dinheiro, jamais iria recebê-lo. Mas não creio que o Sr. Rivenhall gostaria que eu promovesse uma ação por causa disso.

— É claro que ele não gostaria — concordou Sophy. — Além disso, embora fosse extremamente errado de sua parte ter emprestado dinheiro a ele, parece injusto que o senhor não recebesse pelo menos o principal da dívida.

— Muito injusto — respondeu o Sr. Goldhanger. — Há também a questãozinha dos juros, minha senhora.

Sophy sacudiu a cabeça.

— Não, não lhe pagarei um níquel de juro, o que talvez lhe sirva de lição para ser mais cuidadoso no futuro. Trouxe comigo 500 libras em notas, e quando me tiver restituído a promissória e o anel eu lhe darei o dinheiro.

O Sr. Goldhanger não pôde deixar de esboçar uma curta risada diante dessas palavras, pois, embora não tivesse muito senso de humor, ele só podia achar engraçada a ideia de privar-se de seus juros por ordem de uma senhorita.

— Acho que prefiro conservar a promissória e o anel — disse.

— Já esperava que preferisse — replicou Sophy.

— Deve considerar, minha senhora, que eu poderia prejudicar muito o Sr. Rivenhall — salientou o Sr. Goldhanger. — Ele está cursando a Oxford, não está? Pois bem, creio que não ficariam satisfeitos se soubessem da sua transação comigo, ou...

— Não ficariam nada satisfeitos — respondeu Sophy. — Contudo, seria um pouco constrangedor, não seria? E talvez pudesse convencê-los de que o senhor não tinha ideia de que o Sr. Rivenhall fosse menor de idade.

— Uma senhorita tão inteligente! — sorriu o Sr. Goldhanger.

— Inteligente não, mas tenho muito bom senso, e ele me diz que se o senhor se recusar a ceder a promissória e o anel, o melhor caminho que eu teria a seguir seria procurar imediatamente a Bow Street e expor a questão toda diante do juiz.

O sorriso murchou; o Sr. Goldhanger a observava através dos olhos estreitados.

— Não creio que fosse inteligente para tanto — disse.

— Não crê? Bem, acho que seria a coisa mais sensata a fazer e tenho um forte pressentimento de que gostarão de ter notícias suas em Bow Street.

O Sr. Goldhanger compartilhava do mesmo pressentimento. Mas não acreditava que Sophy estivesse falando sério, seus clientes tinham a mais profunda aversão à publicidade. Ele disse:

— Penso que Lord Ombersley preferiria dar-me o dinheiro.

— Não nego que ele preferiria, razão pela qual não disse nada a ele a respeito, pois acho absurdo ser chantageado por uma criatura como o senhor só pela falta de um pouco de coragem.

Esse ponto de vista sem precedentes começou a produzir no Sr. Goldhanger um certo desagrado pela sua visitante. Sabia que as mulheres eram imprevisíveis. Inclinou-se para a frente em sua cadeira, e tentou explicar algumas das consequências mais desagradáveis que recairiam sobre o Sr. Rivenhall caso ele negasse qualquer parte de sua dívida. Falou bem, um pequeno e sinistro discurso que raramente deixava de causar impressão aos seus ouvintes. Dessa vez não causou.

— Tudo o que diz — falou Sophy, interrompendo-o bruscamente — é tolice, e deve saber disso tão bem quanto eu. Tudo que poderia acontecer ao Sr. Rivenhall seria ele receber uma repreensão e ficar desacreditado perante o pai por algum tempo, e quanto a ser expulso de Oxford, nada disso! Jamais saberão de coisa alguma, pois acredito que o senhor faça transações piores do que emprestar dinheiro com juros exorbitantes para menores de idade, e depois que eu tiver estado em Bow Street, aposto dez contra um que conseguirão pô-lo atrás das grades sob uma acusação diferente! Além disso, no momento em que se tornar conhecido dos oficiais de justiça que o senhor empresta dinheiro a menores, o senhor não irá recuperar um único níquel. Portanto, por favor, não me fale mais dessa maneira absurda! Não tenho uma gota de medo do senhor ou do que quer que possa fazer.

— É muito corajosa — declarou o Sr. Goldhanger gentilmente. — E tem muito bom senso, conforme me disse. Porém eu também tenho bom senso, minha senhora, e de fato não acredito que veio me ver com o consentimento ou sequer conhecimento de seus pais ou da sua criada ou mesmo do Sr. Hubert Rivenhall. Na verdade, talvez prestasse informações contra mim na Bow Street. Eu de fato não sei, tal vez nem lhe dessem a oportunidade. Ora, eu não gostaria de ser áspero com uma senhorita tão bonita, portanto vamos fazer um pequeno acordo? Você me dará as 500 libras que trouxe e essas lindas pérolas que lhe pendem das orelhas, e eu entregarei a promissória do Sr. Rivenhall, e ficaremos ambos satisfeitos.

Sophy riu.

— Imagino que o senhor ficasse mais do que satisfeito! — ironizou. — Eu lhe darei as 500 libras pela promissória e o anel, e nada mais.

— Mas talvez tenha pais amantíssimos que estariam dispostos a me dar mais, muito mais para tê-la de volta, viva e ilesa, minha senhora!!!

Ele levantou-se da cadeira enquanto falava, contudo sua desagradável visitante, em vez de mostrar um alarme decente, apenas retirou a mão direita do regalo. Nela empunhava uma arma pequena, porém muito útil.

— Por favor, sente-se de novo, Sr. Goldhanger! — ordenou. O Sr. Goldhanger sentou-se. Acreditava que nenhuma mulher pudesse suportar sequer os estrondos ruidosos, quanto mais puxar gatilhos, mas agora tinha visto mais que o suficiente de Sophy para colocar sua crença à prova. Suplicou-lhe que não

fosse tola.

— Não precisa ficar com medo, pensando que não sei como manejar armas — disse-lhe Sophy tranquilamente. — Sou uma atiradora bastante satisfatória. Talvez deva lhe dizer que passei algum tempo na Espanha, onde, é claro, existem muitas pessoas desagradáveis, tais como bandidos. Meu pai ensinou-me a atirar. Não sou tão boa atiradora como ele, mas a esta distância garanto que faço uma bala atravessar qualquer parte da sua pessoa, à minha escolha.

— Está tentando assustar-me — disse o Sr. Goldhanger, queixoso —, mas não me assusto com armas em mãos de mulheres, e até sei que não está carregada!

— Bem, se sair dessa cadeira, vai descobrir que ela *está* carregada — replicou Sophy. — Poderá estar morto, mas creio que saberá como aconteceu.

O Sr. Goldhanger soltou uma risada nervosa.

— E o que aconteceria a você? — ele perguntou.

— Não julgo que muita coisa acontecesse comigo — respondeu ela. — E não posso imaginar como isso interessaria ao senhor depois de estar morto. Entretanto, se acontecer, lhe direi exatamente o que eu diria aos oficiais de justiça.

Esquecendo sua urbanidade, o Sr. Goldhanger, de mau humor, afirmou que não queria ouvir.

— Sabe de uma coisa — disse Sophy, fazendo uma ligeira carranca —, não posso deixar de pensar que seria uma coisa muito boa se eu afinal atirasse no senhor. Não era a minha intenção quando vim para cá, porque naturalmente não aprovo assassinatos, mas vejo agora que é um homem muito perverso e não posso deixar de perguntar a mim mesma se uma pessoa realmente corajosa não o mataria já, livrando o mundo de alguém que tem causado tanto mal.

— Largue essa arma e falemos de negócios! — o Sr. Goldhanger rogou-lhe.

— Não há mais nada para falar, e me sinto muito mais confortável com a arma na mão. Dê-me o que vim buscar ou irei a Bow Street me queixar de que tentou raptar-me.

— Minha senhora — disse o Sr. Goldhanger num tom lamuriento —, sou apenas um pobre homem! A senhora...

— Estará muito mais rico quando eu lhe devolver suas 500 libras — frisou Sophy.

Ele animou-se, pois de fato tinha-lhe parecido, por alguns minutos, que talvez fosse forçado a esquecer até dessa quantia.

— Muito bem — disse. — Não desejo nenhum desentendimento, portanto devolverei a promissória. O anel não posso devolver, porque me foi roubado.

— Nesse caso — declarou Sophy — irei mesmo a Bow Street, porque estou convencida de que eles não vão acreditar nisso mais do que eu acredito. Se não o tem, deve tê-lo vendido, e *isso* significa que pode ser processado. Perguntei a um joalheiro dos mais conceituados, esta manhã mesmo, o que reza a lei sobre artigos penhorados.

O Sr. Goldhanger, revoltado com esse conhecimento da lei pouco feminino, lançou-lhe um olhar cheio de ódio e disse:

— Eu não o vendi!

— Não vendeu e tampouco lhe foi roubado. Suponho que esteja numa dessas gavetas da

escrivadinha, juntamente com a promissória, pois não posso imaginar por que o senhor teria comprado uma peça tão bonita, a menos que fosse para guardar objetos de valor. E pode ser que o senhor até conserve uma arma de sua propriedade nela, as sim talvez eu deva avisá-lo, caso puxe o gatilho mais rápido do que eu, que deixei uma carta em casa informando meus pais exatamente onde eu ia e com que objetivo.

— Se eu tivesse uma filha como você, ficaria envergonhado de reconhecê-la! — berrou o Sr. Goldhanger, com real sinceridade.

— Tolice! — replicou Sophy. — Provavelmente ficaria muito orgulhoso e me ensinaria a bater carteiras. E se tivesse uma filha como eu, ela teria esfregado este chão para o senhor e lavado sua camisa, assim estaria com aparência muito melhor do que está agora. Por favor, não me faça esperar mais, pois me cansei de conversar com o senhor, na verdade eu o achei, desde o início, um rematado chato!

O Sr. Goldhanger já fora chamado de canalha, sanguessuga, trapaceiro, demônio, asqueroso e inúmeros nomes diferentes e cruéis, mas jamais alguém lhe dissera que era um rematado chato, e jamais alguma de suas vítimas o olhara com tal divertido desprezo. Teria gostado de apertar seus dedos longos e ossudos em torno do pescoço de Sophy e estrangulá-la lentamente até a morte. Mas Sophy empunhava uma arma e por isso, em vez de matá-la, destrancou uma gaveta da escrevinhinha e, com mãos trémulas, procurou o que queria. Atirou um anel e um retângulo de papel sobre a mesa, rugindo:

— O dinheiro! Me dê o meu dinheiro!

Sophy apanhou a promissória e conferiu; depois colocou-a, juntamente com o anel, dentro do regalo, e retirou dessa bolsa conveniente um maço de notas, depositando-o sobre a mesa.

— Aqui está — disse ela.

Mecanicamente, ele começou a contar. Sophy levantou-se.

— E, agora, por favor, queira ter a gentileza de virar a sua cadeira com o espaldar para a porta.

O Sr. Goldhanger chegou quase a rosar, porém aquiesceu ao pedido, dizendo por sobre o ombro:

— Não precisa ter medo! Fico muito satisfeito de vê-la partir! — acrescentou, tremendo de raiva. — Prostituta!

Sophy deu uma risadinha. Introduzindo a chave na fechadura e dando a volta, disse:

— Bem, acredito de fato que preferiria ser prostituta a ser um nabo envolto em lençol para assustar meninos bobos!

— Nabo? — repetiu o Sr. Goldhanger. — *Nabo...*?

Mas sua indesejada visitante se fora.

XII

NAQUELA NOITE, Hubert subia as escadas para o seu quarto quando encontrou a prima descendo do andar da sala de aula. Ela exclamou:

— Hubert! Você é a pessoa que eu queria! Espere, tenho algo para lhe dar! — Ela entrou no seu quarto e voltou alguns minutos depois com um ar malicioso, dizendo: — Feche os olhos e estenda a mão!

— Ora, Sophy, é alguma coisa horrível? — perguntou, desconfiado.

— É claro que não!

— Bem, você está com uma expressão de alguém que pretende pregar uma peça — disse ele. Contudo, obediente, fechou os olhos e estendeu a mão. Sophy depositou nela o anel e a promissória, e disse que agora ele podia abrir os olhos. Hubert assim o fez e sentiu um choque tão grande que deixou cair o anel. — *Sophy!*

— Que criatura descuidada você é! — disse ela. — Não deixe de queimar esse tolo pedaço de papel! Quase fiz isso eu mesma, pois estou certa de que seria bem próprio de você deixá-lo no bolso, mas por outro lado achei que gostaria de se assegurar que realmente foi recuperado.

Ele abaixou-se para apanhar o anel.

— M-mas, Sophy, como... quem... como isto veio parar nas suas mãos?

— Foi-me entregue pelo seu Sr. Goldhanger, é claro.

O jovem soltou um grito sufocado.

— Obteve do... Você não foi à casa daquele velho demónio! Não *poderia fazer* isso!

— Sim, fiz. O que me impediria?

— Santo Deus! — exclamou. Agarrou-a pelo pulso e perguntou com voz áspera: — Por que ele cedeu a você? Diga-me, pagou-lhe o dinheiro que eu devia?

— Ora, não pense mais nisso! Por casualidade eu tinha 500 libras comigo, e você me pagará algum dia, suponho. Não há necessidade de ficar tão chocado, seu menino tolo!

— Sophy, não posso *admitir* isso! — disse, com voz estrangulada. — Além do mais, ele me emprestou o dinheiro a 15 por cento ao mês e sei muito bem que jamais iria desfazer-se da minha promissória por um níquel a menos do que lhe era devido! Sophy, diga-me a verdade!

— Eu consegui isso. É claro que ele não gostou muito, mas foi obrigado a fazer o que eu queria, porque lhe disse que iria a Bow Street se ele se recusasse. Acho que tinha razão a respeito dele, Hubert! Provavelmente negocia com todo ladrão de Londres, porque no momento em que fiz a ameaça pude notar como ficou inquieto, portanto é certo que ele não deseja de modo algum chamar a atenção dos magistrados.

— Goldhanger deixou-se intimidar a ponto de lhe entregar estas coisas? Goldhanger? — perguntou, incrédulo.

— Bem, que mais ele poderia fazer? Eu lhe disse que era ridículo supor que algo muito horrível

acontecesse a você, se o *caso fosse* descoberto; e ele sabia que se eu chegasse a ir a Bow Street, ele jamais conseguiria reaver um centavo do seu dinheiro.

— *Você* com aquele velhaco nojento! Não ficou com medo, Sophy? — perguntou, admirado.

— Não, nem um pouco. — Depois acrescentou, justificando-se: — Sabe, eu não tenho um pinga de sensibilidade! Sir Horace diz que é muito chocante, e *principalmente* nada feminino. Mas, para ser sincera, achei Goldhanger uma pessoa ridícula. Decididamente fiquei com muito mais medo de El Moro! Um *guerrilheiro* e um patife horroroso. Certa noite ele e seus homens entraram em nossa casa à força na ausência de Sir Horace... mas isso não tem importância! Pessoas que ficam contando suas aventuras a vida inteira são as mais tediosas!

— Sophy, ele poderia ter-lhe feito alguma maldade...!

— Podia, mas eu levei minha pistola, por isso logo mudou de ideia! — ela explicou.

— Sophy, Sophy, o que devo fazer? — exclamou Hubert.

— Nada. Não restou nada para fazer. Devo ir ou me atrasarei para o jantar. Não esqueça de queimar esse papel!

Ela desapareceu em seu quarto, interrompendo bruscamente os agradecimentos e protestos gaguejantes, e visto que não voltou a vê-la sozinha naquela noite, não pôde repeti-los. Tinha um compromisso com um grupo de amigos, e eles o acharam numa disposição de espírito insociável. Na verdade seus pensamentos estavam num melancólico tumulto, e embora o alívio por se ver livre da dívida com Goldhanger tivesse sido irresistível a princípio, esse alívio foi superado, tão logo ele teve tempo para refletir no assunto, por uma sensação de culpa das mais constrangedoras. Que Sophy, uma simples mulher (e mais jovem do que ele), não só liquidasse sua dívida, como também fosse visitar, em benefício dele, uma pessoa como Goldhanger, o fazia contorcer-se na cadeira. Seu esforço para se distrair pouco fez para clarear suas ideias, e quando voltou para Berkeley Square, nas primeiras horas da manhã, ele não estava mais próximo da solução da sua nova dificuldade do que estivera no começo da noite. A única ideia coerente em sua cabeça era que, de um modo ainda impreciso, ele tinha que pagar 500 libras à sua prima imediatamente.

No dia seguinte, o Sr. Rivenhall voltou de Leicestershire, chegando em Berkeley Square numa hora meio infeliz. Jane Storridge, cuja vigilância Sophy não levava em conta suficientemente, não só descobrira que os pingentes de diamantes estavam faltando na caixa de jóias da sua patroa, como também lançara um tamanho grito de protesto no alojamento dos criados que a Sra. Ludstock, a governanta, se sentiu na obrigação de informar a Lady Ormersley que, embora não soubesse o que os criados de hoje pretendiam, ela prestaria juramento de morte que nenhuma das criadas sob seu controle tocara nos brincos da Srta. Sophy; e, além disso, qualquer um poderia ser perdoado por pensar que a criada — digna desse nome — de uma dama tomasse mais cuidado com os objetos de valor de sua patroa do que a Srta. Storridge parecia supor necessário. Dasset também desejava associar-se ao ponto principal dessas observações, e sua atitude era tão ofendida que Lady Ormersley se perturbou muito ao compreender que se encontrava à beira de uma calamidade doméstica. Mandou chamar Jane Storridge, e o Sr. Rivenhall chegou a tempo de ouvir o final de um diálogo entre os três serviçais, diálogo esse de uma urbanidade tão gelada, tão encrespada com insinuações veladas, que aterrorizou a pobre Lady Ormersley. Antes que ele tivesse a oportunidade de exigir uma explicação, a própria Sophy entrou, vestindo seu traje de passeio e dizendo que ela e Cecília iam sair para fazer algumas compras: por acaso a

tia tinha alguma incumbência para elas? Lady Ormersley recebeu-a com alívio, e imediatamente lhe perguntou por que ela não havia revelado o desaparecimento dos brincos.

Sophy manteve-se impassível, porém um ligeiro rosado subiu-lhe às faces. Respondeu com perfeita calma:

— Não desapareceram brincos meus, querida senhora. De que se trata?

— Oh, meu bem, sua criada queixou-se de que seus pingentes de diamantes desapareceram da sua caixa de jóias, e não vou admitir que aqui aconteça uma coisa dessas por nada deste mundo!

Sophy inclinou-se para beijá-la no rosto.

— Tia Lizzie, lamento muito! É tudo culpa minha, fui tão estúpida ao esquecer de avisar Jane! Não estão desaparecidos. Levei-os ao joalheiro para que os limpassem e reajustassem. Um dos ganchos estava um pouco frouxo. Que tolice preocupar minha tia, Jane, antes de me perguntar primeiro se eu sabia onde estavam os brincos!

— Limpá-los? — exclamou a Srta. Storridge. — Ora, Sophy, como se eu não tivesse levado todas as suas jóias para Rundell & Bridge para serem limpas quando viemos para Londres!

— Certo, mas na noite do baile achei que os pingentes pareciam muito opacos — respondeu Sophy. — Pode ir agora, Jane; minha tia já ficou bastante aborrecida!

Tinha perfeita noção dos olhos do primo fixos no seu rosto, e um olhar de relance em sua direção informou-a de que havia neles uma desagradável expressão indagadora. Contudo, ele nada disse, portanto livrou-se da criada, assegurou-se de que a tia não tinha nenhuma incumbência a lhe dar e foi embora, confiando, com devoção, que nem ela nem o Sr. Rivenhall notassem a ausência definitiva dos seus brincos de diamantes.

Contudo, no dia seguinte, no momento exato em que ela se sentava para fazer um lanche ligeiro com Lady Ormersley, Cecília, Selina e Hubert, o Sr. Rivenhall entrou na sala e entregou-lhe um pequeno embrulho.

— Seu brincos, prima — disse ele brevemente. — Creio que vai achar que, agora, limpam-nos a contento.

Por uma vez na vida, Sophy perdeu de todo o poder da fala. Felizmente, ele não pareceu esperar que ela dissesse alguma coisa, pois voltou-se para cortar uma fatia de presunto e se pôs a conversar com a mãe, desejando saber se, nesse ano, ela gostaria de passar uma parte do verão em Brighton. Lady Ormersley dirigiu a pergunta a Sophy. Brighton não fazia bem à sua constituição física, mas o Regente tornara a estação de veraneio tão elegante que grande número de pessoas ilustres afluía para lá em junho, e, se Sophy quisesse, ela alugaria uma casa para uma parte do verão.

Cecília, que tinha razões próprias para querer permanecer na capital, disse:

— Oh, mamãe, sabe que nunca passa bem em Brighton! Por favor, não vamos! Sem dúvida não há nada mais tolo do que aquelas festas no Pavilhão, e o excessivo calor nos quartos lhe tira totalmente o ânimo!

Imediatamente, Sophy negou qualquer desejo de visitar o local; e o resto da refeição passou-se em discutir as atrações rivais de Ormersley, Thorpe Grange e Scarborough, com algumas reminiscências de Lady Ormersley sobre um verão passado em Ramsgate antes do patrocínio do Regente a Brighton, o que lançara aquela estação de veraneio inteiramente à obscuridade.

Quando se levantaram da mesa, Hubert, que durante certo tempo estivera tentando infrutiferamente ficar a sós com a prima, perguntou abruptamente:

— Está ocupada, Sophy? Gostaria de caminhar um pouco no jardim?

— Obrigada! Daqui a pouco, talvez! Charles, posso trocar duas palavras com você, quando for possível?

Ele encontrou seu olhar direto, sério.

— Perfeitamente! Agora, se desejar.

Lady Ombersley pareceu vagamente surpresa; Selina exclamou:

— Segredos! Gostaria de saber: estão maquinando uma conspiração? Não podemos saber?

— Nada tão excitante — respondeu Sophy rapidamente. — Apenas Charles executou uma incumbência para mim.

Ela o acompanhou pelo vestíbulo até a biblioteca. Não era de ficar com rodeios; nem bem ele fechou a porta, ela perguntou direta-mente:

— Por favor, diga-me o que isto significa! Como soube que eu vendera meus brincos, e por que os comprou — como imagino — de novo?

— Comprei-os porque só posso imaginar duas razões pelas quais você os teria alienado.

— É mesmo? E quais podem ser, primo Charles?

— Nunca tive permissão para ver as contas do seu baile, porém tenho certa experiência nesses assuntos, e possivelmente posso fazer um cálculo aproximado do total. Se essa for a sua explicação, não precisa de nenhuma outra. Desde o início, as providências não foram do meu agrado, sabe muito bem.

— Meu querido Charles, tenho muitas despesas das quais você não sabe absolutamente nada. Está sendo absurdo, saiba disso!

— Não creio que tenha despesas que seu pai não estivesse preparado para pagar.

Ela ficou calada por um momento. Depois disse:

— Ainda não me contou qual é a segunda razão que lhe ocorreu.

Ele lançou-lhe um olhar sob as sobrancelhas franzidas.

— Meu receio é que tenha emprestado o dinheiro a Hubert.

— Santo Deus! Nem pense nisso! — ela exclamou, rindo. — Diga-me, por que eu faria tal coisa?

— Espero que não o tenha feito. O jovem idiota estava em Newmarket com um grupo de sujeitos que eu gostaria de ver bem longe. Ele perdeu uma grande importância por lá?

— Sem dúvida ele contaria a você se tivesse perdido, em vez de contar a mim!

Charles encaminhou-se até a escrivaninha e, um tanto distraído, arrumou alguns papéis que ali estavam.

— Talvez estivesse com medo de me contar — disse. Ergueu os olhos. — Foi isso?

— Precisei do dinheiro por razões que não vou lhe contar — ela respondeu. — Devo salientar-lhe, Charles, que ainda não respondeu à minha outra pergunta. Como adivinhou que eu tinha vendido os brincos?

— Não foi uma suposição. Eu sabia.

— Como é possível? Não estava escondido na loja, presumo!

— Não, eu não estava. Mas ontem, ao voltar para casa, dei uma passada em Brook Street e vi a Srta. Wraxton. — Ele hesitou, e olhou para a prima de novo. — Deve compreender que a Srta. Wraxton achou que devia transmitir-me o seu receio de que você estaria em alguma dificuldade! Ela esteve na Rundell & Bridge com Lady Brinklow enquanto você efetuava essa venda. Parece que Bridge não fechou a porta do seu escritório como devia; a Srta. Wraxton reconheceu sua voz e não pôde deixar de ouvir algo que você disse a Bridge.

A mão dela, pousada no espaldar de uma cadeira, fechou-se com força na borda de madeira envernizada, porém tornou a relaxar depois de uns instantes. Num tom de voz em que fora banida toda a emoção, ela disse:

— Não há limite para a solicitude da Srta. Wraxton. Quanta gentileza da parte dela ter-se interessado por meus assuntos! Espero que tenha sido a sua sensibilidade que a impediu de falar comigo em vez de com você.

Ele corou.

— Precisa lembrar-se de que estou noivo da Srta. Wraxton. Nessas circunstâncias, ela achou seu dever mencionar-me o fato. Por não haver entre vocês um bom relacionamento, do tipo que possibilitaria a ela pedir-lhe uma explicação.

— Bem, isso sem dúvida é certo — replicou Sophy. — Nem entre nós, meu querido primo, há esse tipo de relacionamento! E se tem ideia de me pedir uma explicação sobre algo que resolvi fazer, deixe-me dizer-lhe que pode ir para o inferno!

Charles sorriu.

— Então talvez seja por isso que Eugenia não se arriscou a falar com você sobre o assunto, pois teria ficado muito chocada se a mandasse para o inferno! Sempre fala como seu pai quando perde a calma, Sophy?

— Não, nem sempre. Queira perdoar-me! Mas foi realmente intolerável!

— Não nego, mas eu não lhe teria pedido uma explicação se você não tivesse pedido esta entrevista.

— Você não devia ter dado atenção à Srta. Wraxton! Quanto a comprar novamente meus brincos, santo Deus, em que apuro você me colocou!

Enquanto ela falava, a porta abriu-se atrás dela e Hubert entrou no aposento. Parecia muito pálido, contudo perfeitamente determinado, e disse aos arrancos:

— Perdoem-me, mas estive querendo falar com Sophy o dia todo, e... e com Charles! Por isso, eu vim!

O Sr. Rivenhall permaneceu mudo, apenas lançou-lhe mais um dos seus olhares penetrantes. Sophy voltou-se e estendeu a mão.

— Sim, por favor, entre, Hubert! — disse ela, sorrindo.

Ele tomou-lhe a mão e apertou-a, tremendo um pouco.

— Cecília me contou sobre os seus brincos, e toda a confusão... Sophy, foi para *aquilo*! Pois se foi mesmo, de qualquer maneira não posso e não vou admitir! Eu preferiria bem mais contar tudo a

Charles!

A mão dela retribuiu ao aperto antes de soltá-la. Depois disse na sua maneira tranquila de falar:

— Bem, você sabe, Hubert, sempre achei que cometia um erro não contando a Charles, pois o Sr. Wychbold me disse certa vez que a mais ninguém exceto Charles, de bom grado, recorreria numa dificuldade. E se *ele* podia confiar em Charles, quanta razão mais você devia ter para fazer o mesmo! Estou convencida de que ficarão melhor sem a minha presença, portanto vou deixá-los.

Não olhou para o Sr. Rivenhall em busca do efeito que suas palavras teriam causado, mas caminhou rapidamente para fora da sala. Havião causado um efeito; o Sr. Rivenhall disse em voz baixa:

— Creio que já sei do que se trata, mas diga-me! Newmarket?

— Pior do que isso! Oh, sim perdi em Newmarket, mas é a parte menos importante! — respondeu Hubert.

O Sr. Rivenhall indicou uma cadeira com um gesto de cabeça.

— Sente-se. Qual *é* a parte pior?

Hubert não se aproveitou desse convite. A apreensão o fez assumir um tom beligerante que de modo algum expressava seus sentimentos.

— Bem pode avaliar que não lhe contei o montante das minhas dívidas, no ano passado!

— Jovem tolo! — comentou o irmão, sem entusiasmo.

— Sei disso, mas você me disse... Oh, bem, não tem importância falar sobre isso agora!

— Você já devia saber que quando estou zangado nem tudo que digo tenho a intenção de fazer. Entretanto, se minha língua deve levar a culpa, lamento. Continue!

— Sei que minha obrigação era ter-lhe contado — murmurou Hubert. — E oxalá tivesse, em vez de... — Ele parou, tomou fôlego e recomeçou: — Achei que talvez fosse capaz de resolver sozinho. Eu... você não vai gostar disso! Não precisa me dizer que estava errado, pois já sei! Mas outros sujeitos...

— Bem, então não direi que estava errado. Mas permita-me saber do que se trata, pois ainda continuo no escuro!

— Fui com... um homem que conheço... a... a um lugar em Pall Mall. E com outro em St. James's Place. Roleta e dados franceses! E perdi uma quantia enorme de dinheiro!

— Oh, meu Deus! — o Sr. Rivenhall exclamou asperamente. — Já não tivemos o bastante a respeito de jogo em nossa família?

A amargura em sua voz, que de repente se tornara ríspida, fez Hubert estremecer e escurar-se por trás da barreira da casmurrice.

— Bem, sabia que você ficaria furioso, mas não vejo por que foi tão ruim assim! Tomara eu não tivesse uma sorte tão abominável, afinal todo mundo joga.

Por um instante pareceu que o irmão ia dar uma resposta mordaz, mas ele se controlou, foi até a janela e ficou olhando para fora com o cenho franzido. Depois de uma pausa, perguntou abruptamente:

— Sabe qual é o montante das dívidas de jogo do nosso pai?

Hubert sentiu-se surpreso, pois o assunto jamais fora mencionado entre eles. Respondeu:

— Não. Isto é, sei que deve ter sido bastante pesado, é claro, mas jamais soube da importância exata.

O Sr. Rivenhall contou-lhe.

Fez-se um silêncio opressivo. Hubert rompeu-o finalmente.

— Mas... mas... Meu *Deus*, Charles! Você... você não está me pregando uma peça, está?

O Sr. Rivenhall soltou uma risada breve.

— Mas... Charles, *voce* não pagou tudo isso, pagou?

— Quase. Liquidei uma parte, mas a propriedade ainda está sobrecarregada demais. Não preciso envolver você nisto. Agora que nosso pai passou o controle de tudo às minhas mãos, tenho alguma esperança de tirar a família do mar de dívidas. Porém entrar em acordo com credores, passar a vida maquinando recursos orçamentários com o nosso administrador é algo ruim como o diabo!

— Santo Deus, eu diria que sim, sem dúvida! Ouça, Charles, lamento muitíssimo ter acrescentado mais problemas!

O Sr. Rivenhall voltou para a escrivaninha.

— Sim, eu sei. Sua dívida não é grande coisa, mas se o jogo estiver em seu sangue também...

— Ora, não está! Não precisa recear isso, pois nunca me importei com cartas, e posso garantir que não tive prazer em ir àquelas mal ditas espeluncas! — Deu uma volta pelo aposento, um franzido concentrando-se em sua testa. Parou de repente e exclamou: — Por que não me contou? Ora bolas, já não sou criança! Devia ter me contado!

O Sr. Rivenhall fitou-o, esboçando um meio sorriso.

— Sim, talvez devesse — admitiu brandamente. — Porém, quanto menos pessoas souberem, melhor. Nem nossa mãe sabe de tudo.

— Mamãe! De fato ela não sabe mesmo! Eu julgaria que não! Mas eu tinha o direito de saber, em vez de me deixarem continuar como se... É bem próprio de você, Charles, arcar com tudo, e imaginar que ninguém pode fazer alguma coisa exceto você mesmo! Ouso afirmar que deve haver uma dúzia de maneiras de eu poder ajudá-lo! Parece-me que devo deixar Oxford imediatamente e procurar uma colocação adequada ou entrar para o exército... Não, isso não serve porque teria de comprar um posto para mim, *e* mesmo se não me unisse ao regimento de cavalaria ou à *guarda real*...

— Certamente que não servirá! — interrompeu o irmão, divertido, e um tanto comovido. — Você me obsequiará ficando onde está! Ainda não chegamos às últimas. Ora, seu idiotinha simplório, o que imagina ser meu objetivo senão providenciar para que você, Theodore e as meninas não sofram as consequências da maldita loucura de nosso pai? Se resolver ajudar-me na administração da propriedade, pode fazê-lo, e ficarei grato, pois Eckington está ficando sem condições. Não posso me desfazer dele, tem estado conosco há tanto tempo que ousa afirmar que isso partiria seu coração, mas é de bem pouca utilidade e ainda não deposito um grau suficiente de confiança no jovem Badsey. Você tem aptidão para negócios?

— Não sei, mas aprendo muito rapidamente! — respondeu Hubert, com determinação. — Quando eu vier para as grandes férias, você pode me ensinar. E, lembre-se, Charles! Sem me ocultar nada!

— Muito bem, não ocultarei. Mas você ainda está me ocultando *alguma* coisa, sabe disso. Quando perdeu todo esse dinheiro? Sem dúvida não foi ultimamente, não é?

— No Natal. Bem, seria aconselhável eu confessar tudo minuciosamente! Procurei um agiota infame

e pedi a ele 500 libras emprestadas por seis meses. Eu achava que recuperaria cada níquel desse dinheiro e, além desse, mais *ainda*, em Newmarket. Mas o maldito matungo não correu! — Viu a expressão do irmão e disse: — Não precisa ficar com essa cara! Juro que jamais farei isso de novo enquanto viver! *É claro* que eu devia ter vindo primeiro a você, mas...

— Você devia ter vindo a mim, e não o fazer deve ter sido muito mais culpa minha do que sua!

— Óh, bem, isso não sei! — Hubert respondeu, sentindo-se inquieto. — Suponho que se eu estivesse num termo de relacionamento melhor com você, o teria feito. Desde o princípio Sophy disse que eu deveria proceder assim, e Deus do céu, se eu tivesse tido a mínima ideia do que ela pretendia fazer, eu me dirigiria a você diretamente!

— Então você não lhe pediu o dinheiro?

— Santo Deus, não! Charles, você *não pode imaginar* que eu pedisse dinheiro emprestado a Sophy, não é?

— Não imaginei. Mas nem imaginei que nosso relacionamento fosse tão ruim que... Bem, não importa! Como Sophy veio a saber disso, e se você não lhe pediu dinheiro emprestado, por que Sophy vendeu os brincos?

— Ela calculou que eu estava completamente descontrolado. Obrigou-me a contar, e quando eu disse que preferiria não contar nem uma palavra a você, ofereceu-se para me emprestar o dinheiro. É claro que recusei! Mas ela soube onde Goldhanger morava, e, sem me dizer o que pretendia fazer, foi vê-lo e obteve de volta a minha nota promissória e meu anel. Tive de dar como garantia a esmeralda do vovô Stanton-Lacy, compreenda. Não sei como ela fez, pois jura que não pagou ao velho demônio um centavo de juros. Ela é uma moça formidável! Mas não consegui engolir isso, como pode ver!

— Sophy foi à casa do agiota? — repetiu o Sr. Rivenhall, incrédulo. — Tolice! Ela não pode ter feito uma coisa dessa!

— Bem, ela não é de contar lorotas, e foi o que ela disse! — declarou Hubert.

Poucos minutos depois, Sophy, que estava lendo no Salão Amarelo, foi interrompida pela chegada do Sr. Rivenhall, que entrou e fechou a porta atrás de si, dizendo sem preâmbulos:

— Parece que estou lhe devendo muito, prima. Isso mesmo, Hubert contou-me tudo. É difícil encontrar o que devo lhe dizer.

— Não está me devendo absolutamente nada — respondeu Sophy. — Já me restituiu os brincos! Não há nada a ser dito, realmente! Sabe que a Srta. Wraxton está na sala de estar com sua mãe? E também Lord Bromford, razão pela qual procurei refúgio aqui.

— Há muita coisa para ser dita, sim — ele respondeu, contestando. — Oxalá me tivesse contado!

— Estou convencida de que não poderia esperar, seriamente, que eu traísse a confiança de Hubert. Contudo, não deve pensar que o encorajei a conservá-lo na ignorância. Aconselhei-o, na verdade, a contar-lhe o apuro em que se encontrava, porém ele parecia estar com tanto medo que eu não poderia insistir. — Notou a expressão ligeiramente rígida do rapaz e acrescentou: — Creio que geralmente é assim, entre irmãos, quando há uma boa diferença de idade. E você é daqueles que de vez em quando inspiram temor, estou certa?

— Parece que é isso, realmente. Não pense que eu não esteja grato a você, Sophy! Não sei como descobriu o apuro em que ele se envolveu.

— Oh, não foi tão difícil! Desde que cheguei a Londres, o pobrezinho tem estado com uma aparência de quem anda perturbado com pesadelos! Depois do seu regresso de Newmarket, evidenciou-se claramente que algo de natureza catastrófica devia ter-se abatido sobre ele. Hubert não queria confiar em mim, porém uma ameaça de contar a você sobre minhas desconfianças fez vir à tona toda a ridícula história.

Ele olhou-a com uma expressão profunda e brilhante.

— Sei muito bem que eu é quem deveria ter percebido que havia algo afligindo a mente de Hubert!

Obviamente, ele estava bastante mortificado; ela disse:

— Você tem muitas outras coisas em que pensar, percebe-se. Os homens não observam com a mesma rapidez das mulheres. Estou muito contente por ele ter-lhe contado tudo. Não fique estendendo muito o assunto! Estou certíssima de que ele aprendeu uma lição e não se arriscará a esquecê-la.

— Creio que tem razão. Habituei-me a considerá-lo volúvel como... Bem, habituei-me a considerá-lo volúvel, porém ele não me dava motivos para alimentar a esperança de que eu estava enganado! Contudo, Sophy, ainda não sei como aconteceu toda essa história deplorável! Quem você contratou?

— Ninguém, palavra de honra! — ela garantiu-lhe imediatamente. — Considerei a questão em seus mínimos detalhes, e, embora estivesse muito inclinada, no início, a consultar o advogado de meu pai, logo compreendi que não conviria. Não havia ninguém a quem pudesse recorrer sem divulgar a participação de Hubert no negócio. Portanto resolvi agir sozinha!

— Sophy, não pode ter ido até aquela criatura sozinha.

— Sim, fui. Oh, sei que foi horivelmente insensato e audacioso da minha parte, mas pensei que ninguém jamais saberia! Além disso pude refletir quanto você reprovava que o caso de Hubert se tornasse conhecido fora do nosso círculo mais íntimo.

Ela viu que ele a fitava com visível descrença, e levantou as sobrancelhas de maneira indagadora.

— Hubert me contou o bastante sobre Goldhanger para tornar perfeitamente claro que tipo de homem ele é! — disse Charles. — Não me diga que ele, de boa vontade, devolveu-lhe a nota promissória e um objeto valioso que era a garantia do capital da dívida!

Ela sorriu.

— De muito má vontade! Mas imagine só a desvantagem em que ele estava! Emprestara dinheiro a um menor, e, se fosse a juízo, não receberia um níquel. Calculo que tenha ficado satisfeito por ver de novo seu dinheiro. No instante em que eu disse que iria a Bow Street — um palpite também — pude perceber que eu o inquietara. Meu querido Charles, o que Hubert achou naquela criatura para alarmá-lo, não consigo imaginar! Um papão para assustar crianças!

Com o cenho franzido, ele a observava atentamente.

— Isto me parece pura fantasia, Sophy! Pelo que deduzo, ele não era um agiota autorizado e sim um rematado velhaco! Você disse que ele não fez nenhum esforço para extorquir-lhe os juros?

— Não é bem isso, ele tentou assustar-me para que eu o pagasse ou lhe desse meus brincos de pérolas. Mas Hubert avisara-me com que espécie de pessoa eu teria de lidar, e tomei a precaução de levar minha pistola.

— O quê?

Ela surpreendeu-se e tornou a erguer as sobrancelhas.

— Minha pistola — repetiu.

Novamente a humilhação dele exprimiu-se por descrença.

— Isto só pode ser tapeação! Gostaria que contasse a verdade! Não me peça que acredite que carrega uma pistola na bolsa! Pois eu lhe digo que nisso realmente não acredito!

Ela levantou-se rapidamente, com uma centelha no olhar.

— Deveras? Espere! Não me demoro mais do que uns minutinhos!

Movendo-se agilmente, ela saiu da sala, reaparecendo logo depois com sua arma de prata na mão.

— Não acredita, Charles? Não mesmo? — ela perguntou.

Com olhos arregalados, ele olhava para a arma.

— Santo Deus! Você? — Estendeu a mão, como quisesse tirar a arma da mão dela, mas Sophy recuou.

— Cuidado! Está carregada! Impaciente, ele ordenou:

— Deixe-me ver!

— Sir Horace — disse ela, provocante — sempre me aconselhou a ser cuidadosa e jamais entregar a arma nas mãos de alguém que eu não estivesse perfeitamente convencida de que poderia confiar.

Por um momento estarrecedor, o Sr. Rivenhall, que não era um atirador comum, olhou-a atentamente. As emoções enclausuradas em seu peito levaram a melhor. Ele precipitou-se em direção à lareira e arrancou da bela peça de marcenaria um convite que fora metido num canto do grande espelho com moldura dourada.

— Mantenha isto erguido, fique parada aí e me dê essa arma! — ordenou.

Sophy riu e obedeceu, conservando-se imóvel, sem demonstrar o menor medo, mantendo as costas contra a parede e erguendo o convite para o lado.

— É melhor avisá-lo de que a arma dispara levemente para a esquerda! — disse ela friamente.

Ele estava pálido de raiva, uma raiva que bem pouco tinha a ver com a insignificante referência que ela fizera à sua capacidade de manejar uma pistola, porém, mesmo enquanto apontava a arma, ele pareceu, até certo ponto, controlar-se, pois tornou a abaixá-la e disse:

— Não posso! Não com uma pistola que não conheço!

— Medroso! — zombou Sophy.

Ele lançou-lhe um olhar de desagrado, avançou para arrancar o convite da mão dela, e meteu-o no canto de um quadro pendurado na parede. Com grande interesse, Sophy viu-o afastar-se para a outra extremidade da sala, virar-se, levantar bruscamente o braço e atirar. Uma explosão, ecoando no espaço limitado da sala, rompeu a quietude, e a bala, lascando uma borda do convite, enterrou-se na parede.

— Eu avisei que ela tendia para a esquerda — Sophy lembrou, examinando sua obra com olhos críticos. — Vamos recarregá-la para que eu possa lhe mostrar o que *eu* consigo fazer?

Trocaram um olhar. De repente o Sr. Rivenhall deu-se conta da barbaridade do seu procedimento e

pôs-se a rir.

— Sophy, sua... seu demônio!

Isso fez Sophy rir também; assim, quando um grupo de pessoas assustadas irrompeu na sala alguns minutos depois, elas apenas depararam com uma cena de alegria desenfreada. Lady Ombersley, Cecília, a Srta. Wraxton, Lord Bromford, Hubert, um dos lacaios e duas criadas, todos agrupados na soleira da porta, evidentemente na expectativa de contemplar os resultados de um terrível acidente.

— Eu podia matar você, Sophy! — exclamou o Sr. Rivenhall.

— Injusto! *Eu* lhe disse para fazer isso? — ela rebateu. — Querida tia Lizzie, não faça essa cara tão alarmada! Charles estava... apenas certificando-se de que minha pistola funciona bem!

A essa altura, os olhares da maioria do grupo descobriram o buraco na parede. Lady Ombersley, agarrando-se ao braço de Hubert em busca de apoio, perguntou debilmente:

— *Enlouqueceu*, Charles?

Ele olhava com expressão de alguém que tinha a consciência um pouco pesada pelo estrago que fizera.

— Devo ter enlouquecido, imagino. Contudo, o estrago logo será restaurado. Ela *realmente* dispara para a esquerda, Sophy. Daria um bocado para vê-la atirar! É uma pena que eu não possa levá-la ao Manton's!

— É a pistola de Sophy? — perguntou Hubert, muito interessado. — Santo Deus, Sophy, você é uma jovem perfeita! Mas o que deuem você, Charles para atirar aqui? *Deve* estar louco!

— Foi um acidente, é claro — manifestou-se Lord Bromford. — Um homem em seu juízo, o que não colocamos em dúvida no caso de Rivenhall, não dispara, de propósito, uma pistola na presença de se-nhoras. Minha prezada Srta. Stanton-Lacy, deve ter sofrido um sério abalo nervoso. Não poderia ser o contrário. Permite que eu lhe peça para repousar alguns instantes?

— Não sou uma criatura tão insignificante! — Sophy respondeu, seus olhos ainda transbordantes de riso. — Charles confirmará minhas palavras, se houver alguma honestidade nele, de que não dei um pio e nem tremi! Hábitos maus como esses, Sir Horace cortava pela raiz, dando-me um forte tabefe!

— Sem dúvida você é sempre um exemplo para todos nós! — disse a Srta. Wraxton, com ironia. — Só se pode invejar seu controle de ferro! Eu, pobre de mim, sou feita de matéria mais fraca e devo confessar que fiquei muito sobressaltada com esse barulho sem precedentes nesta casa. Realmente, não sei o que estive fazendo, Charles. Essa é mesmo a pistola da Srta. Stanton-Lacy e ela exibia sua habilidade para você?

— Ao contrário! Fui eu quem atirou, e por infelicidade fora do meu alvo. Posso limpá-la para você, Sophy?

Ela sacudiu a cabeça e estendeu a mão para que Charles lhe devolvesse a arma.

— *Obrigada*, mas gosto de limpá-la e carregá-la eu mesma.

— Carregá-la? — Lady Ombersley perguntou com voz sufocada. — Sophy, não pretende carregar essa coisa horrível de novo, não é certo?

Hubert riu.

— Eu disse que ela era uma jovem formidável, Charles! Sophy, você sempre a mantém carregada?

— Sempre, pois como saber quando se vai precisar dela, e qual a utilidade de uma pistola vazia? Você também sabe que é uma tarefa delicada! Não nego que Charles possa fazer isso num instante, mas eu não!

Ele devolveu-lhe a arma.

— Se neste verão formos a Ombersley, precisamos disputar uma partida, você e eu — disse ele. Quando as mãos de ambos se encontraram, e ela pegou a arma, a dele agarrou-a pelo pulso e reteve-a por um instante. — Uma coisa indigna a que foi feita! — disse ele, num tom ligeiramente mais baixo. — Queira me perdoar... e obrigado!

XIII

NÃO ERA de supor que esse incidente fosse agradar a Srta. Wraxton. Parecia haver entre o Sr. Rivenhall e a prima um certo entendimento que de modo algum era do seu agrado; embora não estivesse apaixonada por ele — na verdade, teria considerado tal emoção decididamente indigna da sua posição —, resolvera ser sua esposa e era feminina o bastante para se ressentir ao vê-lo dar, por mínima que fosse, atenção a outra mulher.

A sorte não sorrira para a Srta. Wraxton. Já nos tempos escolares, ela estivera comprometida por contrato com um nobre de impecável linhagem e respeitável fortuna, que morrera vítima de um surto de varíola antes de ela alcançar idade para ser formalmente sua noiva. Nos primeiros anos em que chegara à idade de casar, diversos cavalheiros aceitáveis mostraram tímidas tendências de pretenderem sua mão, pois era uma jovem bonita, tinha um belo dote; contudo, por variadas razões, nenhum deles dera prova de coragem, como o irmão mais velho dela, Lord Orsett, um tanto vulgarmente dissera. O pedido do Sr. Rivenhall fora feito num momento em que ela começara a temer que ficaria na prateleira, e então ele fora aceito gratamente. Educada dentro dos mais rigorosos padrões de decoro, a Srta. Wraxton nunca metera ideias românticas indesejáveis na cabeça e não vacilara quando informou ao pai que estava disposta a aceitar a corte do Sr. Rivenhall. Lord Brinklow, que nutria a maior aversão por Lord Ombersley, certamente não teria tomado em consideração o pedido do Sr. Rivenhall não fora a morte providencial de Mathew Rivenhall. Porém a fortuna do velho nababo não era algo a desprezar, mesmo pelo mais hipócrita dos pares. Lord Brinklow informara à filha que o pedido de Charles Rivenhall trazia consigo sua bênção; e Lady Brinklow, uma moralista até mais severa que o esposo, indicara claramente a Eugenia onde o seu dever se impunha e através de que meios poderia talvez desvencilhar Charles de sua incorrigível família.

Sendo discípula competente, a Srta. Wraxton, depois disso, não perdera oportunidade de apontar a Charles, da maneira mais diplomática, as faltas e as características comuns indesejáveis de seu pai e de seus irmãos e irmãs. Era movida pelos mais puros motivos; julgava que a qualidade volúvel de Lord Ombersley e de Hubert era prejudicial aos interesses de Charles; desprezava sinceramente Lady Ombersley e com igual sinceridade condenara o exagerado sentimento com que Cecília contemplava o matrimónio com o filho caçula e sem vintém da família Fawnhope. Parecia-lhe que desvencilhar Charles de sua família devia ser seu primeiro objetivo; contudo, às vezes seduzia-a entreter-se com a ideia de recuperar a família Ombersley do abismo de impropriedade em que caíra.

Ao comprometer-se com o Sr. Rivenhall numa ocasião em que ele se achava irritado com os excessos do pai, suas palavras gentis *caíram* em solo fértil. De natureza genuinamente triste, educada sob princípios áridos, só conseguia perceber as tendências mais deploráveis na busca do *prazer* de uma *família* animada. Charles, em luta ferrenha contra uma pilha colossal de contas, estava muito inclinado a pensar que ela tinha *razão*. Só depois da chegada de Sophy os seus sentimentos pareceram sofrer uma mudança. A Srta. Wraxton não podia enganar-se ao menosprezar a influência prejudicial de Sophy no caráter de Charles; e por não ser muito inteligente, apesar de seus estudos, Eugenia tentou neutralizar essa influência de várias maneiras diferentes que somente serviram para irritar o *rapaz*. Quando ela indagou se Sophy lhe dera uma explicação sobre a sua visita a Rundell & Bridge, e, fazendo justiça à prima, ele *se*

senti obrigado a contar-lhe uma parte da verdade, o génio mau de Eugénia a inspirar a sublinhar ao noivo a absoluta irresponsabilidade do carácter de Hubert, sua semelhança com o pai, e a natureza imprudente da pretensa conduta bondosa de Sophy no caso. Mas o Sr. Rivenhall já sofria os ataques de sua própria consciência, e uma vez que, com todas as suas faltas, não era do tipo que negasse um resultado evidente, essas observações não encontraram bom acolhimento por parte dele. Disse:

— Eu sou o culpado. O fato de que quaisquer palavras impensadas que proferi tivessem feito Hubert sentir que tudo seria preferível a me confiar suas dificuldades, será uma acusação eterna que farei a mim mesmo! Tenho de agradecer à minha prima por me mostrar quanto errei! Espero que possa fazer melhor para o futuro. Não tive intenção... porém vejo agora como eu devia parecer insensível ao meu irmão. Tomarei muito cuidado para que o pobrezinho do Theodore não cresça pensando que ele me deve ocultar seus pecadilhos a qualquer preço!

— Meu querido Charles, asseguro-lhe que isso é um excesso de sensibilidade! — disse a Srta. Wraxton delicadamente. — *Você* não deve se considerar responsável pelo comportamento de seus irmãos!

— Engana-se, Eugénia. Sou seis anos mais velho que Hubert, e desde que eu soube — ninguém melhor — que meu pai jamais se preocuparia com qualquer um de nós, tornou-se meu dever cuidar dos mais jovens! Não tenho escrúpulos em dizer isto a você, pois sabe qual é a nossa situação!

Sem hesitar, ela respondeu:

— Estou convencida de que sempre cumpriu com seu dever! Tenho visto como procura introduzir na casa de seu pai padrões de comportamento mais corretos, maior noção de disciplina e controle. Hubert pode ter duvidado dos seus sentimentos nesta ocasião, e *justificar* seu comportamento — o qual devo considerar bem chocante — seria muito inadequado. A intervenção da Srta. Stanton-Lacy, expressa, é claro, do modo mais generoso, resultou de um impulso e não parece que foi ditada pela sua consciência. Embora pudesse ter sido doloroso para ela, certamente era sua obrigação contar-lhe tudo e imediatamente. Ter liquidado as dívidas de Hubert daquele modo serviu apenas para encorajá-lo em sua tendência ao jogo. Calculo que um momento de reflexão deve tê-la convencido disto, porém, ai de mim, com todas as suas boas qualidades, receio que a Srta. Stanton-Lacy não é muito dada a nutrir pensamentos racionais!

Ele fitou-a de olhos arregalados, e com uma expressão que ela não conseguia interpretar.

— Se Hubert tivesse confiado em você, Eugénia, você teria vindo me contar essa história? — ele perguntou.

— Sem dúvida alguma — ela respondeu. — Sem um minuto de hesitação.

— Sem um minuto de hesitação! — ele repetiu. — Embora fosse uma confidência, na crença de que você não o trairia?

Ela esboçou-lhe um sorriso.

— Isso, meu querido Charles, é uma grande tolice. Vacilar diante de tal fato, quando o dever da pessoa está tão claro, é algo com que não tenho paciência! Meu interesse pela carreira futura do seu irmão me teria convencido de que não existia outro caminho a não ser revelar a você sua má ação. Tendências desastrosas desse tipo devem ser reprimidas, e uma vez que seu pai, como você declarou, não se preocupa com...

Ele interrompeu-a sem se desculpar.

— Talvez esses sentimentos façam honra à sua *razão*, mas não ao seu coração, Eugenia! Você é mulher; talvez não entenda que uma confidência feita a você deve — *deve* — ser considerada sagrada! Eu disse que gostaria que ela tivesse me contado, mas não era a verdade! Eu não poderia desejar que alguém traísse uma confidência! Santo Deus, será que eu mesmo faria isso?

Essas palavras pronunciadas rapidamente provocaram um rubor nas faces da moça que disse bruscamente:

— Deduzo que a Srta. Stanton-Lacy... presumo, sendo ela também mulher... entende isto?

— Entende — ele respondeu —, entende realmente. Talvez seja um dos efeitos de sua educação! Que, aliás, é excelente! *Talvez* ela soubesse qual seria o resultado da sua atitude; talvez tenha ido resgatar Hubert apenas por motivo de generosidade. Não sei; não lhe perguntei sobre isso! O resultado foi feliz... muito mais feliz do que teria sido se ela me tivesse revelado tudo! Hubert é muito homem e não se protegeu atrás da prima; confessou-me tudo!

Ela sorriu.

— Receio que sua parcialidade o torne um pouco cego. Depois de descobrir que a Srta. Stanton-Lacy tinha vendido seus brinços, você dedicou-se a descobrir o resto. Se eu não tivesse estado na posição de informá-lo dessa ocorrência, gostaria de saber se Hubert teria confessado. Teria?

Sério, ele respondeu:

— Tais palavras não lhe fazem honra! Não sei por que você deveria ser tão injusta com Hubert ou por que deveria estar sempre querendo que eu pense mal dele! *Pensei mal* dele e agora sei que eu estava enganado! A culpa foi minha; tratei-o como se ele ainda fosse uma criança e eu seu mentor. Eu deveria ter procedido melhor para levá-lo a aceitar meus conselhos. Nada disso teria acontecido se ele e eu fôssemos mais amigos. Ele me disse: *se tivéssemos um relacionamento melhor. ..!* Você pode avaliar meus sentimentos ao ouvir *isso* do meu irmão! — Soltou uma meia risada. — Demolidor mesmo! O próprio Jackson não me teria derrotado mais completamente.

— Receio que se você pretende — disse a Srta. Wraxton, no seu tom de voz mais suave — usar o jargão do boxe, não poderei jamais esperar entendê-lo, Charles. Talvez sua prima, com seu conhecimento superior, aprecie essa linguagem!

— Não ficaria de modo algum surpreso! — ele retorquiu, irritado. Nem todo o seu comedimento impediu-a de dizer:

— Você parece nutrir uma consideração extraordinária pela Srta. Stanton-Lacy!

— Eu? — exclamou ele, estupefato. — Por Sophy? Santo Deus! Pensei que meus sentimentos para com ela fossem suficientemente conhecidos! Tomara Deus nos livrasse dela, contudo julgo que não preciso ser tão preconceituoso a ponto de não ver suas boas qualidades!

Ela ficou mais calma.

— Não precisa, realmente, e espero que nem eu tampouco! Que pena ela não dar acolhimento à corte de Lord Bromford! Ele é um excelente homem, tem bom discernimento e uma sobriedade de juízo que devem exercer, imagino, um efeito benéfico em qualquer mulher. — Ela viu que ele a olhava com uma expressão muito divertida e acrescentou: — Pensei que estivesse inclinado a encorajar a corte dele, não está?

— Nada tenho a ver com quem Sophy se case! — ele respondeu. — Contudo, ela nunca aceitaria Bromford! Melhor para ele!

— Receio que Lady Bromford tenha a mesma opinião que você — replicou a Srta. Wraxton. — É amiga de mamãe, você sabe, e pude conversar com ela sobre o assunto. Que mulher extraordinária! Esteve me contando sobre a fragilidade da constituição física de Lord Bromford e de quanto se preocupa com isso. Quanta pena me causou! Não se pode deixar de concordar com ela de que sua prima jamais daria uma boa esposa para o filho!

— A pior! — ele respondeu, rindo. — Só Deus sabe por que esse rapaz meteu na cabeça a ideia de se apaixonar por Sophy! Pode imaginar como Cecília e Hubert zombam dela por causa disso! Quanto às histórias que inventam sobre as aventuras dele nas índias Ocidentais, até minha mãe divertiu-se muito com elas! Ele é uma pessoa da mais absurda esquisitice!

— Não posso concordar com você — declarou ela. — E mesmo que concordasse, não poderia ouvir a não ser com tristeza a sensibilidade de um homem ser transformada em motivo de zombaria.

Essa censura teve o efeito de fazer o Sr. Rivenhall lembrar-se de um compromisso na vizinhança que o obrigou a uma partida imediata. Nunca se encontrara antes tão pouco de acordo com a noiva.

Por outro lado, jamais estivera em tal disposição afetiva pela prima, uma situação feliz que durou quase uma semana. O que o inspirou a satisfazer um desejo expresso por ela de ver Kemble representar. Embora não fizesse segredo do fato de achar insuportável o modo afetado do grande artista, e a estranha pronúncia incorreta que destruía seus brilhantíssimos arroubos teatrais, ele comprou um camarote no Covent Garden e acompanhou Sophy, juntamente com Cecília e o Sr. Wychbold. Sophy ficou um pouco desapontada com o ator, sobre o qual ouvira tantos elogios, porém a noite transcorreu muito agradável, terminando no sofisticado hotel de Henrietta Street, conhecido como a Estrela. No hotel, provando ser um excelente anfitrião, o Sr. Rivenhall reservara uma sala de refeições privativa e encomendara um jantar muito elegante. Seu humor estava tão amável, que ele nem mesmo fez uma observação ligeira sobre a atuação de Kemble. O Sr. Wychbold mostrou-se conversador e obsequioso, Cecília exibiu sua maior beleza e Sophy, encantadora, manteve desde o início o fluxo da conversação rolando alegremente. De fato, Cecilia disse, quando mais tarde deu boa-noite ao irmão, que há vários meses não se divertia tanto.

— Nem eu — ele respondeu. — Não posso imaginar por que não saímos juntos com mais frequência, Cilly. Julga que nossa prima gostaria de ver Kean? Acho que ele está se apresentando em uma nova peça, no Lane.

Cecilia não tinha dúvidas a respeito, porém, antes que o Sr. Rivenhall tivesse tempo de pôr em execução um plano que estivera arquitetando, o melhor entendimento iniciado entre ele e Sophy passara a declinar sensivelmente. Obedecendo às ordens de sua instrutora, Lord Charlbury solicitou a Lady Ombersley que o honrasse com sua presença, levando a filha e a sobrinha a uma pequena reunião organizada por ele, para irem ao teatro. O Sr. Rivenhall tolerou muito bem o fato, contudo, quando veio a saber, mais tarde, que o Sr. Fawnhope participara da tal reunião, sua calma sofreu um sério revés. Parecia que nada teria superado os prazeres da noite! Até Lady Ombersley, que ficara decididamente perturbada com a presença inesperada do Sr. Fawnhope, sucumbiu diante das atenções tanto do seu anfitrião como do seu amigo General Rarford, que por certo fora convidado para entretê-la. A peça, *Bertram*, foi considerada muito comovente; quanto à atuação de Kean, não havia elogio capaz de

descrevê-la; e certamente um jantar encantador no Piazza rematara a noite. Grande parte disso o Sr. Rivenhall concluiu pelos relatos da mãe, mas alguma coisa soube por Cecilia, que fazia enorme esforço para contar-lhe quanto se divertira. Ela disse que Sophy estivera animadíssima, mas não mencionou que a disposição de espírito da prima tomara a forma de flerte com seu anfitrião. Naturalmente Cecilia estava satisfeita por saber que seu pretendente rejeitado não acalentava um coração partido e quase igualmente satisfeita por pensar que ela mesma não tinha propensão a uma forma de divertimento que mostrava sua encantadora prima sob um aspecto pouco lisonjeiro. Quanto a Lord Charlbury oferecer-se para mostrar a Sophy como o pai, um lamentável libertino, costumava levar tabefes de mulher, e Sophy, no mesmo instante, estender a mão, isso, pensou Cecilia, ultrapassara os limites! Estava feliz em pensar que Augustus jamais se comportaria de maneira tão audaciosa. Por certo ele não teve ideia de fazer isso naquela noite. A tragédia que presenciara estimulou-o com a ambição de escrever uma ópera, e conquanto fosse impossível criticar suas maneiras como convidado, Cecilia tinha forte suspeita de que seus pensamentos estavam noutro lugar.

Embora essa noite houvesse sido ruim, o pior estava para vir, na opinião do Sr. Rivenhall. Até o reaparecimento de Lord Charlbury, depois da sua enfermidade, o mais assíduo acompanhante de Sophy (ou, como o Sr. Rivenhall preferia cruelmente intitulá-lo, seu chichis-béu) fora Sir Vincent Talgarth. Todavia logo se viu Lord Charlbury superar Sir Vincent. Todas as manhãs, a cavalo, ele a encontrava no parque; à tarde, na hora *do footing*, seria visto sentado em seu faéton; era seu par em duas danças no Almack's; levava-a em seu próprio cabriole para a inspeção militar, e até atuou como sua escolta numa visita que ela fez a Merton. Lord Charlbury não fez segredo do fato de ter gostado sobremaneira da excursão, quando seu senso de humor foi muito instigado pela personalidade rica e langorosa da marquesa. Ele contou a Sophy que teria ficado feliz se permanecesse o dobro do tempo na companhia dela. Declarou que uma mulher que, vencida pelo cansaço de receber visitas matutinas, fechasse os olhos e dormisse sob suas vistas aturdidas, era algo realmente fora do comum e merecia ser cultivado. Ela sorriu e concordou, porém, intimamente, ficou um pouco consternada. Para ela fora um choque encontrar Sir Vincent junto da marquesa.

Sir Vincent não fora seu único visitante; a breve estada da marquesa no Pulteney atraía vários cavalheiros que já haviam usufruído da sua hospitalidade em Madri; mas ele era muito simplesmente seu visitante mais assíduo. O Major Quinton também tinha estado lá, bem como Lord Francis Wolvey e o Sr. Fawnhope. A presença do Sr. Fawnhope era facilmente explicada; sem dúvida ele pensou em escrever uma tragédia sobre Dom João da Áustria, cuja breve porém gloriosa carreira lhe parecia notavelmente adequada para uma ópera. Já havia composto alguns versos comoventes para o seu herói pronunciar em seu febricitante leito de morte, e julgava que era razoável esperar que a marquesa estivesse em condições de lhe contar muitos detalhes da vida e costumes espanhóis que provariam ser inestimáveis para ele ao escrever sua obra-prima. Nesse caso, o conhecimento da marquesa sobre os costumes existentes em seu país no século XVI era muito menor do que o dele, mas ela não era de tirar a coragem de um *rapaz* bonito para visitá-la, assim sorriu-lhe sonolentemente e convidou-o para que voltasse de novo quando ela não tivesse outra companhia para dedicar sua atenção.

Sophy, que jamais relacionara o Sr. Fawnhope com algum atributo másculo, ficou muito surpresa ao descobrir que ele cavalgara para visitar a marquesa numa mula puro-sangue que ela mesma não teria desdenhado possuir. Ele voltou para Londres cavalgando atrás do faéton e Sophy observou que o rapaz conduzia bem a bela e alegre montaria. Sophy segredou a Lord Charlbury que achava que seria

conveniente para ele Cecília não ver seu poeta sobre um cavalo.

Ele suspirou.

— Querida Sophy, não pense que eu não tenho muito prazer em sua companhia, mas para onde tudo isso está me levando? Talvez você saiba, mas eu não!

— Pode estar certo de que o está levando exatamente para onde deseja ir — ela respondeu, séria. — Por favor, confie em mim! De modo algum Cecília gosta de vê-lo servindo-me obsequiosamente, asseguro-lhe!

Cecília não era a única a não obter prazer com esse espetáculo. O Sr. Rivenhall, possivelmente porque ainda alimentava esperanças de um casamento entre Charlbury e sua irmã, olhava tudo isso com o maior desagrado; e Lord Bromford, encontrando-se praticamente eliminado, manifestou contra seu rival tal grau de hostilidade que quase o impossibilitava de fitá-lo com ao menos uma aparência de amabilidade.

— Parece-me uma circunstância muito extraordinária — contou ele ao principal dos seus seguidores — que um homem que fica saracoteando atrás de uma mulher — como dizem —, durante mais semanas do que desejo enumerar, seja volúvel a ponto de transferir suas atenções para outra mulher em tão curto espaço de tempo! Confesso, não compreendo uma conduta dessa natureza. Prezada Srta. Wraxton, não tivesse viajado um pouco, e aprendido alguma coisa sobre a fragilidade humana, eu ficaria totalmente perplexo! Porém não tenho escrúpulos de *lhe* dizer que jamais gostei muito de Charlbury. O procedimento *dele* não me surpreende. Só estou magoado e, posso acrescentar, surpreso, por ver a Srta. Stanton-Lacy tão iludida!

— Sem dúvida — respondeu a Srta. Wraxton suavemente — era de esperar que uma dama acostumada a viver no Continente considerasse essas questões sob um prisma um tanto diverso daquele em que pessoas humildes e caseiras como eu consideram. Creio que o *flerte* é realmente um passatempo entre as senhoras estrangeiras.

— Minha cara senhora — replicou o rapaz —, devo dizer-lhe que, de modo algum, sou defensor da ideia de viagens para as senhoras. Não me parece ser uma coisa necessária à educação do sexo fraco, embora julgue ser indispensável para um homem. Não me causaria espanto saber que Charlbury jamais pôs o pé fora desta ilha, uma particularidade que me faz estranhar mais do que nunca a predileção da Srta. Stanton-Lacy pela companhia dele.

A hostilidade de Lord Bromford era do perfeito conhecimento de seu alvo. Charlbury, conduzindo o cavalo a meio galope ao longo da alameda com Sophy, disse-lhe sem demora:

— Se eu sair desta pantomima com o couro inteiro devo julgar-me um felizardo! Sophy, por acaso está querendo que eu seja assassinado, sua perversa?

Ela riu.

— Bromford?

— Ele ou Charles. Dos dois, espero que seja ele a me desafiar. Ouso afirmar que não consegue atingir um monte de feno a 10 metros de distância, mas Rivenhall sei que é um excelente atirador.

Ela virou a cabeça para olhá-lo.

— Acha mesmo? Charles?

Ele retribuiu o olhar, seus olhos zombando dela.

— Isso mesmo, Madame Inocência! Sem dúvida devido à desfeita à irmã! Diga-me — você é sempre leal —, tem o costume de determinar parceiros para todos, onde quer que vá?

— Não — ela respondeu. — Não, a menos que seja o melhor para eles.

Ele riu e riu, e ainda ria quando se encontraram com o Sr. e a Srta. Rivenhall, cavalgando lado a lado na direção deles.

Sophy cumprimentou a prima com verdadeiro prazer, deixando totalmente de expressar sua surpresa ao ver Cecília entregar-se a uma forma de desempenho ao qual não estava muito habituada. Ela e Charlbury alinharam os cavalos para cavalgarem com os Rivenhalls, e ela não se opôs quando, depois de um pequeno avanço, o Sr. Rivenhall obrigou-a a atrasar-se dos outros dois, e prosseguiu a um passo tranquilo pela alameda abaixo. Ela disse:

— Gosto desse seu baio, Charles.

— Pode gostar dele — respondeu o Sr. Rivenhall de modo desagradável —, mas não irá montá-lo!

Ela lançou-lhe um olhar de esguelha, transbordante de malícia.

— Não, querido Charles?

— Sophy — disse o Sr. Rivenhall, passando do modo autocrático à pura ameaça —, se *ousar* colocar sua sela no meu Thunderer, eu a estrangulo e jogo seu corpo no Serpentine!

Ela emitiu aquela risada em gorgolejo que nunca deixava de provocar o sorriso enviesado de Charles.

— Oh, não, Charles, você faria isso? Bem, não posso culpá-lo! Se algum dia eu o encontrar escarranchado em Salamanca, certamente dou-lhe um tiro — e *eu* posso levar em conta uma arma que dispara um pouco para a esquerda!

— Pode? — replicou o Sr. Rivenhall. — Bem, minha querida prima, quando formos a Ombersley, terei muita satisfação de conferir a sua pontaria certa! Você me mostrará o que consegue fazer com as minhas pistolas de duelo. Elas não disparam para a esquerda nem para a direita. Sou um tanto exigente na escolha das minhas armas!

— Pistolas de duelo! — exclamou Sophy, muito impressionada. — Não o havia julgado capaz disso, Charles! Quantas vezes já ficou *exposto*! Sempre mata seu adversário?

— Raramente! — ele replicou. — É triste, mas o duelo saiu de moda, querida Sophy! Lamento ser obrigado a desapontá-la!

— Desapontar-me, não — disse ela, sacudindo a cabeça. — Eu realmente não contava ouvir que você já havia feito algo tão chocante.

Isso o fez rir. Lançou a mão para o alto, no gesto característico de um espadachim ao reconhecer um golpe certo.

— Muito bem, Sophy! *Touché!*

— Você esgrima?

— Sofrivelmente. Por quê?

— Oh, eis uma coisa que jamais aprendi!

— Santo Deus, como aconteceu isso? Julgara que Sir Horace *devia* ter-lhe ensinado a manejar um

espadim!

— Não — respondeu Sophy, dando aos lábios uma expressão afetada. — E não me ensinou a boxear tampouco, portanto são duas coisas, Charles, que você deve ser capaz de fazer melhor do que eu!

— Na realidade você me deixou para trás — concordou ele suavemente. — Sobre tudo na arte dos jogos amorosos!

No mesmo instante ela o desconcertou ao fazer um ataque direto.

— Jogos amorosos, Charles? Você não está, espero, me acusando de *flertar*, está?

— Então não estou? — perguntou ele, carrancudo. — Esclareça-me, eu lhe peço, a natureza da sua conduta com Charlbury!

Ela exibiu-lhe um rosto inocente.

— Mas, Charles, qual é a razão disto? Sem dúvida eu não poderia estar enganada! Está tudo acabado entre ele e Cecilia! Não é possível que você acredite que eu encorajaria as investidas dele se assim não fosse!

O cavalo baio tentou forçar uma marcha a meio galope e foi detido. Furioso, o Sr. Rivenhall disse:

— Tolice! Não procure me tapear, Sophy! Charlbury e você! Ora, que imbecil deve me julgar!

— Ora, nada disso! — Sophy assegurou-lhe, de modo comovente. — Mas não há nada que eu não fizesse para agradar a Sir Horace, e eu gostaria muito mais de casar com Charlbury do que com Bromford!

— Às vezes me parece — replicou o Sr. Rivenhall — que a *sensibilidade* é uma virtude totalmente desconhecida para você!

— É mesmo, fale-me sobre ela! — disse Sophy, com imensa cordialidade.

Ele não se aproveitou desse convite, porém disse em tom cortante:

— Eu talvez devesse preveni-la de que a perseguição firme de Charlbury está rapidamente fazendo de você o tema de falatório da cidade. Se dá alguma importância a isso não sei, mas desde que minha mãe é responsável por você, devo confessar que lhe ficaria grato se pudesse comportar-se com um pouco mais de discrição!

— Certa vez você me falou sobre algo mais que eu poderia fazer algum dia se desejasse agradar-lhe — comentou Sophy pensativamente. — Confesso, espero que jamais venha a desejar isso, pois, por mais que eu tente, *não consigo* me lembrar do que se tratava!

— Esteve determinada, não esteve, a fazer-me não gostar de você desde o primeiro dia que nos conhecemos? — perguntou ele.

— De modo algum. Não gostou de mim sem o mínimo encorajamento!

Ele cavalgou em silêncio durante alguns instantes, dizendo finalmente com um tom de voz tenso:

— Está enganada. Não desgosto de você. Isto é, houve muitas ocasiões em que gostei muito de você. Nem precisa imaginar que esqueci o quanto lhe devo.

Ela interrompeu-o:

— Não me deve nada! Poupe-me de continuar ouvindo a respeito, por favor! Fale-me sobre Hubert! Ouvi você contar à minha tia que recebeu uma carta dele. Ele está bem?

— Perfeitamente, imagino. Apenas escreveu para pedir-me que lhe mande um livro que ele esqueceu. — Esboçou um sorriso largo de repente. — E para informar-me sobre sua determinação de comparecer a todas as aulas! Se eu não julgasse que *essa* revolução deve falhar, eu iria a Oxford imediatamente! Tal virtude só poderia levá-lo buscar alívio no mais chocante dos excessos. Deixe-me dizer-lhe uma coisa, Sophy! Que eu nunca disse. Fomos interrompidos antes que eu pudesse fazê-lo, e nunca encontrei uma oportunidade desde então! Serei sempre grato a você por mostrar-me, conforme o fez, quanto estava errado no meu modo de lidar com Hubert.

— Isso é tolice, mas eu poderia mostrar-lhe, se me permitisse, quanto está errado no modo como trata Cecília! — disse ela.

A expressão do rosto dele enrijeceu.

— Obrigado! Sobre esse assunto é provável que não concordemos!

Ela não disse mais nada, e permitiu que Salamanca desenvolvesse uma marcha a meio galope e alcançasse Lord Charlbury e Cecília.

Encontrou-os conversando à vontade, depois que o constrangimento que Cecília sentira ao ver-se obrigada a cavalgar só com ele foi rapidamente banido pela cordial naturalidade das suas maneiras. Nem por uma palavra ou por um olhar ele a fez lembrar-se do que houvera entre eles; ao contrário, começou logo a falar sobre um assunto genérico que ele sabia iria interessá-la. Isso proporcionou a ela uma mudança agradável, pois a conversa do Sr. Fawnhope, no momento, se limitava quase inteiramente ao objetivo e à estrutura da sua grande tragédia. Ouvir um poeta discutir com ele mesmo — pois dificilmente teriam dito que ela participara da discussão — sobre os méritos dos versos brancos como um meio-termo dramático era naturalmente um privilégio do qual qualquer senhorita deveria orgulhar-se, contudo não se poderia negar que conversar durante meia hora com um homem que ouvia com interesse qualquer coisa dita por ela, era, se não exatamente um alívio, pelo menos uma variação recebida com prazer. Não era à toa que Lord Charlbury já vivera 10 anos mais que seu jovem rival. O rosto bonito e o sorriso cativante do Sr. Fawnhope poderiam deslumbrar os olhos femininos, porém o Sr. Fawnhope ainda não aprendera a arte de transmitir a uma dama a impressão agradável de que ele a via como uma criatura frágil, a ser tratada com carinho e considerada sob todos os aspectos. Talvez por temperamento Lord Charlbury fosse incapaz de consagrá-la como ninfa ou de comparar de modo desfavorável as campainhas com os olhos dela, porém Lord Charlbury infalivelmente providenciaria uma capa para se o tempo estivesse inclemente, a suspenderia diante de um obstáculo que ela não pudesse superar sozinha, e a convenceria de todas as maneiras que, aos olhos dele, ela era um ser precioso a proteger com todo o cuidado.

Seria exagero dizer que Cecília estava lamentando sua rejeição à corte de Lord Charlbury, mas quando Sophy e Charles se juntaram ao casal, a moça sem dúvida sentiu uma vaga sensação de descontentamento depois que seu *tête-à-tête* foi interrompido.

Mais tarde, como que desinteressada, ela tentou discutir o assunto com Sophy, porém achou curiosamente difícil expressar qualquer um dos sentimentos que a envolviam. Por fim, inclinou a cabeça para o bordado que fazia e perguntou à prima se Lord Charlbury já pedira para lhe fazer a corte.

Sophy riu.

— Santo Deus, não, sua tonta! Charlbury não tem intenções sérias a meu respeito.

Cecília continuou de olhos baixos.

— Deveras? Eu diria que ele mostrava o mais decidido interesse por você.

— Minha querida Cecy, não vou provocá-la, referindo-me a esse assunto, mas estou convencida de que Charlbury oculta o que sente. Não me admiraria se ele acabasse seus dias como solteirão.

— Não creio — respondeu Cecília, cortando com a tesoura o fio de seda. — E calculo que nem você, Sophy. Ele a pedirá, e... e espero que o aceite, porque se um não estivesse apaixonado pelo outro, não posso imaginar que outro cavalheiro se poderia preferir a ele.

— Bem, veremos! — foi só o que Sophy disse.

XIV

DEPOIS QUE a ideia de escrever uma tragédia apoderou-se com todo o vigor de sua mente, o Sr. Fawnhope pareceu banir qualquer plano imediato de procurar um emprego remunerado. Em várias ocasiões ele chegou a Berkeley Square, totalmente impermeável às rudes afrontas do Sr. Rivenhall, levando no bolso o mais recente fascículo da sua peça, que lia para Cecília e Sophy, e uma vez até para Lady Ombersley que, depois, queixou-se de não ter entendido uma palavra. Ele parecia também passar muitas tardes em Merton, mas quando Sophy lhe perguntava sobre os outros convidados de Sancia, ele jamais conseguia lembrar com muita clareza quem estivera presente. Todavia, quando Sir Vincent veio fazer uma visita em Berkeley Square, não fez segredo do fato de que ele ia a Merton com muita frequência. Sophy, uma criatura sem cerimónia, disse-lhe francamente que não confiava nele e agradecería se ele se lembrasse de que Sancia era noiva de Sir Horace.

Sir Vincent riu gentilmente e pegou em seu queixo com força, segurando-o por um instante longo demais e elevando o rosto dela.

— Agradeceria, Sophy? — perguntou ele, zombando. — Mas quando lhe propus casamento você não quis nada comigo! Seja razoável, Juno! Se você me rejeita, não pode esperar que eu reaja docilmente à sua vontade de controlar meus movimentos.

Ela ergueu a mão para agarrar o pulso dele.

— Sir Vincent, o senhor *não* vai cometer uma falsidade contra Sir Horace! — disse ela.

— Por que não? — ele perguntou friamente. — Pensa que ele não faria o mesmo comigo? Você é uma ingênua esplêndida, adorável Juno!

Visto que o Sr. Rivenhall escolheu esse momento mais inauspicioso para entrar na sala de estar, Sophy não pôde dizer mais nada. Sem constrangimento, Sir Vincent soltou-a e encaminhou-se na direção do seu anfitrião para cumprimentá-lo. A recepção do outro, porém, foi gélida; não o encorajou a prolongar sua visita; e nem bem ele se despedira, partindo, o Sr. Rivenhall deu à prima, sem reserva, o benefício da sua opinião sobre o seu comportamento ao encorajar um notório libertino a usar de familiaridades com ela. Sophy ouviu-o com ar de grande interesse, mas, se ele esperara desconcertá-la, ficou desapontado, pois tudo que ela disse em resposta foi:

— Considero suas repreensões de primeira ordem, Charles, pois jamais tem dificuldade de escolher uma palavra! Mas você me chamaria de namoradeira *incorrigível*!

— Sim, chamaria! Você encoraja todo casaco vermelho que um dia conheceu a frequentar esta casa! Provoca comentários na cidade com sua conduta escandalosa ao conservar Charlbury saracoteando atrás, e não contente com isso, permite que um tipo como Talgarth se comporte como se você tivesse sido criada de uma estalagem.

Ela arregalou os olhos.

— *Charles!* É isso que vocês fazem? Apertam os queixos das moças? Ora, nunca fiquei mais assombrada! Não pensei que o fizessem!

— Não ponha minha calma à prova durante um tempo longo demais, Sophy! — disse ele, em tom de

ameaça. — Se soubesse a comichão que minhas mãos sentem de lhe dar um tabefe, tomaria cuidado!

— Oh, estou certa de que jamais dariam! — disse ela, sorrindo. — Sabe que Sir Horace não me ensinou a boxear, e como seria injusto, então! Além disso, por que você haveria de dar alguma importância ao que faço? Não sou uma de suas irmãs!

— Graças a Deus!

— Graças a Deus mesmo, pois você é o mais horrível dos irmãos, saiba disso! Pare de fazer papel de bobo! Sir Vincent é um caso lamentável, mas jamais me faria qualquer mal, eu lhe asseguro. *Isso* estaria totalmente contra seu código de honra, pois me conheceu quando eu era menina e é amigo de Sir Horace. Devo dizer que ele é uma criatura muito estranha. Quanto à Sancia, está perfeitamente claro que ele não a considera nem um pouco sagrada. — Ela franziu a testa. — Estou muito mais receosa sobre o que ele pode fazer *nessa* direção. Eu gostaria de saber se devo dizer que me casarei com ele, afinal!

— O quê? — exclamou o Sr. Rivenhall. — Casar-se com aquele tipo? Não, enquanto estiver sob este teto!

— Certo, mas não posso deixar de pensar que talvez deva isso a Sir Horace — explicou. — Admito, seria um sacrifício, mas estou certa de que ele confia em que tomo conta de Sancia enquanto ele está ausente, e não sei realmente como posso impedir que Sir Vincent roube o afeto de Sancia, a menos que eu me case com ele. Sir Vincent é um galanteador consumado, você sabe!

— Você me parece — disse o Sr. Rivenhall severamente — ter perdido o juízo. Difícil esperar que eu acredite que você alimenta a ideia de se casar com aquele homem!

— Mas, Charles, acho você muito desarrazoado! — ela salientou. — Nem bem há uma semana, você afirmou que quanto mais cedo me casasse e saísse desta casa, mais satisfeito você ficaria, mas quando eu disse que talvez me casasse com Charlbury, você se enfureceu, e agora também não quer nem ouvir falar no pobre Sir Vincent!

O Sr. Rivenhall não tentou dar uma resposta. Apenas lançou um olhar sombrio para a prima e disse:

— Só uma coisa poderia me surpreender, e seria saber que Talgarth lhe propôs casamento!

— Bem, então pode surpreender-se — respondeu Sophy placidamente —, porque ele já o fez dezenas de vezes. Já se tornou um hábito dele, creio. Mas sei o que quer dizer, e tem razão; ele ficaria muito desconcertado se eu o levasse a sério. Eu poderia, é claro, ficar comprometida com ele, e desistir quando Sir Horace regressasse, mas parece uma coisa meio indigna, não parece?

— Extremamente indigna!

Ela suspirou.

— Isso mesmo, e ele é tão inteligente que ousa afirmar que adivinharia o que eu estava tramando. Creio que poderia retirar-me para Merton, e isso, sem dúvida, ficaria constrangedor para Sir Vincent. Mas receio que Sancia não ia gostar nem um pouco.

— Sou solidário com ela!

Sophy fitou-o. Sob o olhar aturdido e estarrecido do rapaz, grandes lágrimas iam se empoçando lentamente em suas pálpebras e rolavam faces abaixo. Ela não fungou nem engoliu as lágrimas, nem mesmo soluçou; apenas deixou que se acumulassem e caíssem

— *Sophyl* — exclamou o Sr. Rivenhall, visivelmente abalado. Involuntariamente, deu um passo para a frente, controlou-se e disse um tanto trémulo: — Por favor, não faça isso! Não pretendia... Não tinha a intenção... Sabe o que se passa comigo? Digo mais do que pretendo e... Sophy, pelo amor de Deus, não chore!

— Oh, não me impeça! — pediu Sophy. — Sir Horace diz que é meu *único* dom!

O Sr. Rivenhall olhou-a, espantado.

— *O quê?*

— Pouquíssimas pessoas são capazes de fazê-lo — Sophy garantiu. — Descobri por puro acidente quando eu tinha apenas sete anos. Sir Horace disse que eu devia cultivá-lo, pois viria a achar esse dom muito útil.

— Sua, sua... — O Sr. Rivenhall não encontrava as palavras. — Pare imediatamente com isso!

— Oh, já parei! — disse Sophy, enxugando as lágrimas cuidadosamente. — Não consigo continuar se não mantenho pensamentos tristes na minha cabeça, como, por exemplo, você dizendo coisas desagradáveis para mim ou...

— Não acredito que sinta a mínima vontade de chorar! — declarou o Sr. Rivenhall, sem rodeios. — Você só fez isso para me colocar em desvantagem! Você é, sem exceção, a criatura mais abominável, desavergonhada... Não comece outra vez!

Ela riu.

— Muito bem, mas se sou tão horrível, talvez fosse melhor ficar com Sancia.

— Compreenda uma coisa! — disse o Sr. Rivenhall. — Meu tio deixou-a expressamente aos cuidados de minha mãe, e nesta casa permanecerá até o dia em que ele retornar à Inglaterra! Quanto a essas ideias ridículas sobre a marquesa, *você* não é responsável por qualquer coisa que ela decida fazer!

— Onde entra o bem-estar das pessoas às quais se está ligado, é impossível dizer que não se é responsável — Sophy respondeu simples mente. — Deve-se fazer um esforço para ser útil. Embora não perceba o que poderia fazer nesse caso. Gostaria que Sancia pudesse ficar na própria casa de Sir Horace!

— Em Ashtead? De que modo adiantaria?

— Não fica tão próximo da capital — ela considerou.

— Uns 26 ou 27 quilômetros apenas, creio!

— Contudo, duas vezes mais distante que Merton. Porém é inútil ficar falando a respeito. Sir Horace disse que o lugar está em mau estado, praticamente impróprio para morar. Ele pretende colocá-lo em ordem quando voltar para a Inglaterra. Só desejo que não seja tarde demais!

— Por que seria tarde demais? — perguntou o Sr. Rivenhall, interpretando-a mal de propósito. — Presumo que a Mansão Lacy não fica inteiramente vazia! Meu tio não deixa alguns criados para tomar conta?

— Apenas os Claverings e um empregado, creio, para cuidar dos jardins e da fazenda. Mas você sabe muito bem que não foi isso o que eu quis dizer!

— Se quer um conselho — sentenciou o Sr. Rivenhall —, não se meta nos assuntos da marquesa! — Depois acrescentou sarcasticamente: — Ou nos de qualquer outra pessoa! E poupe-se o trabalho de me dizer que não pretende aceitar meu conselho, pois isso já sei!

Sophy cruzou as mãos no colo e começou a girar os polegares (na falta do que fazer), tendo uma expressão tão absurda de docilidade no semblante que ele foi obrigado a sorrir.

No entanto, à medida que a temporada prosseguia, ele passou a sorrir cada vez com menos frequência. Uma vez que ainda não fora apresentada à Corte, Sophy não recebeu convite para a grandiosa festa do Regente em Carlton House; contudo, dificilmente havia outro acontecimento social que não abrilhantasse. Moralmente obrigado, o Sr. Rivenhall acompanhava a mãe e as duas pessoas sob os seus cuidados a muitas dessas funções, porém, como era forçado a passar boa parte do seu tempo observando a irmã a dançar com o Sr. Fawnhope e a prima a flertar de maneira ultrajante com Charlbury, quase não foi surpresa o fato de ele se sentir instigado a dizer que ficaria grato quando o verão encontrasse a família Ombersley alojada a salvo na Mansão Ombersley. Ele expressou também o desejo de que Sophy fizesse sua escolha entre os vários pretendentes, de modo que ele pudesse um dia regressar a uma casa vazia de visitas. A Srta. Wraxton disse que era de esperar que Sir Horace talvez não ficasse muito mais tempo ausente da Inglaterra; mas como a única missiva até agora recebida desse cavalheiro errante não mencionara uma perspectiva de breve regresso do Brasil, não se podia levar o retorno em grande consideração.

— Se — disse a Srta. Wraxton, baixando os olhos, em sinal de bastante acanhamento — ela ainda estiver com a querida Lady Ombersley em setembro, Charles, acho que devo pedir-lhe para que seja uma das minhas damas. Seria apenas por educação!

Ele concordou, mas só depois de um instante de pausa.

— A essa altura espero que meu tio já tenha regressado. Só Deus sabe que dano ela irá descobrir para me atormentar... nos atormentar... em Ombersley — mas sem dúvida descobrirá algo!

Quando julho chegou, não houve novas conversas sobre Ombersley. O Sr. Rivenhall, cumprindo uma velha promessa, levou as três irmãs mais jovens ao Anfiteatro Astley, para comemorar o aniversário de Gertrude e, uma semana depois dessa dissipação, o Dr. Baillie foi chamado para atender Amabel.

Ela começara a mostrar sinais de enfermidade quase imediatamente, e embora o médico mais tarde garantisse reiteradas vezes ao Sr. Rivenhall que não havia como dizer onde ela teria contraído aquela febre, ele continuou obstinadamente culpando a si mesmo. Era evidente que a menina estava muito mal, a cabeça doendo sem parar, a febre aumentando de maneira alarmante à noite. O assustador espectro do tifo atingiu seu ponto culminante, e nem todas as garantias do Dr. Baillie — de que as lamúrias de Amabel externavam a forma mais branda da moléstia manifestar-se, nem tão infecciosa nem tão perigosa — conseguiram apaziguar os temores de Lady Ombersley. A Srta. Adderbury, com Selina e Gertrude, foram enviadas imediatamente para Ombersley; Hubert, passando as primeiras semanas das férias grandes com parentes em Yorkshire, recebera aviso expresso para não se aproximar de Berkeley Square até passar todo o perigo. Lady Ombersley teria afastado também Cecília e Sophy se pudesse persuadi-las a atenderem às suas súplicas, porém ambas permaneceram irredutíveis. Sophy disse que tinha tido muita experiência com febres bem mais severas do que a de Amabel e que ainda não apanhara nenhuma infecção pior do que o sarampo; e Cecília, agarrando-se afetuosamente à mãe, disse-lhe que nada teria forças para arrancá-la do seu lado. A pobre Lady Ombersley só pôde abraçar-se à filha e chorar. Sua constituição física não era forte o bastante para permitir-lhe suportar com coragem as doenças dos filhos. A despeito de todo o desejo do mundo para cuidar de Amabel com suas próprias mãos, não aguentou ver o mal-estar da filha. Sua sensibilidade foi mais forte que sua determinação; a mera visão do rubor febril nas faces de Amabel provocou um dos seus piores espasmos nervosos, de modo que Cecília

teve de tirá-la do quarto da doente, levá-la para o seu próprio leito, e mandar sua criada pedir ao Dr. Baillie que lhe fizesse uma visita antes de deixar a casa. Lady Ombersley não podia esquecer a morte trágica, em circunstâncias semelhantes, da filhinha que nascera depois de Maria, e, desde o início da doença de Amabel, perdeu a esperança de que ela se recuperasse.

Era realmente lamentável que o Sr. Rivenhall também tivesse ido passar uns tempos com a tia, em Yorkshire, pois sua presença sempre exercera um efeito calmante em sua mãe nas ocasiões de grande tensão; e Amabel, quando a febre aumentava, chamava com frequência por Charles. Confiava-se que uma voz masculina pudesse acalmá-la, assim o pai foi introduzido no quarto, e tentou, desajeitadamente, com agrados e lisonjas, fazê-la recuperar o raciocínio. Ele não tinha medo do contágio depois que o médico lhe dissera que era raro uma pessoa adulta contrair a doença, porém, embora ficasse muito contrafeito ao ver o estado de Amabel, nunca dera muita atenção aos filhos e agora não conseguia acalmá-la. Na verdade, suas lágrimas corriam tão abundantemente que ele foi obrigado a sair do quarto.

Ao lançar à velha babá um olhar duvidoso, o Dr. Baillie sacudiu a cabeça e mandou que a Sra. Pebworth viesse a Berkeley Square. A Sra. Pebworth, uma mulher volumosa, de olhos lacrimosos e um chapéu enorme, sorriu ternamente para as duas senhoritas que a receberam e, numa voz rouca, garantiu-lhes que nada receassem, visto que a queridinha estaria segura sob os seus cuidados. Contudo, 12 horas depois ela dirigia observações vituperiosas à porta fechada da mansão, depois de ter sido, por ordem da Srta. Stanton-Lacy, conduzida ao lado de fora da casa pela temível Jane Storrige. Uma enfermeira, Sophy informou claramente ao Dr. Baillie, que se revigorava continuamente com o conteúdo de uma *garrafa* sempre cheia e que dormia a noite inteira numa poltrona ao lado do fogo, enquanto sua paciente se agitava e gemia, elas bem que poderiam dispensar. Assim, quando o Sr. Rivenhall, depois de viajar apressadamente para o sul logo que recebeu as notícias de Londres, chegou em Berkeley Square, encontrou a mãe sofrendo de palpitações nervosas, o pai procurando alívio no White's ou no Wattier's, a irmã roubando uma hora de sono em sua cama e a prima no comando do quarto da doente.

Quando as dificuldades se abatiam sobre seu lar, Lady Ombersley esquecia todas as maneiras desagradáveis de Charles e ficava muito inclinada a considerá-lo seu único apoio. Sua alegria ao vê-lo entrar em seu quarto de vestir só não foi total devido ao medo de que ele pudesse apanhar o tifo. Ela se achava reclinada no sofá, porém ergueu-se para passar os braços em torno do pescoço do filho, exclamando:

— Charles! Oh, meu querido filho, graças a Deus que veio! *É tão* terrível, e sei que ela me será tomada como aconteceu com a minha pobre Clara!

Quando terminou de falar, rompeu em prantos, e durante alguns minutos ele se ocupou totalmente em acalmar sua *agitada* disposição de espírito. Logo que a mãe ficou mais calma, ele arriscou-se a perguntar-lhe sobre a natureza da doença de Amabel. As respostas da mãe eram desconexas, mas ela disse o suficiente para convencê-lo de que o caso era desesperador, e que a enfermidade fora contraída no Anfiteatro de Astley. O rapaz ficou tão consternado que não pôde falar por alguns momentos, porém levantou-se abruptamente da cadeira ao lado do sofá, caminhou em largas passadas até a janela e ficou olhando para fora. Enxugando os olhos, a mãe disse:

— Se ao menos eu não fosse tão deploravelmente fraca! Você sabe, Charles, quanto anseio ficar à cabeceira de minha filha! Contudo, vê-la tão esgotada, tão corada pela febre, provoca as minhas piores palpitações, e se ela me reconhece, logo se põe mais aflita! Quase não me permitem entrar no quarto!

— Não convém mesmo — respondeu ele, como um autômato. — Quem cuida dela? Addy está aqui?

— Não, não, o Dr. Baillie achou mais prudente mandar as outras crianças para Ombersley! Ele nos trouxe uma criatura pavorosa... Nunca vi a mulher, mas Cecilia disse que era uma bêbada miserável... e Sophy despediu-a. A velha babá está encarregada de tudo, e você sabe como ela é de confiança! E as meninas a ajudam, de modo que o Dr. Baillie me garantiu que não preciso ficar inquieta. Disse que a querida Sophy é uma excelente enfermeira, e que a doença está seguindo seu curso normal, mas oh, Charles, não consigo convencer-me de que ela me será poupada!

Imediatamente o filho voltou para o lado dela e devotou-se à tarefa de confortar seus receios com mais paciência do que seria de esperar de alguém com um temperamento tão impaciente. Quando pôde escapar, ele foi para o andar de cima à procura da irmã. Ela acabara de levantar da cama e estava saindo do quarto quando Charles chegou ao patamar. O aspecto dela era de palidez e cansaço, contudo seu rosto iluminou-se ao vê-lo, e ela exclamou num tom de voz confidencial:

— Charles! Sabia que poderíamos contar com você! Já estive com mamãe? Ela sentiu tanto a sua falta!

— Saí neste instante do quarto dela. Cilly, Cilly, ela me disse que Amabel adoeceu poucos dias depois daquela amaldiçoada noite em Åstley!

— Psssiu! Venha ao meu quarto! Amabel está no quarto de hóspedes azul, e você não deve falar tão alto aqui! *Nós* também julgávamos que fosse isso, mas o Dr. Baillie duvida. Lembre-se de que as outras duas estão bem! Ainda ontem recebemos notícias de Addy. — Ela fechou com cuidado a porta do quarto. — Não devo ficar além de um minuto. Mamãe poderá precisar de mim.

— Minha pobre menina, parece morta de cansaço!

— Não, não, não estou! Ora, não há quase nada para eu fazer, às vezes fico terrivelmente irritada quando vejo Sophy, e aquela boa e gentil empregada que tem, carregando todos os fardos em seus ombros! Pois a babá está ficando muito velha para poder cuidar de tudo, você sabe, e além disso ela se põe muito triste por ver a coitadinha da Amabel na quele estado. Mas se uma de nós não fica o tempo todo com mamãe, ela chega a ter um dos seus espasmos de tanta agitação... você já conhece o temperamento dela! Mas agora que está aqui, poderá aliviar um pouco minhas obrigações! — Sorriu e apertou-lhe a mão. — Nunca pensei ficar tão contente em ver alguém! E Amabel ficará também! Chama por você o tempo todo, e quer saber onde anda! Se não soubesse que viria, eu teria mandado chamá-lo! Não receia contrair a infecção? — Ele fez um gesto de impaciência. — Não, eu estava certa de que você não pensa rir nisso. Sophy saiu para dar uma volta. O Dr. Baillie nos fez recomendações quanto à necessidade de exercícios ao ar livre e somos muito obedientes, asseguro-lhe! À tarde, a babá fica com Amabel.

— Posso vê-la? Não ficará agitada?

— Não mesmo! Creio que deve até acalmá-la. Se ela estiver acordada e... e consciente. Quer vir até o quarto dela agora? Você vai encontrá-la lamentavelmente mudada, coitadinha!

Ela o levou até o quarto da doente e entraram de mansinho. Amabel estava inquieta e muito quente, rejeitando, irritada, qualquer su gestão para o seu bem-estar; porém quando viu o irmão favorito, seus olhos apáticos animaram-se visivelmente e um débil sorriso dominou lhe o rosto afogueado. Estendeu a mão, que o irmão pegou, e ele falou gentil e alegremente com ela, de um modo que pareceu fazer-lhe bem. Ela não queria deixá-lo ir embora, mas diante de um sinal de Cecilia ele soltou a mão febril que

agarrava a sua, prometendo voltar logo se Amabel fosse uma boa menina e bebesse o remédio que a babá lhe preparara.

Charles ficou muito chocado com a aparência da menina e achou difícil acreditar na previsão de Cecília, de que quando a febre passasse a paciente recobriria logo o peso perdido. Ele também achava que a babá não era apta para ter o comando do quarto da doente. Cecília concordou, mas confortou-o ao dizer que quem estava no comando era Sophy.

— O Dr. Baillie diz que ninguém dirigiria melhor, e na verdade. Charles, você não duvidaria se pudesse ver como Amabel fica bem com ela! Sophy tem tal determinação, tal firmeza! A pobre babá não gosta de forçar a menina a fazer o que ela não quer, e além disso tem noções antiquadas que não combinam com o Dr. Baillie. Mas em nossa prima ele diz que tem confiança, que ela obedece às suas orientações implicitamente. Oh, você não consegue afastá-la de Amabel! Seria fatal, pois ela fica agitada se Sophy se ausenta muito tempo do quarto.

— Somos muito gratos a Sophy — disse ele. — Mas não é justo que ela fique fazendo esse trabalho! Sem falar no risco de contaminação, ela não veio à nossa casa para servir de enfermeira.

— Certo — concordou Cecília. — Ela não veio para isso, é claro, mas... mas... não sei qual a razão, mas Sophy parece ser tanto parte da nossa família que não se pode considerar as coisas desse modo!

Ele ficou calado, e ela o deixou, dizendo que precisava ver a mãe. Mais tarde, quando ele viu Sophy e tentou se impor a ela, a moça o interrompeu bruscamente.

— Estou encantada por ter voltado, meu querido Charles, pois nada seria melhor para Amabel. Também sua pobre mãe precisa do apoio da sua presença. Mas se pretende me falar dessa maneira tola, logo estarei desejando você a centenas de quilômetros daqui!

— Você tem seus próprios compromissos — ele insistiu. — Acho que devo ter visto uma dúzia de convites sobre o consolo da lareira do Salão Amarelo! Não acho certo você renunciar a todos os seus divertimentos por causa da minha irmãzinha!

Os olhos de Sophy riram para ele.

— Não, realmente! Que coisa chocante o fato de eu ser obrigada a renunciar a alguns bailes! Como sobreviverei, gostaria de saber. Que encantador da minha parte ficar exigindo que minha tia me acompanhe às festas com a casa sofrendo tal perturbação! Ora, por favor, não me faça ouvir mais nada, e em vez de se aborrecer com essas tolices, veja o que pode fazer para distrair o espírito de minha tia! Você conhece o seu temperamento nervoso e como a menor coisa abala sua constituição física! A incumbência de mantê-la animada e calma recai inteiramente sobre a pobre Cecy, pois seu pai, se não ficar ofendido por eu dizer, não é da menor utilidade nesta crise!

— Eu sei — ele respondeu. — Farei o que puder. Posso bem imaginar que tarefa árdua Cecília deve enfrentar. Na verdade, fiquei chocado ao vê-la tão esgotada! — Ele hesitou e disse, um pouco rígido: — A Srta. Wraxton talvez pudesse ser útil neste caso. Eu não sugeriria que entrasse no quarto de Amabel, mas estou certo de que se ela ficasse com minha mãe de vez em quando, seria benéfico! Possui tal sensibilidade de espírito que... — Ele parou, percebendo uma mudança na expressão da prima, e disse, um tanto áspero: — Sei que não gosta da Srta. Wraxton, mas até você admitirá que seu tranquilo bom senso deve ser de valor nesta situação difícil!

— Meu querido Charles, não me reprove! Não tenho dúvidas de que é exatamente como diz! —

Sophy respondeu. — Experimente ver se ela poderá vir a esta casa!

Ela não diria mais nada, contudo não demorou muito para o Sr. Rivenhall descobrir que sua noiva, embora sinceramente solidária com a família dele nessa aflição, não queria expor-se aos perigos de uma contaminação. Ela disse, apertando-lhe a mão afetuosamente, que a mãe a proibira expressamente de entrar na casa até que todo o perigo passasse. Era verdade. A própria Lady Brinklow disse isso ao Sr. Rivenhall. Ao saber que ele cometera a imprudência de visitar Amabel, ela alarmou-se visivelmente e pediu-lhe que não repetisse a visita. A Srta. Wraxton acrescentou a importância do seu próprio conselho:

— Na verdade, Charles, não é sensato. Além do mais, não há necessidade de você correr tal risco. Os cavalheiros ficam totalmente deslocados em quartos de doentes!

— Está com medo de que eu possa apanhar a doença e transmitila a você? — ele perguntou, de modo indelicado. — Queira me perdoar! Eu não deveria ter vindo visitá-la! Não o farei de novo enquanto Amabel não estiver bem.

Lady Brinklow saudou sua decisão com evidente alívio, mas essa era uma medida extrema para a filha que, no mesmo instante, garantiu ao Sr. Rivenhall que ele dizia tolices e que sempre seria um visitante bem-vindo em Brook Street. Charles agradeceu, mas despediu-se dela quase imediatamente.

Sua opinião sobre a noiva não melhorou ao descobrir, no seu regresso a Berkeley Square, que Lord Charlbury estava sentado ao lado da mãe dele. Logo se constatou que era um visitante regular da casa, e, quaisquer que pudessem ser os seus motivos, o Sr. Rivenhall só podia fazer-lhe honra por sua indiferença ao perigo da contaminação.

Outro visitante regular era o Sr. Fawnhope, mas como seu único objetivo era ver Cecília, o Sr. Rivenhall pôde facilmente abster-se de sucumbir a qualquer sentimento de gratidão por suas intrépidas visitas. Cecília, porém, parecia tão cansada e ansiosa que, com rara moderação, ele reprimia a língua amarga e não fazia nenhuma referência à presença frequente do seu amado na casa.

Mas Charles não sabia que as visitas do Sr. Fawnhope proporcionavam a Cecília exatamente tão pouco prazer como ele teria desejado. Estavam a meio caminho da segunda semana da doença de Amabel, e que ela estava seriamente enferma o Dr. Baillie não negava às suas enfermeiras. Cecília não se sentia propensa a qualquer forma de frivolidade, nem tinha interesse em criar um drama poético. Ela levou para o quarto da doente um cacho de uvas de excelente qualidade, dizendo em voz baixa a Sophy que Lord Charlbury o oferecia a Amabel, depois de enviar um mensageiro até sua mansão rural para trazê-lo. Diziam que ele possuía algumas das mais belas casas do país, herança de família, além de um pinheiral do qual, ele prometeu, daria os melhores frutos a Amabel logo que ficassem maduros o suficiente para serem deglutidos.

— Quanta gentileza! — exclamou Sophy, colocando o prato na mesa. — Eu não sabia que Charlbury tinha vindo. Pensei que fosse Augustus.

— Os dois estiveram aqui — respondeu Cecília. — Augustus quis me dar um poema... sobre uma criança doente.

Seu tom de voz era neutro. Sophy disse:

— Cruzes! Quero dizer, que encantador! Era bonito?

— Não nego que pudesse ser. Acho que não gosto de poemas sobre esse assunto — Cecília

respondeu em voz baixa.

Sophy permaneceu calada. Depois de um instante, Cecilia acrescentou:

— Embora me seja impossível retribuir a consideração de Lord Charlbury, hei de ter sempre consciência da delicadeza do seu comportamento e a extrema gentileza que nos tem demonstrado em nossa aflição. Eu... eu desejo que você possa ser encarregada de recompensá-lo, Sophy! De um modo geral, você está aqui em cima, e assim não pode saber as horas incontáveis que ele tem passado com minha mãe, conversando, jogando gamão, só, acredito, para nos aliviar um pouco dessa obrigação.

Sophy não pôde deixar de sorrir.

— Não para aliviar-me, Cecy, pois ele deve saber que a tarefa de cuidar da minha tia não recaiu sobre mim! Se a cortesia for intencional, certamente deve entender que é para você mesma.

— Não, não, é apenas bondade! Que ele tenha um motivo oculto, não acredito. — Sorriu e acrescentou, zombeteira: — Gostaria que seu *outro* namorado fizesse pelo menos a metade!

— Bromford? Não me diga que ele tomou coragem de se aproximar com passos da casa. Certamente não vou acreditar em você!

— Não mesmo! E soube pelo Charles que Bromford o evita como se ele também estivesse contagiado. Charles faz troça disso, mas a conduta da Eugenia ele nem menciona.

— Seria esperar demasiado dele.

Um movimento produzido na cama pôs um fim na conversa, e as primas não voltaram a abordar o assunto. Ao atingir seu clímax, a doença de Amabel afastou todos os outros pensamentos de suas mentes. Durante vários dias, os mais graves temores dominaram a mente dos que continuamente viam a enferma; e a velha babá, obstinada, ao recusar-se a acreditar em doenças modernas, acarretou um dos piores ataques de espasmos nervosos a Lady Ombersley, quando confiou-lhe que, desde o início, ela reconheceria a doença como sendo tifo. Foram precisos os esforços conjugados do filho e da filha de Lady Ombersley e do médico para tirar de sua mente o engano dessa convicção odiosa; enquanto Lord Ombersley, para quem ela fizera a comunicação, buscou alívio do único modo que lhe parecia possível, e, em consequência, não só teve de ser levado do clube para casa, como também sofreu um recrudescimento tão sério da sua gota que, depois, não pôde deixar o quarto por vários dias.

Todavia Amabel superou a crise. A febre começou a ceder; e embora seus danos a tivessem deixado apática e emaciada, o Dr. Baillie sentia-se capaz de assegurar à mãe que, contanto que não houvesse recaída, ele agora alimentava razoáveis esperanças de sua recuperação completa. Generoso, reconheceu muito o mérito de Sophy para a melhora no estado da menina; e Lady Ombersley, vertendo lágrimas, disse que estremecia ao pensar onde estariam, qualquer um deles, sem a sua querida sobrinha.

— Ora, ora, ela é uma senhorita muito competente, bem como a Srta. Rivenhall — declarou o médico. — Enquanto *elas* estiverem com a Srta. Amabel, pode ficar tranquila, senhora!

Cinco minutos depois, o Sr. Fawnhope, ao ser introduzido no quarto, foi o primeiro a receber as notícias alvissareiras, e no mesmo instante escreveu às pressas uns versinhos líricos em comemoração à saída de Amabel do perigo. Lady Ombersley achou-o particularmente comovido e pediu que lhe desse uma cópia; contudo, uma vez que o poeta tratava mais do belo quadro de Cecília curvada sobre o leito da doente do que dos sofrimentos de Amabel, a obra literária não agradou nem um pouco à pessoa para quem foi dedicada. Com muito mais gratidão, Cecília recebeu um belo buque de flores trazido por Lord

Charlbury para sua irmãzinha. Ela o viu apenas para agradecer-lhe. Ele não insistiu em permanecer em sua companhia, porém disse, ao vê-la desculpar-se imediatamente:

— Eu compreendo! Não tinha sequer esperança de que me concedesse um minuto do seu tempo. Muito próprio de você ter descido. Se ao menos pudesse estar certo de que não interrompi seu descanso tão duramente conquistado!

— Não, não! — protestou ela, mal podendo dominar a voz. — Estava com minha irmã, e quando suas flores foram levadas para o quarto dela, não pude deixar de vir correndo para informá-lo do prazer dela. Muita bondade, muita gentileza! Perdoe-me! Preciso ir!

Julgara-se que, quando a enferma comesse a melhorar, a assistência constante da irmã e da prima se tornaria menos necessária; contudo logo se descobriu que ela estava fraca demais para ser paciente e ficava agitada se a abandonavam durante muito tempo aos cuidados da babá ou de Jane Storridge. Certa ocasião, um pouco depois da meia-noite, ao entrar de mansinho no quarto da doente, o Sr. Rivenhall ficou chocado ao descobrir que não era a babá e sim Sophy quem estava sentada ao lado do pequeno fogo mantido aceso na lareira. Ela costurava à luz de um candelabro, porém ergueu os olhos quando a porta se abriu, e sorriu, pondo um dedo nos lábios a pedir silêncio. Havia um biombo entre as velas e a cama, de modo que o Sr. Rivenhall só conseguia distinguir a irmã indistintamente. Ela parecia estar dormindo. Charles fechou a porta silenciosamente e aproximou-se do fogo, sussurrando:

— Pensei que fosse a babá quem ficava com ela à noite. Como se explica isso? É muito esforço para você, Sophy!

Ela olhou de relance para o relógio sobre o consolo da lareira e começou a dobrar o trabalho. Fazendo um sinal com a cabeça em direção à porta entreaberta que dava para o quarto de vestir, respondeu em voz baixa:

— A babá está deitada no sofá, naquele quarto. Pobre alma, ficou arrasada! Amabel está muito inquieta esta noite e passou o dia todo assim. Não fique alarmado! É um bom sinal quando o paciente se põe animoso e difícil de lidar. A menina habituou-se tanto a impor sua vontade com a babá, que já não lhe obedece como deveria. Sente-se. Vou esquentar um pouco de leite para ela, e, se quiser, pode fazer-lhe uns agradecimentos e ver se consegue convencê-la a toma-lo quando acordar.

— Você deve estar morta de cansaço! — disse Charles.

— Não, de modo algum. Dormi a tarde toda — ela respondeu, colocando uma panelinha na prateleira lateral da lareira. — Como o duque, posso dormir a qualquer hora! A pobre Cecy não consegue tirar uma soneca durante o dia, assim decidimos que ela não devia passar a noite acordada.

— Quer dizer que *você* decidiu — disse ele.

Sophy sorriu apenas e sacudiu a cabeça. O primo não disse mais nada, porém ficou a observá-la enquanto ela se ajoelhava ao lado do fogo, com a atenção no leite que se aquecia lentamente na prateleira. Alguns minutos depois, Amabel começou a se mexer. Antes que seu brado febril e lamentoso de "Sophy!" fosse pronunciado, a prima se levantara e dirigira-se para a cabeceira da cama. Amabel estava quente, com sede, inquieta, pouco inclinada a acreditar que algo lhe pudesse fazer bem. Quando a ergueram para sacudir os travesseiros, pôs-se a chorar; ela queria que Sophy lhe molhasse sua testa, e quando ela o fez, queixou-se de que a água de lavanda lhe irritava os olhos.

— Pssiiuu, você vai deixar sua visita mal impressionada se chorar! — disse Sophy, alisando os

cabelos em caracóis emaranhados. — Sabe que um cavalheiro veio vê-la?

— Charles? — Amabel perguntou, esquecendo por um minuto seus infortúnios.

— Sim, Charles, portanto deve me deixar arrumá-la um pouco e ajeitar as cobertas. Pronto! Charles, agora a Srta. Rivenhall terá o prazer de recebê-lo!

Afastou o biombo, de modo que a luz das velas incidisse sobre o leito, e assentiu com a cabeça para Charles estimulando-o para sentar-se ao lado da irmã. Ele sentou-se, pegou na mãozinha que se assemelhava a uma garra e ficou conversando com a menina de um modo alegre que logrou distraí-la até Sophy trazer uma xícara de leite à cabeceira da cama. À visão do leite, imediatamente ficou irritada. Não queria; beber leite lhe daria náuseas; por que Sophy não a deixava em paz?

— Espero que não pretenda ser tão indelicada a ponto de recusar-se a bebê-lo, quando vim especialmente para segurar a xícara para você — disse Charles, tirando a xícara da mão da prima. — Além do mais, uma xícara com rosas! Ora, onde conseguiu isto? Estou certo de que não a conheço.

— Cecília deu-a para mim, para meu próprio uso — respondeu Amabel. — Mas não quero leite. Já é madrugada, uma hora imprópria para se beber leite!

— Espero que Charles tenha admirado suas rosas de verdade — disse Sophy, sentando-se na beira da cama e levantando Amabel para apoiar-se em seu ombro. — Estamos com tantos ciúmes, Charles, Cecília e eu! Amabel tem um namorado tão encantador que nós duas fomos lançadas à sombra. Veja só o buque que ele lhe trouxe!

— Charlbury? — ele perguntou, sorrindo.

— Ele mesmo, mas gosto mais do seu ramo de flores — disse Amabel.

— É claro que gosta — confirmou Sophy. — Então beba um gole do leite que ele está lhe oferecendo. Devo avisá-la que os sentimentos de um cavalheiro se ferem com muita facilidade, minha querida, e *isso*, você sabe, jamais seria bom!

— Exatamente — Charles corroborou. — Ficarei pensando que você tem mais consideração por Charlbury do que por mim, e isso provavelmente me deixará triste.

A frase fê-la rir debilmente, e assim, entre tolices e agrados, ela acabou persuadida a beber quase todo o leite. Delicadamente, Sophy tornou a deitá-la, mas nada a satisfaria se Charles e Sophy não ficassem ao lado dela.

— Ficaremos, mas sem mais conversa — disse Sophy. — Vou lhe contar mais uma de minhas aventuras, e se me interromper perderei o fio da história.

— Oh, sim, conte sobre aquela vez em que você ficou perdida nos Pireneus! — pediu Amabel, sonolenta.

Sophy contou, sua voz diminuindo quando as pálpebras da menina começaram a se fechar. Imóvel e calado, o Sr. Rivenhall achava-se do outro lado da cama, observando a menina. Logo a respiração mais profunda de Amabel revelava que ela dormia. A voz de Sophy cessou; ela ergueu os olhos e encontrou os do Sr. Rivenhall. Ele a fitava fixamente, como se uma ideia, ofuscante em sua novidade, lhe tivesse ocorrido. O olhar do primo permaneceu firme, um pouco indagador. Ele levantou-se abruptamente, fez menção de estender a mão, mas deixou-a cair de novo, e, voltando-se, saiu rapidamente do quarto.

No DIA SEGUINTE, Sophy não se encontrou com o primo. Ele visitou Amabel num período em que sabia que Sophy estava repousando e permaneceu fora de casa até a hora do jantar. Lady Ormersley temia que algo acontecera para aborrecê-lo, pois, embora suas maneiras com ela fossem, como sempre, pacientes, e ele não tivesse reduzido absolutamente os cuidados para o seu bem-estar, mostrava o cenho nublado e respondia às suas observações muito ao acaso. Entretanto, foi buscar as cartas para a penitência de jogar uma partida de *cribbage* com ela; e quando o jogo foi interrompido com a chegada do Sr. Fawnhope, que *trazia* uma cópia do seu poema para Lady Ormersley e um buque de rosas-musgosas para Amabel, ele foi suficientemente senhor de si para cumprimentar o visitante, se não com entusiasmo, pelo menos com urbanidade.

Depois de ter escrito uns trinta versos da sua tragédia no dia anterior, com os quais ficou satisfeito, o Sr. Fawnhope estava de um humor condescendente, nem perseguindo um epíteto evasivo nem meditando sobre um verso infeliz. Disse tudo que era adequado, e, quando todas as indagações sobre o estado de saúde da enferma se esgotaram, conversou sobre vários assuntos, tão parecido com um homem sensato que o Sr. Rivenhall sentiu-se muito benevolente com ele e só saiu da sala ante o pedido de Lady Ormersley para que o poeta lesse em voz alta seu poema lírico sobre a libertação de Amabel do perigo. Nem essa abominável afetação conseguiu dissipar os sentimentos mais indulgentes com que ele considerava Fawnhope, cujas visitas constantes à casa deram-lhe uma opinião melhor do poeta do que realmente merecia. Cecilia poderia ter-lhe dito que a intrepidez do Sr. Fawnhope procedia mais de uma sublime inconsciência do risco de contágio do que de qualquer heroísmo deliberado; porém, uma vez que ela não costumava comentar com o irmão sobre o bem-amado, Charles continuou num feliz estado de ignorância, um homem muito prático para compreender a densidade do véu em que um poeta poderia envolver-se.

Ele nunca mais visitou o quarto da doente nas ocasiões em que poderia encontrar a prima, e quando se encontravam à mesa do jantar, seus modos com ela eram lacônicos a ponto de tocar as raias da brusquidão. Sabendo quanto ele se sentia grato a Sophy, Cecilia estava atônita, e mais de uma vez insistiu com a prima para lhe contar se tinham brigado. Mas Sophy apenas sacudia a cabeça e lhe lançava um olhar malicioso.

Embora lentamente, com muitos retrocessos e todas as irracionais crises de irritação de uma convalescente, Amabel continuava a melhorar. Durante 12 horas, nada estaria bem para ela a menos que lhe trouxessem Jacko para o quarto. Só os protestos enérgicos de Sophy impediram o Sr. Rivenhall de viajar até a Mansão Ormersley para trazer o mico indispensável, tão ansioso estava ele em que nada pudesse retardar a recuperação da irmãzinha. Contudo Tina, até agora excluída, para sua grande indignação, de acompanhar a dona ao quarto da doente, serviu de excelente substituta para Jacko, e ficou muito contente de se enroscar na colcha sob a mão acariciadora de Amabel.

No início da quarta semana da doença, o Dr. Baillie começou a falar sobre a conveniência de levar sua paciente para o campo. Contudo, nesse ponto ele encontrou uma oposição inesperada e firme de Lady Ormersley. Ele chegara a mencionar a possibilidade de uma recaída, e isso assumira um domínio tão forte sobre sua mente que nenhum motivo serviria para fazê-la consentir que Amabel ficasse fora do

alcance dos seus hábeis cuidados clínicos. Ela o fez ver a insensatez de restituir Amabel à companhia das irmãs e do ruidoso irmão que logo estaria gozando as férias de verão em Ombersley. A menina ainda estava fraca, sem disposição para qualquer esforço e assustando-se aos ruídos súbitos. Seria melhor ela ficar em Londres, sob a observação do médico e aos cuidados extremos de sua mãe. Agora que todo o perigo passara, o instinto maternal de Lady Ombersley podia fazer valer seus direitos. Ela, e só ela, deveria assumir a responsabilidade da convalescença de sua filha mais jovem. Desse modo, deitar no sofá do quarto de vestir da mamãe, passear tranquilamente com ela na caleça harmonizava-se bem ao humor atual de Amabel, e assim ficou estabelecido depois que Cecília e Sophy negaram qualquer desejo de trocar Londres pelo campo.

A cidade estava bastante vazia de gente, mas o tempo não era tão abafado que tornasse as ruas desagradáveis. Corria um mês de chuvas, e poucos eram os dias em que mesmo as jovens elegantes se arriscavam a sair sem uma pelica ou um xale.

Além da família Ombersley, outros mais resolveram permanecer na capital até agosto. Lord Charlbury ainda seria encontrado em Mount Street; o Sr. Fawnhope em seus aposentos nas proximidades de St. James's; Lord Bromford, surdo às súplicas da mãe, recusou-se a partir para Kent; e os Brinklows encontraram diversas desculpas excelentes para permanecerem em Brook Street. Assim que todo o perigo de contágio passou, a Srta. Wraxton seria vista novamente em Berkeley Square, graciosa com todos, até mesmo carinhosa com Lady Ombersley e Amabel, e repleta de planos para o casamento. O Sr. Rivenhall encontrou negócios urgentes para tratar em suas propriedades; e se a Srta. Wraxton decidisse supor que suas frequentes ausências da cidade eram responsáveis pelo desejo dele de pôr a casa em ordem a fim de recebê-la, tinha plena liberdade de fazê-lo.

Menos resistente que a prima, Cecília não se recuperou tão rapidamente da ansiedade e do esforço despendido nas quatro semanas de confinamento. Estava muito desanimada e perdera um pouco da sua louçania. Também permanecia um tanto calada, fato que não escapou aos olhos do irmão; ele cobrou-lhe isso; e, quando ela deu uma resposta evasiva e procurou sair da sala, ele a deteve, pedindo:

— Não vá, Cilly!

Ela aguardou, lançando-lhe um olhar indagador. Um momento após, ele perguntou abruptamente:

— Você não está feliz?

O rubor subiu-lhe às faces, os lábios tremeram, contra a vontade dela. A moça fez um gesto de protesto e virou o rosto, pois era impossível explicar-lhe o remoinho que devastava seu coração.

Para sua surpresa, ele tomou-lhe a mão, apertou-a e disse, constrangido, mas em tom suave:

— Nunca pretendi que fosse infeliz. Não julguei... Você é uma boa moça, Cilly! Veja, se o seu poeta se empenhar em alguma profissão respeitável, retirarei minha oposição e permitirei que você faça como quiser.

O assombro deixou-a sem ação, seus olhos espantados percorriam o rosto dele. Ela deixou que sua mão continuasse na dele até que o irmão a soltou e postou-se de costas, como se não quisesse encontrar os seus olhos arregalados.

— Você me considera cruel... insensível! Sem dúvida devo ter demonstrado isso, mas jamais desejei outra coisa senão a sua felicidade! Não direi que estou contente com a sua escolha, mas se você já decidiu, Deus me livre de contribuir para o seu afastamento da pessoa a quem sinceramente ama ou a

promoção do seu casamento com um homem de quem não gosta!

— Charles! — ela exclamou debilmente.

Por sobre o ombro, ele disse com certa dificuldade:

— Parecia-me que nada exceto infelicidade resultaria desse casamento. Você pelo menos não ficará destinada a uma vida de arrependimento. Falarei com nosso pai. Sei que se ressentia com a minha influência sobre ele. *Desta vez* será exercida a seu favor.

Em qualquer outra ocasião estes termos a teriam levado a indagar sobre o seu real significado, porém o choque parecia ter paralisado todas as suas faculdades. Não encontrava uma palavra para dizer, e sentia a maior dificuldade em abster-se de romper em prantos. Ele voltou a cabeça e disse, com um sorriso:

— Que monstro devo ter parecido a você, para tirar-lhe a respiração, Cilly! Não me olhe dessa maneira tão descrente! Você se casará com seu poeta; conte comigo!

Automaticamente, ela estendeu a mão e conseguiu falar duas palavras:

— Muito obrigada! — e saiu correndo da sala, incapaz de acrescentar mais alguma coisa ou de controlar as emoções.

Foi em busca do refúgio do seu quarto, seus pensamentos tão confusos que levou muito tempo para abrandar sua agitação.

Jamais uma oposição fora cancelada num momento tão inoportuno; jamais uma vitória parecera mais vazia! Quase sem que ela mesma percebesse, seus sentimentos, nas últimas semanas, tinham sofrido uma mudança. Agora que o irmão lhe concedera permissão para casar com o homem da sua escolha, ela descobria que seus sentimentos por Augustus tinham sido apenas o capricho que Charles sempre julgara ser. A oposição é que o promovia, levando-a a cometer o fatal erro de anunciar quase publicamente sua inabalável determinação de casar-se com Augustus e só com ele. Lord Charlbury, tão superior a Augustus sob todos os aspectos, aceitara a rejeição à sua corte e voltara a atenção para outro lugar; e quaisquer esperanças inconfessas que tivesse alimentado de ver seu afeto por ela reavivar-se estavam agora totalmente eliminadas. Confessar a Charles que desde o princípio ele estivera certo, e ela lamentavelmente enganada, parecia impossível. Ela fora longe demais; nada lhe restava agora senão aceitar o destino que insistira em determinar para si mesma; e, por orgulho, mostrar ao mundo um rosto sorridente.

Primeiro, exibiu-o a Sophy, pedindo-lhe resolutamente que a cumprimentasse, desejando-lhe felicidades. Sophy ficou estupefata.

— Santo Deus! — ela exclamou, assombrada. — Charles apoiará esse casamento?

— Ele não deseja que eu seja infeliz. Nunca desejou. Agora, convencido de que o caso é sério, não colocará obstáculos. Na verdade, ele foi muito bom e prometeu que falará com papai por mim. Isso deve resolver. Papai sempre fez o que Charles quer. — Viu que a prima a olhava seriamente e continuou, falando rápido: — Nunca vi Charles tão gentil! Falou da infelicidade de ser forçado a um casamento contra a vontade. Disse que *eu* não passaria uma vida inteira de lamentações. Oh, Sophy, será que ele não gosta mais de Eugenia? Só se pode deduzir isso!

— Santo Deus, ele jamais gostou dela! — respondeu Sophy, desdenhosa. — E se só agora ele descobriu, *isso* não é motivo para... — Interrompeu-se, lançando um olhar rápido para Cecília e

percebendo muito mais do que a prima teria desejado. — Bem! Hoje é o dia dos milagres mesmo! — disse. — É claro que a felicito, de todo o coração, querida Cecy! Quando irá anunciar o seu noivado?

— Bem, depois que Augustus estiver encaminhado numa... carreira respeitável! — Cecília respondeu. — Mas *isso* não vai demorar, estou certa! Talvez sua tragédia seja aceita, quem sabe!

Sophy concordou sem pestanejar e mostrou um simulado interesse pelos vários planos de Cecília para o futuro. Que eram expressos em termos um tanto melancólicos, ela deixou passar sem fazer comentários, apenas repetindo as congratulações e desejando à prima toda a felicidade. Todavia, por trás dessas mentiras, seu cérebro funcionava rápido. Entendeu perfeitamente o apuro em que Cecília estava, e nem por um minuto pensou em perder tempo em conversas, requerendo explicações. Era preciso algo muito mais drástico do que explicações nesse caso, pois não seria de esperar que uma moça, depois de assumir um compromisso apesar da oposição paterna, desistisse no próprio instante em que obtinha o consentimento que com tanta insistência exigira. De bom grado Sophy teria esbofeteado o Sr. Rivenhall. Permanecer inflexível, quando a oposição só conseguiria fortalecer a resolução da irmã, fora muito ruim; retirar a oposição no momento em que provavelmente Charlbury devia expulsar o poeta da afeição da moça era um ato de tamanha insanidade que eliminava toda a paciência que Sophy tinha com ele. Graças à vocação de Alfred Wraxton para mexericar, o noivado secreto de Cecília com o Sr. Fawnhope tornou-se amplamente conhecido. Além disso, ela *se* dera o trabalho de mostrar à sociedade sua determinação de casar com ele. Realmente ia ser preciso algo muito drástico para convencer uma jovem de educação tão requintada a contrariar todas as convenções. Se o Sr. Rivenhall havia concordado com o casamento, Sophy achava que o noivado oficial não demoraria muito para ser anunciado; e uma vez que aparecesse na *Gazette*, nada, ela julgava, faria Cecilia estigmatizar-se como "a moça que desfez o noivado". Seria até duvidoso poder-se convencê-la a romper o noivado antes do anúncio, pois ela talvez estivesse muito mais sujeita à força do afeto do Sr. Fawnhope do que a perspicaz prima estaria a par; e seu terno coração esquivar-se-ia de levar tal dor a uma pessoa que fora um apaixonado tão fiel.

Quanto à extraordinária mudança de expressão do Sr. Rivenhall, talvez não fosse tão inexplicável para Sophy quanto para a irmã; porém, embora só a gratificassem os sentimentos que inspiravam tal mudança, ela sentia-se incapaz de se iludir ao pensar que ele tivesse alguma intenção de terminar o noivado com a Srta. Wraxton. Não era de se esperar isso dele; talvez Charles não desse muita atenção às aparências, mas nenhum homem da sua educação faria tal afronta a uma dama. Nem Sophy julgaria que a própria Srta. Wraxton, certamente cônica da natureza cálida da consideração dele pela prima, pusesse fim a uma aliança que pouca perspectiva de felicidade futura oferecia a qualquer uma das partes comprometidas. A constante conversa da Srta. Wraxton abordava unicamente as núpcias que se aproximavam, e era mais do que certo que o casamento com um homem com quem mal partilhava uma ideia fosse preferível à existência triste de solteirona. Com o queixo apoiado na mão em concha, Sophy urdia os planos de uma árdua tarefa, impávida diante de uma situação que certamente teria desencorajado uma mulher menos implacável. Aqueles que a conheciam melhor teriam ficado um pouco alarmados, pois sabiam que, uma vez tomada uma decisão, nenhuma consideração pelo que era próprio ou impróprio a impediria de embarcar em esquemas que tanto poderiam ser ultrajantes como eram originais.

— A surpresa é a alma do ataque.

Essa frase, certa vez pronunciada em sua presença por um general, veio-lhe à mente. Refletiu sobre ela e considerou-a boa. Nada a não ser surpresa faria Charles ou Cecília arredarem pé do caminho da

convenção; portanto, surpresa teriam, e no mais alto grau.

O resultado imediato de toda essa cogitação foi uma entrevista com Lord Ombersley, apanhado em seu regresso a Berkeley Square depois de um dia nas corridas. Firmemente conduzido aos próprios aposentos, Lord Ombersley sentiu o perigo e apressou-se a informar a sobrinha que ele estava pressionado pelo tempo, pois tinha um jantar e devia obedecer rigorosamente ao horário.

— Esqueça-o! — disse Sophy. — Viu Charles hoje, senhor?

— É claro que vi Charles! — respondeu Lord Ombersley, com mau humor. — Eu o vi pela manhã!

— Mas depois não o viu mais? Ele falou com o senhor sobre o caso de Cecília?

— Não, não falou! E vou lhe dizer uma coisa, Sophy! Não quero mais ouvir falar do caso de Cecília! Já resolvi. Não quero que ela se case com esse rapaz poeta!

— Meu querido senhor — disse Sophy, agarrando-lhe a mão ca lorosamente —, não mude de ideia! Devo informar-lhe que Charles está a ponto de aconselhá-lo a consentir nesse compromisso, e o senhor não deve concordar!

— O quê? — admirou-se Lord Ombersley. — Sem dúvida está enganada, Sophy! Charles nem quer ouvir falar sobre isso, e desta vez, ele tem razão! O que deu naquela tontinha para fazê-la rejeitar um homem tão bom, um homem como não se encontra igual... Jamais fiquei tão furioso! Despedir Charlbury, e toda a sua fortuna...

Com firmeza, a sobrinha arrastou-o até o sofá e obrigou-o a sentar-se ao lado dela.

— Querido tio Bernard, se ao menos fizer exatamente como eu disser, ela se casará com Charlbury! — garantiu. — Mas deve prometer sinceramente que não permitirá a Charles dominar sua opinião!

— Ora, Sophy, estou lhe dizendo...

— Charles prometeu a Cecília que não irá mais negar seu consentimento.

— Santo Deus, ele também perdeu o juízo? Você deve estar enganada, menina!

— Palavra de honra que não estou! É a coisa mais idiota, e provavelmente vai estragar tudo, a menos que se possa confiar que o senhor permaneça firme. Agora, meu querido tio, esqueça a razão por que Charles tomou essa atitude inesperada! Apenas me dê atenção! Quando Charles falar com o senhor a respeito disso, é preciso que o senhor se recuse a alimentar a ideia de Cecília casar-se com Augustus Fawnhope. Na realidade, seria um excelente stratagem se o senhor dissesse que não mudou de ideia e que pretende casá-la com Charlbury!

Ligeiramente desnortado, Lord Ombersley entabulou um débil protesto:

— De que benefício seria, se Charlbury acabou de renunciar ao seu pedido!

— Isso não tem absolutamente nenhuma importância. Charlbury ainda deseja muitíssimo casar-se com Cecília, e se o senhor quiser, pode dizer isso a ela. Cecília responderá que pretende casar-se com o seu maçante Augustus, porque agora sente que é um dever de honra fazê-lo. Pode enfurecer-se com ela o quanto desejar — tanto quanto o fez quando ela tomou a resolução que o senhor não ignora! Mas a coisa mais importante, querido senhor, é que permaneça inflexível! Eu farei o resto.

Ele lançou-lhe um olhar desconfiado.

— Ora, Sophy, isso não vai funcionar! E foi você quem ajudou Cecília a cair sob o domínio daquele poeta, segundo Charles me contou!

— Certo, e veja só com que esplêndidos resultados! Ela já não tem mais vontade de se casar com ele e veio a compreender o quanto Charlbury é superior! Se Charles não tivesse interferido, tudo teria saído exatamente como o senhor desejaria!

— Não estou entendendo uma só palavra! — queixou-se Lord Ombersley.

— Provavelmente não está. Em grande parte deve-se à doença da pobrezinha Amabel.

— Mas — insistiu o tio, esforçando-se numa tentativa de seguir o fio da argumentação da sobrinha — se ela agora está disposta a atender Charlbury, por que cargas d'água ele não renova seu pedido?

— Ouso afirmar que ele renovaria, se eu permitisse. Seria inútil. Imagine só, senhor, em que apuro a pobre Cecília se encontra! Durante meses ela manteve Augustus pavoneando-se atrás dela e jurou que se casaria com ele ou mais ninguém! Basta o senhor consentir no casamento, e ela se sentirá na obrigação de casar com ele! Custe o que custar, evite-se qualquer anúncio de noivado oficial! O senhor pode cuidar disso e eu lhe peço que o faça! Não dê ouvidos a nada que Charles possa dizer! — Seus olhos expressivos sorriram para ele. — Seja desagradável com Cecília como o senhor já foi antes! Nada conviria mais ao nosso objetivo!

Ele deu-lhe um beliscãozinho na face.

— Sua tratante! Mas se Charles mudou de ideia... o fato, Sophy, é que não sou hábil numa discussão!

— Então não discuta com ele! O senhor só precisa enfurecer-se vigorosamente, e *isso*, sei, está bem apto a fazer!

Ele deu uma risadinha, vendo um cumprimento nessa declaração.

— Certo, mas se não me deixarem em paz...

— Meu querido tio, o senhor pode refugiar-se no White's! Deixe o resto comigo! Se fizer ao menos a sua parte, imagino que poderei fazer a minha. Só preciso acrescentar uma coisa! De modo algum deve revelar que falei com o senhor sobre o assunto! Promete?

— Òh, muito bem! — concordou Lord Ombersley. — Quer saber de uma coisa, Sophy? Aceitaria o jovem Fawnhope na minha família com o mesmo estado de ânimo com que aceitaria aquela criatura azeda que o Charles deve trazer para cá.

— Bem, estou certa disso! — ela respondeu friamente. — *Aquela* jamais nos serviria! Percebi desde que cheguei em Londres, e agora alimento uma razoável esperança de pôr um fim naquela complicação. Apenas faça a sua parte, e todos nós sairemos vitoriosos!

— Sophy! — exclamou o tio, numa explosão. — Que diabo pretende fazer agora?

Mas ela limitou-se a rir e saiu rapidamente da sala.

O resultado final dessa entrevista deixou a família atordoada. Excepcionalmente, o Sr. Rivenhall não alcançou submeter o pai à sua vontade. Sua exposição a Lord Ombersley sobre a natureza sofrida da paixão de Cecília não conseguiu sequer de longe atingir seu objetivo e só serviu para causar um ataque de raiva que o surpreendeu. Sabendo que seu herdeiro se apressaria a discutir com ele — e o que mais temia era lutar contra uma vontade muito mais forte do que a sua —, Lord Ombersley mal lhe deu oportunidade para abrir a boca. Disse que, por mais arbitrário que Charles fosse na administração de suas propriedades, ainda não era o tutor da irmã. E acrescentou que sempre considerara Cecília praticamente prometida a Charlbury e não consentiria que ela se casasse com outro.

— Infelizmente, senhor — disse Charles secamente —, Charlbury já não gosta mais da minha irmã. Seus olhos estão voltados para outra direção.

— Ora bolas! Tolicie! O rapaz não sai desta casa!

— Exatamente, senhor! Encorajado por minha prima!

— Não acredito numa só palavra sua! — replicou o pai. — Sophy não o teria encorajado. — Charles deu uma pequena risada. — E se ele a pedisse, eu ainda não permitiria que Cecília se casasse com aquele seu paspalhão e pode dizer isso a ela!

O Sr. Rivenhall assim o fez, e quando acrescentou, para a consolar, que poucas dúvidas tinha de acabar convencendo o pai a pensar como ele, não ficou surpreso diante da maneira tranquila com que a irmã recebeu a notícia. Nem mesmo uma tirada de Lord Ombersley, proferida à mesa do jantar, abalou muito a sua serenidade, embora ela tivesse a maior aversão por vozes zangadas, não podendo deixar de estremecer um pouco e mudar de cor.

A pessoa menos afetada pela decisão de Lord Ombersley foi o Sr. Fawnhope. Ao ser informado por Cecília de que não poderiam publicar imediatamente a notícia do noivado nos jornais da sociedade, ele pestanejou e perguntou distraidamente:

— Estávamos em vésperas de fazer isso? Você falou comigo? Talvez eu não tivesse prestado atenção. Estou muito preocupado com Lepanto, como sabe. É inútil negar que as cenas de batalha no palco não são muito apropriadas, mas como evitá-las? Passei quase a noite toda andando de um lado para outro e não estou mais próximo de resolver o problema.

— Devo lhe dizer, Augustus, que provavelmente não casaremos este ano — acrescentou Cecília.

— Ora essa, provavelmente não! — concordou ele. — Não creio que pudesse pensar em casamento até me livrar da peça.

— Não pode mesmo e, além disso, não devemos esquecer que Charles estipulou que você deve encontrar um emprego respeitável antes de anunciarmos o noivado.

— Então isso resolve inteiramente o problema — disse o Sr. Fawnhope. — A questão é até onde se pode empregar com propriedade os métodos dos dramaturgos gregos para superar as dificuldades.

— Augustus! — exclamou Cecília, em tom desesperado. — Sua peça significa mais para você do que eu?

Surpreso, ele olhou-a e notou que ela não estava brincando; imediatamente tomou-lhe a mão, beijou-a e disse, sorrindo para a jovem:

— Que absurdo acaba de dizer, meu anjo lindo! Como poderia alguma coisa ou alguém significar mais para mim do que a minha Santa Cecília? É por amor a você que estou escrevendo a peça. Desagrada-lhe a ideia de um coro, no estilo grego?

Ao descobrir que seu rival continuava, mesmo sem a desculpa de indagar sobre o estado de saúde de Amabel, a visitar Berkeley Square, Lord Charlbury assustou-se e passou a exigir uma explicação de sua instrutora. Ele a estava conduzindo a Merton em seu cabriole, e quando ela lhe respondeu com toda a franqueza o que tinha ocorrido, ele manteve os olhos fixos na estrada à sua frente e se manteve calado durante alguns minutos. Por fim, com visível esforço, disse:

— Compreendo. Quando poderei ler o anúncio?

— Nunca — respondeu Sophy. — Não fique com essa cara tão assustada, meu caro Charlbury! Asseguro-lhe que não é preciso. A pobre Cecy descobriu nestas últimas semanas que interpretou mal o próprio coração!

Com isso, ele virou a cabeça rapidamente para fitá-la.

— Isso é verdade? Sophy, não brinque comigo! Confesso, cheguei a pensar... eu esperava... Então tentarei minha sorte mais uma vez, antes que seja tarde demais!

— Charlbury, para um homem sensível, diz as coisas mais ridículas! — disse Sophy. — Diga-me, como imagina que ela irá reagir a essa situação difícil?

— Mas se ela já não sente mais amor por Fawnhope... se ela talvez lamente ter acabado comigo...?

— Ela lamenta, é claro, mas é uma dessas coisas que parecem ser fáceis até que se pensa um pouco mais profundamente. Pense, então! Se a situação de ambos fosse invertida — você, o poeta pobre, e Augustus o senhor de grande fortuna —, talvez ela fosse levada a dar atenção a você. Mas esse não é o caso! É o seu poeta, com quem ela declarou que se casará, a despeito da oposição da família inteira... e você deve admitir que ele lhe tem sido fiel de uma maneira pouco comum!

— Ele...! Se ele desse atenção a outra coisa além dos seus versos insignificantes, confessar-me-ia espantado!

— Ele não dá, é claro, porém dificilmente você poderá esperar que meu primo acredite nisso! Antes mesmo de eu chegar à Inglaterra, Augustus já se apegara tanto a Cecília a ponto de excluir todas as demais mulheres, e isso, você sabe, aos olhos do mundo deve classificar-se como devoção do tipo mais extraordinário! Você, meu pobre Charlbury, encontra-se com todas as desvantagens de classificação e sorte! Como Cecília deveria ser cruel para rejeitar o seu poeta e casar-se com você! Pode estar certo de que esta circunstância tem valor para Cecília! Ela é de temperamento terno. Sem um forte motivo, não causará sofrimento a uma pessoa que ela acredita que a ama de todo o coração. Só há uma coisa a ser feita. Devemos dar-lhe um bom motivo.

Ele conhecia Sophy bastante bem para sentir um certo grau de inquietação.

— Pelo amor de Deus, Sophy, o que pretende *fazer*!

— Ora, fazê-la sentir que é você quem deve, afinal, ser lamentado.

Um pressentimento íntimo ocupou o lugar da inquietação.

— Santo Deus! Como?

Ela riu.

— Devo afirmar que será mais conveniente que você não saiba, Charlbury!

— Ora, Sophy, quero que me escute!

— Não, por que eu deveria? Você não discute o que é realmente importante, e, além disso, já chegamos e não há tempo para começarmos uma discussão. Deve continuar confiando em mim, por favor!

O cabriole já se arremessava pelo caminho em curva que levava à porta da marquesa.

— Só Deus sabe que não confio e jamais confiei — retorquiu ele.

Encontraram a marquesa sozinha, e, o que mais surpreendeu, acordada. Ela recebeu Sophy

afetuosa, mas com certo constrangimento, e logo revelou que acabara de regressar, apenas há dois dias, de Brighton, onde passara um período de quinze dias.

— Brighton! — exclamou Sophy. — Você não me falou nada, Sancia! Diga-me, o que a levou *tão* de repente para lá?

— Mas, Sofia, como lhe poderia contar qualquer coisa se esteve confinada num quarto de doente e não me visitou mais? — queixou-se a marquesa. — Ficar sempre num lugar só... *majadero!*

— Certo, mas sua intenção era viver isolada até o regresso de Sir Horace. Acho que recebeu notícias dele...

— Não, asseguro-lhe! Nem uma palavra!

— Oh! — exclamou Sophy, ligeiramente desconcertada. — Bem, a viagem dele foi auspiciosa, e acho que estará conosco a qualquer momento. Pois não é provável que, nesta época do ano, eles venham a encontrar um tempo muito desfavorável, você sabe. O Duque de York tem estado com o irmão?

A marquesa arregalou seus olhos sonolentos.

— Ora, Sofia, como eu iria saber? São parecidos, os príncipes reais... Corpulentos e... como se diz?... *embotados!* Não consigo distinguir um do outro.

Sophy foi obrigada a ficar satisfeita. Quando foram embora, seu acompanhante, curioso, perguntou:

— Por que ficou aborrecida, Sophy? A marquesa não deveria ir a Brighton como todo mundo?

Ela suspirou.

— Não, se Sir Vincent Talgarth também estava lá, e isso é o que eu temo. Nunca vi Sancia tão animada!

— Decepcionante! Ela chegou a me comover, uma vez, ao adormecer diante dos meus olhos!

Sophy riu e não disse mais nada, um ligeiro alheamento dominou-a até chegar em Berkeley Square e encontrar o Sr. Rivenhall aguardando o seu regresso, bastante mal-humorado. No mesmo instante isso a reanimou, e ela não hesitou em informá-lo, ao ser inquirida, onde havia estado.

— Você foi sozinha?

— De jeito nenhum. Charlbury me levou.

— Compreendo. Primeiro você põe a cidade mexericando com Talgarth, agora com Charlbury! Ótimo!

— Eu realmente não entendo você — respondeu Sophy, como uma pessoa inocente à procura de esclarecimento. — Pensei que sua objeção a Sir Vincent fosse por ele ter a reputação de grande libertino. Certamente não suspeita o mesmo de Charlbury! Ora, você inclusive já desejou, certa ocasião, casar sua irmã com ele!

— Estou mais desejoso ainda que minha prima não adquira a putação de pessoa *volúvel!*

— Por quê? — perguntou Sophy, olhando-o diretamente nos olhos. Charles não respondeu, e depois de um instante ela perguntou: — Que direito você tem, Charles, de se opor ao que eu resolvo fazer?

— Se o seu bom gosto...

— Que direito, Charles?

— Nenhum! — ele respondeu. — Faça como bem lhe aprouver! Para mim não tem importância!

Com Everard, sua vitória será fácil. Eu não o julgava tão instável. Cuidado para não perder o seu outro pretendente ao encorajar este flerte... pois não creio que seja outra coisa!

— Bromford? Ora, que coisa chocante! Você fez bem em alertar-me! Charlbury vive apavorado de ser desafiado por ele.

— Eu já devia saber que não encontraria outra coisa em você a não ser leviandade!

— Por que me repreende de maneira tão absurda? Não sou sempre assim.

— Sophy...! — Impetuoso, ele deu um passo à frente na direção dela, a mão erguendo-se, porém quase imediatamente a abaixou de novo. — Oxalá jamais tivesse vindo para esta casa! — disse ele, e virou-se para apoiar o braço ao longo do consolo da lareira e ficar olhando fixamente a grade vazia.

— Isso não é gentil, Charles.

Ele permaneceu calado.

— Bem, logo ficará livre de mim, acho eu. Conto ver Sir Horace a qualquer momento. Você ficará satisfeito.

— Devo ficar. — As palavras foram pronunciadas quase inaudivelmente, e ele não levantou a cabeça nem fez qualquer movimento para impedir que ela deixasse o aposento.

Essa troca de palavras acontecera na biblioteca. Ela saiu para ovestíbulo no momento exato em que Dasset abria a porta da frente para admitir o Sr. Wychbold, muito elegante numa capa de viagem, com várias pelerines, botas brilhantes, e um grande buque de flores na lapela. Ele estava depositando a cartola numa mesa com tampo de mármore, porém, à vista de Sophy, usou-a para fazer um floreio à sua reverência.

— Srta. Stanton-Lacy! Seu humilde criado, senhora!

Sophy ficou surpresa ao vê-lo, pois ele estivera fora da cidade durante algumas semanas. Enquanto se apertavam as mãos, ela disse:

— Que grande prazer! Eu não sabia que estava em Londres! Como vai?

— Só cheguei à cidade hoje, senhora. Soube dos seus problemas por Charlbury. Nunca fiquei tão chocado em minha vida! Vim imediatamente para saber das notícias!

— É bem do seu feitio! Obrigada, a menina está quase boa agora, embora assustadoramente magra, coitadinha, e ainda apática! O senhor é a pessoa que eu desejava ver! Precisa falar com meu primo neste instante ou me levaria antes a dar uma volta pelo parque?

Ele estava dirigindo o próprio faéton, e só poderia haver uma resposta para esse pedido. Com a maior galanteria, levou-a, após todas as formalidades, avisando-a, porém, de que, na presente estação, ela encontraria unicamente pessoas do povo no parque.

— O senhor tem algum recado para o Sr. Rivenhall? — perguntou Dasset, fixando seu olhar reprovador num ponto acima do ombro esquerdo do Sr. Wychbold.

— Oh, diga-lhe que estive aqui e que lamentei não encontrá-lo em casa! — respondeu o Sr. Wychbold com uma despreocupação que o mordomo achou ofensiva.

— Tem saído com o seu faéton, senhora? — o Sr. Wychbold perguntou, enquanto dava a mão para que Sophy subisse na carruagem. Como estão seus baio?

— Muito bem! Entretanto, hoje não saí com eles, mas estive em Merton com Charlbury.

— Oh... sim? — exclamou ele, com uma ligeira tosse e um olhar de esguelha.

— Isso mesmo, tornou-me o assunto da cidade! — disse Sophy, alegremente. — Quem lhe contou? Satanás?

Ele pôs a parelha em movimento, assentindo sombriamente com a cabeça.

Encontrei-a ao passar pela Bond Street. Senti-me obrigado a parar . Ela tirou o luto!

— Isso significa que deve casar com Charles no próximo mês! — replicou Sophy, que, depois de ter adquirido o hábito de comunicar-se naturalmente com o Sr Wychbold, jamais fazia cerimónia com ele.

— Eu não lhe disse? — ele replicou, com certa satisfação melancólica.

— Disse, sim, e eu respondi que talvez precisasse dos seus bons ofícios. Vai fazer uma estada prolongada na cidade ou parte imediatamente de novo?

— Na próxima semana. Mas o que se há de fazer, senhora? É uma pena, mas é isso mesmo!

— Veremos. O que acha que aconteceria se o senhor contasse a Charles qualquer dia desses que me viu saindo da cidade com Charlbury numa carruagem puxada a quatro cavalos?

— Ele me acertaria um soco — respondeu o Sr. Wychbold, sem hesitar. — Aliás, não o culparia!

— Oh! — exclamou Sophy, desconcertada. — Bem, certamente não desejo que ele faça isso. Mas, e se for verdade?

— Ele não acreditaria em mim. Não há necessidade de você sair da cidade com Charlbury. Também ele não é o tipo de pessoa que se envolva nessas excentricidades.

— Sei disso, mas talvez se conseguisse. Ele não lhe daria um soco se o senhor apenas lhe perguntasse *por que* eu estava deixando a cidade com Charlbury como escolta, daria?

Depois de dar à pergunta a devida consideração, o Sr. Wychbold admitiu que, nessas condições, talvez fosse poupado do soco.

— Fará isso? — Sophy pediu-lhe. — Se eu lhe mandasse um recado, o senhor se asseguraria de que Charles ficasse sabendo? Ele não está sempre à tarde no White's?

— Bem, geralmente pode-se encontrá-lo nesse local, mas eu não diria que sempre — respondeu o Sr. Wychbold, cauteloso. — Além disso, eu não a verei deixando a cidade!

— Mas pode ver, se resolver dar-se ao trabalho de passear nas proximidades de Berkeley Square! — ela retorquiu. — Se receber um recado meu, saberá que é verdade e poderá contar a Charles com a consciência limpa. Cuidaria para que viesse a saber quando vem para casa, contudo às vezes ele não chega para o jantar, e isso estragaria tudo! Bem, talvez não estrague tudo, mas acho que é uma excelente ideia matar dois coelhos de uma cajadada, sempre que possível!

O Sr. Wychbold deu a isso uma profunda consideração. Depois de revirar na mente todas as implicações das palavras de Sophy, perguntou de súbito:

— Sabe o que eu penso? Não, diga-me.

— Não quero levantar obstáculo, veja bem! — respondeu o Sr. Wychbold. — Charlbury não é meu amigo íntimo. Muito bom sujeito, creio, porém acontece que ele não frequenta muito os mesmos lugares que eu.

— Mas o que acha? — perguntou Sophy, impaciente com essa divagação.

— Acho muito provável que Charles possa desafiá-lo — respondeu o Sr. Wychbold. — Pensando bem, será obrigado a desafiá-lo! Charles é um atirador extremamente bom. Apenas achei que deveria mencionar isso! — acrescentou, como se justificando.

— Tem razão, fico-lhe muito grata por me lembrar dessa possibilidade! — respondeu Sophy calorosamente. — Por nada deste mundo eu colocaria Charlbury em perigo! Mas não haverá a mínima necessidade de tal medida, sabe?

— Ah, bem! — exclamou o Sr. Wychbold, aliviado. — Acho, então, que ele não fará mais do que derrubá-lo algumas vezes! Tirandolhe algum sangue, esmurrando-lhe o nariz, quero dizer!

— Pugilismo? Oh, não! Sem dúvida ele não faria tal coisa!

— Bem, ele fará — garantiu o Sr. Wychbold, sem hesitar. — Da última vez que vi Charles, não tenho escrúpulos em lhe dizer, estava tão zangado com Charlbury que disse que seria maravilhoso se lhe plantasse um vigoroso soco qualquer dia desses! Com suas luvas, Charles é um rapaz dos diabos! Não sei como Charlbury se apresenta; contudo, acho que não seria páreo para Charles. — Entusiasmando-se, acrescentou: — Para um amador, o melhor pugilista que já vi na vida! Excelente habilidade e base, jamais brinca ou trapaceia! Não fica se exibindo, e muito raramente não atinge o alvo! — De repente lembrou-se, interrompeu-se meio confuso e pediu desculpas.

— Está bem, esqueça! — disse Sophy, com a testa franzida. — Preciso pensar nisso, pois não seria bom de modo algum. Se eu deixar Charles zangado, o que, devo confessar, pretendo fazer...

— Pouca dificuldade neste particular — interrompeu o Sr. Wychbold, de modo encorajador. — Génio irritadiço! Sempre teve!

Ela assentiu com a cabeça.

— E serviria de esplêndida desculpa para atacar alguém, não tenho dúvidas. É claro, vejo como poderia impedir que ele cometesse um engano com Charlbury. — Ela tomou fôlego. — Resolução é tudo quanto se precisa! — disse. — Afinal, nunca se deve recuar diante da execução de tarefas desagradáveis para obter um objetivo louvável! Sr. Wychbold, fico-lhe muitíssimo grata! Agora vejo exatamente o que devo fazer, e eu não ficaria nada surpresa se se ajustasse admiravelmente a *ambos* os propósitos.

XVI

Ao SABER QUE o Sr. Rivenhall consentira no casamento da irmã com o Sr. Fawnhope, a Srta. Wraxton ficou tão chocada que não pôde abster-se de protestar. Com seu costumeiro bom senso, ela salientou as funestas consequências desse matrimônio, pedindo-lhe que considerasse bem antes de apoiar Cecília em sua loucura. Ele ouviu-a em silêncio, e quando ela esgotou seus argumentos, replicou bruscamente:

— Dei minha palavra. Posso, porém, concordar com grande parte do que acaba de dizer. Realmente, o matrimônio não é do meu agrado, mas não vou colaborar no sentido de forçar minha irmã a aceitar um casamento que ela não deseja. Eu acreditava que logo ela deveria recuperar-se do que me parecia um simples capricho. Isso não aconteceu. Sou forçado a reconhecer que seu coração está envolvido, não é apenas um capricho.

Eugenia ergueu as sobrancelhas, sua expressão era de leve desagrado.

— Meu querido Charles! Isso não é próprio de você! Ouso afirmar que não tenho de procurar muito longe a influência que o inspirou a pronunciar um tal discurso, contudo confesso que dificilmente contava que você reiterasse sentimentos tão discordantes com o seu temperamento e, devo acrescentar, sua educação.

— Ora essa! Você terá de explicar o que quer dizer com mais detalhes, se devo compreendê-la, Eugenia, pois estou totalmente confuso.

Ela respondeu gentilmente:

— Nota-se que não está! Conversamos tantas vezes sobre esse assunto! Você não concorda que há algo muito irregular no fato de uma filha fazer vingar sua vontade em oposição à dos pais?

— De um modo geral, concordo.

— E em *particular*, Charles, quando se trata do casamento dela. Os pais devem ser os melhores juizes daquilo que será mais adequado para a filha. Há algo muito petulante e desagradável numa moça *apaixonar-se*, como é a frase comum. Sem dúvida, pessoas vulgares têm esse costume, mas imagino que um homem de alta linhagem e educação preferisse ver um pouco de comedimento na dama com quem se casa. A linguagem que você adotou — perdoe-me, querido Charles — certamente pertence mais ao palco do que à sala de estar de sua mãe!

— Pertence? — ele indagou. — Diga-me, Eugenia! Se eu tivesse pedido sua mão sem o consentimento de seu pai, você teria aprovado minha corte?

Ela sorriu.

— Não precisamos pensar em coisas absurdas! De todos os homens, você não teria feito tal coisa!

— Mas se tivesse?

— Certamente eu não aprovaria — ela respondeu, serena.

— Fico-lhe grato! — replicou ele, irônico.

— Deveria ficar mesmo — disse ela. — Dificilmente teria desejado que a futura Lady Ombersley

fosse uma mulher sem reserva ou obediência filial!

O olhar dele era duro e penetrante.

— Começo a compreendê-la — disse.

— Eu sabia que compreenderia, pois é um homem de bom senso. Não defendo, é escusado dizer, um casamento onde não haja estima mútua. Dificilmente teria êxito! Sem dúvida, se Cecília nutre aversão por Charlbury, teria sido um erro forçá-la a casar-se com ele.

— Generosa!

— Espero que sim — replicou ela gravemente. — Não desejaria ser outra coisa senão generosa com suas irmãs — com toda a sua família! Deve ser um dos meus principais objetivos promover o bem-estar deles, e asseguro-lhe que pretendo fazer isso!

— Obrigado — ele respondeu, num tom de *voz* insípido.

Ela virou o bracelete que lhe enfeitava o braço.

— Você está inclinado a considerar a Srta. Stanton-Lacy com in dulgência, eu sei, mas creio que admitirá que a influencia dela nesta casa não foi feliz, em muitos aspectos. Sem o encorajamento da prima, arrisco-me a pensar que Cecília não se teria comportado como fez.

— Não sei nada disso. Você não diria que a influencia dela não foi feliz se a tivesse visto cuidando de Amabel, dando apoio a Cecília e à minha mãe em sua ansiedade. Urna coisa que jamais esqueerei.

— Estou certa de que ninguém desejaria que o fizesse. Fica-se contente por elogiar sua conduta sem reserva naquela emergência.

— Também devo a ela o fato de que agora me encontro em ótimas relações de *amizade* com Hubert. Nesse aspecto eia não fez outra coisa a não ser o bem!

— Bem, nesse ponto sempre discordamos, não discordamos? — ela perguntou, numa voz agradável. — Mas não tenho vontade de discutir com você sobre esse assunto! Só espero que Hubert continue se conduzindo bem.

— Muito bem. Eu quase poderia dizer bem *demais*, pois o que iria fazer aquele ridículo rapaz senão considerar-se na obrigação moral de recobrar o estudo perdido durante as férias! Foi a uma conferência! — Subitamente, riu. — Se não cair num estado de melancolia depois de toda essa virtude, sem dúvida devo esperar que ele breve esteja numa entaladela chocante!

— Receio que esteja certo — ela concordou, séria. — Há aí uma instabilidade de propósitos que deve afligir você continuamente.

Incrédulo, ele olhou-a atentamente, porém, antes que pudesse falar, Dasset introduzira Lord Bromford no aposento. Imediatamente adiantou-se para dar um aperto de mão, cumprimentando o recém-chegado com mais amabilidade do que a habitual, porém, dizendo:

— Receio que esteja sem sorte; minha prima saiu, dirigindo o faéton.

— Fui informado á porta... Como vai, senhora?... Contudo considereei apropriado subir para felicitá-lo sobre a feliz recuperação de sua irmã — respondeu Lord Bromford. Tive oportunidade de consultar nosso bom Baillie — excelente homem — e ele jurou por sua honra que não havia mais o menor perigo de infecção.

Ao julgar, pelos lábios crispados do Sr. Rivenhall, que ele estava a ponto de dar uma resposta irônica,

a Srta. Wraxton interveio às pressas!

— Não tem passado bem, caro Lord Bromford? É uma triste notícia! Espero que não seja grave, não é?

— Baillie não considera assim. Julga que a estação tem estado excepcionalmente insalubre, com esse tempo inclemente, como sabe, e é provável que cause infecções de garganta, à qual tenho certa suscetibilidade peculiar. Como pode imaginar, minha mãe se preocupa muito, pois minha constituição física é delicada... Seria inútil negar que é delicada! Fui obrigado a permanecer no quarto mais de uma semana.

O Sr. Rivenhall, apoiando os largos ombros no consolo da lareira, enfiou as mãos nos bolsos da calça e ficou com toda a aparência de um homem disposto a se divertir. Lord Bromford não reconheceu os sinais, mas a Srta. Wraxton sim, o que a fez lançar-se num tormento de apreensão. Mais uma vez, apressou-se a falar:

— Creio que as infecções de garganta têm predominado ultimamente. Não é de admirar que Lady Bromford ficasse ansiosa. Sei que foi muito bem cuidado!

— Certo — ele concordou. — Não que minha queixa fosse dessa natureza, do tipo que... Resumindo, até mamãe confessou-se comovida pela devoção da Srta. Stanton-Lacy à sua priminha! — Virou-se para o Sr. Rivenhall, que inclinou graciosamente a cabeça em sinal de reconhecimento pela cortesia, apenas estragando o efeito com um sorriso largo e forçado, singularmente sombrio. — A propósito disto, lembrei-me de certos versos de *Marmion*.

A Srta. Wraxton, que já ouvira o suficiente sobre as perfeições de Sophy no quarto da doente, só pôde ser grata ao Sr. Rivenhall por interromper:

— Sim, nós os conhecemos bem!

Lord Bromford, que começara a declamar "Oh, mulher, em nossas horas de alívio!", ficou desconcertado com a interrupção, porém recobrou-se prontamente e pronunciou:

— Quaisquer dúvidas que se pudesse alimentar sobre a autêntica feminilidade do caráter da Srta. Stanton-Lacy, devem, arrisco-me a dizer, ter sido afastadas de vez.

Nesse momento, Dasset reappareceu para anunciar que a carruagem de Lady Brinklow estava à porta. A Srta. Wraxton, que só descera em Berkeley Square enquanto a mãe se desincumbia de uma missão na Bond Street, foi obrigada a despedir-se. Lord Bromford disse que, uma vez que nem Lady Ombersley nem sua sobrinha estavam em casa, ele não abusaria da hospitalidade por mais tempo, e em poucos minutos o Sr. Rivenhall pôde soltar suas risadas à vontade. Lord Bromford, pessoa de marcante popularidade junto a Lady Brinklow, foi convidado a ocupar um lugar no pequeno landô, e durante o curto trajeto até Brook Street foi convencido a fazer um relato minucioso dos sintomas da sua recente indisposição.

Não obstante sua resolução de manter a prima a distância, o Sr. Rivenhall não pôde resistir à tentação de contar-lhe essa passagem. Sophy gostou da brincadeira, exatamente como imaginara que ela gostaria, porém a prima pôs um fim abrupto ao divertimento, ao excluir involuntariamente:

— Como ele e a Srta. Wraxton combinariam bem! Ora, por que não pensei nisso antes?

— Possivelmente — respondeu o Sr. Rivenhall, gélido — você deve ter-se lembrado de que a Srta. Wraxton é minha noiva!

— *Acho* que não foi essa a razão — replicou Sophy, pensativa. Ergueu uma sobrancelha ao fitá-lo. — Ofendido, Charles?

— Estou! — respondeu o Sr. Rivenhall.

— Oh, Charles, fico assombrada com você! — disse ela, com sua irreprimível risada gutural de prazer. — Tão *falsol*

Enquanto ela batia em retirada estratégica depois de pronunciar essas palavras, ele ficou só, olhando com expressão feroz para a porta, impassível.

Sem rodeios, queixou-se à mãe que a conduta de Sophy ia de mal a pior, mas a capacidade total da sua iniquidade só foi explodir sobre ele dois dias depois, quando, ao mandar o cavaleiro atrelar sua mais recente aquisição ao tálburi, ficou abalado ao saber que a Srta. Stanton-Lacy saíra nessa equipagem havia menos de meia hora.

— Ela saiu no meu tálburi? — ele repetiu. Sua voz ficou mais exasperada. — Com que cavalo? — perguntou.

O cavaleiro não pôde evitar um estremecimento.

— O... cavalo novo, senhor!

— Você... atrelou... o cavalo novo para a Srta. Stanton-Lacy dirigir? — perguntou o Sr. Rivenhall, dando às suas palavras um peso tão terrível que quase privou seu homem de confiança de todo o poder da fala.

— A senhorita disse... a senhorita estava certa... que o senhor não faria objeção, patrão! — gaguejou o infeliz. — E vendo como ela por duas vezes conduziu os cinzentos, senhor, e não tendo recebido nenhuma ordem contrária, e ela afirmando que tudo estava certo... pensei que tivesse sua permissão, senhor!

Em poucas e dolorosas palavras, o Sr. Rivenhall aboliu essa ilusão da mente do cavaleiro, acrescentando uma cláusula adicional que derrubava sumariamente quaisquer pretensões que o cavaleiro pudesse ter alimentado de ser capaz de pensar realmente. O desventurado rapaz, não ousando arriscar uma explicação sobre as circunstâncias, aguardou em triste silêncio a sua demissão. Ela, porém, não veio. O

Sr. Rivenhall era um patrão severo, mas também justo, e mesmo em sua ira teve uma noção bem clara dos meios que sua inescrupulosa prima empregara para alcançar seus fins. De repente conteve-se e perguntou em linguagem rude:

— Aonde ela foi? Para Richmond? Responda!

Ao ver o culpado praticamente incapaz de controlar-se, o cavaleiro de Lord Ombersley interveio, dizendo obsequiosamente:

— Oh, não, senhor! Não, mesmo! A minha senhora e a Srta. Cecilia partiram na caleça para Richmond há uma hora! E a Srta. Amabel foi com elas, senhor!

O Sr. Rivenhall, que sabia do acerto de uma visita à prima que morava em Richmond, olhou-o atentamente, com as sobrancelhas franzidas. Sem dúvida ficara combinado que Sophy devia acompanhar a tia e as primas, e ele estava perplexo, imaginando o que teria feito a prima mudar de ideia. Todavia, esse era um problema insignificante. O baio novo, com que ela tivera a temeridade de sair, era um

animal voluntarioso, totalmente desacostumado com o tráfego da cidade e por certo inadequado para uma dama conduzir. O Sr. Rivenhall podia controlá-lo, mas, mesmo um condutor notável como o Sr. Wychbold admitira liberalmente que o animal era um bocado raro. Ao pensar em algumas das menores proezas do baio, o Sr. Rivenhall sentiu-se gelar de apreensão. Foi esse temor que deu margem à sua ira. Um certo grau de raiva sempre havia sentido, depois de saber que tinham levado seu cavalo sem permissão, mas nada se comparava com a fúria assassina que agora o consumia. Sophy comportara-se de maneira imperdoável — e que sua conduta, por estranho que pareça, não condizia com ela, Charles não estava disposto a considerar — e talvez agora mesmo estivesse estirada sobre as pedras que pavimentavam as ruas, com o pescoço quebrado.

— Selem Thunderer e o cavalo castanho! — ordenou subitamente. — Rápido!

Os dois cavaliços precipitaram-se para executar sua ordem, trocando olhares que mostravam as boas finalidades de ambos. Nenhum palafrenero, treinado para mudar os cavalos de um coche em 50 segundos, teria trabalhado mais rápido, e enquanto os dois empregados ainda permaneciam embasbacados diante daqueles acontecimentos extraordinários, o Sr. Rivenhall, seguido a uma discreta distância por seu cavaliço, cavalgava rapidamente na direção do Hyde Park.

Charles julgara corretamente, mas foi talvez uma infelicidade ele ter alcançado a prima no exato momento em que o baio novo, procurando erguer-se entre os varais à vista de um menino empinando um papagaio, tentou com todo seu vigor escoicear a tábua do assoalho da carruagem. O Sr. Rivenhall, que quase acreditara que poderia perdoar tudo se ao menos encontrasse a prima sã e salva, descobriu que estivera enganado. Pálido de raiva, desmontou, lançou as rédeas por cima da cabeça de Thunderer, meteu-as na mão do cavaliço, com uma breve ordem para levar o cavalo para casa, subiu no tílburí de um impulso e apoderou-se das rédeas. Por alguns instantes, ele ficou totalmente ocupado com o cavalo, e Sophy teve tempo para admirar-lhe a habilidade. Não lhe parecia ter lidado tão mal com o cavalo, pois, com a melhor disposição do mundo para o fazer, o baio não disparara com ela; mas Sophy não fingiu diante do domínio do Sr. Rivenhall sobre um animal altamente nervoso e apenas meio domado. Atenuar a ira do Sr. Rivenhall não fazia parte dos seus planos, e foi contra a vontade que ela exclamou:

— Ah, você é um excelente condutor! Não sabia quanto era bom até hoje!

— Não preciso que me diga isso! — ele falou repentinamente, expressão e voz numa curiosa variação com suas mãos firmes. — Como ousou fazer isto? Como ousou? Se tivesse quebrado o pescoço, seria uma recompensa merecida! Que não tenha quebrado os joelhos dos meus cavalos, devo considerar um milagre!

— Ora bolas! — respondeu Sophy, reparando o erro anterior de se pôr na defesa, preferindo a prática de assá-lo em fogo lento.

O resultado foi o que ela esperava. A viagem de volta para Berke-ley Square não levou muitos minutos, mas o Sr. Rivenhall preencheu-os com toda a exasperação reprimida nas duas últimas semanas. Destruíu o caráter da prima, condenou suas maneiras, falou-lhe do seu forte desejo de discipliná-la, e, no mesmo fôlego, lamentou o homem que seria tolo o bastante para casar-se com ela. Terminou assegurando que fervorosamente aguardava com ansiedade o dia de ficar aliviado da indesejável presença dela na sua casa.

Seria duvidoso Sophy ter detido a maré da sua eloquência. Portanto, ela não tentou fazê-lo, apenas ficou sentada com as mãos cruzadas e os olhos baixos, ao lado do seu acusador. Que a fúria dele fora

ativada, quase irracionalmente, a um estado de grande agitação ao encontrá-la sã e salva, Sophy não tinha absolutamente a menor dúvida. Houve momentos durante a sua saída em que ela duvidara da própria capacidade de escapar — ela mesma ou o cavalo — a salvo. Nunca ficara mais satisfeita de ver o primo; e um olhar de relance no seu rosto fora suficiente para assegurar-lhe que ele sofrera um grau de ansiedade desproporcional, maior do que se poderia esperar que o condutor mais zeloso sentisse por seu cavalo. Charles poderia dizer o que lhe aprouvesse; ela não estava decepcionada.

O primo fê-la desembarcar em Berkeley Square, dizendo-lhe rudemente que poderia descer sem a sua ajuda. Ela obedeceu, e sem aguardar ao menos vê-la entrar na casa, Charles afastou-se em direção às cavalariças.

Passava um pouco do meio-dia. O Sr. Rivenhall não regressou a casa, e, tão logo ela se convenceu de que não devia ter receio de ele entrar e surpreendê-la, a indisciplinada prima de Charles chamou um laçao e mandou-o numa pequena missão: às cavalariças de aluguel mais próximas; em seguida, sentou-se para escrever diversos recados cuidadosos. Por volta das 14 horas, John Potton, aturdido porém não desconfiado, percorria a trote o caminho que levava a Merton, com um desses recados no bolso. Tivesse ele o privilégio de conhecer seu conteúdo, não teria cavalgado tão alegremente ao sair de Londres.

"Querida Sancia", Sophy escreveu. "Encontro-me numa situação das mais assustadoras e preciso sinceramente pedir-lhe que venha ter comigo na Mansão Lacy imediatamente. Não deixe de me atender ou estarei totalmente desonrada. Ashtead fica apenas a 16 quilómetros de Merton, portanto não tema ficar fatigada. Deixo Londres dentro de uma hora e tudo depende de você. Para sempre sua devotada Sophy."

Ao voltar de sua incumbência, o laçao ficou satisfeito ao receber meio guinéu por seu esforço e tornou a partir com alegria para entregar duas cartas lacradas. Uma delas ele deixou na residência do Sr. Wychbold; a outra levou da casa de Lord Charlbury até a Galeria de Tiro ao Alvo de Manton, e de lá até o Brooks's Club, onde ele finalmente encontrou sua caça depois de longa procura. Lord Charlbury, chamado ao vestíbulo para receber pessoalmente o bilhete, leu-o bastante aturdido, porém recompensou generosamente o portador e encarregou-o de informar à Srta. Stanton-Lacy que permanecia inteiramente à sua disposição.

Nesse meio-tempo a Srta. Stanton-Lacy, que bondosamente dera à sua zelosa criada um dia de folga, instruiu a atónita empregada da casa que pusesse sua roupa de dormir numa valise, e sentou-se para escrever mais duas cartas. Ainda estava ocupada com essa tarefa quando Lord Charlbury foi introduzido no salão. Ela ergueu os olhos, sorrindo e disse:

— Sabia que podia contar com você! Obrigada! Deixe-me apenas terminar este bilhete!

Ele aguardou até que a porta se fechasse atrás de Dassetts antes de perguntar:

— Em nome de Deus, Sophy, o que aconteceu? Por que precisa ir a Ashtead?

— É meu lar, a casa de Sir Horace!

— É mesmo? Eu não sabia... Mas tão de repente! Sua tia... sua prima...?

— Não se preocupe! — ela pediu. — Explicarei a você no caminho, se for bom o suficiente para me oferecer sua companhia! Não é longe... pode-se ir numa diligência.

— É claro que acompanharei você! — ele respondeu imediatamente. — Rivenhall está ausente de casa?

— Para mim, é impossível pedir-lhe que vá comigo. Por favor, deixe-me terminar este bilhete para Cecília!

O lorde pediu-lhe desculpas e afastou-se até uma cadeira ao lado da janela. As boas maneiras o proibiam de insistir com ela por uma explicação que Sophy visivelmente relutava em dar, mas ele estava muitíssimo confuso. O usual olhar malicioso desaparecera completamente dos olhos dela; a jovem parecia estar numa disposição de espírito séria, fora do comum — um fato que o fez relaxar a guarda e ficar unicamente ansioso para lhe ser útil.

O bilhete para Cecília logo estava pronto, fechado e lacrado. Sophy levantou-se da escrivaninha, e Charlbury arriscou-se a perguntar-lhe se desejava que ele a conduzisse a Ashtead em seu cabriole.

— Não, não, contratei uma diligência! Deve chegar aqui agora mesmo. Não veio no seu cabriole, veio?

— Não, caminhei do Brook's até aqui. Vai passar uma temporada no campo?

— Ainda não sei. Espera por mim enquanto ponho meu chapéu e minha capa?

Ele assentiu com a cabeça, e Sophy afastou-se, mas logo regressou com Tina saltitando à sua volta, na expectativa de ser levada para um passeio. A carruagem de aluguel já aguardava à porta, e Dasset, aturdido tanto quanto Lord Charlbury, mandara um laçao amarrar a valise da Srta. Stanton-Lacy na traseira. Sophy passou às mãos dele os dois últimos bilhetes que escrevera, recomendando-lhe que se certificasse de que o Sr. e a Srta. Rivenhall os recebessem imediatamente após chegarem em casa. Cinco minutos mais tarde, ela encontrava-se sentada na diligência ao lado de Charlbury, expressando a esperança de que a tempestade que ameaçava desabar só o fizesse depois que tivessem alcançado a Mansão Lacy. Tina pulou para o colo de Sophy e ela contou ao rapaz que havia encontrado no Green Park outro galgo italiano, que não fizera segredo de sua admiração por Tina. O coquetismo de Tina teve de ser descrito; isto conduziu a um relato divertido sobre os ciúmes do *spaniel* do Sr. Rivenhall, trazido por ele do campo há alguns dias; e desse modo, numa progressão tranquila, Lord Charlbury surpreendeu-se discutindo a caça ao faisão, à raposa, e várias outras atividades esportivas. Esses tópicos duraram até ultrapassarem a estrada de Kennington, e a essa altura as faculdades mentais do rapaz, a princípio atordoadas, estavam bem vigilantes. Pareceu-lhe que a malícia voltara aos olhos de Sophy. Em Lower Tooting, ele deixou que seu olhar se dirigisse, cortesmente, à curiosa torre da igreja, com sua forma circular, encimada por uma estrutura quadrada de madeira, com uma agulha não muita elevada de ripas no topo; mas quando Sophy tornou a recostar-se em seu canto da diligência, ele perguntou, observando-lhe as feições:

— Sophy, por acaso estamos fugindo juntos?

A melodiosa risadinha característica irrompeu de dentro dela:

— Não, não, não tão ruim assim! Preciso lhe dizer?

— Sei muito bem que você tem algum plano abominável em andamento! Diga-me agora mesmo!

Ela lançou-lhe um olhar de esguelha, e agora ele já não tinha dúvidas de que a malícia voltara aos seus olhos.

— Bem, Charlbury, a verdade é que raptei você.

Depois de um instante de aturdimento, ele começou a rir. Nisso Sophy prontamente juntou-se a ele, e

quando o rapaz recuperou-se do primeiro impacto do absurdo daquela ideia, disse:

— Eu já devia ter imaginado que havia diabrura a caminho quando notei que seu fiel Potton estava ausente! Mas do que se trata, Sophy? Por que estou sendo raptado? Com que fim?

— Para eu estar tão comprometida que você seja obrigado a se casar comigo, é claro — respondeu prosaicamente Sophy.

Essa explicação alegre teve o efeito de fazê-lo sentar-se ereto como um fuso, exclamando:

— *Sophy!*

Ela sorriu.

— Oh, não fique tão alarmado! Mande John Potton com uma carta para Sancia pedindo-lhe para ir imediatamente à Mansão Lacy.

— Santo Deus, você inventou alguma dependência para forçá-la a proceder assim?

— Oh, sim, certamente! Ela tem um coração muito bom, sabe, e jamais deixaria de atender a um apelo meu. Ele tornou a descansar, apoiado no encosto estofado, porém disse:

— Não sei o que você merece! Ainda estou completamente aturdido. Por que fez isso?

— Ora, não compreende? Deixei uma carta para Cecília, contando-lhe que estou a ponto de me sacrificar..

— Obrigado! — interrompeu Lord Charlbury.

— ... e sacrificar você — continuou Sophy serenamente — para que meu tio fique finalmente calado. Você sabe, pois já lhe contei, que o convenci a anunciar à pobre Cecy sua inalterável decisão de que ela devia casar-se com você! Se conheço Cecy, o choque irá trazê-la a Ashtead a toda pressa, para nos resgatar a ambos. Meu querido Charlbury, se você não tirar proveito dessa eventualidade, lavo minhas mãos!

— No íntimo, sinto desejar que tivesse feito isso há mais tempo! — foi a ingrata resposta dele. — Ultrajante, Sophy, *ultrajante!* É se nem ela nem a marquesa aparecerem na Mansão Lacy? Permita-me dizer-lhe de que nada servirá para me convencer a comprometer-me com você!

— Não, realmente! Causar-me-ia excessivo desgosto! Se *isso* acontecer, receio que será obrigado a passar a noite em Leatherhead. Não fica muito distante de Mansão Lacy, e acredito que possa encontrar um conforto tolerável no Cisne. Ou poderá alugar um coche para levá-lo de volta a Londres. Mas Sancia, pelo menos, virá.

— Contou a Cecília que me *raptou!* — ele perguntou. Sophy assentiu com a cabeça, e o lorde exclamou: — Eu poderia matá-la! Que sujeira para fazer com alguém! E que papelão devo estar fazendo eu!

— Ela não vai pensar nisso. Lembra-se de que lhe falei no outro dia: que ela devia sentir pena de você e não de Augustus? Além disso, estou convencida de que Cecília padecerá verdadeiros tormentos de ciúmes! Imagine só! Eu estava praticamente parada até que me lembrei do que certa vez ouvira de um militar muito importante: "A surpresa é a alma do ataque!" Que circunstância mais feliz!

— Não é? — indagou ele, com ironia. — Estou muito inclinado a descer na próxima paragem!

— Se o fizer, estragará tudo.

— É *abominável*, Sophy!

— Abominável seria se o motivo não fosse puro!

Ele não disse nada e também ela permaneceu calada por alguns minutos. Por fim, depois de ter ponderado o assunto, Charlbury disse:

— Seria conveniente que me contasse tudo. Que eu apenas ouvi a metade, não tenho a menor dúvida. Onde Charles Rivenhall se encaixa nisso tudo?

Ela cruzou as mãos sobre as costas de Tina.

— Pobre de mim! Tenho tido brigas tão horríveis com Charles que me sinto obrigada a buscar refúgio na Mansão Lacy! — disse ela, pesarosa.

— E sem dúvida deixou um bilhete para informá-lo disso! É claro!

— Já prevejo uma feliz reunião! — ele comentou, com amargura.

— Essa — reconheceu ela — foi a dificuldade! Mas acho que posso superá-la. Prometo-lhe, Charlbury, você sairá disto com a pele intacta... bem, talvez, não muito intacta, mas quase isso!

— Você não sabe o quanto aliviou minha mente! Ouso afirmar que não sou páreo para Rivenhall, seja com as pistolas, seja com os punhos, contudo faça-me justiça: não sou exatamente um grandessíssimo poltrão para temer o encontro com ele!

— Faço — ela assegurou. — Mas será inútil para Charles *pô-lo a nocante*... falei corretamente?

— Muito corretamente!

— ...ou meter-lhe uma bala — ela terminou com serenidade inabalável.

Ele foi obrigado a rir.

— Vejo que Rivenhall deve ser mais digno de pena do que eu! Por que brigou com ele?

— Eu tinha de arranjar uma desculpa para fugir de Berkeley Square! Entenda que eu não pude pensar em outra coisa a não ser sair com o novo baio que ele acabou de comprar. Uma belíssima criatura! Es-páduas inclinadas, magníficas! Um porte e tanto! Mas totalmente in domável para o tráfego de Londres e decididamente forte demais para uma mulher conduzir!

— Já vi o cavalo. Está falando sério, Sophy, que saiu com ele?

— Saí... chocante, não foi? Asseguro-lhe, senti verdadeiro remorso em minha consciência! Contudo, não houve dano nenhum! Ele não disparou comigo, e Charles veio em salvação antes que eu me encontrasse em apuro de verdade. As coisas que ele me disse...! Nunca o vi tão furioso! Se ao menos eu pudesse lembrar da metade dos insultos que me dirigiu! Mas não importa; eles me deram o motivo que eu precisava para fugir da sua proximidade.

Charlbury fechou os olhos por um momento angustiante.

— Informando-o, sem dúvida, que procurava *minha* proteção?

— Não, não havia necessidade; Cecy lhe contará isso!

— Que circunstância feliz, não há dúvida! Espero que pretenda contribuir com uma bela coroa de flores às minhas exéquias.

— Certamente! Pela ordem natural das coisas, é provável que você morra antes de mim.

— Se eu sobreviver a esta aventura, pode haver dúvidas sobre isso. Seu destino está claramente escrito: você será assassinada. Não consigo imaginar como não fizeram isso há mais tempo!

— Que estranho! Charles certa vez me disse o mesmo ou algo parecido!

— Não há nada estranho; qualquer homem sensato vai lhe dizer isso!

Ela riu, depois disse:

— Não, você é injusto! Nunca fiz o menor mal a quem quer que seja! Pode ser que com relação a Charles meus estratagemas não tenham sucesso; no seu caso, estou convencida de que devem ter! Bem que isso pode nos deixar contentes. Pobre Cecy! Imagine só que horrível ser obrigada a casar com Augustus e passar o resto da vida ouvindo os poemas dele!

Esse aspecto da situação atingiu Lord Charlbury tão violentamente que ele caiu em silêncio. Não disse nada sobre abandonar Sophy quando parassem na estação seguinte, agora parecia resignado à sua sorte.

A Mansão Lacy, que ficava a pouca distância da estrada principal, era uma casa de estilo elisabetano, bastante ampliada pelas gerações subsequentes, mas ainda conservando muito da sua beleza original. Chegava-se a ela por uma avenida de árvores nobres e outrora fora estabelecida entre jardins formais em terreno montanhoso. Esses jardins, devido ao fato de Sir Horace ser não apenas um proprietário ausente, como também negligente, cresceram demais nos últimos anos, de modo que as moitas de arbustos não se distinguiam de uma selva, e as roseiras não podadas desenvolviam-se de maneira desenfreada nos canteiros de flores, junto com as ervas daninhas. O dia todo o céu ficara encoberto, porém um caprichoso raio de sol, filtrando-se pelas nuvens mais baixas, revelou as janelas com mainel da casa muito carente de limpeza. Um rastro de fumaça saía de uma chaminé, único sinal visível de que a casa ainda era habitada. Descendo do coche, Sophy olhava em volta com olhos críticos, enquanto Charlbury puxava o cordão do sino de ferro ao lado da porta da frente.

— Tudo parece estar numa desordem impressionante! — ela observou. — Preciso falar com Sir Horace que assim não está certo! Ele não devia abandonar a casa dessa maneira. Há trabalho aqui para um exército de jardineiros! Meu pai jamais gostou do lugar, sabe? Muitas vezes perguntei a mim mesma se era porque minha mãe morreu aqui. — Lord Charlbury produziu um som simpático com a garganta, e Sophy continuou alegremente: — Mas ousa afirmar que é só porque ele é extremamente indolente! Toque o sino de novo, Charlbury!

Depois de um prolongado intervalo, ouviram o ruído de passos dentro da casa, seguido imediatamente pelo rangido dos ferrolhos e o som agudo de uma corrente sendo retirada da porta.

— Sinto-me apaziguado, Sophy! — anunciou Charlbury. — Jamais esperei encontrar-me entre as capas de um romance! Haverá teias de aranha e um esqueleto debaixo da escada?

— Receio que não, mas imagine só que encantador se houvesse! — retorquiu ela. Acrescentou, quando a porta foi aberta e um rosto surpreso apareceu: — Bom-dia, Clavering! Sim, sou eu mesma e vim para casa ver como você e Mathilda estão passando!

O mordomo, um homem magro de grisalhos cabelos encaracolados e costas curvas, perscrutou-a por um momento antes de dizer com voz entrecortada:

— Srta. Sophy! Deus do céu, senhorita, se imaginássemos que viria! Tamanho susto me deu ouvir o sino tocando! Venha cá, Matty, olhe! É a Srta. Sophy!

Uma figura feminina, tão robusta quanto a do marido era esguia, apareceu em segundo plano, pronunciando sons aflitos e tentando desatar as tiras do avental encardido. Muito atrapalhada, a Sra. Clavering pediu à jovem patroa para entrar na casa e desculpar a desordem em toda parte. Não tinham recebido aviso da sua chegada. O patrão dissera que tomaria medidas quando regressasse do estrangeiro. Ela duvidava que houvesse um pingo de chá na casa. Se ao menos tivesse sabido da intenção da Srta. Sophy de visitá-los, teria varrido a lareira, limpado a melhor sala e retirado as capas de Holanda.

Sophy procurou acalmar a agitada mulher com a certeza de que viera preparada para encontrar a casa em desarranjo, e passou para o vestibulo. Este era um cómodo grande, revestido de lambris; possuía um telhado de águas de pequena empena, do qual, numa das extremidades, uma bonita escada de carvalho se elevava em lances que davam acesso aos andares superiores da casa. Todas as cadeiras estavam cobertas com capas de Holanda, e uma película de poeira jazia sobre a mesa-consolo, cujas abas se apoiavam em pernas móveis e que se encontrava no centro do aposento. O ar parecia desagradavelmente úmido, e uma grande mancha de mofo numa das paredes tornou esse fato facilmente compreensível.

— Precisamos abrir todas as janelas e acender as lareiras! — disse Sophy animadamente. — A marquesa... uma dama espanhola já chegou?

Garantiram que nenhuma dama espanhola fora vista na mansão, circunstância pela qual os Claverings pareciam achar que mereciam ser congratulados.

— Ótimo! — exclamou Sophy. — Ela estará logo aqui, e precisamos nos esforçar para tornar as coisas um pouco mais confortáveis antes de a recebermos. Traga um pouco de lenha e gravetos para esta lareira, Clavering, e você, Matty, tire essas capas dos móveis! Se não houver chá na casa, estou certa de que há cerveja! Traga um pouco para Lord Charlbury, por favor! Charlbury, queira me perdoar por convidá-lo para uma casa tão abandonada! Espere, Clavering! Os estábulos estão mais ou menos decentes? Não quero que o coche se afaste, os cavalos precisam receber ração e uma escovada, e os postilhões devem ser alimentados!

Ao abandonar os escrúpulos ao prazer da situação, Lord Charlbury disse:

— Você me permite cuidar desse assunto? Se Clavering me mostrar o caminho para os estábulos...

— Sim, por favor, faça isso! — disse Sophy, grata. — Preciso ver quais os quartos que convém mais usar, e, até termos um fogo aceso, será muito desagradável para você.

Lord Charlbury, interpretando corretamente que isso significava que ele atrapalharia muito se ficasse na casa, saiu com Clavering para levar os postilhões aos estábulos, felizmente ainda perfeitos e sob a responsabilidade de um idoso servidor aposentado, cujos olhos remelo-sos se iluminaram visivelmente à vista de animais tranquilos como os cavalos de aluguel. Um cavalo robusto, de pernas curtas, e uma parelha de cavalos de fazenda eram os únicos ocupantes dos espaçosos estábulos, mas o servidor garantiu-lhe que havia palha e forragem suficientes, e mais adiante incumbiu-se de regalar os postilhões em sua própria casa, que ficava anexa aos estábulos.

Então Lord Charlbury caminhou pelos jardins até que pesadas gotas de chuva o fizeram voltar para casa. Lá descobriu que as capas tinham sido retiradas dos móveis do vestibulo, que um espanador fora usado, e um fogo aceso crepitava na gigantesca lareira.

— Não está realmente frio — disse Sophy —, mas fará tudo parecer mais alegre.

O rapaz, olhando com expressão duvidosa para os rolos de fumaça que saíam da lareira e invadiam o

aposento, concordou humildemente com o que ela dissera, e até fez uma exibição de aquecer as mãos diante das pequenas labaredas azuis que apareciam em meio às brasas. Uma lufada mais violenta de fumaça o fez afastar-se, acometido de um acesso de tosse. Sophy ajoelhou-se para meter um atizador de brasas sob a massa *negra*, levantando-a para permitir a passagem de uma corrente de ar.

— É capaz de haver uma ninhada surpreendente na chaminé — ela observou calmamente. — Contudo, Mathilda diz que o fogo sempre faz fumaça durante algum tempo quando as chaminés estão frias. Veremos! Encontrei um pouco de chá em um dos armários da despensa, e Mathilda vai prepará-lo para nós agora mesmo. Ela não fazia ideia de que o chá estava lá. Gostaria de saber quanto tempo ficou escondido no armário!

— Gostaria de saber? — repetiu Lord Charlbury, fascinado com a ideia dessa relíquia dos tempos esquecidos da Mansão Lacy.

— Felizmente, o chá não deteriora — disse Sophy. — Pelo menos... ou deteriora?

— Não faço ideia, mas isso também veremos — respondeu Charlbury. Começou a caminhar pelo vestíbulo, inspecionando os quadros e os enfeites. — Que pena esta casa ficar abandonada à ruína! — observou. — Ali está um conjunto Dresden encantador e apaixonei-me totalmente por aquele Arlequim ali. Pergunto a mim mesmo por que seu pai não prefere alugar esta casa para pessoas respeitáveis enquanto ele está ocupado no estrangeiro em vez de deixá-la estragar-se!

— Bem, durante muitos anos ele permitiu que minha tia Clara morasse aqui — explicou Sophy. — Era muito excêntrica, mantinha gatos, e morreu há dois anos.

— Penso que ela não cuidava muito da casa — replicou Charlbury, colocando os óculos para examinar uma paisagem numa maciça moldura dourada.

— Não, receio que não cuidava. Esqueça! Logo Sir Horace colocará tudo em ordem. Nesse meio-tempo, Mathilda deve arrumar a sala de almoço, e podemos nos sentar lá e ficarmos aconchegados. — Ela franziu ligeiramente a testa. — A única coisa que me preocupa um pouco é quanto ao jantar — confessou. — Não me parece que Mathilda tenha alguma noção de cozinha, e devo confessar que também não tenho. Talvez você diga que esta *é* uma circunstância trivial, mas...

— Não — interrompeu o rapaz, com grande firmeza. — Eu não diria uma coisa desse tipo! Vamos jantar aqui? Precisamos?

— Oh, sim, estou certa de que precisamos nos decidir a isso — ela respondeu. — Estou em dúvida de quando iremos ver Cecília, porém creio que dificilmente ela chegará aqui antes das 19 horas, pois ela foi a Richmond com minha tia, sabe, e é muito provável que passem a tarde lá. Está interessado em quadros? Gostaria de subir para que eu lhe mostre a Longa Galeria? Os melhores acham-se lá em cima, creio eu.

— Obrigado. Gostaria de vê-los. Espera que Rivenhall faça com panhia à irmã?

— Bem, *imagino* que sim. Afinal, ela dificilmente sairá sozinha e sem dúvida ele deve ser a pessoa para quem ela se voltaria em tal situação. Não há como dizer, é claro, mas pode estar certo de que se Charles não vem com Cecy, ele a seguirá rapidamente. Vamos subir para a galeria até o chá ficar pronto.

Ela ia na frente em direção às escadas, parando ao lado de uma cadeira para apanhar sua grande bolsa de viagem. A *galeria*, que *se* estendia ao longo do lado norte da casa, estava numa escuridão sepulcral, pois pesadas cortinas tinham sido corridas em suas altas janelas. Sophy começou a puxar as cortinas,

dizendo:

— Há dois Van Dycks, e algo que *dizem* ser um Holbein, embora Sir Horace duvide. *Aquele é* o retrato de minha mãe, feito por Hoppner. Não me lembro dela, mas Sir Horace jamais se importou com esse retrato; ele diz que o quadro a mostrava pretenciosa, o que jamais foi.

— Você não se parece muito com ela — Charlbury observou, olhando para o retrato.

— Oh, não! Minha mãe era considerada uma beldade! — disse Sophy.

Ele sorriu, mas não fez comentários. Passaram para o quadro seguinte, e foram percorrendo toda a extensão da galeria, quando Sophy imaginou que Mathilda já teria colocado a bandeja com o chá para eles. Pareceu-lhe que as cortinas deviam ser cerradas de novo, e Charlbury foi até as janelas para executar essa *tarefa*. Ele já havia fechado duas delas e tinha estendido a mão para agarrar uma das cortinas da terceira quando Sophy, atrás dele, disse:

— Fique exatamente como está por um instante, Charlbury. Consegue ver a casa de verão de onde está?

Ele ficou imóvel, o braço cruzando a janela:

— Posso ver algo entre as árvores que talvez seja... — Então ouviu-se um disparo, e ele moveu-se rápido para o lado, agarrando o antebraço, que caiu como se um ferro em brasa o tivesse cauterizado. Por um momento, seus sentidos ficaram inteiramente aturdidos pelo choque; depois ele se conscientizou que a manga do casaco estava cha muscada, com um furo, e que havia sangue correndo entre seus dedos; e que Sophy punha de lado uma pequena e elegante pistola.

Ela parecia um pouco pálida, mas sorriu-lhe de maneira tranquilizadora, e disse, enquanto vinha em sua direção.

— Queira *realmente* me perdoar! Uma coisa infame para fazer, mas julguei que provavelmente seria pior se eu o avisasse!

— Sophy, enlouqueceu? — perguntou, furioso, começando a enrolar o lenço no braço. — O que pretende com isso?

— Venha para um dos quartos e deixe-me amarrá-lo para você. Tenho tudo pronto. Receava que você pudesse ficar um pouco zangado, pois estou certa de que deve tê-lo machucado abominavelmente. Fazer isso custou-me a maior resolução a tomar — ela respondeu, empurrando-o gentilmente para a porta.

— Mas, *por quê?* Em nome de Deus, o que lhe fiz para que você precisasse meter uma bala em mim?

— Oh, você não fez absolutamente nada! Aquela porta, por favor, e tire o casaco. Meu pavor era que a minha pontaria pudesse falhar, e eu quebrasse seu braço, mas estou certa de que não quebrei, quebrei?

— Não, é claro que não quebrou! A bala passou raspando, mas ainda não entendo por que...

Ela ajudou-o a tirar o casaco e a enrolar a manga da camisa.

— Não foi sério, apenas um ferimento superficial. Fico tão grata!

— Eu também! — replicou o rapaz, carrancudo. — Posso considerar-me um felizardo por não estar morto, suponho!

Ela riu.

— Que tolice! Àquela distância? Entretanto, imagino que Sir Horace teria ficado orgulhoso de mim, pois meu alvo era tão firme como se eu estivesse atirando numa hóstia e não teria sido nada maravilhoso se minha mão tivesse tremido. Sente-se para que eu possa lavar o ferimento!

Ele obedeceu, sustentando o braço sobre a bacia de água que ela, tão prudentemente, providenciara. Charlbury tinha um senso de humor muito jovial, e agora que o primeiro choque passara, não pôde evitar que seu lábio tremesse.

— Sim, realmente! — ele retorquiu. — Pode-se prontamente calcular o prazer de um pai diante de tal façanha! Dificilmente a palavra coragem serve para isso, Sophy! Você nem faz menção de desmaiar à vista de sangue.

Ela levantou rapidamente os olhos da tarefa de passar uma esponja pelo ferimento.

— Santo Deus, não! Não sou *melindrosa*, fique sabendo!

Diante disso, ele lançou a cabeça para trás e desatou numa gargalhada.

— Não, não, Sophy! Você não é mesmo melindrosa! — disse, acrescentando com voz sufocada pelo riso, quando finalmente conseguiu falar: — A Magnífica Sophy!

— Gostaria que não se mexesse! — disse ela com severidade, enxugando o braço dele e dando umas pancadinhas com uma toalha macia. — Veja, quase não sangra mais! Vou espalhar basilicão em pó e enfaixar seu braço para que se sinta novamente confortável.

— Não estou nem um pouco confortável e logo provavelmente ficarei com febre alta. Por que fez isso, Sophy?

— Bem — ela respondeu, muito séria. — O Sr. Wychbold disse que Charles ou desafiaria você para um duelo por causa desta fuga ou que o poria nocaute numa luta, e não desejo de modo algum que qualquer coisa desse tipo lhe aconteça.

Efetivamente, isso colocou um ponto final no divertimento do rapaz. Agarrando-a pelo pulso com a outra mão, ele exclamou:

— É verdade? Por Deus, tenho muita vontade de esbofeteá-la! Pensa que tenho medo de Charles Rivenhall?

— Não, acho que não tem, mas imagine só que coisa horrível seria se Charles por acaso matasse você, tudo por minha causa!

— Tolicie! — ele replicou, zangado. — Como se fôssemos loucos o bastante para deixarmos chegar a esse ponto, o que, asseguro-lhe, não somos...

— Vocês não são loucos, creio que tem razão, mas também acho que o Sr. Wychbold estava certo ao pensar que Charles iria... como ele disse?... *acertar-lhe um soco!*

— Muito provável, mas embora eu não seja páreo para Rivenhall, ainda poderia ter êxito!

Ela começou a enrolar uma tira de linho no antebraço do rapaz.

— Não seria a solução — disse. — Se você derrotasse Charles, Cecy não iria gostar nem um pouco; e se imagina, meu querido Charlbury, que um olho preto e um nariz sangrando ajudarão sua causa com ela, deve ser um grande tolo!

— Pensei — disse ele, com ironia — que ela tenderia a penalizar-se de mim!

— Exatamente! E foi essa a circunstância que me decidiu a atirar em você! — replicou Sophy, triunfante.

Novamente, ele não pôde deixar de rir. Contudo, no momento seguinte, de mau humor, chamou a atenção dela para o fato de que fizera a atadura tão grossa que o impossibilitava de enfiar a manga do casaco.

— Bem, a manga está muito estragada, portanto não tem importância não vesti-la — disse Sophy. — Você pode abotoar o casaco, deixando o braço de fora, e vou ajeitar uma tipóia. Não há dúvida de que se trata de um ferimento de superfície, mas pode sangrar nova mente se ficar com o braço abaixado. Vamos descer e ver se Mathilda já fez o chá!

A Sra. Clavering não só se esgotara ao preparar o chá, como também mandara o filho do jardineiro correndo ao povoado para trazer em seu auxílio uma robusta donzela de faces coradas, a qual, orgulhosamente, apresentou a Sophy como a filha mais velha de sua irmã. Fazendo uma reverência saltitante, a moça disse chamar-se Clementina. Ao considerar que a Mansão Lacy talvez fosse solicitada a acomodar várias pessoas naquela noite, Sophy mandou-a apanhar mantas e lençóis e arranjá-los diante da lareira da cozinha. A Sra. Clavering, ainda labutando para tornar habitável a sala de almoço, colocara a bandeja do chá no vestíbulo, onde o fogo começara a arder com mais firmeza. De vez em quando, lufadas de fumaça ainda jorravam no aposento, mas Lord Charlbury, afundado numa poltrona e usando uma almofada como apoio para o braço ferido, achava que seria grosseiro fazer críticas sobre o fato. O chá, que parecia ter perdido um pouco do seu aroma devido à longa permanência no armário da despensa, era acompanhado de algumas fatias de pão com manteiga e um grande bolo inglês, um tanto pesado, do qual Sophy comeu com grande apetite. Do lado de fora, a chuva caía com força e o céu tornara-se tão plúmbeo que pouquíssima luz penetrava nos aposentos da mansão com telhado de águas de pequena empena. Uma busca rigorosa não conseguiu revelar a existência de outras velas além das de sebo, mas logo a Sra. Clavering trouxe uma candeia para o vestíbulo, a qual, assim que ela fechara as cortinas, fez o cômodo parecer muito aconchegante, comentou Sophy com Lord Charlbury.

Pouco tempo depois seus ouvidos foram assaltados pelo ruído de alguém que chegava. Imediatamente Sophy levantou-se de um salto.

— Sancia! — exclamou, e lançou ao hóspede um sorriso atrevido. — Agora pode ficar tranquilo! — Ela apanhou a candeia de sobre a mesa e levou-a para a porta, que escancarou, permanecendo parada na soleira, a candeia erguida bem alto para jorrar sua luz o mais longe possível. Através da chuva vigorosa, viu o coche-landô da marquesa parar no pórtico, e enquanto ela observava, Sir Vincent Talgarth descia agilmente da carruagem e se voltava, dando a mão para a marquesa descer. Noutro instante, o Sr. Fawnhope também descia e parava petrificado, olhando para a figura na entrada, enquanto a chuva caía sobre sua cabeça descoberta.

— Oh, *Sophy*, por quê? — gemeu a marquesa, alcançando a proteção do pórtico. — Esta chuva! Meu jantar! É muita maldade sua!

Sophy, não dando atenção às queixas, dirigiu-se ferozmente a Sir Vincent.

— Ora, que diabo isto significa? Por que teve de acompanhar Sancia, e por que cargas d'água precisou trazer Augustus Fawnhope?

Ele foi sacudido por uma pequena risada.

— Minha querida Juno, deixe-me entrar para livrar-me deste aguaceiro! Sem dúvida sua própria

experiência sobre Fawnhope deve tê-la ensinado que ninguém o *traz*, ele vem! Fawnhope estava lendo os dois primeiros atos da sua tragédia para Sancia quando seu mensageiro chegou. Continuou lendo durante a viagem, até cessar a claridade. — Ergueu a voz, chamando: — Entre, poeta extasiado! Vai ficar ensopado se continuar parado aí por mais tempo!

O Sr. Fawnhope, com um sobressalto, dirigiu-se para a casa.

— Oh, bem! — exclamou Sophy, procurando tirar proveito da situação —, calculo que devo admiti-lo, mas é o maior azar!

— É você! — anunciou o Sr. Fawnhope, fitando-a com olhos arregalados. — Por um momento, enquanto estava aí parada, a candeia erguida acima de sua cabeça, pensei que contemplava uma deusa! Uma deusa ou uma virgem vestal!

— Bem, se eu fosse você — intrometeu-se Sir Vincent, prático — sairia da chuva até que me resolvesse.

XVII

VOLTANDO DE RICHMOND no final da tarde, Lady Ombersley e suas filhas assumiram uma expressão séria ao chegarem a Berkeley Square e encontrarem a Srta. Wraxton aguardando por elas. Depois de abraçar Lady Ombersley afetuosamente, ela explicou que se aventurara a sentar-se e esperar, uma vez que era portadora de um recado da mãe. Lady Ombersley, um pouco ansiosa por causa de Amabel, que parecia cansada e se queixara de uma leve dor de cabeça durante a viagem de regresso, respondeu distraidamente:

— Agradeça muito à sua mãe, minha querida. Amabel, venha ao meu quarto de vestir, onde colocarei compressas de vinagre na sua testa! Logo ficará melhor, meu amor!

— Coitadinha! — exclamou a Srta. Wraxton. — Ela ainda parece lamentavelmente abatida! Já deve saber, senhora, que retiramos nossas luvas pretas. Mamãe deseja realizar uma reunião formal em homenagem ao acontecimento que se aproxima — na verdade uma pequena reunião, pois muitas pessoas importantes estão fora da cidade! Contudo, por nada neste mundo ela fixaria uma data que não se ajustasse aos preparativos da senhora. Está contemplando a mensageira dela!

— Quanta gentileza de sua mãe! — murmurou Lady Ombersley. — Ficaremos muito felizes — qualquer dia que sua mãe marcar. Te-mos pouquíssimos compromissos no momento! Queira me desculpar, não posso continuar aqui! Amabel ainda não está de todo bem, como sabe! Cecília combinará tudo com você. Diga à sua mãe tudo que for apropriado dizer da minha parte! Venha, querida!

Enquanto falava, conduzia a filha mais jovem para a escada, não prestando absolutamente atenção a Cecília, para quem Dassetts discretamente entregara o bilhete de Sophy; Cecília também não prestava atenção às palavras que sua mãe dizia. Sob o olhar interessado do mordomo, Cecília, ao ler a carta no mais absoluto aturdimento, empalidecia de modo alarmante. Ao terminar a leitura, ergueu os olhos e fixou-os à sua frente, os lábios abertos, como se desejasse chamar a mãe. Em seguida conseguiu refazer-se e procurou conservar a calma. Porém as mãos com que dobrou a carta de Sophy tremiam visivelmente, e toda sua aparência era a de alguém que sofrera um sério abalo. A Srta. Wraxton notou isso e moveu-se em sua direção, dizendo, solícita:

— Parece que não está se sentindo muito bem! Não recebeu más notícias, recebeu?

Dassetts, cujos dedos formigaram de ansiedade para romper o lacre da carta de Sophy, tossiu e disse, afetando desinteresse:

— A Srta. Stanton-Lacy regressará à cidade esta noite, senhorita? A criada dela está num estado de grande apreensão, por não ter tido qualquer indicação de que a patroa estava indo para o campo.

Cecília olhou-o de modo um tanto confuso, porém controlou-se o bastante para responder com tolerável serenidade:

— Sim, acho que sim. Oh, sim, certamente ela voltará esta noite!

Se essa resposta não satisfizesse a curiosidade de Dassetts, pelo menos fez a Srta. Wraxton ficar alerta. Tomando Cecília pelo braço, levou-a para a biblioteca, dizendo com sua voz bem modulada:

— A viagem deixou-a fatigada. Seja gentil, Dassetts, leve um copo com água à biblioteca juntamente com sais aromáticos! A Srta. Rivenhall está se sentindo um pouco tonta.

Cecília, cuja constituição física não era forte, realmente parecia tonta e só pôde sentir-se grata depois que foi obrigada a deitar-se no sofá da biblioteca. Habilmente, a Srta. Wraxton retirou-lhe o lindo chapéu e começou a friccionar-lhe as mãos, surrupiando de uma delas o bilhete que Cecília *agarrava* tão febrilmente. Dasset logo entrou com os requisitos encomendados, que a Srta. Wraxton tomou dele com tranquilas palavras de agradecimento e dispensa. A tontura, que fora apenas momentânea, já estava passando, e Cecília pôde sentar-se e beber a água aos golinhos, bem como reanimar-se depois de cheirar diversas vezes o frasco de sais estimulantes. Nesse meio-tempo, a Srta. Wraxton, da maneira mais audaciosa possível, apanhara a carta de Sophy e assenhoreava-se do seu conteúdo:

"Você ficou surpresa, querida Cecília, porque afinal eu não quis acompanhar vocês a Richmond. Que este bilhete seja minha explicação. Há muito tempo venho pensando na infeliz situação em que você se encontra, e só vejo um meio de acabar com a angústia que tem sofrido por causa da implacável determinação de meu tio em vê-la casada com C. Acredito ter sido ele encorajado nessa decisão pelo próprio C., mas não vou magoá-la mais, continuando a escrever sobre o assunto. Se C. fosse afastado, só posso acreditar que meu tio logo irá ceder com respeito a F.

"Charles lhe contará que brigamos. Embora deva confessar que a culpa original foi minha, o modo dele me tratar, a linguagem que empregou... tão violenta, tão descontrolada!... impossibilita-me permanecer por mais tempo sob esse teto. Resolvi retirar-me imediatamente para a Mansão Lacy e convenci C. a servir-me de escolta. Confio tornar impossível que ele deixe a Mansão Lacy ainda esta noite! Ele é um cavalheiro, e, embora seu coração jamais possa ser meu, estou convencida de que vai me propor casamento, e você poderá ficar finalmente tranquila.

"Nada tema por mim! Sabe muito bem que desejo constituir família, e embora minha afeição não esteja mais comprometida do que a de C., e devo estremecer só em pensar nos meios que a indiferença dele me forcem a empregar, acho que conseguiremos viver toleravelmente juntos. Se lhe posso ser de alguma ajuda desse modo, minha querida prima, terei minha recompensa. Para sempre sua devotada Sophy."

— Santo Deus! — exclamou a Srta. Wraxton, saindo de sua calma com um sobressalto. — Isto é possível? Embora eu tenha julgado sua conduta péssima, não teria acreditado que ela chegasse a tal extremo! Moça infeliz! Não há uma palavra de arrependimento! Nem um sopro de vergonha! Minha pobre Cecília, não me admira que ficasse nesse acabrunhamento! Você foi miseravelmente enganada!

— Ora, sobre o que está falando? — exclamou Cecília, levantando-se. — Eugenia, você não tinha o direito de ler minha carta! Me dê isso imediatamente, por favor, e jamais ouse mencionar o seu conteúdo a um ser vivo!

A Srta. Wraxton devolveu a carta, mas disse:

— Em vez de chamar Lady Ombersley para você, julguei que preferia que eu descobrisse o que a transtornara tanto. Quanto a não mencionar o conteúdo, imagino que esta notícia deve estar espalhada por Londres inteira amanhã! De fato não sei de outra ocasião em que fiquei mais abalada.

— Por Londres inteira! Não, isso não acontecerá! — disse Cecilia com veemência. — Sophy! Charlbury! Não pode ser, não *deve* ser"! Partirei para Ashtead agora mesmo. Como poderia ela fazer uma coisa dessas? *Como poderia?* Tudo por causa da sua bondade... do seu desejo de ajudar-me, mas como ousou ela partir com Charlbury? — Procurou ler a carta de novo, mas amassou-a na mão, estremecendo. — Uma briga com Charles! Oh, mas ela deve saber que Charles não fala sério as coisas que diz quando

está furioso! Ela *sabe* disso! Ele irá comigo e a traremos para casa! Onde está ele? Alguém deve ir imediatamente ao White's!

A Srta. Wraxton, que estivera pensando, pousou a mão no braço da jovem, para detê-la.

— Por favor, acalme-se, Cecília! Pense um pouco! Se sua desventurada prima brigou de maneira tão desagradável com Charles, é provável que a ida dele só poderia fazer mais mal do que bem. Contudo, creio que está certa nisso, que não é bom deixar as coisas correrem por si mesmas. O escândalo capaz de resultar seria tal que nenhum de nós poderia contemplar sem sofrimento. Receio o efeito que possa causar à querida Lady Ombersley acima de tudo. Aquela moça lamentável deve ser salva dos próprios atos!

— E Charlbury! — Cecília aparteu, torcendo as mãos. — Tudo por causa da minha loucura! Preciso partir imediatamente!

— Você partirá e eu irei com você — declarou a Srta. Wraxton nobremente. — Permita-me apenas tempo suficiente, enquanto você dá ordens para aprontarem o coche de seu pai, a fim de escrever um bilhete para minha mãe. Acho que um dos criados o levaria rápido a Brook Street. Vou informá-la de que fui convencida a passar a noite aqui com vocês, e ela não achará isso extraordinário.

— Você? — exclamou Cecilia, arregalando os olhos. — Oh, não, não! Quero dizer, é extrema gentileza de sua parte, querida Eugenia, mas eu preferiria que não fosse!

— Dificilmente poderá ir sozinha — a Srta. Wraxton lembrou-a.

— A criada de Sophy me fará companhia. Peco-lhe, não permita que seus lábios deixem escapar uma palavra sobre isto.

— Minha querida Cecilia, certamente não faria de uma criada sua confidente, não é? Seria o mesmo que contar ao pregoeiro da cidade! Se não aceitar minha companhia, vou considerar-me obrigada a revelar tudo a Lady Ombersley. Considero meu dever ir com você, e estou convencida de que é o que Charles desejaria que eu fizesse. O fato de *eu* estar na Mansão Lacy deve conferir decore de um modo geral, pois uma mulher comprometida, como sabe, impõe mais respeito do que uma jovem sem compromisso.

— Oh, eu realmente não sei o que dizer! Quisera Deus que você jamais tivesse posto os olhos na carta de Sophy!

— Acho que pode ser melhor para todos nós que eu tenha posto os olhos nela — respondeu a Srta. Wraxton, com um sorriso. — Dificilmente você tem condições adequadas, querida Cecilia, para conduzir este caso delicado com um grau de serenidade, permita que lhe diga. O que deve ser feito? Irei com você, ou você prefere que eu revele tudo a sua mãe?

— Muito bem, venha, então! — disse Cecilia, quase irritada. — Não sei por que faz questão disso, quando está claro que realmente você não gosta de Sophy. Não consigo entender.

— Sejam quais forem os meus sentimentos com respeito à sua prima — declarou a Srta. Wraxton, com um ar de santa —, espero jamais possa esquecer meu dever de cristã.

Um ligeiro rubor afluiu às faces de Cecilia. Ela era uma jovem tolerante, mas essas palavras a deixaram tão contrariada que disse num tom irritadiço:

— Bem, acho que Sophy conseguirá fazê-la parecer tola, o que ela sempre faz, e isso será bem-feito para você, Eugenia, por se meter no que não é da sua conta!

Mas a Srta. Wraxton, percebendo que sua hora de triunfo chegara, limitou-se a sorrir de maneira irritante e recomendou-lhe pensar no que seria melhor dizer à sua mãe.

Com dignidade, Cecília respondeu que sabia exatamente o que dizer, e dirigiu-se à porta. Antes de alcançá-la, ela se abriu e Dasseti entrou novamente, desta vez para informá-la de que Lord Bromford chegara e pedia o favor de uma palavra com ela.

— Você devia ter dito que eu não podia! — Cecília disse. — Não posso ver Lord Bromford agora!

— Bem, senhorita — concordou Dasseti. — Mas Lord Bromford parece muito resolvido a vê-la ou a ver Lady Ombersley, e Lady Ombersley está com a Srta. Amabel e não quer ser perturbada. — Ele emitiu sua tosse de reprovação. — Talvez devesse mencionar que Lord Bromford, ao saber que a Srta. Sophy deixou a cidade, está extremamente desejoso de saber para onde foi.

— Quem contou a ele que a Srta. Sophy saiu da cidade? — Cecília perguntou com voz aguda.

— Isso eu não poderia arcar com a responsabilidade de informar, senhorita. Não tendo recebido qualquer ordem em contrário, não considerarei minha obrigação negar o fato quando Lord Bromford dignou-se a indagar de mim se era verdade.

Cecília lançou um olhar de impotência para a Srta. Wraxton, que imediatamente assumiu o controle da situação com mãos eficientes.

— Por favor, peça a Lord Bromford que entre neste aposento! — ordenou ela.

Dasseti fez uma reverência e retirou-se.

— Eugenia! Cuidado com o que vai fazer! O que pretende dizer a ele?

A Srta. Wraxton respondeu gravemente:

— Isso deve depender da circunstância. Não sabemos de quanto ele já está ciente, e não devemos esquecer que *ele* tem tanto interesse em sua prima quanto qualquer um de nós.

— Nada disso! — replicou Cecília. — Sophy jamais se casaria com ele.

— Certamente ela tem se mostrado indigna da devoção dele. Espero que ela não tenha motivo para ficar grata por se casar com *qualquer* homem respeitável que a peça em casamento.

Como Lord Bromford foi introduzido na sala naquele exato momento, Cecília foi poupada da necessidade de responder-lhe.

Lord Bromford parecia extremamente ansioso, contudo a ansiedade não bastaria para fazê-lo moderar os termos formais de seus cumprimentos. Estes foram apresentados com riqueza de expressões, e ele não esqueceria do respeitoso pedido de informação sobre o estado de saúde de Amabel. Em seguida, pediu perdão por importunar a Srta. Rivenhall com aquela audiência, e, somente depois de um pequeno circunlóquio, chegou ao ponto de sua visita. Ele tinha visto a Srta. Stanton-Lacy passar por Piccadilly num coche de aluguel puxado por quatro cavalos, com Lord Charlbury ao seu lado e a bagagem presa na parte traseira do veículo.

— Minha prima foi chamada inesperadamente para fora da cidade — respondeu Cecília com uma frieza que talvez pudesse desencorajar quaisquer pretensões.

— Apenas com aquele rapaz por companhia? — ele exclamou, muito chocado. — Além disso... e é uma circunstância que torna a coisa mais extraordinária... eu havia combinado sair com ela esta tarde!

— Ela deve ter esquecido — respondeu Cecília. — Ficarão penalizada! O senhor deve perdoá-la.

Por um momento ele ficou a olhá-la intensamente, e o que viu em sua expressão obrigou-o a voltar-se para sua companheira e dizer seriamente:

— Srta. Wraxton, apelo para a senhora! É inútil dizer que a Srta. Stanton-Lacy não deixou Londres clandestinamente! Como teria Rivenhall permitido que ela viajasse dessa maneira? Queira perdoar-me, mas as atenções de Charlbury — expressas, deve concordar, além dos limites do decoro — têm dado origem às mais horríveis suspeitas em minha mente. Não pode ignorar que também sou uma pessoa interessada nela! Iludira-me pensando que com o regresso de Sir Horace Stanton-Lacy à Inglaterra... Mas esta partida súbita... bagagem amarrada na traseira...! — Ele parou, aparentemente acabrunhado.

A Srta. Wraxton disse suavemente:

— A Srta. Stanton-Lacy é sempre intolerante com as convenções. Ela foi para a sua casa em Ashtead, mas estou confiante de que os conselhos da Srta. Rivenhall e os meus devem ter valor para ela, e Sophy regressará a Londres conosco esta noite. Estamos a ponto de partir para Ashtead imediatamente.

Ele pareceu ficar muito abalado e disse sem demora:

— Tão próprio da senhora! Creio que a compreendo! Nestas últimas semanas reconheci naquele rapaz um libertino! Pode estar certa; ele a iludiu completamente! Rivenhall acompanha vocês?

— Nós vamos sozinhas — respondeu a Srta. Wraxton. — O senhor deduziu a verdade e apreciaríamos muitíssimo que nossos esforços agora se fixassem na manutenção deste infeliz acontecimento longe dos ouvidos do mundo!

— Sim, é claro — ele respondeu, ansioso. — Mas não é de se supor que duas mulheres de fina educação empreendam tal missão sem o apoio da presença firme de um homem! Acho que deveria acompanhá-las. Sim, é isso que eu deveria fazer. Exigirei explicações de Charlbury. Sua conduta neste caso mostrou-me o que ele é. Iludiu grosseiramente a Srta. Stanton-Lacy e responderá por isso!

Um protesto indignado formou-se nos lábios de Cecília, mas a Srta. Wraxton interveio rapidamente para dizer:

— Seus sentimentos o enobrecem, e, da minha parte, devo dizer que ficarei grata pela proteção da sua escolta. Só a mais rigorosa necessidade conseguiria convencer-me de assumir tal missão sem o apoio de um cavalheiro responsável!

— Mandarei selar meu cavalo imediatamente! — ele declarou num tom de voz de severa resolução. — Posso lhe dizer uma coisa será inacreditável se eu não desafiar Charlbury! De um modo geral não defendo o costume bárbaro do duelo, mas as circunstâncias, como sabe, alteram os argumentos, e uma conduta dessas não deve ficar impune! Irei até em casa imediatamente e estarei com vocês de novo no menor espaço de tempo possível!

Ele nem esperou para segurar a mão de ambas as moças antes de sair precipitadamente da sala. Cecília, positivamente chorando pela contrariedade sofrida, começou a repreender a Srta. Wraxton, porém ela, sem perder um pinga do seu autodomínio, respondeu:

— Foi desastroso, talvez, que ele ficasse ciente da fuga da Srta. Stanton-Lacy, mas não seria bom deixar *essa* suspeita na mente dele. Confesso, a presença de um homem de bom senso será um conforto para mim, e se a sua *natureza* cavalheiresca, minha querida Cecília, o levasse a renovar seu pedido da mão de sua prima, seria uma solução para todas as nossas dificuldades, e, devo acrescentar, muito mais do que ela merece!

— Esse maçante! — Cecília exclamou.

— Sei muito bem que os méritos de Lord Bromford têm sido muito depreciados nesta casa. Quanto a mim, considero-o um homem sensível, que sente exatamente como devem ser sentidos os assuntos sérios, e que tem muitas informações interessantes a compartilhar com aqueles que não são frívolos e sabem dar-lhe atenção.

Incapaz de controlar suas emoções muito fortes, Cecília saiu correndo da sala quase inclinada a tomar a mãe para confidente.

Mas Lady Ombersley, depois de considerar que o pulso de Amabel batia rápido demais, achava-se tão absorvida com a menina convalescente que pouca atenção tinha para mais alguém. Já sabendo do delicado estado de nervos da mãe, Cecília absteve-se de aumentar suas ansiedades. Disse-lhe apenas que uma mensagem da Mansão Lacy levava Sophy a toda pressa para Surrey, porém, visto que julgava inadequado para a prima permanecer numa casa deserta sozinha, ela estava partindo, ou para *fazer-lhe* companhia ou para convencê-la a regressar a Londres. Como Lady Ombersley mostrasse certo espanto, ela revelou que Sophy brigara com Charles. Isso angustiou Lady Ombersley, mas pouco a surpreendeu. Ela bem que conhecia a língua amarga do filho! Por nada neste mundo ela deixaria uma coisa dessas acontecer, e iria, afirmou, ela mesma atrás de Sophy se Amabel não parecesse tão indisposta. Não lhe agradava pensar na filha viajando sozinha, porém ante a decisão da Srta. Wraxton de ir junto com Cecília, pôde tranquilizar-se de novo e dar sua permissão para a viagem.

Nesse meio-tempo, a Srta. Wraxton, ocupada escrevendo na biblioteca, não resistiu à tentação de escrever também um bilhete para o noivo. Finalmente, Charles agora seria levado a reconhecer a torpeza moral da prima, e a magnanimidade dela, Eugenia! Entregou os dois bilhetes a Dasset com instruções para sua entrega imediata, e logo estava pronta a embarcar no coche de viagem da família Ombersley com a consciência feliz de ter cumprido escrupulosamente sua obrigação. Nem mesmo a rabugice de Cecília teve o poder de reduzir sua vaidade. Cecília nunca se mostrara tão zangada! Respondia às reflexões morais da companheira com os monossílabos mais breves, e estava tão insensível, que, quando a chuva começou a cair, chegou a recusar categoricamente que retirassem o terceiro assento da carruagem para acomodar Lord Bromford, que ia cavalgando lamentavelmente atrás do veículo, com a gola do casaco erguida e, no rosto, uma expressão de mais aguda tristeza. A Srta. Wraxton queria pedir a um dos batedores, criados a cavalo que precediam a carruagem, que levasse o cavalo de Lord Bromford, enquanto o cavaleiro viajaria com mais conforto dentro do coche; mas só o que Cecília encontrou para dizer foi que ela esperava que o odioso homem apanhasse uma pneumonia e morresse.

Quase uma hora mais tarde, a chegada de uma segunda diligência em Berkeley Square pôs Dasset em situação embaraçosa tanto quanto uma pessoa da sua dignidade e experiência poderia ficar. Essa diligência, também um veículo de aluguel, puxado por quatro cavalos sua-rentos, estava empastada de lama até os eixos. Muitos baús e valises achavam-se empilhados na traseira e na capota. Um indivíduo sobriamente vestido desceu primeiro do veículo com um pulo e subiu correndo os degraus da Mansão Ombersley para repicar o sino da porta. No momento em que a porta foi aberta por um laçao e Dasset permaneceu parado, pronto para receber os visitantes na soleira, uma figura muito maior desceu vagarosamente do coche, e depois de lançar vários guinéus aos postilhões e trocar algumas palavras joviais com eles, galgou sem pressa os degraus até a porta da entrada.

Dasset, que depois descreveu seu estado para a governanta como completamente bestificado, viu-se incapaz de fazer outra coisa além de gaguejar:

— B-boá noite, senhor! Nós-nós não o esperávamos, senhor!

— Eu mesmo não esperava — respondeu Sir Horace, retirando as luvas. — Viagem extremamente boa! Dois meses, nem um dia mais, no mar! Mande seu pessoal cuidar que todos aqueles trastes sejam car-regados para dentro da casa! Sua patroa está bem?

Dassett, ajudando-o a retirar sua capa de viagem com pelerine, disse que a patroa estava tão bem como se poderia esperar.

— Isso é bom — respondeu Sir Horace, caminhando em direção a um grande espelho e dando alguns toques hábeis na gravata. — Como está minha filha?

— Eu-eu creio que a Srta. Sophy está gozando excelente saúde, senhor!

— Sim, como sempre. Onde está ela?

— Lamento informá-lo, senhor, que a Srta. Sophy saiu da cidade — respondeu Dassett, que teria ficado satisfeito por discutir o mistério do desaparecimento de Sophy com quase qualquer outra pessoa.

— É? Bem, verei sua patroa — replicou Sir Horace, mostrando, na opinião do mordomo, um desinteresse artificial pelo paradeiro de sua única filha.

Dassett levou-o à sala de estar e ali o deixou enquanto ia em busca da criada de Lady Ombersley. Não fazia muitos minutos que Amabel tinha acabado de cair no sono quando Lady Ombersley entrou apressada na sala de estar e quase se lançou no peito másculo do irmão.

— Oh, meu querido Horace! — exclamou. — Como estou contente por vê-lo! Que triste pensar... Mas você está a salvo, em casa!

— Bem, não há necessidade de você estragar o laço da minha gravata só por causa disso, Lizzie! — respondeu o reservado irmão, desvencilhando-se do abraço dela. — Nunca estive em perigo, que eu soubesse! Você não tem uma aparência muito forte! Na verdade, parece esgotada! O que se passa? Se for problema de estômago, conheci certa vez um sujeito, dez vezes pior do que você está, que se curou com magnetismo e cerveja quente. Verdade!

Lady Ombersley apressou-se a assegurar que se ela parecia esgotada era apenas devido à ansiedade e começou logo a relatar a doença de Amabel, estendendo-se ternamente sobre a bondade de Sophy durante esse período fatigante.

— Oh, Sophy é uma excelente enfermeira — respondeu ele. — Como está se saindo com ela? Onde está a garota?

Essa pergunta aturdiu Lady Ombersley, sem dúvida tanto quanto aturdira Dassett. Balbuciente, ela disse que Sophy ficaria tão penalizada! Se ela ao menos tivesse imaginado que o pai estava a caminho de Londres, certamente não teria partido!

— Sim, Dassett me informou que ela está fora da cidade — replicou Sir Horace, acomodando sua corpulência numa poltrona e cruzando as pernas bem torneadas. — Não esperava encontrar nenhum de vocês aqui nesta época, mas, é claro, se uma das crianças está doente, explica-se. Para onde foi Sophy?

— Eu penso... eu estava tão atarefada com Amabel quando Cecília me disse, mas creio que ela disse que a querida Sophy tinha ido para a Mansão Lacy!

Ele pareceu surpreso.

— Que diabo a levaria lá? A casa não tem condições de ser habitada! Não me diga que Sophy está

arrumando a casa, pois estou certo que... de modo algum... Bem, não importa!

— Não, não, não penso que ela tivesse uma ideia dessas! Pelo menos... Oh, Horace, não sei o que vai me dizer, mas receio muito que Sophy fugiu de nós por causa de algo que aconteceu hoje!

— Eu não pensaria assim de maneira alguma — respondeu Sir

Horace calmamente. — Não é próprio da minha pequena Sophy fazer tragédia. O que aconteceu?

— Eu realmente não entendo bem. Eu não estava aqui! Mas Cecilia parece achar que... que Sophy e Charles se desavieram! Naturalmente, sei que ele tem um gênio horrível, mas estou convencida de que não pode ter falado sério... E Sophy nunca deu a mínima atenção quando ele... Porque não é a primeira vez que brigam!

— Ora, Lizzie, não fique tão apreensiva — recomendou Sir Horace, mantendo sua placidez sem esforço. — Ela e Charles se desavieram? Bem, suspeitei que isso ia acontecer. Ouso afirmar que fará bem a ele. Como está Ombersley?

— Francamente, Horace! — disse a irmã, indignada. — Poderse-ia supor que você não tem um pingote de afeição pela querida Sophy!

— Aí é que você se engana, minha cara, pois gosto extremamente dela — o irmão respondeu. — Embora isso não signifique que vou fazer o papel de bobo nas suas artimanhas. Acho que ela não me agradecerá por me meter. Pode estar certa de que ela está tramando alguma travessura!

Como Dasset entrasse naquele momento com um farto lanche para o viajante, a conversa teve de ser suspensa. Depois que ele se retirou, Lady Ombersley resumiu o assunto, dizendo:

— Pelo menos posso lhe garantir que você verá Sophy esta noite, pois Cecília e a Srta. Wraxton foram buscá-la!

— Quem é essa Srta. Wraxton? — indagou Sir Horace, servindo-se de um cálice de Madeira.

— Se você ouvisse uma palavra quando alguém fala com você, Horace, saberia que a Srta. Wraxton é a moça com quem Charles está a ponto de se casar!

— Ora, por que não me disse logo? — perguntou Sir Horace, bebendo o vinho em pequenos goles. — Não pode esperar que eu traga na cabeça um monte de nomes! Mas lembro-me agora; uma moça que você disse era uma rematada chata?

— Nunca disse uma coisa dessas! — retorquiu Lady Ombersley. — Sem dúvida, não consigo gostar realmente... Mas foi você quem disse que ela dava a impressão de ser uma rematada chata!

— Se eu disse, pode estar certo de que eu tinha razão. Bastante tolerável este vinho. Agora, lembrando bem, você me contou que Cecilia estava prestes a se casar também... com Charlbury, não é isso?

Lady Ombersley suspirou.

— Ai de mim, não há mais casamento! Não conseguimos convencer Cecília a aceitá-lo. E agora Charles deixou de se opor a Augustus Fawnhope, e embora Ombersley diga que jamais aprovaria, devo afirmar que aprovará. É melhor que saiba, Horace, que Lord Charlbury tem mostrado a Sophy uma atenção das mais distintas.

— Por Deus, tem mesmo?

Foram interrompidos pelo som de passos impacientes na escada, seguido um instante mais tarde pela

entrada violenta na sala do Sr. Rivenhall, que segurava uma folha de papel aberta em uma das mãos e não havia parado sequer para retirar o casaco de dirigir antes de subir precipitadamente ao andar de cima à procura da mãe.

O Sr. Rivenhall parecia extremamente assustador e também um pouco pálido. Depois de alojar o baio no estábulo, naquela tarde, ele se dirigira a Bond Street para descarregar um pouco da sua raiva num *sparring* com Jackson, e depois se encaminhara para o White's, onde passara uma hora jogando bilhar e lutando contra o impulso de voltar a Berkeley Square para dizer à sua provocante prima que não dissera a sério uma única palavra. Quando deixava o salão de bilhar, encontrou seu amigo, o Sr. Wychbold. Este, obediente às ordens que recebera, perguntou-lhe para onde a Srta. Stanton-Lacy estava indo e, ao ouvir a resposta lacônica: — Que eu saiba, a lugar nenhum — disse, não sem uma apreensão interior.

— Mas ela foi, meu rapaz! Eu a vi partindo numa diligência puxada por quatro cavalos. Além disso, Charlbury estava com ela.

Arregalando os olhos, o Sr. Rivenhall fitou-o:

— Partindo numa diligência puxada por quatro cavalos! Certamente você está enganado!

— Não poderia estar! — respondeu o Sr. Wychbold, sustentando seu papel corajosamente.

— Embriagado, então. Minha prima está em casa! — ele acrescentou, enquanto o amigo parecia inclinado a discutir o assunto. — Além disso, Cyprian, agradeceria se não espalhasse essa história pela cidade.

— Oh, não, não sonharia fazer tal coisa! — o Sr. Wychbold apressou-se em garantir-lhe.

Depois o Sr. Rivenhall dirigira-se à sala dos sócios, com a intenção de jogar algumas partidas de uíste. Todas as mesas estavam formadas, e foi enquanto observava a atitude de um jogador, com os olhos nas cartas e a mente insistindo obstinada e intranquilamente no ridículo engano do Sr. Wychbold, que o bilhete da Srta. Wraxton lhe foi entregue. Sua leitura cuidadosa surtiu o efeito de na mesma hora matar qualquer vontade de jogar uíste e de despachá-lo para Berkeley Square sem uma palavra de desculpa para os que o tinham convidado a participar na próxima partida. Abriu a porta e entrou em casa; encontrou a carta de Sophy sobre a mesa do vestíbulo, leu-a e imediatamente subiu as escadas de dois em dois degraus, à procura de Lady Ombersley.

— Talvez, mamãe, possa explicar-me... — ele começou a dizer num tom de voz irado, e em seguida interrompeu-se abruptamente ao perceber que ela não estava sozinha. — Queira perdoar-me! Não sabia... — Tornou a interromper-se quando Sir Horace ergueu o monóculo para observá-lo melhor. — Oh! — exclamou, com um significado sinistro na voz. — Então é o senhor, não é? Esplêndido! Não poderia ter vindo num momento mais oportuno!

Abalada com o tom desrespeitoso que ele adotara, Lady Ombersley arriscou-se a um débil protesto:

— Charles! Por favor...!

Ele não deu atenção à mãe, mas avançou em largas passadas pela sala.

— Sem dúvida gostará de saber, senhor, que sua preciosa filha fugiu com Everard Charlbury! — anunciou.

— Fugiu? — repetiu Sir Horace. — Por que ela faria isso, eu gostaria de saber! *Não faço* objeção a que ela se case com Charlbury! Boa família, bela propriedade!

— Ela fez isso — declarou o Sr. Rivenhall — para enfurecer-me! E quanto a casar-se com Charlbury, ela não fará tal coisa!

— Oh, ela não fará? — repetiu Sir Horace, mantendo o monóculo no mesmo nível do rosto do sobrinho. — Quem diz isso?

— *Eu* digo isso! — falou bruscamente o Sr. Rivenhall. — Aliás, ela não tem a mínima intenção de fazê-lo! Se não conhece sua filha, eu conheço!

Lady Ombersley, que ficara ouvindo em mudo desânimo essa troca de palavras, encontrou voz suficiente para dizer debilmente:

— Não, não, ela não fugiria com Charlbury! Você deve estar enganado! Ai de mim, Charles, receio que isto seja obra sua! Deve ter sido horivelmente indelicado com a pobre Sophy!

— Oh, horivelmente indelicado, senhora! Eu realmente tive a barbaridade de censurar o fato de ela ter roubado o novo baio do estábulo, e, sem me dizer uma palavra, levou-o ao parque! Que não esteja estirada com o pescoço quebrado neste momento não é por culpa dela!

— Ora, isso foi errado da parte dela — concordou Sir Horace, imparcial. — Na verdade, estou surpreso em saber que se comportou de maneira tão inadequada, pois não é de modo algum próprio de Sophy. O que teria dado nela para induzi-la a fazer tal coisa?

— Apenas o seu abominável desejo de procurar briga comigo! — respondeu o Sr. Rivenhall com amargura. — Vejo tudo claro agora, claro o suficiente, e se ela não for cuidadosa, descobrirá que se saiu vitoriosa melhor do que planejou.

— Receio, meu rapaz — disse o tio com um brilho irrepreensível no olhar —, que não goste da minha pequena Sophy!

— *Sua pequena* Sophy, senhor, não me tem concedido... não nos tem concedido... um momento de paz ou bem-estar desde que chegou a esta casa! — disse o Sr. Rivenhall francamente.

— Charles, você não devia dizer uma coisa dessas! — exclamou a mãe, enrubescendo. — É injusto! Como pode... *como pode*, ao se lembrar da sua bondade, do seu devotamento...! — A voz ficou embargada; procurou pelo lenço às apalpadelas.

Um rubor também elevou-se às faces do Sr. Rivenhall.

— Não esqueço, senhora. Mas esta façanha...!

— Não posso imaginar onde foi buscar uma ideia dessas! Não é verdade! Sophy partiu devido à sua linguagem imoderada, e quanto a julgar que Charlbury estava com ela...

— Eu sei que Sophy estava com ele! — interrompeu o filho. — Se precisasse de prova, tenho-a neste bilhete que ela foi gentil em me deixar! Não faz segredo disso!

— Nesse caso — disse Sir Horace, recolocando o monóculo —, sem dúvida ela está tramando alguma travessura. Experimente este Madeira, meu *rapaz*. Digo-lhe isto por seu pai, ele é um excelente juiz de vinho!

— Mas, Charles, isso é terrível! — falou Lady Ombersley, com voz sufocada. Graças a Deus não proibi Cecília de ir atrás dela! Imagine só que escândalo! Oh, Horace, por favor, acredite, eu não fazia ideia!

— Santo Deus, *não estou* culpando você, Elizabeth! Eu lhe disse para não deixar Sophy preocupá-la!

Ela sabe muito bem tomar conta de si mesma; sempre soube!

— Confesso, Horace, você ultrapassa todos os limites! Não significa *nada* para você que sua filha provavelmente esteja destruindo a própria reputação?

— Destruindo a própria reputação? — repetiu o Sr. Rivenhall desdenhosamente. — Acredita mesmo nesse conto de fadas, senhora? Conviveu com minha prima durante seis meses sem conseguir julgá-la? Se aquela espanhola não está também na Mansão Lacy neste momento, dou-lhe permissão para chamar-me de estúpido!

— Oh, Charles, rezo para que esteja certo!

Sir Horace começou a limpar o monóculo com bastante assiduidade.

— Sancia? Eu pretendia falar com você a respeito dela, Lizzie. Ela ainda se encontra em Merton?

— Diga-me, Horace, onde mais ela deveria estar?

— Só estava pensando — ele respondeu, analisando o resultado dos seus esforços. — Acho que Sophy lhe contou sobre minhas intenções nesse sentido.

— É claro que contou, e lhe fiz uma visita, como imagino que você teria gostado que eu fizesse! Mas devo dizer, meu querido Horace, que não consigo imaginar o que deu em você para pedi-la em casamento!

— Essa é que é a questão — ele respondeu. — Uma pessoa acaba se entusiasmando, Lizzie! E não há como negar que ela é uma mulher extremamente refinada. Na verdade, não ficaria surpreso em saber que mais alguém andasse atrás dela. Pena eu a ter instalado em Merton! Mas aí está! A gente faz esse tipo de coisa impulsivamente, e só quando encontra tempo disponível para refletir... Contudo, não pretendo me queixar!

— Muitas beldades no Brasil, senhor? — indagou o sobrinho com ironia.

— Dispenso as suas insolências, meu rapaz — respondeu Sir Horace jovialmente. — Na verdade, duvido que eu seja um homem casadouro.

— Bem, se for de algum consolo para o senhor — replicou o Sr. Rivenhall —, saiba que minha prima tem se esforçado o máximo para afastar Talgarth da marquesa!

— Ora, por que cargas d'água — exclamou Sir Horace, inflamando-se — Sophy devia se meter? Talgarth, é? Eu não sabia que ele estava na Inglaterra! Ora, ora! Ele tem muita habilidade como galanteador, isso tem, e além do mais, aposto como está de olho na fortuna de Sancia!

Diante disso, Lady Ombersley, sentindo-se muito insultada, interrompeu, exclamando:

— Acho que você é totalmente desavergonhado! E o que tem tudo isso a ver com a fuga da pobre Sophy? Fica sentado aí, como se não tivesse interesse pelo caso, enquanto ela, o tempo todo, está tentando desonrar-se! E pode dizer o que quiser, Charles, mas se for verdade que ela fugiu com Charlbury, é a coisa mais chocante imaginável! Ela deve ser trazida de volta imediatamente!

— Ela será — respondeu o Sr. Rivenhall. — Ainda tem dúvida, quando a senhora mesma mandou Cecília e Eugenia, no mais alto estilo romanesco, resgatá-la?

— Não fiz tal coisa! Eu de nada sabia, mas, é claro não deixaria sua irmã ir sozinha; portanto, quando ela me contou que Eugenia fora gentil o bastante para se oferecer a acompanhá-la, o que poderia fazer senão sentir-me grata? — Ela parou, impressionada por um fato inexplicado. — Mas como soube

que elas foram resgatá-la, Charles? Se Dassetto perdeu todo o senso de responsabilidade de sua posição a ponto de mexericar com você...

— Nada disso! Estou grato à própria Eugenia pela informação! E devo pedir permissão para dizer, mamãe, que se a senhora e minha irmã tivessem feito o favor de guardar essa notícia para si mesmas, eu teria sido poupado de uma impertinente e abominável carta de Eugenia! O que deu em vocês para confiarem tal história a ela é algo que jamais deixará de me surpreender! Santo Deus, não sabem que ela espalhará por toda a cidade que minha prima se comportou de maneira ultrajante?

— Mas eu não falei nada! — a mãe respondeu, quase gemendo. — Charles, eu não *contei*! Uma de vocês deve ter feito isso! — ele replicou, com impaciência. Virou-se para o tio. — Muito bem, senhor, pretende ficar aqui louvando o bom gosto do meu pai por vinhos ou pretende acompanhar-me a Ashtead?

— Partir para Ashtead a esta hora, quando venho viajando há dois dias? — perguntou Sir Horace. — Ora, meu rapaz, tenha um pouco de bom senso! Por que eu deveria ir?

— Suponho que seu sentimento paterno, senhor, lhe deve fornecer a resposta! Caso contrário, que assim seja! *E* parto imediatamente!

— O que pretende fazer quando chegar à Mansão Lacy? — indagou Sir Horace, olhando-o com ar divertido.

— Torcer o pescoço de Sophy! — respondeu o Sr. Rivenhall com selvageria.

— Bem, você não precisa da minha ajuda para isso, meu caro rapaz! — replicou Sir Horace, acomodando-se mais confortavelmente na poltrona.

XVIII

Os PRIMEIROS minutos que se seguiram à chegada do grupo de Merton que acompanhava a marquesa foram gastos com as queixas livremente expressas dessa dama sobre a situação em que ela se encontrava. A corrente de ar ocasionada pela abertura da porta da frente fez com que o fogo expelisse novas nuvens de fumaça irritante no vestíbulo e nem todos os esforços frenéticos da Sra. Clavering bastaram para fazer esse aposento parecer outra coisa além de negligenciado. Muito impressionada com a suntuosidade dos trajes da marquesa, a Sra. Clavering ficou o tempo todo fazendo reverências para ela; e a marquesa, totalmente indiferente à Sra. Clavering, disse:

— *Madre de Dios!* Se eu tivesse trazido Gaston, talvez, ainda fosse suportável, e se tivesse trazido também meu cozinheiro, melhor ainda! Por que precisei vir ter com vocês nesta casa, Sophy? Por que me mandou chamar tão de repente, e em tempo de chuva, ainda por cima? *Su conducta es perversa!*

Imediatamente Sophy contou-lhe que ela fora chamada para desempenhar o papel de *duena*, explicação que no mesmo instante empolgou uma pessoa em cujas veias corria o mais puro sangue castelhano. Tão satisfeita ficou a marquesa que esqueceu completamente de perguntar a Sophy por que ela se colocara numa situação que não exigia a presença de outra *duena* senão a tia, mas disse, aprovando, que Sophy se conduzira com grande propriedade, e que, nesse caso, a fadiga não era motivo de ressentimento. Depois, conscientizou-se da presença de Charlbury, e com um esforço de memória chegou a lembrar-se do seu nome.

— Alo, está ferido? — perguntou Sir Vincent, apontando com a cabeça a tipóia no braço do rapaz. — Como aconteceu isso?

— Esqueça! — disse Sophy, livrando Charlbury da necessidade de responder. — Por que *está* aqui, Sir Vincent?

— Essa, minha querida Juno — respondeu ele, os olhos cintilando enquanto a fitava —, é uma longa e delicada história. Talvez, sabe, eu pudesse lhe perguntar o mesmo. Não perguntarei, é claro, porque as explicações podem ser maçantes, e o que no momento provoca minha maior curiosidade é o muito mais importante assunto do jantar. Receio que não estava esperando um grupo tão grande!

— Realmente não estava, e só Deus sabe o que encontraremos para comer — admitiu Sophy. — Julgo que talvez eu devesse ir até a cozinha e descobrir o que pode haver na despensa. Pois é muito provável, devo confessar, que minha prima Gecilia venha jantar aqui. E mais do que provável, Charles também!

— Ora, Srta. Sophy, se ao menos nos tivesse avisado! — exclamou a Sra. Clavering, angustiada. — Realmente não sei como conseguir um jantar, não para gente distinta como a senhorita, pois não estou acostumada, e não há nada pronto exceto um pernil de porco, de que Clavering havia reservado um pouco para o seu jantar.

— É evidente — disse a marquesa, retirando o chapéu com plumas dos seus luxuriantes cabelos encaracolados e depositando-o numa cadeira — que esta *moza de cocina* não sabe nada, de modo que devo esforçar-me um pouco. Isso é ruim, porém pior, infinitamente, do que passar fome! E não esqueça, Sophy, e seja grata a mim, portanto não brigue comigo! Pois preciso lhe contar, *de una vez*, que afinal

acho que não me será conveniente estar casada com Sir Horace, pois ele é muito agitado e eu não gostaria do Brasil, prefiro permanecer na Inglaterra, contudo não com uma cozinheira inglesa! Por isso casei-me com Sir Vincent e agora não sou a Marquesa de Villacanas, e sim Lady Talgarth, um nome que não consigo pronunciar convenientemente, mas não importa! A gente se acostuma.

Naturalmente, esse discurso deixou sua audiência muda de espanto por alguns momentos. Sir Vincent retirou do bolso a caixa de rapé e inalou delicadamente uma dose da sua mistura favorita. Foi ele quem rompeu o silêncio:

— Não fique com essa cara horrorizada, Sophy! Lembre-se de que a nossa querida Sancia deve preparar o jantar!

— Esta é uma casa de beleza singular! — declarou subitamente o Sr. Fawnhope, que não estivera atento a uma só palavra do que se dizia. — Vou percorrê-la de ponta a ponta.

Em seguida apanhou a candeia que estava sobre a mesa e dirigiu-se a uma das portas que se abria para o vestíbulo. Sir Vincent tirou-a da mão dele e tornou a colocá-la no mesmo lugar, dizendo gentilmente:

— Você poderá ir, meu jovem e querido amigo, mas leve esta vela, por favor.

— Sir Vincent — exclamou Sophy, com um brilho belicoso no olhar —, se eu fosse homem, você pagaria por esta *traição*!

— Querida Sophy, você atira melhor do que nove entre dez homens que conheço, portanto, se alguém aqui teve a prudência de trazer um par de pistolas de duelo...

— Ninguém — disse a marquesa, com decisão — vai disparar uma pistola, porque, de todas as coisas, é a que mais detesto, e, além disso, o importante é que preparemos o jantar!

— Suponho — disse Sophy, pesarosa — que deve ser isso mesmo. É preciso comer! Porém agora percebo como meu primo Charles estava certo ao avisar-me de que nada tivesse com você, Sir Vincent! Não pensei que praticasse uma ação má contra Sir Horace!

— No amor e na guerra, querida Sophy, vale tudo! — respondeu ele solenemente.

Ela foi obrigada a reprimir a resposta que brotou em seus lábios. Sir Vincent sorriu de maneira compreensiva e caminhou na direção dela, tomando-lhe a mão e dizendo em voz baixa:

— Reflita, Juno! As *minhas* necessidades são maiores do que as de Sir Horace! Como poderia resistir?

— *Amor ch 'a null'amato amar perdona* — citou sonhadoramente o Sr. Fawnhope, cuja peregrinação pelo vestíbulo o levava a uma distância em que ainda podia ouvir.

— Exatamente, meu poeta! — respondeu Sir Vincent cordialmente.

— Preciso da Srta. Wraxton para traduzir isso — disse Sophy —, mas se significa o que estou pensando, está errado! Contudo, não há nada mais tolo do que ficar fazendo muito barulho em torno do que não se pode remediar, portanto não direi mais nada. Além disso, tenho coisas mais importantes em que pensar!

— Sem dúvida, é isso mesmo — concordou a marquesa. — Há um modo de preparar galinha recém-abatida, portanto Vincent vai matar imediatamente duas galinhas; esta mulher me disse que há galinhas em abundância, e com elas darei um jeito.

Então a marquesa retirou-se com a Sra. Clavering para as dependências da cozinha, a meia cauda de

fina e macia musselina varrendo regimento o chão atrás dela e apanhando muita poeira no caminho. Sophy e Sir Vincent a seguiam; e como o Sr. Fawnhope, a essa altura, já havia descoberto a biblioteca e nela entrara para examinar os livros à luz da sua vela de sebo, Lord Charlbury ficou sozinho. Logo reuniu-se a ele Sir Vincent, que voltava carregando uma velha garrafa e alguns copos.

— Xerez — disse ele, colocando os copos na mesa. — Se o meu destino é a chacina de galinhas, devo fortificar-me. Mas confio que convencerei o mordomo a cometer a verdadeira façanha. *Como* você feriu o braço?

— Sophy meteu uma bala nele — respondeu o rapaz.

— Ela fez isso? Uma mulher formidável, sem dúvida! Suponho que tivesse suas razões.

— Não as razões que você talvez fosse perdoado por imaginar! — retorquiu Charlbury.

— Jamais me entrego a pensamentos banais — replicou Sir Vincent, limpando cuidadosamente o gargalo da garrafa e começando a servir o vinho. — De modo algum com relação à Magnífica Sophy. Tome, experimente isto! Só Deus sabe há quanto se encontra na adega! Deduzo que não bebo à sua fuga, pois não?

— Santo Deus, nada de fuga! — respondeu Charlbury, quase em palidecendo com a ideia. — Sou devotado a Sophy — total e imutavelmente devotado a ela —, mas que Deus me livre de casar com ela!

— Se Deus não o livrasse, calculo que Rivenhall o faria — comentou Sir Vincent. — Este vinho é perfeitamente tolerável. Não acabe com a garrafa antes de eu voltar e não o desperdice com o poeta!

Ele tornou a afastar-se, provavelmente para supervisionar a execução no poleiro das galinhas, e Lord Charlbury, inativo graças ao braço ferido, serviu-se de um segundo copo de xerez. Depois de um curto intervalo, o Sr. Fawnhope surgiu da biblioteca, trazendo na mão um volume roído pelas traças. Reverentemente, exibiu-o a Lord Charlbury, dizendo simplesmente:

— *La hermosura de Angélica!* Nunca se sabe onde pode existir por acaso um tesouro. Preciso mostrá-lo à marquesa. De quem é esta casa fascinante?

— De Sir Horace Stanton-Lacy — respondeu Charlbury, com certo divertimento.

— A Providência deve ter-me guiado. Eu não podia imaginar o que me trouxe aqui, mas isso não importa. Quando vi Sophy parada na soleira da porta aberta, erguendo no ar a candeia, o véu caiu dos meus olhos e todas as dúvidas se resolveram. Tenho um compromisso para jantar em algum outro lugar, mas não farei caso.

— Não acha que deveria, talvez, voltar à cidade para honrar seu compromisso? — sugeriu Lord Charlbury.

— Não — respondeu o Sr. Fawnhope simplesmente. — Prefiro ficar aqui. Há também um volume da *Galatéia*, porém não um exemplar original.— Sentou-se à mesa e abriu o livro, nele ficando absorto até ser interrompido por Sophy, que chegou com um punhado de velas debaixo do braço e uma caixa de madeira pouco profunda cuidadosa mente mantida entre suas mãos. Ao seu lado, numa mistura de curiosidade e ciúmes, saltitava a pequena galga, de vez em quando erguendo-se para alcançar a caixa.

O Sr. Fawnhope levantou-se de um salto e estendeu as mãos para tirar-lhe a caixa.

— Me dê isso! Uma travessa você poderia trazer, mas não uma imunda caixa!

Sophy entregou-a, dizendo ao seu jeito prático:

— A Sra. Clavering trará a chaleira logo mais, ainda é cedo para a bandeja do chá, sabe disso. Nem sequer jantamos! Cuidado! Coitadinhos, eles não têm mãe!

— Sophy, o que...? — exclamou Charlbury, ao notar que a caixa continha uma ninhada de patinhos amarelos. — Espero que não pretenda cozinhá-los para o jantar, não é?

— Santo Deus, não! Ocorre que a Sra. Clavering os está criando no calor da cozinha, e Saneia se queixa de que vão correr para baixo dos seus pés. Ponha a caixa no chão, neste canto, Augustus. Tina não irá molestá-los!

Ele obedeceu, e os patinhos, grasnando energicamente, esforçaram-se para sair da caixa; um deles, mais aventureiro do que os demais, dispôs-se a fazer uma excursão exploradora. Sophy apanhou-o e segurou-o nas mãos em concha, enquanto Tina, muito aflita, pulava para uma cadeira e se deitava, meneando a cabeça acintosamente. O sorriso do Sr. Fawnhope estampou-se no seu rosto, e ele citou:

— "Lo, como uma dona-de-casa cuidadosa, corre para apanhar uma de suas criaturas emplumadas que escapava!"

— Certo, mas creio que se estendêssemos algo sobre a caixa, eles não poderão escapar — disse Sophy. — A capa de viagem de Charlbury vai servir esplendidamente! Você se importa, Charlbury?

— Sim, Sophy, eu me importo! — respondeu o rapaz com firmeza, tirando o abrigo das mãos dela.

— Muito bem, então... — Ela parou, pois Tina havia levantado a cabeça, de orelhas empinadas, e soltara um latido estridente. Ouviu-se logo o ruído de cavalos e rodas de carruagem. Sophy virou-se para o Sr. Fawnhope, dizendo rapidamente: — Augustus, por favor, quer ir até a cozinha — vai achá-la no final do corredor, ali nos fundos — e pedir à Sra. Clavering para lhe dar um pano, uma colcha, qualquer coisa assim? Não precisa apressar-se, acho que Saneia gostaria que você depenasse uma galinha!

— A marquesa está na cozinha? — perguntou o Sr. Fawnhope. — O que ela está fazendo lá? Gostaria que ela visse este livro que encontrei na biblioteca!

Sophy apanhou-o de sobre a mesa e entregou-o.

— Isso, por favor, mostre-o a ela! Saneia vai gostar extremamente! Não dê atenção se por acaso ouvir o sino da porta. Eu mesma vou abrir!

Sem cerimônia, empurrou-o em direção à porta nos fundos do vestíbulo, e, depois de tê-lo visto atravessá-la a salvo e fechá-la, gritou em tom conspiratório:

— Cecília! Cuidado com os patinhos!

Ela ainda segurava aquele que havia apanhado, quando escancarou a porta. A chuva cessara, e o luar brilhava através de uma brecha nas nuvens. Mas Sophy abriu a porta e a prima quase caiu em cima dela.

— Sophy! Oh, minha querida Sophy... Não, foi chocante demais da sua parte! Você devia saber que eu talvez desejasse... Sophy, Sophy, como *pôde* fazer tal coisa?

— Cecy, por favor, cuidado! Este pobre patinho! Oh, santo Deus! Srta. Wraxton!

— Sim, Srta. Stanton-Lacy, *eu!* — respondeu a Srta. Wraxton, juntando-se ao grupo no pórtico. — Imagino que não esperava me ver!

— Não esperava, e você vai atrapalhar muito! — respondeu Sophy francamente. — Entre, Cecy!

Deu um delicado puxão na prima, que permanecia do outro lado da soleira, enquanto falava. Cecília ficou paralisada quando Charlbury, levantando-se da cadeira ao lado do fogo, deu um passo à frente, o

braço esquerdo repousando com elegância na tipóia. Cecilia carregava uma bolsa e um regalo de penas, e deixou-os cair em sua consternação.

— Oh! — ela exclamou debilmente. — Você está ferido! Oh, Charlbury!

Adiantou-se com as mãos estendidas, e Lord Charlbury, procedendo com grande presença de espírito, apressou-se em desvencilhar o braço da tipóia e recebeu-a num amplexo compreensivo.

— Não estou ferido, querida Cecilia! É apenas um arranhão! — garantiu-lhe.

Tal heroísmo fez com que Cecilia derramasse lágrimas.

— Tudo por culpa minha! Minha abominável loucura! Jamais deixarei de culpar-me! Charlbury, diga que me perdoa!

— Nunca, por usar um chapéu que me impede de beijá-la! — respondeu ele, sacudido pelo riso.

Depois dessas palavras, Cecilia ergueu a cabeça, sorrindo através das lágrimas, e ele conseguiu beijá-la apesar do chapéu. Bloqueando a entrada com eficiência, Sophy observou essa passagem com ar de alguém muito satisfeito com seus esforços.

— Quer ter a gentileza de nos deixar entrar? — perguntou a Srta. Wraxton, com entonação gélida.

— *Nós?* — perguntou Sophy, olhando rapidamente à sua volta. Notou uma figura robusta atrás da Srta. Wraxton, num casaco ensopado e uma cartola igualmente encharcada, e depois de perscrutar incredulamente por um momento, exclamou: — Santo Deus! Lord Bromford! Ora, que diabo significa isso?

Cecilia, que lançara seu chapéu no chão para reunir-se ao regalo, levantou a cabeça do amplo ombro em que a apoiara, para dizer com voz rouca:

— Oh, Sophy, por favor, não fique zangada comigo! Na verdade, não foi obra minha! Charlbury, o que aconteceu? Como veio a se ferir?

Lord Charlbury, ainda apertando-a contra o peito, desviou um olhar angustiado para Sophy. Esta veio prontamente em seu socorro.

— Apenas um ferimento superficial, querida Cecy! Ladrões de estrada... ou devo dizer salteadores?... sim, salteadores! Uma verdadeira rajada de tiros, sabe, e o pobre Charlbury teve o azar de ser atingido! Mas foram postos a correr e não tivemos nenhum outro ferido. Charlbury comportou-se com a maior presença de espírito imaginável... perfeitamente frio, e *mais* do que um páreo para aqueles velhacos!

— Oh, *Charlbury!* — suspirou Cecília, conquistada pela ideia dessa conduta intrépida.

Lord Charlbury, batendo-lhe suavemente no ombro, não pôde resistir à tentação de perguntar:

— Quantos desses rufiões desesperados eu derrotei, Sophy?

— Isso — respondeu Sophy, subjugando-o, franzindo a testa — jamais saberemos.

A voz fria da Srta. Wraxton intrometeu-se na cena. Por mais contente que pudesse estar ao ver o quiproquó entre Cecília e Charlbury resolvido, seu senso de decoro estava realmente lacerado pelo espetáculo de Cecília aninhada nos braços do rapaz.

— Minha querida, por favor, controle-se! — pediu ela, enrubescendo e desviando o olhar.

— Eu na verdade não sei o que fazer! — anunciou de repente Lord Bromford, com entonações lamurientas. — Vim com o propósito de exigir explicações desse *rapaz*, e acabei apanhando um

resfriado!

— Se isso é comigo — replicou Charlbury —, um resfriado pode bem ser o menor dos males que em breve se abaterão sobre você! Não pise nos patinhos!

— Não pise mesmo! — disse Sophy, arrebatando um deles que escapara por um triz de morrer sob os pés de Bromford. — Que criatura desajeitada você é! Por favor, preste atenção onde pisa!

— Eu não me surpreenderia se já tivesse febre — disse Bromford, olhando inquieto para os patinhos. — Srta. Wraxton, aves! Não se mantém aves dentro de casa! Eu realmente não entendo por que estão correndo pelo chão. Ali está outro! Não gosto disso. Não condiz com o modo como fui acostumado.

— Tenho a impressão, caro Lord Bromford, de que nada do que aconteceu hoje condiz com o modo como eu ou o senhor fomos acostumados — respondeu a Srta. Wraxton. — Permita que lhe peça para tirar a capa de viagem! Acredite, não era meu desejo que o senhor fosse obrigado a cavalgar em meio a tal aguaceiro! Se causou à sua constituição física algum mal duradouro, jamais me perdoarei por ter aceitado sua escolta! Suas botas estão inteiramente molhadas! Nada pode ser mais prejudicial do que pés gelados! Srta. Stanton-Lacy, *seria* pedir demais que se chamasse um criado — presumo que haja um criado aqui, não? — para retirar as botas de Lord Bromford?

— Há um criado, sim, mas saiu para matar galinhas — respondeu Sophy. — Cecy, me ajude a recolher os patinhos e colocá-los na caixa de novo! Se pusermos o seu regalo sobre eles, provavelmente vão pensar que é a própria mãe e sossegarão!

Por não encontrar falha nesse esquema, Cecília colocou-o imediatamente em execução. A Srta. Wraxton, que depois de muita lisonja conseguira convencer Lord Bromford a se acomodar numa poltrona ao lado do fogo, disse:

— Essa frivolidade não é oportuna, Srta. Stanton-Lacy! Até você mesma vai admitir que sua conduta requer certa explicação! Conhece as terríveis consequências que deveriam seguir-se a esta... esta fuga, se sua prima e eu não tivéssemos vindo para salvá-la da desgraça que você parece aceitar tão levianamente?

Lord Bromford espirrou.

— Oh, pssiuu, Eugenia! — pediu Cecília. — Como pode falar as sim? Tudo está bem quando termina bem!

— Você deve ter esquecido todo o escrúpulo da sensibilidade feminina, Cecília, se consegue pensar que fica *bem* sua prima exibir uma expressão tão desavergonhada depois de perder tanto o caráter quanto a reputação!

A porta aos fundos do vestíbulo abriu-se para admitir a entrada da marquesa, com um avental de anagem em torno da cintura e uma enorme colher de pau na mão.

— Ovos, preciso deles imediatamente! — comunicou. — Lope de Vega sem a menor dúvida é um excelente poeta, mas não na cozinha! Alguém tem de ir ao galinheiro e falar com Vincent para me trazer ovos. Quem são essas pessoas?

Talvez se pudesse imaginar que o surgimento da marquesa em cena enchesse de alívio a alma da Srta. Wraxton, mas essa emoção não se tornou visível no seu semblante, o qual, pelo contrário, se enregelou numa expressão de grande desgosto, a ponto de a tornar quase ridícula. Não encontrava uma palavra para dizer e parecia incapaz de controlar-se sequer o suficiente para receber a marquesa com um aperto

de mão.

Sempre meticoloso, Lord Bromford levantou-se da poltrona e fez uma reverência. Sophy apresentou-o, e ele pediu perdão por ter contraído o que receava ser um perigoso resfriado. A marquesa conservou-o a distância com o colherão, dizendo:

— Se tem um resfriado, não se aproxime de mim! Agora vejo que é a Srta. Rivenhall, que tem uma beleza inteiramente britânica, e aquela outra, também no estilo inglês, porém menos bonita. Não creio que duas galinhas sejam suficientes, portanto este homem com resfriado deve comer pernil de porco. Mas agora eu preciso de ovos!

Depois de lançar este ultimato ela retirou-se, não dando a mínima atenção ao agitado protesto de Lord Bromford, de que todas as formas de carne de porco eram um veneno para ele, e que uma tigela de mingau ralo era tudo que se sentia capaz de engolir. Tinha-se a impressão de que a Srta. Wraxton era a única pessoa entre os presentes que provavelmente simpatizava com ele, pois para ela Lord Bromford parecia lastimável. Eugenia respondeu imediatamente, garantindo-lhe que ninguém o obrigaria a comer pernil.

— Ah, se fosse possível retirá-lo deste vestíbulo cheio de correntes de ar! — disse ela, lançando um olhar furioso para Sophy. — Se eu soubesse que estava vindo para uma casa que parece algo entre galinheiro e hospício, jamais teria deixado a cidade!

— Bem, então devo dizer que eu gostaria que soubesse — respondeu Sophy candidamente. — Teríamos ficado confortáveis o suficiente se ao menos você e Lord Bromford cuidassem da própria vida, e agora calculo que sejamos obrigados a preparar mingau e escalda-pés de mostarda!

— Um escalda-pés de mostarda — repetiu Lord Bromford, ansioso — seria o ideal! De fato, não digo que detenha inteiramente a marcha da friagem; não devemos elevar nossas esperanças alto demais! Mas se pudermos evitar que se abata sobre os pulmões, será uma grande coisa! Obrigado! Fico-lhe muito grato!

— Santo Deus, sua criatura absurda, eu não quis ser tão pessimista! — bradou Sophy, desatando a rir.

— Não quis! — exclamou a Srta. Wraxton. — Podemos certamente acreditar que não tem uma gota de compaixão feminina, Srta. Stanton-Lacy! Não fique apreensivo, Lord Bromford! Se quaisquer esforços de *minha* parte puderem preservá-lo de uma doença, não serão poupados!

Ele apertou-lhe a mão de modo eloquente e deixou que ela o forçasse gentilmente a sentar-se de novo na poltrona.

— Nesse meio-tempo — disse Charlbury — não vamos esquecer dos ovos que a marquesa precisa! Seria melhor eu tentar encontrar Talgarth e o galinheiro.

Sophy, que parecia pensativa, disse pausadamente:

— Isso mesmo. Eu *acho*... Charlbury, traga uma vela para a sala de almoço e vejamos se já está o bastante quente para Lord Bromford sentar-se lá!

O lorde acompanhou-a até aquele cómodo, e no mesmo instante em que ultrapassava a soleira ela agarrou-lhe o pulso e disse num sussurro ansioso:

— Esqueça dos ovos! Vá aos estábulos e mande os criados de Ombersley atrelarem novamente os cavalos! Você pode mudá-los na esta lagem do povoado ou, se não lá, em Epsom! Leve Cecília de volta

para Londres! Imagine só que embaraçoso para ela ser obrigada a encontrar-se com Augustus agora! Ela não iria gostar nem um pouquinho! Além disso, é muito ridículo tantas pessoas ficarem apinhadas nesta casa, de modo algum eu contava com isso. Ele fez uma careta, mas disse:

— Se partirmos, você virá conosco?

— O quê, viajar apertada entre vocês dois? Não, obrigada.

— Mas não posso deixá-la aqui!

— Tolice! ainda não é conveniente que eu vá para Londres!

Ele colocou o castiçal sobre a mesa e tomou-lhe as mãos, segurando-as firmemente.

— Sophy, tenho com você uma dívida de gratidão. Obrigado, minha querida! Pode me pedir o que quiser. Quer que eu leve a Srta. Wraxton comigo?

— Não, pois tive uma ideia excelente a respeito dela. Eugenia ficará para cuidar de Bromford, provavelmente vão acabar acertando casamento.

Ele chegou a sacudir os ombros com o riso.

— Oh, Sophy! Sophy!

— Não, por favor, não ria! Eu acho mesmo que devo assegurar o futuro dela! Não posso permitir que se case com Charles e torne todos infelizes na casa Ombersley, ao passo que estou convencida de que ela e Bromford vão se entender às mil maravilhas! Não me faça mais nenhum discurso bonito, vá aos estábulos imediatamente! Falarei com Cecy!

Em seguida empurrou-o de novo para o vestíbulo, e, enquanto ele saía de casa, voltou para o grupo ao lado do fogo e disse:

— A sala de almoço está toleravelmente tépida, e se ficar lá um pouquinho, Lord Bromford, um dos quartos será preparado para o senhor, e mandarei Clavering descalçar-lhe as botas. Por favor, leve-o, Srta. Wraxton, e cuide para que fique alojado confortavelmente!

— Espero que a lareira da sala não solte fumaça da mesma maneira horrível que esta! — disse a Srta. Wraxton asperamente. — Na da poderia ser pior! Lord Bromford já tossiu duas vezes!

— Que chocante! Você deveria levá-lo em seguida.

Lord Bromford, que permanecia todo curvado e comprimido, com uma aparência lamentável, tremendo e espirrando, agradeceu com voz fraca e levantou-se da poltrona com a ajuda gentil da Srta. Wraxton. Mal tinham ido para a sala de almoço o Sr. Fawnhope surgiu no vestíbulo, dizendo em tom grave:

— O abate das galinhas é revoltante! Ninguém deveria ser convocado para testemunhar tal operação! A marquesa precisa de ovos.

Cecília, que tivera um violento sobressalto e mudara perceptivelmente de cor, exclamou:

— Augustus!

— Cecília! — exclamou ele por sua vez, fitando-a, aturdido e com os olhos arregalados. — Você não estava aqui antes, estava?

— Não — respondeu ela, enrubescendo de fúria. — Oh, não! Eu... eu vim com a Srta. Wraxton!

— Oh, foi? — indagou ele, um tanto aliviado. — Bem me pareceu que não a tinha visto antes.

Resoluta, mas um pouco agitada, ela disse:

— Augustus, não vou brincar com você! Preciso lhe dizer uma coisa: descobri que houve um grande equívoco. Não posso me casar com você.

— Nobre, nobre moça! — exclamou o Sr. Fawnhope, muito comovido. — Respeito-a por essa franqueza e devo considerar-me sempre um felizardo por ter tido permissão de adorá-la. A experiência me purificou e fortaleceu. Você inspirou-me com um fervor poético pelo qual o mundo talvez ainda venha a lhe agradecer, como eu agradeço! Mas o casamento não é para uma pessoa como eu. Preciso pôr a ideia de lado. Realmente a coloquei de lado! Você deveria casar-se com Charlbury, mas também permitir que eu dedique minha peça a você!

— O-obrigada! — gaguejou Cecília, muito surpresa.

— Bem, ela vai se casar com Charlbury — disse Sophy, reforçando a ideia. — E agora que isso está determinado, Augustus, por favor, quer ir procurar os ovos para Sancia?

— Não entendo nada sobre ovos — ele declarou. — Fui buscar Talgarth na adega, e já tinha saído em busca deles. Vou escrever um poema que há uma hora vem tomando forma no meu cérebro. Faria objeção a que eu o intitulasse "Para Sophia, segurando uma candeia"?

— Nenhuma — respondeu Sophy afavelmente. — Tome esta vela e vá para a biblioteca! Devo pedir a Clavering que acenda o fogo para você?

— Não é importante, obrigado — respondeu, distraído, e recebendo o castiçal da mão dela, afastou-se, devaneando, em direção à biblioteca.

Nem bem a porta se fechara atrás dele e Cecília disse, um pouco confusa:

— Será que ele me entendeu? Por que não me disse que Augustus estava aqui, Sophy? Não sei como encará-lo!

— Não sabe *e* nem vai precisar, querida Cecy! Charlbury já foi providenciar o coche. Você precisa voltar para Berkeley Square imediatamente! Imagine só a ansiedade da minha tia!

Cecília, que estivera a ponto de contestar, hesitava perceptivelmente. Encontrava-se ainda hesitante quando Lord Charlbury voltou para a casa, anunciando alegremente que o coche estaria à porta em cinco minutos. No mesmo instante, Sophy apanhou o chapéu da prima e ajustou-o de maneira apropriada sobre os cachos dourados. Em meio aos seus esforços e os de Lord Charlbury, Cecília foi logo escoltada, indefesa, para fora de casa, e levada pela mão a subir na carruagem. O rapaz, parando apenas para dar um abraço afetuoso em sua benfeitora, subiu de um pulo depois dela; os degraus foram levantados, a porta batida diante do feliz casal, e a carruagem partiu. Depois de acenar um último adeus do pórtico, Sophy virou-se para entrar em casa, onde encontrou a Srta. Wraxton aguardando por ela num estranho estado de indiferença. A Srta. Wraxton, ao perceber (disse ela) que não era preciso esperar ajuda da marquesa, queria ser conduzida à cozinha, onde tencionava preparar um *posset* feito com leite quente, cerveja e vinho, bebida usada por sua família durante gerações na cura de resfriados. Sophy não só a conduziu à cozinha, como também abrandou os protestos da marquesa e mandou os Claverings porem água para ferver e prepararem um escalda-pés de mostarda. Os desventurados Claverings subiram com esforço as escadas dos fundos, transportando brasas, mantas e latas de água quente. Mantiveram-se totalmente ocupados por quase meia hora, e, no final desse período, Lord Bromford foi levado gentilmente para o melhor quarto de hóspedes no andar superior, despido de suas botas e seu casaco,

convencido com agrados a vestir um roupão que Sir Vincent tivera a prudência de trazer em sua valise, e instalado numa *bergère* ao lado da lareira. Os protestos de Sir Vincent ao lhe arrebatarem não só o roupão, como também a camisola e o gorro de dormir, foram silenciados pela informação de Sophy de que ela mesma estava cedendo à Srta. Wraxton sua valise com todos os acessórios (inclusive roupa de dormir).

— E considerando como o seu comportamento foi mesquinho, Sir Vincent, devo dizer que talvez julgue extremamente indigno de sua parte a recusa em prestar-me esse servicinho! — ela declarou sem rodeios.

Ele lançou-lhe um olhar de esguelha, malicioso.

— E você, Sophy? Não vai pernoitar aqui? — Riu, vendo-a incapaz de dar uma resposta, e disse: — Em tempos passados, você teria sido queimada na fogueira, e com justiça, Juno! Muito bem. Particparei do seu jogo!

Meia hora depois dessa passagem, Sophy, sentada à mesa do vestíbulo que ela arrastara para um canto da lareira, ouviu o ruído que estivera aguardando. Entretinha-se na construção de castelos de cartas, depois de ter encontrado um velho e imundo baralho na sala de almoço, e não fez nenhuma tentativa para atender ao badalar autoritário do sino. Vindo dos fundos da casa, Clavering entrou no vestíbulo, parecendo fatigado, e abriu a porta. As entonações decisivas do Sr. Rivenhall assaltaram prazerosamente os ouvidos de Sophy:

— Mansão Lacy? Muito bem! Quer ter a bondade de conduzir meu palafrenero aos estábulos? Eu mesmo me anunciarei!

Em seguida, o Sr. Rivenhall pôs o idoso servidor fora da casa e entrou no vestíbulo sacudindo as gotas de chuva da sua cartola de aba revirada. Seus olhos pousaram em Sophy, absorvida na arquitetura, e ele disse com a maior amabilidade imaginável:

— Boa noite, Sophy! Receava que já tivesse desistido definitivamente de mim, mas está chovendo, sabe, e o luar ficou oculto pelas nuvens!

A essa altura, Tina, que ficara pulando diante dele num êxtase de prazer, começou a latir, obrigando-o a tomar conhecimento das suas boas-vindas antes que pudesse fazer-se ouvir novamente. Sophy, depositando delicadamente uma carta no alto da estrutura, disse:

— Charles, é muita gentileza sua! Veio para salvar-me das consequências da minha indiscrição?

— Não, vim para torcer-lhe o pescoço!

Ela arregalou os olhos.

— Charles! Não sabe que destruí minha reputação?

Ele despiu a capa de viagem, sacudiu-a e jogou-a sobre o espaldar de uma cadeira.

— É mesmo? Nesse caso, enganei-me. Estava disposto a jurar que encontraria a marquesa com você!

Um riso espontâneo despontou nos olhos dela.

— Você é odioso! Como adivinhou?

— Conheço-a muito bem. Onde está minha irmã?

Sophy prosseguia na construção do seu castelo.

— Oh, ela voltou para Londres com Charlbury! Acho que a carruagem deles deve ter cruzado com a sua no caminho.

— Provavelmente. Seja como for, não fiquei observando os brasões das portas dos veículos que passavam. A Srta. Wraxton acompanhou-os?

Ela ergueu os olhos para Charles.

— Não; como sabe que a Srta. Wraxton veio com Cecília? — perguntou.

— Ela foi bastante cortês para mandar um recado ao White's, informando-me sobre a sua intenção — respondeu sombriamente. — Ainda encontra-se aqui?

— Bem, encontra-se, mas imagino que esteja muito ocupada — replicou Sophy. Curvou-se para apanhar um dos patinhos, que, ao despertar de um sono restaurador sob o regalo de Cecília, tornara a sair da caixa e tentava instalar-se no babado da saia dela. — Segure isto, querido Charles, enquanto lhe sirvo um copo de xerez!

Ao estender automaticamente a mão, o Sr. Rivenhall viu-se de posse de uma bola de penugem amarela. Não parecia valer a pena perguntar por que lhe fora dado um patinho para segurar, portanto ele sentou-se na beirada da mesa e ficou acariciando a criatura com um dedo enquanto observava a prima.

— Isso, naturalmente — disse Sophy com ar sereno —, explica por que você veio.

— Não explica nada e você bem sabe! — respondeu o Sr. Rivenhall.

— Como sua capa está molhada! — observou Sophy, abrindo-a diante do fogo. — Espero que não se tenha resfriado!

— É claro que não me esfriei! — respondeu ele, impaciente. — Além disso, só choveu nesta última meia hora!

Ela entregou-lhe o copo com xerez.

— Fico muito aliviada! O pobre do Lord Bromford contraiu um resfriado impressionante! Ele pretendia pedir satisfações a Charlbury, sabe, mas quando chegou aqui só conseguia espirrar.

— *Bromford?* — Charles exclamou. — Não está pretendendo me dizer que ele está aqui!

— Bem, é isso mesmo. A Srta. Wraxton o trouxe. *Penso* que contava que ele pedisse minha mão, assim salvando minha honra, mas o pobre homem ficou muito prostrado com seu horrível resfriado, que ele teme possa atacar-lhe os pulmões. Isso afastou tudo o mais da sua cabeça, e não é de causar surpresa a ninguém.

— Sophy, está tentando aturdir-me? — indagou o Sr. Rivenhall, desconfiado. — Nem Eugénia impingiria aquele idiota a você.

— A Srta. Wraxton não o considera um idiota. Ela diz que é um homem de bom senso, um homem que...

— Obrigado! Já ouvi o suficiente. Tome, pegue esta criatura de volta! Onde está Eugénia?

Ela recebeu o patinho da mão estendida e restituiu-o à companhia de seus irmãos na caixa.

— Bem, se ela ainda não estiver preparando *possets* na cozinha, suponho que irá encontrá-la com Bromford no nosso melhor quarto de hóspedes — ela respondeu.

— *O quê?*

— Convencendo-o a engolir um pouco de mingau ralo — explicou Sophy, parecendo a imagem da inocência. — Segunda porta, no topo da escada, querido Charles!

O Sr. Rivenhall bebeu de um gole o copo de xerez, colocou-o sobre a mesa, informou a prima, ameaçadoramente, que se ocuparia dela dentro em pouco, e partiu com passadas largas em direção às escadas, acompanhado de Tina, que saltava alegremente atrás dele, aparentemente convencida de que ele estava a ponto de fornecer-lhe um divertimento extraordinário. Sophy dirigiu-se ao corredor para informar à apoquentada marquesa que dois dos convidados para o jantar haviam partido e outro aparecera no lugar.

Nesse ínterim, o Sr. Rivenhall galgara as escadas, e, sem cerimónia, escancarara a porta do melhor quarto de hóspedes. Seu olhar insultado deparou com uma cena doméstica. Numa cadeira colocada ao lado de um fogo brilhante, achava-se Lord Bromford, e um biombo fora colocado de modo a protegê-lo da corrente de ar que vinha da janela; ambos os pés estavam mergulhados num banho fumegante de mostarda e água; uma manta sobre os ombros servia para reforçar o roupão de Sir Vincent, e em suas mãos havia uma tigela com mingau e uma colher. Solícita, a Srta. Wraxton rondava a seu lado, pronta para acrescentar ao banho mais água quente da chaleira conservada no calor da lareira ou para substituir a tigela de mingau pelo *posset* do seu preparo.

— Palavra de honra! — exclamou o Sr. Rivenhall, numa explosão.

— A corrente! — protestou Lord Bromford. — Srta. Wraxton! Sinto o ar soprando na minha cabeça!

— Por favor, feche a porta, Charles! — disse a Srta. Wraxton asperamente. — Não tem consideração? Lord Bromford está extremamente indisposto.

— Posso perceber! — retorquiu ele, entrando no quarto. — Talvez, minha querida Eugenia, gostasse de me explicar que diabo pretende com isto?

Ela respondeu no mesmo instante, seu rubor se intensificando.

— Graças à desumanidade — não posso chamar de outra coisa — de sua irmã ao negar-me permissão para oferecer um lugar a Lord Bromford na carruagem, ele contraiu um impressionante resfriado, que eu só rezo não tenha efeito duradouro na sua constituição física!

— Jamais julguei Cecília com tanto bom senso! Se ela tivesse tido o suficiente para impedi-la, e a você, de partirem numa aventura que não só era desnecessária, como também introneteada, eu ficaria até mais grato! Por uma vez na vida, Eugenia, você esteve completamente equivocada! Que lhe sirva de lição para ser um pouco menos ativa no futuro!

Aqueles que melhor conheciam os poderes de expressão do Sr. Rivenhall teriam considerado este discurso uma censura muito branda. A Srta. Wraxton, em cuja presença ele, até então, guardara a língua com muito cuidado, mal podia acreditar em seus ouvidos.

— Charles! — ela exclamou, ultrajada.

— Por acaso imaginou que me faria pensar mal de Sophy com sua carta tola e despeitada? — perguntou. — Você tentou colocar-me contra ela desde o princípio, mas hoje você se excedeu, minha pequena! Como ousou escrever-me naqueles termos? Como pôde ter sido de uma estupidez tão crassa para supor que Sophy algum dia precisaria do *seu* apoio para redimi-la aos olhos do mundo, ou que eu acreditaria numa só palavra de difamação contra ela?

— Senhor! — exclamou Lord Bromford, com tanta dignidade quanta se poderia esperar de um homem com ambos os pés num banho de mostarda. — Responderá a mim por essas palavras!

— Sem dúvida! Quando e onde lhe aprouver! — respondeu o Sr. Rivenhall, com uma presteza larmante.

— Suplico-lhe que não dê atenção a ele, Lord Bromford! — exclamou a Srta. Wraxton, muito agitada. — Ele está fora de si! Se fosse realizado um duelo entre vocês por *minha* causa, eu jamais levantaria a cabeça de novo! Por favor, acalme-se! Estou certa de que seu pulso está agitado, e como poderei encarar outra vez a querida Lady Bromford?

Ele agarrou-lhe a mão controlada e ficou segurando-a, dizendo com voz comovida:

— Criatura boa demais, excelente demais! Com todos os seus dotes e sua educação, ainda conserva os atributos peculiares à sua feminilidade! Só posso pensar nos versos do poeta...

— Cuidado! — interrompeu o Sr. Rivenhall de maneira desagradável. — Pensou neles com relação à minha prima, e não fica bem repetir-se!

— Senhor! — exclamou Lord Bromford, fitando-o. — Eu estava a ponto de dizer que a Srta. Wraxton tem se mostrado muito confortadora...

— Um anjo prestativo! Eu já sabia! Tente outro poeta!

— Devo pedir-lhe, senhor — disse a Srta. Wraxton gelidamente —, que deixe este aposento imediatamente — e leve este horrível cãozinho da Srta. Stanton-Lacy com você! Só posso ficar agradecida porque meus olhos se abriram para o seu verdadeiro caráter antes que fosse tarde demais! O senhor me faria o obséquio de mandar um comunicado à *Gazette* informando que nosso compromisso foi rompido?

— Tratarei disso imediatamente, — respondeu o Sr. Rivenhall, fazendo uma reverência. — Por favor, aceite minhas profundas desculpas e o meu desejo mais sincero por sua felicidade futura, senhora!

— Obrigada! Se não posso felicitá-lo pelo contrato que sem dúvida está a ponto de celebrar, pelo menos posso rezar para que não fique lamentavelmente desapontado sobre o caráter da dama com quem pretende se casar! — respondeu a Srta. Wraxton, dois sinais de rubor queimando-lhe as faces.

— Não, não penso que ficarei desapontado — respondeu o Sr. Rivenhall, com um súbito e deplorável sorriso largo. — Chocado, enfurecido e aturdido, talvez, mas não desapontado! Vamos, Tina!

Ao descer novamente para o vestíbulo, ele encontrou Sophy sentada no chão ao lado da caixa dos patinhes, frustrando suas tentativas de fuga. Sem erguer os olhos, ela disse:

— Sir Vincent encontrou várias garrafas de excelente Borgonha na adega, e Sancia disse que, afinal, não seremos obrigados a comer pernil de porco.

— Talgarth? — exclamou o Sr. Rivenhall, enfurecendo-se com hostilidade. — Que diabo o trouxe aqui?

— Ele veio com Sancia. É a coisa mais chocante, Charles, e não sei como vou encarar Sir Horace! Ele *cason-se* com Sancia! Não consigo pensar no que se deve fazer!

— Absolutamente nada. Seu pai ficará encantado! Esqueci de informá-la, minha querida prima, que ele chegou um pouco antes de eu partir e agora mesmo está em Berkeley Square, aguardando seu regresso. Parece que o grau de aborrecimento dele não foi pequeno ao saber dos seus esforços para

salvar a marquesa de Talgarth.

— Sir Horace em Londres? — Sophy exclamou, a expressão do seu rosto animando-se. — Oh, Charles, e eu não estava lá para dar-lhe as boas-vindas! Por que não me disse logo?

— Tinha outras coisas para pensar. Levante-se!

Ela permitiu que ele a colocasse de pé, mas disse:

— Charles, está livre da sua complicação?

— Estou — ele respondeu. — A Srta. Wraxton rompeu o nosso noivado.

— E Cecy rompeu o dela com Augustus, portanto agora posso...

— Sophy, não pretendo saber por que ela teria feito isso, mais do que compreender por que conserva uma ninhada de patinhos dentro de casa, mas nenhum desses problemas me interessa muito particularmente no momento! Tenho algo mais importante para lhe dizer

— Naturalmente! — replicou Sophy. — Seu cavalo! Bem, na verdade, Charles, lamento *muito* tê-lo desagradado tanto!

— Não! — exclamou o Sr. Rivenhall, agarrando-a pelos ombros e sacudindo-a. — Você sabe... Sophy, você *sabe* que eu não pretendia... Você não fugiu de Londres por causa *daquilo*, não foi?

— Mas, Charles, naturalmente que fugi! Eu precisava ter uma desculpa! Deve compreender que eu precisava!

— Demónio! — exclamou o Sr. Rivenhall, e envolveu-a num abraço tão apertado que ela protestou. Tina dançava ao redor deles, latindo excitadamente. — Quieta! — ordenou o Sr. Rivenhall! Segurou o pescoço de Sophy entre as mãos, fazendo-a erguer o queixo. — Quer casar comigo, sua criatura vil e abominável?

— Quero, mas, veja bem, é só para evitar que torça meu pescoço! — respondeu Sophy.

A abertura da porta da biblioteca fez com que ele a soltasse e olhasse rapidamente por sobre o ombro. O Sr. Fawnhope, exibindo um ar de abstração quase total, entrou no vestibulo com um papel na mão.

— Não há tinta — queixou-se —, e quebrei a ponta do meu lápis. Abandonei a ideia de louvá-la como virgem vestal; há algo inábil nessas sílabas. Meu verso de abertura agora se lê *Deusa, cujas mãos j irmes sustentam...* Mas preciso de tinta!

Com essas palavras, e sem prestar a mínima atenção ao Sr. Rivenhall, ele caminhou até a porta que levava às dependências dos fundos e desapareceu por ela.

O Sr. Rivenhall virou o rosto, onde se estampava um horror indisfarçado, para Sophy:

— Santo Deus! — exclamou. — Poderia ter-me avisado que *ele* estava aqui! E que diabo quis dizer com aquela tolice?

— Bem, *acho* — disse Sophy confidencialmente — que agora ele julga estar apaixonado por mim, Charles. Ele gosta do jeito com que eu ergo uma candeia e diz que gostaria de me ver trazendo uma travessa.

— Bem, ele não vai ver você com uma travessa! — replicou o Sr. Rivenhall, revoltado. Lançou um olhar pelo vestibulo, viu uma pe liça pousada numa cadeira, agarrou-a. — Vista isso! Onde está seu

chapéu?

— Mas, Charles, *não podemos* deixar a pobre Sancia com todas essas pessoas horrorosas na casa! É revoltante!

— Sim, podemos! Não imagina que eu vá sentar-me para jantar com Eugenia e aquele maldito poeta, não é? Este é o seu regalo? *Precisamos* levar estes patinhos?

— Não, o regalo é de Cecilia, e agora eles ficarão pelo chão novamente! Charles, como você gosta de provocar!

Sir Vincent, que entrava no vestibulo com algumas garrafas, depositou-as na lareira, dizendo:

— Como vai, Rivenhall? Sophy, há tinta na casa? O poeta está à procura de tinta na despensa e levando a minha pobre Sancia à loucura.

— Talgarth — disse o Sr. Rivenhall, agarrando firmemente Sophy pela mão —, peço-lhe que cuide destes infernais patinhos, e desejo-lhe uma noite bastante agradável! Sir Horace acaba de chegar, e devo restituir-lhe a filha imediatamente.

— Rivenhall — disse Sir Vincent, muito sério —, entendo você perfeitamente e aplaudo sua presença de espírito. Permita-me oferecer-lhe minhas felicitações! Transmitirei suas desculpas à minha esposa. Devo aconselhá-lo a não retardar sua partida! O poeta voltará dentro de pouquíssimo tempo!

— Sir Vincent! — exclamou Sophy, arrastada irresistivelmente para a porta. — Dê minha valise à Srta. Wraxton, e diga-lhe para fazer uso do conteúdo como lhe aprouver! Charles, isto é uma loucura! Você veio no cabriole? E se começar a chover novamente? Ficarei encharcada

— Então será bem feito para você! retorquiu o primo, descortês

— Charles! — exclamou Sophy, chocada. Não é possível que me ame.

O Sr. Rivenhall fechou a porta atrás deles, e de uma maneira muito rude tomou-a nos braços e beijou-a.

— Eu não a amo. Detesto-a extremamente! — replicou com selvageria.

Encantada com essas palavras típicas de um namorado, a Srta. Stanton-Lacy retribuiu o abraço com fervor, e, humildemente, deixou-se levar para os estábulos.

Star Books Digital

A graphic element consisting of a teal-colored bracket-like shape on the left, followed by two small squares, one purple and one pink, on the right.

Produção do e-book: Star Books Digital

Digitalização: Marisa Helena

Revisão/formatação: Cris Bailey